CTI

Centro de Trabalho Indigenista

CTI-IPHAN-AECID

RELATÓRIO TÉCNICO

“VALORIZAÇÃO DO MUNDO CULTURAL GUARANI MBYA”

Convênio nº 702174/2008 - IPHAN /CTI

Resolución nº 2326/2008 - AECID /CTI

Junho de 2011

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

aecid

C T I
Centro de Trabalho Indigenista

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 5
I. INTRODUÇÃO 6
Os Sujeitos do Projeto 9
Observação sobre a grafia das palavras guarani: 10
l.2. Reuniões de apresentação do Projeto 11
l.2.1 - Reunião de Apresentação no Rio de Janeiro 12
I.2.2 - Reunião de Apresentação em São Paulo e à Comissão Yvyrupa 14
I.2.3 - Reunião de Apresentação no Rio Grande do Sul 17
l.2.4 - Reunião de Apresentação no Espírito Santo 20
II – AÇÕES DE CONHECIMENTO 24
II.1 - Introdução 24
II.2 - Formação da Equipe para realização do Levantamento Preliminar 28
II.2.1 - Evento de Capacitação da Equipe do CTI na Metodologia do INRC 28
II.2.2 - Formação da Equipe e arranjos gerenciais 31
II.2.3 - Seminário de Difusão Interna e Integração das Equipes Regionais, CEDEM-UNESP. São Paulo.16 a 19 de Junho de 2009 35
II.3 - As fichas do IPHAN (INRC) e sua integração com a Biblioteca Digital Guarani 38
II.4 - Resultados da Pesquisa Preliminar 42
II.4.1 - Comentários sobre as Fichas de Sítio e Localidade 42
II.4.2 - Varredura em Instituições diversas nos 6 Estados inventariados: 15 de Julho a 20 de Outubro. 46
II.4.3 - Levantamento Bibliográfico 52
II.4.4 - Balanço dos Registros Inventariados durante o Levantamento Preliminar 53
II.4.5 - Comentários sobre o Anexo 3 – Bens Culturais 56
II.5 – Os Guarani nos Registros Historiográficos em Acervos de Espanha 58
ll.5. 1 - Apresentação 58
ll.5.2 - Os Guarani e a historiografia – notas de pesquisa 62
ll.5.3 - Guía de uso de los principales archivos y bibliotecas españoles para la investigación sobre la historia y cultura guaraní 86
ll.6 – Estudo sobre as narrativas míticas Guarani e a bibliografia existente 103
II.6.1 - Apresentação 103

II.6.2 - Narrativas Míticas Guarani como Formas Específicas de Criação e Circulação de Saberes 104
II.6.3 - Apontamentos sobre a Discussão de Narrativas Míticas nos Estudos Guarani 111
Considerações Finais 136
II.6.4 - Fontes bibliográficas referentes à mitologia guarani 140
III. AÇÕES DE SALVAGUARDA 149
III.1 - Elaborar e realizar encontro de representantes Guarani de aldeias alvo de visitações turísticas 149
III.1.1 – Introdução 149
III.1.2 - Organização do Evento 150
III.1.3 - Programação do Evento 150
III.1.4 – Descrição das Atividades Preparatórias 152
III.1.5 - Relato do encontro para visitação e turismo em Terras Guarani 155
III.1.6 - Discussões Teórico-Metodológicas sobre Turismo em Terras Indígenas 156
III.1.7 - Oficinas Práticas e de Discussão 164
III.1.7 - Resultados 169
III.2 - Elaborar e executar oficina de transmissão de saberes e práticas artesanais Guarani 172
III.2.1 - Introdução 172
III.2.2 - Pesquisa preliminar, reuniões iniciais e pré produção 176
III.2.3 - A oficina no Tekoa Koenju 179
III.2.4 - A oficina no Tekoa Jateity 184
III.2.5 - Resultados e considerações sobre as Oficinas de apoio aos saberes e práticas artesanais Guarani 188
III.3 - Elaborar e executar plano de apoio à realização da cerimônia do *Nheemongarai* 192
III.3.1 - Introdução 192
III.3.2 - Apoio no Tekoa Anhetengua 194
III.3.3 - Apoio no Tekoa Yryapu 202
III.3.4 - Apoio no Tekoa Porã 204
III.3.5 - Apoio no Tekoa Koenju 208
lII. 4 - Ações de Salvaguarda Emergenciais 216
lll.4.1 - Apoio ao plantio de frutíferas e nativas do acervo cultural Guarani e às viagens de intercâmbio de cultivares agrícolas e espécies de uso tradicionais 218

lll.4.2 - Intercâmbio de matéria prima para confecção de artesanato: aldeias Paranapuã e Amba Porã 219

lll.4.3 - Apoio a realização de rituais e cerimônias 220

IV. AÇÕES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO 224

IV.1 - Manuais de orientação para visitação em terras indígenas 224

IV.2 - Registros audiovisuais e fotográficos das ações do projeto 224

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS 229

VI. RELAÇÃO DOS EXECUTORES DO PROJETO, DOS PESQUISADORES E DOS COLABORADORES TEMPORÁRIOS e locais de atuação 232

VII. RELAÇÃO DOS ANEXOS 234

APRESENTAÇÃO

O Projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya", realizado entre os anos de 2009 e 2011, foi concebido a partir do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, instituído pelo Ministério da Cultura do Brasil no ano 2000, que propõe a realização de Inventários de Referências Culturais como forma de conhecer e documentar as vivências e práticas identitárias dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, propiciando o seu reconhecimento, salvaguarda e promoção, por intermédio do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.

A realização deste Projeto aconteceu por meio da parceria entre o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – vinculado ao Ministério da Cultura, o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) – Organização Não Governamental e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). Seu histórico remonta ao período entre 2004 a 2006 quando foi realizado pelo IPHAN o Inventário de Referências Culturais (INRC) da Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, abrangendo quatro comunidades guarani: Tekoa Koenju (São Miguel das Missões), Tekoa Porã (Salto do Jacui), Tekoa Anhetengua (Lomba do Pinheiro) e Tekoa Yryapu (Palmares do Sul). Deste inventário, foram eleitas referências culturais e ações de relevância atual para as comunidades inventariadas. Para a realização das atividades de salvaguarda nessas comunidades e com o propósito de ampliar o INRC entre os Guarani no Brasil, o IPHAN propôs o Projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya", cuja efetivação se deu com a parceria da AECID e do CTI.

Além de executar as atividades de salvaguarda nas quatro Terras Indígenas (TI) contempladas no RS, o Projeto iniciou a aplicação da metodologia do INRC nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, abrangendo os estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES), onde se concentra o território de ocupação Guarani (Mbya e Nhandéva) no Brasil. Para tornar possível uma atuação participativa dos Guarani neste processo, tendo em vista a amplidão territorial em que inscrevem suas aldeias, contamos com o apoio da

Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) que atua nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, e que foi presença ativa em todas as reuniões de apresentação do projeto e nas atividades de salvaguarda realizadas nas aldeias.

Atendendo a fase preliminar da metodologia do INRC, foram realizados, por pesquisadores de diversas academias, levantamentos de fontes bibliográficas e documentais referentes aos Guarani, nos acervos e instituições de pesquisa em todos os estados das regiões sul e sudeste do Brasil. Este levantamento se encontra sistematizado e disponibilizado nos Anexos 1, 2 e 4 da Ficha de Sítio do INRC e também em uma biblioteca digital on-line, desenvolvida pelo CTI.

Os registros audiovisuais das atividades de salvaguarda foram realizados segundo especificações constantes do Projeto e estão sendo encaminhadas como produtos complementares anexos a este relatório.

Este projeto foi realizado com a colaboração preciosa de gestores de várias instituições (ressaltando-se os da AECID, IPHAN e CTI), e dos pesquisadores, técnicos especializados e colaboradores de campo, cujos créditos encontram-se neste relatório, em seus anexos e produtos audiovisuais e complementares. Os registros fotográficos foram feitos pela equipe do CTI. Os responsáveis do CTI pela coordenação e acompanhamento das atividades durante todo o período de vigência do Projeto (fevereiro de 2009 a fevereiro de 2011) em toda sua abrangência foi constituída por:

Maria Inês Ladeira,

Daniel Calazans Pierre,

Eliza Castilla,

Adriana Queiroz Testa.

I. INTRODUÇÃO

Este relatório é um descrição das atividades executadas pelo CTI no âmbito do Convênio Nº 702174/2008 firmado entre IPHAN e CTI, e da Resolución n° 2326/2008 referente à Concesión de Subvención de Cooperación Internacional junto a AECID

consolidada entre AECID e CTI para dar cumprimento à fase preliminar do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) Guarani.

O Relatório foi estruturado de acordo com o Projeto original, em três partes: ações de Conhecimento, ações de Salvaguarda e ações de Promoção e Divulgação. Entretanto essa divisão não corresponde à uma ordem cronológica da execução das ações e da aferição de resultados uma vez que as ações de conhecimento, de salvaguarda e de documentação se interagem num mesmo processo de circulação de conhecimentos e práticas, que entendemos ser o impulso deste Projeto. Todavia, manter essa estrutura no relatório possibilita um melhor detalhamento do processo de trabalho, que pode ser enriquecido com os materiais audiovisuais que o acompanham.

A seguir um breve resumo sobre as esferas de ação do Projeto, abordadas neste relatório.

Ações de Conhecimento

- Reuniões entre as instituições envolvidas, representantes guarani e comunidades, em diversos estados, para apresentação e fornecimento de informações sobre o Projeto, bem como de seus objetivos.

- Realização da primeira Fase do INRC, que se constituiu no Levantamento Preliminar de referências sobre os Guarani presentes em arquivos e acervos das instituições de pesquisa ou em aldeias nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e na sistematização do material investigado;

- Investigação de documentos históricos em Arquivos de relevância na Espanha sobre a presença Guarani na América do Sul: pesquisa de documentação relacionada aos Guarani e às missões jesuíticas no período colonial em arquivos e instituições espanholas.

- Reunião de fontes bibliográficas existentes sobre o acervo de mitologias bem como referências atuais destacadas nos depoimentos guarani: Classificar o corpus mítico Guarani a partir da bibliografia existente e das narrativas míticas orais;

sistematizar o corpus mítico levantado associando-o aos campos de conhecimento Guarani.

Ações de Salvaguarda

- Planejamento, produção e realização de ações de fomento de bens culturais Guarani identificados no INRC em São Miguel Arcanjo – RS, assim especificadas: encontro de representantes Guarani de aldeias alvo de visitações turísticas, na Aldeia Tekoa Porã (Salto do Jacui); oficinas para o fortalecimento e transmissão de técnicas e práticas artesanais guarani de uso doméstico, ritual e comercial, nas Aldeias Koenju e Cantagalo; suporte à realização da cerimônia do Nheemongarai nas Aldeias Koenju, Anhetenguá, Tekoa Porã e Yryapu (RS);

- Ações de salvaguarda (detalhadas adiante) consideradas prioritárias (designadas no Projeto como emergenciais) em aldeias guarani de diversas localidades que ampliaram, através dos intercâmbios de saberes e técnicas, os efeitos e o alcance do Projeto. As ênfases nestas ações voltaram-se para a realização de rituais, a estruturação das casas de rituais (opy), os intercâmbios de cultivos e espécies vegetais, à agricultura tradicional, às manifestações artísticas e ao artesanato.

Ações de Promoção e Divulgação

- Elaboração de manuais de orientação sobre visitações turísticas e de estudantes nas aldeias Guarani.

- Registro audiovisual e acervo fotográfico das atividades de salvaguarda executados no Projeto. Foi produzido um DVD institucional intitulado *"Orereko Mbaraeterã",* de 44 minutos, contendo registros das oficinas de artesanato, do encontro sobre visitação turística e dos apoios à realização do Nhemongarai em 4 aldeias do RS**.** Além deste, foram produzidos outros DVDs, com conteúdos também gravados durante as ações de salvaguarda, mas que serão veiculados exclusivamente nas aldeias guarani.

Cabe mencionar que, no sentido de otimizar os propósitos e resultados do Projeto, nesta primeira fase do INRC Guarani, o Projeto estimulou a elaboração de uma

Mapeamento do território de ocupação Guarani na atualidade (*Yvyrupa*) e a criação de uma biblioteca digital visando reunir e disponibilizar fontes para consultas e pesquisas.

Está prevista ainda a realização de exposição/evento sobre as manifestações artísticas e culturais Guarani a ser definida e detalhada entre AECID, IPHAN e CTI.

Os Sujeitos do Projeto

O Povo Indígena Guarani (Mbya e Nhandéva), foco deste Projeto, mantém suas aldeias num vasto território sobre o qual se sobrepuseram as fronteiras que correspondem aos Estados Nacionais do Paraguay, Brasil, Argentina e Uruguai. No Brasil contabilizam-se cerca de 290 aldeias formadas nos últimos 30 anos nos estados das regiões Sul e Sudeste (RS, SC, PR, SP, RJ, ES), dentre as quais 150 encontram-se ocupadas atualmente. Apesar da grande amplitude geográfica sobre a qual estão dispostas suas aldeias o povo Guarani (Mbya e Nhandéva), que constitui uma das populações indígenas mais numerosas do Brasil, possui, no total, uma superfície de apenas 25.000 hectares de Terras totalmente regularizadas pelo Estado para seu uso exclusivo.

A conflituosa situação fundiária, a escassez de terras e as condições ambientais adversas para manterem seus conhecimentos e práticas milenares não foram suficientes para destruir o vasto conhecimento acumulado entre os Guarani, nem sua cosmologia e seus princípios éticos de convivência. Alternando e recriando estratégias pra transmissão de seu acervo teórico e de suas reflexões, atualizando e renovando técnicas e saberes, os Guarani continuam a apresentar modelos e a instigar pesquisadores.

Falantes de variantes do idioma Guarani, da família linguistica Tupi-Guarani (tronco Tupi), os Guarani mantém uma tradição oral extremamente refinada tanto para transmissão de seu acervo mitológico como para a reflexão e reinterpretação constantes dos acontecimentos que assolam a plataforma terrestre e as normas de convivência em seu mundo partilhado com outras sociedades.

A contribuição do Projeto “Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya”, reconhecendo e enfatizando a sabedoria dos “antigos” (*tamõi*), e atendendo as próprias dinâmicas de transmissão de saberes e práticas guarani, tem um sentido mais amplo do que o suporte a um sistema de vida. Coloca-se como aliado desse povo indígena num momento vital em que este se encontra, imbuído pela conquista de direitos territoriais para assegurar seus espaços na Terra. Ao viabilizar o estreitamento dos laços de solidariedade e reciprocidade entre aldeias de diversas regiões, tendo como foco os ensinamentos aos jovens e a troca de experiências e técnicas, o Projeto constitui-se numa ferramenta importante para os Guarani na tessitura de um plano de futuro que contemple os diversos tempos e histórias de seu povo.

Observação sobre a grafia das palavras guarani:

As palavras guarani são em sua maioria oxítonas, assim optamos por acentuar somente as paroxítonas, que existem em menor número.

I.2. Reuniões de apresentação do Projeto

As reuniões de apresentação do Projeto para os representantes das diversas comunidades guarani, conforme acordado em reunião inicial realizada em fevereiro de 2009 em Brasília entre as equipes do CTI, IPHAN e AECID, teriam sua logística a cargo do IPHAN através das Superintendências Regionais (SR), cabendo ao CTI propiciar informações e contatos para a realização das mesmas.

A primeira reunião de apresentação ocorreu em junho de 2009 na cidade de Paraty no Rio de Janeiro e foi organizada pela 6ª Superintendência Regional. Contou com a participação de um a dois representantes de cada uma das aldeias do litoral sul do Rio de Janeiro (Parati Mirim, Arandu Mirim, Araponga, Rio Pequeno e Sapucaí (Bracui), do IPHAN, CTI e Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Com as dificuldades encontradas pela Superintendência Regional de São Paulo, mas contando com o apoio da DPI/IPHAN (Brasília), o CTI planejou e realizou a segunda reunião, em julho de 2009, na Terra Indígena Ribeirão Silveira (município de São Sebastião – SP) com a presença de representantes de cerca de 25 comunidades Guarani de São Paulo e dos coordenadores da Comissão Guarani Yvyrupa, oriundos de diversas localidades. Nesta reunião os Guarani fizeram significativas ponderações a respeito das formas de proteção do patrimônio cultural e das preocupações que envolviam seus anciãos e lideranças em relação à divulgação de seus conhecimentos tradicionais aos não índios.

No Rio Grande Sul, a equipe da 12ªSR do IPHAN solicitou ao CTI apoio para a organização desta reunião, em razão de dificuldades operacionais. Pela importância desta reunião no RS, onde se realizariam ações de salvaguarda em 4 aldeias inventariadas em anos anteriores pelo IPHAN, o CTI articulou junto ao Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI / RS) e ao Conselho de Articulação do Povo Indígena Guarani - RS (CAPIG), um espaço em uma de suas periódicas reuniões para possibilitar à 12ªSR e ao CTI a exposição do Projeto e da oportunidade da efetivação

das ações de salvaguarda previstas no "INRC da Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo (RS)". Esta reunião ocorreu em setembro de 2009.

No Espirito Santo a reunião ocorreu em fevereiro de 2010, na aldeia Boa Esperança e foi organizada pelo CTI, contando com a participação da 21ª Superintendência Regional do IPHAN em Vitória.

Nos estados do Paraná e Santa Catarina, embora o CTI tenha fornecido contatos e se disposto a articular as Superintendências Regionais com as lideranças Guarani nesses estados, as reuniões não ocorreram por questões internas ao IPHAN e essas Superintendências.

Cabe mencionar que durante o desenvolvimento do Projeto, além das reuniões de apresentação, foram realizadas diversas reuniões entre os parceiros, pesquisadores, Comissão Yvyrupa e comunidades Guarani para monitoramento do Projeto em toda a sua abrangência.

I.2.1 - Reunião de Apresentação no Rio de Janeiro

Local: Paraty, RJ

Data: 26 de junho de 2009

Participantes: IPHAN – Mônica, Lívia, Bartolomeu, Cíntia, Fernanda, Elaine, George; FUNAI – Cristino Machado (chefe de Posto); CTI – Adriana, Luiz Lira, Rafael (colaborador); Aldeia Parati Mirim – Ivanilde, Serafim; Aldeia Arandu Mirim – Marcos; Aldeia Araponga – Vilmar; Aldeia Rio Pequeno – Demércio, João; Aldeia Sapukai – João da Silva, Júlio.

Mônica faz uma apresentação geral do Programa INRC e apresenta Lívia e Bartolomeu do escritório técnico de Paraty, responsáveis por acompanharem o projeto, dando apoio técnico e ajuda no entendimento da metodologia do INRC.

Cristino se apresenta, falando um pouco sobre a abrangência do trabalho da Funai no Rio de Janeiro.

Adriana fala sobre o projeto, o envolvimento do CTI e o desenvolvimento da primeira fase, explicando que neste momento os pesquisadores estão trabalhando

com uma ampla documentação em arquivos. O inventário vai ser realizado futuramente nas aldeias com a participação dos Guarani, assim como as ações de salvaguarda.

Demércio enfatiza a importância da participação dos mais velhos. Ele conta que cada aldeia tem sua própria forma de trabalhar e que isso deve ser respeitado.

Vilmar conta que está fazendo um trabalho de registro/filmagem dos conhecimentos dos mais velhos. Ele vê que no Araponga tem um Nhemongarai de plantio e de colheita das sementes e que ele conseguiu conversar com o cacique para registrar todo o processo: o Nhemongarai, o plantio, os cuidados com as plantas, a colheita e o Nhemongarai. Ele também falou de como pôde perceber na última reunião de jovens, como alguns se colocavam com muita coragem e conhecimento e que isso deve ser valorizado.

João lembra que esse trabalho deve ser dos Guarani e não da FUNAI ou do IPHAN e que é importante ter condições financeiras de realizar o trabalho, por exemplo, para o deslocamento entre aldeias ou para a participação em reuniões. No caso da sua aldeia, um trabalho de valorização da cultura seria uma contribuição se ajudasse a trazer um pajé para cuidar e dar orientações. De toda forma, é importante apresentar o projeto com clareza nas aldeias.

Marcos ressalta a importância de ter continuidade e integração entre os diferentes projetos que são realizados nas aldeias. Fala também da sua preocupação em ter um retorno dos materiais e avanços que são realizados ao longo do projeto.

João da Silva conta sobre sua infância, a lembrança dos avós. Ele lembrou que na época em que era pequeno se alimentava bem, pouco alimento alimentava bastante. Hoje em dia, não, o mercado é cheio de comida, mas não alimenta bem. Ele contou do batismo de plantio e de colheita e da participação dele enquanto criança nestas ocasiões. As crianças só podiam comer os produtos da roça que tivessem sido batizados. Ele falou das muitas responsabilidades do cacique na aldeia. Quando tem Nhemongarai, é responsabilidade do cacique, quando alguém está doente também, nas reuniões, idem, nos casamentos, idem, etc. Ele lembra muito de tudo isso, mas fica triste porque a sua terra não é boa para plantar esses alimentos.

Demércio fala que um relógio novo pode até ser bonito e brilhar, mas ele não atura, depois de dois anos, ele não atura mais, mas a cultura não é assim, ela vai passando de uma pessoa para a outra, de uma época para a outra. Ela não é como um relógio que se acaba.

Rafael ressalta que a pesquisa não vai ser sobre uma cultura de antigamente, mas sobre a cultura dos Guarani de hoje.

Vilmar destaca que é importante conversar muito com os mais velhos.

Cristino fala que é a cultura diferenciada e específica dos Guarani que lhes dá mais força na reivindicação de direitos.

Em outro momento, as lideranças tiveram uma conversa entre si e levantaram os seguintes pontos:

- É importante que haja uma participação grande de cada comunidade durante o trabalho;
- O conhecimento guarani é muito importante e não tem preço;
- Ainda precisa ser definido como este trabalho vai ser feito na prática;
- É importante pensar nos efeitos diretos e indiretos deste projeto.

Ao final da reunião foi reiterada a importância de deixar claro que todas as instâncias ali reunidas iriam colaborar para a realização do trabalho. Assim, o IPHAN é o proponente e dará apoio técnico e assistência no entendimento da metodologia do INRC; a FUNAI tem uma visão mais abrangente das atividades e projetos que são realizados nas aldeias fluminenses e pode ajudar na integração destas ações para que haja uma maior aproveitamento de recursos e no contato entre instituições parceiras (IBGE, IPHAN, CTI, Associações locais, etc.); o CTI é responsável pela execução do INRC junto com os Guarani e a equipe de pesquisadores contratados para este trabalho.

(Registro: Adriana – CTI)

I.2.2 - Reunião de Apresentação em São Paulo e à Comissão Yvyrupa

Local: Terra Indígenas Ribeirão Silveira/SP

Data: 12 a 13 de julho de 2009

Entre os dias 11 e 17 de Julho de 2009 ocorreu na aldeia do Rio Silveira a Assembleia da Comissão Guarani Yvyrupa, que tinha como pauta os encaminhamentos de estruturação interna da referida organização, assim como diversos assuntos relacionados à mobilização dos Guarani na luta pelo reconhecimento dos seus direitos territoriais. Essa ocasião foi aproveitada pelo CTI e pelo IPHAN para a apresentação do projeto à Comissão Yvyrupa, organização representativa dos Guarani de todos os estados envolvidos no projeto, através da solicitação de um espaço para tanto. Da mesma forma, o IPHAN-Brasília apoiou com o deslocamento dos caciques de todas as aldeias do Estado de São Paulo para que pudéssemos também realizar à reunião de apresentação do projeto para as aldeias do referido estado e ainda subsidiar a participação dessas lideranças na Assembleia da Comissão Yvyrupa. Tendo em vista as dificuldades operacionais da SR-IPHAN de São Paulo, a SR-IPHAN do Rio de Janeiro também auxiliou na organização do evento e esteve presente no mesmo. A discussão sobre o projeto ocorreu entre os dias 12 e 13, sendo o primeiro dia uma apresentação do projeto por parte das Instituições envolvidas (CTI, IPHAN e AECID) e o segundo dia uma discussão interna das lideranças e anciãos guarani sobre o tema.

Os discursos dos “mais velhos” tiveram lugar privilegiado e contribuíram para o debate aprofundado a respeito da importância e proteção dos conhecimentos e práticas tradicionais, motivados pela apresentação do Projeto “Valorização do Mundo Cultural Guarani”.

Neste encontro estiveram presentes: 1) Lideranças indígenas: Comissão Yvy Rupa, Comissão Nacional de Jovens Guarani, Conselho de Anciãos, representantes das aldeias do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro; 2) direção e coordenação do setor de Patrimônio Imaterial do IPHAN/Brasília; 3) coordenadora do INRC *Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo/RS*; 4) representante da AECID; 5) coordenação e representantes da regional do IPHAN do RJ; 6) Coordenação e equipe de técnicos do CTI envolvidos no Projeto.

Dessa maneira, essa reunião serviu como uma ocasião em que os Guarani de todos os Estados envolvidos se posicionaram de maneira coletiva em relação ao projeto, através da representação da Comissão Yvyrupa e das demais lideranças

presentes. A posição foi de aceitação do projeto e de reconhecimento da sua importância. Entretanto, uma série de ressalvas foram colocadas e foram traduzidas aos parceiros do projeto por Marcos Tupã, um dos coordenadores da CGY:

- Embora tenham interesse no projeto, destacaram o interesse em discutir mais profundamente os detalhes de sua execução, com vistas a que este sirva efetivamente aos seus interesses. Em geral, questionam o motivo de o governo se interessar apenas agora em fazer um registro da cultura Guarani.
- Além disso, se apresentam altamente apreensivos com a divulgação descontrolada de informações que eles consideram sigilosas com relação ao seu modo-de-ser.
- O interesse de aprofundar o entendimento se dá para que o a proposta não se torne “mais um projeto”. Exemplificam que em algumas aldeias os recursos são captados e os projetos são executados, mas com muito pouco retorno para as comunidades. Falaram também da organização das reuniões que sempre precisam de recursos para acontecer e que os parceiros são muito importantes para que o trabalho seja bem realizado. Apontaram sobre a importância dos Guarani em acompanhar firmemente a execução, para que o que seja registrado não desrespeite aquilo que por anos os guarani tem preservado em segredo. Para isso os mais velhos devem ser ouvidos.
- Como no projeto do Rio Grande do Sul, a Comissão Nacional de Terras também apontou para a importância de que o projeto respeite a decisão dos Guarani em resguardar dos brancos uma série de conhecimentos e práticas que eles consideram secretos.

Lideranças Guarani na Reunião de Apresentação do Projeto às aldeias de SP e à Comissão Guarani Yvyrupa. TI Rio Silveira. Julho de. 2009

- Marcos Tupã, traduzindo a fala da maioria, colocou alguns pontos sobre o projeto que devem ser respeitados. 1) Tomar cuidado para as ações que serão registradas e que as aldeias devem dizer, se querem ou não, serem incluídas na pesquisa, porque elas têm total direito de querer ou não participar. 2) Colocou também que os Guarani têm que participar ativamente deste projeto, devendo deixar-se de lado unicamente a figura do pesquisador não-índio, porque os verdadeiros pesquisadores serão os próprios Guarani, com o apoio e a parceria do CTI. 3) Fala sobre as aldeias que serão referência para o projeto, pois é nelas que se concentrará a pesquisa e o levantamento, e quem não quiser participar, será respeitado. Este projeto ficará como um respaldo do povo Guarani para proteção da cultura e do seu fortalecimento cultural. Coloca que não será usado o resultado do projeto para comércio, para futura venda da cultura e nem para enriquecimento, mas somente para garantia de direitos.

I.2.3 - Reunião de Apresentação no Rio Grande do Sul

Local: Aldeia Estiva

Data: 03 de setembro de 2009

A reunião de apresentação do projeto às aldeias do Rio Grande do Sul foi articulada pela equipe do CTI junto ao Conselho dos Povos Indígenas do RS (CEPI) e ao Conselho de Articulação do Povo Indígena Guarani - RS (CAPIG), organização que une as lideranças guarani deste estado, integrada à Comissão Yvyrupa, para o encaminhamento conjunto das demandas e reivindicações das comunidades no RS juntos aos órgãos competentes.

Foi dado um pequeno apoio financeiro para a realização desta reunião entre os dias 02 e 04 de setembro de 2009 na Aldeia Estiva, município de Viamão. Estiveram presentes lideranças e representantes de diversas aldeias do Rio Grande do Sul, entre eles das aldeias Irapuá, Estiva, Lomba do Pinheiro, Cantagalo, Coxilha da Cruz e Itapuã. Apenas no dia 03 de setembro foi aberta a participação de não-indigenas na reunião, sendo diversos temas abordados, entre eles:

- Projeto Transfronteiriço realizado pela 6ª Câmara do Ministério Público Federal em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e também apoiados pela AECID, no qual a intenção é fazer um mapeamento de onde se localizam as aldeias no Brasil, Paraguay, Argentina. Durante a reunião foram escolhidos representantes Guarani para realizar o acompanhamento das pesquisas que seriam realizadas pelo projeto.

- GTs de Identificação e Delimitação das Terras Guarani no Rio Grande do Sul: com a presença dos coordenadores e colaboradores dos 02 GTs presentes. Foram levantadas as críticas dos Guarani e os próximos passos a serem realizados.

- Estudos dos Empreendimentos de Impacto – foram passados os andamentos dos estudos realizados pela duplicação da BR 116 e realizados encaminhamentos.

- Apresentação do projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya:

Com a presença de Nuno Nunes e Eliza Castilla, técnicos do CTI, Beatriz Muniz Freire e Marcus Benedetti, técnicos do IPHAN.

Beatriz fez uma retrospectiva da atuação do IPHAN junto aos Guarani do Rio Grande do Sul, salientou a parceria com a AECID e apontou as atividades que já foram realizadas no âmbito do INRC de São Miguel Arcanjo - Inventário Nacional de

Referências Culturais, realizado no Tekoa Koenju (São Miguel das Missões), Tekoa Porã (Salto do Jacui), Tekoa Yryapu (Palmares do Sul) e Tekoa Anhetengua (Lomba do Pinheiro), tais como a Casa de Passagem, as oficinas do Vídeo nas Aldeias e a possibilidade de fomento aos bens culturais escolhidos pelos guarani a serem salvaguardados que culminaram nas ações de salvaguarda previstas no âmbito do convênio entre CTI, IPHAN em parceria com AECID.

Beatriz Muniz Freire e Marcus Benedetti (IPHAN-RS), Nuno Nunes (CTI) e lideranças guarani na reunião da CAPIG

Os Guarani solicitaram que ao contrário do primeiro trabalho realizado pelo IPHAN na aplicação do INRC de São Miguel Arcanjo mais aldeias pudessem ser beneficiadas, incluindo a participação de xeramõis e xejaryis (mais velhos) de aldeias de outros estados. A técnica do CTI apresentou um breve esboço das atividades do Projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya que estão sendo realizadas pelo CTI, destacando as atividades já programadas no Rio Grande do Sul:

- Elaborar e realizar encontro de representantes Guarani de aldeias alvo de visitações turísticas;

- Elaborar e executar oficina para apoio às práticas de artesanato (uso e comércio) Guarani;

- Elaborar e executar plano de apoio à realização da cerimônia do Nheemongarai em 4 aldeias no RS (Aldeias Koenju, Anhetenguá, Porã e Yryapu);

Representantes guarani salientaram a importância de esclarecimento às comunidades sobre a aplicação futura do INRC nas Aldeias do Rio Grande do Sul e sobre a autonomia dos Guarani em relação as atividades e sua participação.

(Registro: Eliza - CTI)

I.2.4 - Reunião de Apresentação no Espírito Santo

Local: Aldeia Boa Esperança

Data: fevereiro de 2010

Participantes: Lideranças das Aldeias Boa Esperança, Três Palmeiras, Piraque-açu e Caparaó; Representantes da SR / IPHAN-ES, do CTI e colaboradores, representante da Comissão Guarani Yvyrupa.

A reunião teve como objetivo a apresentação do projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani" para as lideranças das aldeias do Espírito Santo. Participaram do encontro membros da equipe do CTI (Maria Inês Ladeira e Adriana Queiroz Testa) os colaboradores que trabalharam no levantamento preliminar (Adilson Pereira de Oliveira Jr. e Marilda Teles Maracci), representantes do IPHAN-ES (Tereza Carolina Frota de Abreu e Caroline Maciel Lauar), Celeste Ciccarone (professora da UFES), lideranças das aldeias Três Palmeiras, Boa Esperança, Piraquê-açu e Caparaó e Leonardo Wera Gonçalves, coordenador da Comissão Guarani Yvy Rupa (CGY).

Após uma apresentação geral de todos os participantes, a representante do IPHAN-ES, Tereza Carolina, deu informações a respeito do IPHAN, esclarecendo para os Guarani qual é o papel da instituição na proteção do patrimônio imaterial. Na sua fala, foram apresentadas algumas possibilidades de cooperação do IPHAN nas aldeias do Espírito Santo.

Em seguida, Maria Inês Ladeira falou sobre o projeto e enfatizou a importância de serem desenvolvidas ações de salvaguarda que tenham seu alcance ampliado, capaz de articular diferentes aldeias guarani e estimular a continuidade de práticas como forma de proteção e "salvaguarda" de conhecimentos tradicionais. Ela também apresentou informações referentes às atividades realizadas, assim como ações que estão planejadas e em andamento.

À frente: Dona Marilza (liderança espiritual). TI Boa Esperança, ES, fevereiro de 2010.

- Tradução livre de falas em Guarani

Cacique da Aldeia Piraque-açu:

É necessário ter muita atenção para respeitar e não perder os conhecimentos. Na escola, os livros podem levar à valorização excessiva da língua portuguesa e nos deixarem como outros povos que esqueceram sua língua e sua cultura. Se nós esquecermos nossa cultura e nossa língua, nós morreremos. Por isso, temos que colocar em primeiro lugar, nossa cultura e a terra. Cada pessoa na aldeia tem suas responsabilidades. Tem pajé, cacique, professor, etc. Nossos avós vieram de longe e trouxeram muitos conhecimentos para nós e isso tem que ser respeitado. Jamais

podemos esquecer os conhecimentos que eles deixaram para nós. Nós precisamos sempre falar nossa língua.

Cacique de Três Palmeiras:

Nós estamos usando os conhecimentos que aprendemos com os mais velhos para o bem das nossas comunidades. Quando nós usamos a palavra "Mbya", nos referimos àqueles índios que não são do nosso povo. Quando falamos sobre nós mesmos, dizemos *Nhandekuery*. Por que os brancos nos chamam Mbya? Acho que foi por causa de uma grande confusão: nossos mais velhos provavelmente não entenderam muito bem o que os pesquisadores estavam lhes perguntando e eles responderam Mbya, mas os mais velhos não estavam falando sobre nós mesmos, estavam se referindo a outros índios. As divisões impostas pelas fronteiras nacionais não fazem sentido para nós, mas elas existem e tiram nossa liberdade.

Sílvio Nhamandu (professor):

Nós não podemos ensinar só usando livros, também precisamos levar as crianças para conhecerem na prática aquilo que os mais velhos mostraram para nós.

Jonas (Aldeia Caparaó):

Temos nossa língua e nossa cultura e não podemos esquecer disso. Nossos rezadores mais antigos andaram por todo esse território, sem fronteiras, mas os brancos nunca entenderam isso. Os brancos olhavam e pensavam que eles estavam simplesmente andando, não entendiam o sentido dessa caminhada dos nossos antigos.

Marcelo (Aldeia Três Palmeiras):

Pelo que estou entendendo, estão propondo que façamos uma pesquisa sobre nossa cultura e o que nós podemos fortalecer na cultura. Uma outra coisa que nós queremos dizer é que nós encontramos machados e cerâmica numa roça, assim como peças funerárias fora da terra indígena aqui perto (Vila Mutirão) e queremos ajuda do IPHAN para proteger esse sítio.

Antônio Vera Kuaray (Aldeia Boa Esperança):

Tudo que falamos aqui está relacionado ao nosso conhecimento e às coisas que Nhanderu criou para nós. Também estamos falando sobre os direitos que temos sobre essas coisas e os usos que fazemos delas. Muitos falaram sobre a importância de ensinarmos nossas crianças a darem valor aos conhecimentos dos mais velhos e conhecerem o que os antigos deixaram para nós. Também é importante falarmos para os brancos que o nosso limite é o mar e não as fronteiras nacionais. Se nós pudéssemos plantar mais aqui, não teríamos que comprar tantos alimentos. No Caparaó, o clima é mais fresco e pode plantar erva mate. Cada lugar tem sua vocação para certas plantas e poderíamos fazer um intercâmbio entre aldeias, para que mais lugares tivessem acesso a esses recursos naturais. Poderíamos estimular os *xondaro* ou as brincadeiras guarani. Outra possibilidade seria desenvolvermos atividades com os instrumentos guarani. Temos que valorizar nossa história. Os jovens devem ouvir nossas histórias em vez de se interessarem apenas pelas músicas dos brancos. Gostaríamos de fazer uma ação em que os mais velhos, inclusive os mais velhos de outras aldeias pudessem ensinar para os jovens destas aldeias do Espírito Santo sobre as coisas da *opy* (casa de rezas), a linguagem usada na *opy,* conhecimentos e práticas relativos à *opy*.

(Registro: Adriana – CTI)

II – AÇÕES DE CONHECIMENTO

II.1 - Introdução

Apresentamos nesse relatório uma descrição das atividades realizadas durante a fase de levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais Guarani-Mbya (doravante mencionado como INRC Guarani). Ao descrever o processo de realização dessa fase preliminar do inventário, buscaremos trazer à tona uma série de sugestões e comentários visando de um lado subsidiar a continuidade de aplicação do INRC junto aos Guarani e de outro contribuir para o processo de aprimoramento dos métodos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da atuação do Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN) no que tange à proteção dos direitos sobre o patrimônio imaterial das populações indígenas em geral.

Cabe notar, de início, que o INRC Guarani representa um grande desafio para todos: para as políticas de proteção do patrimônio imaterial realizadas no âmbito do IPHAN, para os demais parceiros envolvidos no projeto, e sobretudo para os próprios Guarani, que, através desse instrumento, podem experimentar as potencialidades e os limites de uma nova forma de relação entre sua sociedade e a sociedade dos brancos, mediada a partir de então pela chave do conhecimento. Esse desafio se desdobra em múltiplas facetas que transparecerão em diversos momentos desse texto, constituindo-se como parte fundante do processo de construção do INRC, que apenas se inicia.

Poderíamos destacar de saída o fato de que a pesquisa preliminar se realizou simultaneamente nos 6 Estados do Sul e Sudeste nos quais as aldeias Guarani se distribuem atualmente território nacional, contando com uma equipe multilocal de pesquisadores sediados nesses diferentes estados. A realização da pesquisa preliminar por uma equipe descentralizada e heterogênea foi certamente imprescindível para buscar acompanhar as diversas formas a partir das quais os Guarani se relacionam atualmente com a sociedade brasileira, mantendo importantes aliados em diferentes instituições de ensino e pesquisa localizadas em todas as regiões onde persistem as

aldeias guarani. Da mesma, forma, pode-se dizer que a mesma descentralização, dimensão e heterogeneidade da equipe de pesquisadores formada para aplicação da fase preliminar do INRC Guarani também trouxe uma série de complicadores para a pesquisa, sobretudo no que tange ao grau de sistematização das informações exigida pelo método empregado, e sempre mais difícil a muitas mãos. Todas essas questões, tanto em seus aspectos positivos como negativos, serão abordadas nesse relatório. Entretanto, pensamos que não se pode superestimar seu peso uma vez que são constitutivas de empresa de vulto tão grande como a que descrevemos aqui. Mencionamos isso para aludir à próxima faceta de nosso desafio, que se afigura muito mais importante que essa primeira.

Trata-se do fato que embora a aplicação do INRC Guarani já apresente dificuldades operacionais nessa fase preliminar estendida para 6 estados do Brasil, deve-se notar que esse recorte ainda não se mostra suficiente para a consolidação de uma política de patrimônio para o Povo Guarani, como se sabia desde o início. Conforme abordamos nos documentos que compõe esse levantamento preliminar (ver sobretudo Ficha do Sítio *Yvyrupa*), os Guarani são atualmente o povo indígena mais numeroso da América do Sul, contabilizando aproximadamente 100.000 indivíduos ao se considerar apenas a população dispersa entre Brasil, Argentina e Paraguai. Mesmo se atendo inicialmente ao critério estabelecido nesse inventário, que privilegiou as redes de relação Guarani presentes no Sul e Sudeste do país, onde há predominância do subgrupo linguístico guarani conhecido como Mbya, falamos de uma população extremamente numerosa e complexa. Segundo a Funasa (Siafi), os Guarani no Sul e Sudeste eram cerca de 10.500 em janeiro de 2010, entre Mbya e Nhandeva. Segundo a publicação *Mapa Guarani Retã 2008* (CTI et alli), os Guarani falantes do dialeto Mbya contabilizariam na Argentina cerca de 6.500 e no Paraguai 15.000. Considerando-se a falta de dados mais recentes para Paraguai e Argentina, podemos estimar em 2010 uma população total de cerca de 35.000 para os Mbya falantes.

Conforme apontado na ficha de Sítio, não há como pensar numa política de longo prazo que vise a proteção do patrimônio imaterial Guarani sem ampliar o trabalho para uma colaboração com os países vizinhos onde há presença Guarani uma

vez que as formas de transmissão desse conhecimento não respeitam as fronteiras nacionais impostas. É importantíssimo salientar, conforme explorado na ficha de sítio, que as parentelas Guarani estão distribuídas por extensas redes de relação nas aldeias localizadas em todos estados brasileiros mencionados e também nos países vizinhos, sendo intensas entre todas essas localidades as redes de troca e comunicação que são responsáveis pela produção e transmissão desses conhecimentos.

Dito isso, é forçoso admitir que o aprofundamento da construção do INRC Guarani deverá incorporar equipes de trabalho e pesquisa ainda mais heterogêneas, ao se estender aos demais países onde há ocupação guarani, e onde vigoram outras configurações acadêmicas, políticas e administrativas. Tendo em vista esse horizonte, essa fase preliminar do INRC Guarani contou com um investimento no desenvolvimento de uma plataforma on-line para processamento das informações do inventário, visando dar subsídios para uma colaboração descentralizada entre os possíveis parceiros. Ao final dessa fase preliminar a referida plataforma encontra-se em pleno funcionamento, contando porém apenas com uma versão piloto, que permite processar somente dados secundários das pesquisas do INRC que compõem a fase preliminar (bibliografia, documentação, acervos museológicos, fotográficos, e etc). Certamente, uma ampliação da aplicação do INRC para outros países não poderia prescindir de mais investimentos nesse sentido, visando homogeneizar a sistematização dos dados coletados em campo, o que certamente não é garantido pelas atuais fichas de pesquisa utilizadas pelo IPHAN. Retomaremos esse ponto mais adiante. Por ora, retomemos alguns desafios relativos à própria constituição dos modos de relação entre a sociedade guarani e as sociedades não indígenas.

Para se compreender melhor o que significa esse projeto para os Guarani das aldeias do Sul e Sudeste do país, deve-se ter absolutamente claro que ele representa, de uma certa forma, um deslocamento nas estratégias de resistência cultural praticadas pelos Guarani, desde a consolidação da invasão européia. Como é sabido, os Guarani preferiram até muito recentemente manter resguardado dos brancos suas manifestações culturais, realizando seus rituais no espaço reservado da “casa de rezas” (Opy) e optando por revelar aos não-guarani muito pouco do seu conhecimento. Essa

estratégia de invisibilidade certamente foi importantíssima para os Guarani conseguirem garantir a transmissão e circulação dos seus conhecimentos para as gerações subseqüentes em meio a um contexto de extrema adversidade fundiária, ambiental e política, que marcou a desigual relação entre eles e a nossa sociedade. Nesse sentido, a construção de uma política pública voltada à valorização da cultura guarani frente aos brancos apresenta-se como um grande desafio para as lideranças guarani, em meio a um contexto onde ainda há certa resistência dos mais velhos em aceitar a disposição de setores da nossa sociedade em conhecer e subsidiar suas formas de transmissão do conhecimento. Nesse sentido, consideramos que o INRC só poderá funcionar se o seu processo de consolidação se realize com grande cautela, respeitando o tempo de discussão e experimentação dos Guarani no âmbito das políticas de patrimônio e salvaguarda, e evitando ao máximo a imposição pragmática de uma temporalidade que só leve em conta os imperativos do mundo burocrático da administração pública.

Diante de todos esses desafios, a realização desse levantamento preliminar se deu no caso dos Guarani por meio de um projeto mais amplo chamado "Valorização do Mundo Cultural Guarani", executado pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) em parceria com o IPHAN e a Agência Espanhola para Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). O referido projeto foi realizado por meio de dois convênios celebrados entre o CTI e cada uma das demais instituições, IPHAN e AECID, por meio dos quais uma série de outras iniciativas de salvaguarda do patrimônio imaterial Guarani foram executadas simultaneamente à realização dessa 1ª fase do INRC Guarani. Conforme apontado na ficha de sítio, essas ações de salvaguarda foram importantíssimas para o amadurecimento da discussão interna dos próprios Guarani a respeito das potencialidades do projeto, e serviram como um processo de experimentação, sem o qual dificilmente os Guarani poderiam reconhecer a importância do inventário. Atualmente, há uma grande expectativa dos Guarani, depois desse processo de experiências exitosas, em relação à continuidade tanto do Inventário como de ações de salvaguarda e fortalecimento cultural, que passam a se

multiplicar através de iniciativas locais de várias das aldeias que participaram dessas ações de salvaguarda experimentais.

II.2 - Formação da Equipe para realização do Levantamento Preliminar

Descreveremos nesse item, recuperando relatos presentes no Relatório Parcial de Atividades do projeto, enviado ao IPHAN em 29 de outubro de 2009, o processo de formação da equipe de pesquisadores que realizou a fase preliminar do INRC. Esse processo culminou na opção por parte da coordenação do projeto da otimização das técnicas de sistematização das informações por meio do desenvolvimento de uma plataforma digital de tratamento dos dados, que será tema do próximo item do relatório. Buscaremos relatar aqui os êxitos e as dificuldades do trabalho da equipe multidisciplinar descentralizada.

O início da etapa de Levantamento Preliminar do INRC Guarani teve uma série de percalços relativos às complicações burocráticas para a celebração dos convênios entre as três instituições participantes do projeto, que acarretaram em uma descontinuidade em diversos momentos do processo nas atividades de pesquisa propriamente dita.

II.2.1 - Evento de Capacitação da Equipe do CTI na Metodologia do INRC

Embora o ponto de partida dessa etapa tenha sido o "Evento de Capacitação da Equipe CTI para aplicação do INRC" organizado pelo IPHAN em Brasília, entre 2 e 6 de fevereiro de 2009, a pesquisa propriamente dita só se iniciou alguns meses depois, conforme descreveremos aqui. Por ora, retomemos a descrição sumária desse evento, abordando algumas das diretrizes gerais estabelecidas.

Esta reunião foi marcada pelas primeiras trocas entre as Equipes IPHAN e CTI, e nela foram decididas as linhas gerais para o andamento do trabalho. Participaram dessa reunião, representantes do DPI/IPHAN de Brasília, e das 6 regionais envolvidas no Inventário. Do Centro de Trabalho Indigenista participaram a coordenadora do

Programa Guarani, Maria Inês Ladeira, e os membros fixos da equipe deste programa, Daniel C. Pierri, Adriana Q. Testa e Eliza B. Castilla. Dentre os pesquisadores posteriormente contratados pelo CTI para a realização do Inventário, participaram apenas alguns cujo acerto para contratação já estava informalmente firmado, uma vez que os problemas burocráticos que vigoravam então no convênio impediam a contratação da equipe para início imediato dos trabalhos.

Abaixo apresentamos como ficou a divisão das atribuições técnicas entre IPHAN e CTI, ressalvando, de início, que boa parte delas não foram cumpridas, acarretando em desgastes no processo. Para a equipe de pesquisadores formada pelo CTI, deve-se destacar que a referida reunião teve caráter apenas introdutório no que tange ao seu objeto principal, que era a "capacitação da equipe", por duas razões: a primeira delas é que a equipe a ser capacitada estava apenas parcialmente formada por conta dos problemas burocráticos mencionados; a segunda é que pelas mesmas razões a equipe só pôde iniciar o trabalho meses depois da reunião de formação. No que tange às responsabilidades assumidas pelo IPHAN, ressaltamos que, a nosso ver, o principal entrave em cumprir parte delas foi o fato de que os representantes das Superintendências Regionais designados para acompanhamento do projeto raramente se mantinham os mesmos ao longo do tempo. Dessa forma, no que tange a um acompanhamento de discussão e capacitação nos instrumentos do INRC, a interlocução do CTI foi desde o princípio apenas com os representantes do DPI Brasília que acompanharam o processo e com a responsável da regional do Rio Grande do Sul, que estava mobilizada com o INRC Guarani desde sua fase piloto em São Miguel das Missões.

Não obstante essas dificuldades segue a descrição dos acordos de divisão de tarefas, firmados durante o referido Evento:

- IPHAN:

- Apresentar Planejamento contemplando a reunião com a Comissão Nacional de Terras Guarani - Yvy Rupa no início do trabalho, além de possíveis reuniões com o Grupo em Brasília e eventuais idas a campo.
- As regionais do IPHAN nos 06 estados deverão promover a reunião de apresentação do INRC com os Mbya envolvidos em cada estado junto com os técnicos do CTI.
- Dar suporte técnico e logístico e orientações quanto a metodologia INRC, avaliando os relatórios parciais (Levantamento Preliminar; Identificação e Documentação);
- Realizar os contatos institucionais necessários (Funai, Funasa, Prefeituras, Secretaria de Cultura, etc);
- Os técnicos responsáveis deverão estar presentes na reunião que apresentará o trabalho aos Mbya;
- As Regionais deverão encaminhar relatórios e avaliações ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI);
- O DPI deverá consolidar relatório geral das atividades desenvolvidas nos seis Estados tendo como base os relatórios das Regionais;
- O DPI deverá realizar reunião do grupo como um todo ao fim de cada etapa.

• CTI:

- Apresentar plano de trabalho com cronograma de atividades e equipe para cada estado com base nas etapas definidas no INRC e projeto da AECID, o qual deverá ser acordado com os técnicos das Regionais e do DPI;
- Auxiliar o DPI através das suas regionais a promover reuniões de apresentação do INRC aos Mbya envolvidos em cada estado junto com os técnicos do IPHAN;
- Realizar a 1ª fase do INRC – Levantamento preliminar (fichas preenchidas);
- Produzir relatórios analíticos ao final de cada etapa (Levantamento Preliminar; Identificação; e Documentação): um relativo ao tema e outro ao uso do INRC;
- Ao realizar 1ª etapa do INRC, identificar possíveis ações de salvaguarda;

Deve-se notar, conforme abordaremos em outra seção desse relatório, que a principal dificuldade em relação aos acordos de divisão de tarefas firmado foi a de que

as regionais do IPHAN assumissem de fato a responsabilidade de organização das reuniões de apresentação do projeto em cada estado, e à Comissão Guarani Yvy Rupa. Dessa forma, é forçoso notar que o trabalho de organização das reuniões recaiu, com exceção da organizada pela SR com representantes das aldeias no RJ, quase integralmente sobre o CTI. Uma vez que não havia no âmbito do convênio pessoas contratadas para realizar esse apoio logístico, deve-se notar que essa sobretarefa acarretou em prejuízos para o processo de realização do Levantamento Preliminar, uma vez que a pequena equipe fixa do CTI teve que se dedicar à organização das reuniões.

II.2.2 - Formação da Equipe e arranjos gerenciais

Para a formação da equipe, a coordenação do CTI levou em consideração os seguintes critérios: 1) envolvimento prévio com o ponto de vista e as demandas dos povos Guarani; 2) prática com pesquisas documentais; 3) conhecimento antropológico e legislativo de processos de objetivação da cultura e do patrimônio imaterial; 4) agilidade e habilidade para o trabalho em equipe; 5) disponibilidade para a realização do Inventário.

Embora tenha havido uma lapso temporal entre a seleção da equipe e o início dos trabalhos, decorrente dos problemas burocráticos citados, o CTI conseguiu rapidamente formar a equipe por conta do seu histórico de atuação junto aos Guarani e nos centros de pesquisa. Em sua maioria, os pesquisadores contratados foram indicados pelos principais professores universitários dos diferentes estados, e já e tinham atuado com os Guarani. De maneira geral, optamos por compor cada par de pesquisadores responsáveis pela pesquisa com um pesquisador residente no estado onde seria feita a pesquisa e o outro residente em São Paulo. No primeiro caso, buscava-se a familiaridade prévia tanto com os Guarani da região como com os acervos presentes no Estado. No segundo caso, buscava-se a proximidade com a própria coordenação do projeto, sediada em São Paulo, como forma de facilitar o diálogo e a orientação para a pesquisa.

As equipes regionais em atuação contaram com os seguintes profissionais:

Rio Grande do Sul:

- *Bruno Marques*: Atua desde 2004 junto aos Guarani do RS. Mestrado pelo Museu Nacional/RJ com população Maku (Alto Rio Negro).
- *Flávio S. Gobbi*: Mestre em antropologia (UFRGS), com trabalho sobreparentesco e sociocosmologia Guarani, com destaque para processos políticos. Pesquisador do NIT – Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e tradicionais. Atua junto aos Guarani desde 2003. Atuação em processos de Identificação e Delimitação de TIs Guarani no RS.
- *Maria Paula Prates Machado*: Mestre em antropologia e doutoranda UFRGS. Tema: "Dualidade, Pessoa e Transformação"; com ênfase para análise de narrativas míticas e discursos e práticas femininas. Atuação em processos de identificação e delimitação de Terras Guarani no RS.

Santa Catarina:

- *Clarissa Rocha de Melo*: Atua junto aos Guarani desde 2005. Mestrado em antropologia sobre educação guarani (UFSC). Pesquisadora NEPI – Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas, e atuante na Comissão de Ensino Superior Indígena de Santa Catarina.
- *Igor A. B. Scaramuzzi*: Historiador, Mestre em antropologia (USP) com projeto sobre programas pedagógicos indígenas. Atuação junto aos Wajãpi e em diversos programas de formação de professores indígenas, vinculados, sobretudo, ao CTI e ao IEPÉ. Participou do Inventário e da Pesquisa do Patrimônio Imaterial Wajãpi (UNESCO).

Paraná:

- *Driéli Vieira*: Mestranda na UEM - Universidade Estadual de Maringá, PR, com projeto sobre as cosmologias do contato com os Guarani. Realiza oficinas com estudantes indígenas (Guarani e Kaingang) acerca de concepções de saúde e doença.
- *Pablo Antunha Barbosa*: Mestre e doutorando em antropologia pela Université de Nanterre (Paris). Especialista na relação entre indigenismo e antropologia, em

etnohistória, atuando em processos de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas no Mato Grosso do Sul.

São Paulo

- *Adriana Queiroz Testa*: Graduada e mestre em Educação (USP). Atua desde 2001 junto aos Guarani. Começou a trabalhar com os Guarani pelo Grupo de Extensão Oimiporãma Ore-reko. Pesquisadora NHII – Núcleo de História Indígena e do Indigenismo /USP. Desenvolve trabalhos no CTI desde 2006. Atuação em processos de Identificação e Delimitação de TIs Guarani em SP.
- *Daniel Pierri*: Graduado em Ciências Sociais (USP). Atuante no CTI desde 2006, a partir do projeto de Apoio aos Guarani do Vale do Ribeira. Atuação em processos de Identificação e Delimitação de TIs Guarani em SP.
- *Eliza Castilla*: Graduada em Ciências Sociais (PUC-SP). Trabalhou no CEPISP – Conselho Estadual dos Povos indígenas de SP. Acompanha os projetos do Programa Guarani/CTI desde 2007. Atuação direta no litoral sul de São Paulo. Atuação em processos de Identificação e Delimitação de TIs Guarani em SP.
- *Leandro Mahalem de Lima*: Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela USP, com tema sobre a formação histórica da Amazônia brasileira (século XIX). Pesquisador do NHII/USP. Participação no Inventário do Patrimônio Imaterial Wajãpi (UNESCO). Atuação em processos de Identificação e Delimitação de TIs. Experiência em pesquisas arquivísticas e de campo.

Rio de Janeiro:

- *Rafael Fernandes Mendes Jr.*: Graduado em Ciências Sociais pela UFRJ. Mestrando em antropologia pela UFF – Universidade Federal Fluminense, com projeto de pesquisa entre os Guarani da região de Paraty. Ênfase em comensalidade e caça.
- *Tainá Mie Soares*: Graduada em História pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Projeto “Raízes e Frutos” realizado em Paraty,e atuação junto aos Guarani desta região.
- *Yanci Ladeira*: Graduação em Geografia Humana com pesquisa entre os Guarani Mbya na Ilha do Cardoso, no Vale do Ribeira e em São Paulo. Mestranda em

Geografia pela USP – Universidade de São Paulo. Atuou no CTI entre 2006 e 2007 no projeto de Apoio aos Guarani do Vale do Ribeira.

Espírito Santo:

- *Adilson Pereira de Oliveira Júnior*: Graduado em Arquitetura na UFES – Universidade Federal do Espírito santo; ativista da "Rede Alerta Contra o Deserto Verde" desde 2003 e teve contato com os Guarani desde então; mestrando em Geografia sobre os impactos da monocultura de celulose sobre a territorialidade guarani e tupiniquim na UFF
- *Marilda Teles Maracci*: Geógrafa, mestre em Geografia pela UNESP – Universidade Estadual Paulista, com dissertação sobre a produção social do espaço urbano pelo movimento de moradia de Pres. Prudente. Doutorado em Geografia na UFF sobre a luta Guarani e Tupiniquim pela autodemarcação. Experiência com estudos etnoambientais junto aos Guarani do Espírito Santo. Ativista da "Rede Alerta Contra o Deserto Verde".

Deve-se destacar que essa equipe, embora relativamente numerosa, foi contratada para realizar a pesquisa no curto período de 3 meses. A equipe foi em sua maioria formada por antropólogos, que totalizaram 12 dos 16 pesquisadores diretamente envolvidos com essa fase. Dos restantes, 3 eram Geógrafos e uma historiadora. Não obstante, pode-se dizer que a formação dos pesquisadores era bastante heterogênea entre si, sobretudo no que tange à experiência com a pesquisa documental, que toma boa parte das atividades do Levantamento Preliminar. Esse fato teve tanto aspectos positivos, como negativos para a pesquisa. De um lado, a diferença de formação contribuiu para trazer diferentes perspectivas a respeito do tratamento das informações coletadas. No caso do Espírito Santo, equipe que não contava com nenhum antropólogo, pode-se notar como a própria elaboração do texto da Ficha de Localidade, a despeito das revisões realizadas posteriormente pela coordenação do projeto, enfatizou aspectos muito diferentes das demais localidades, focando no histórico de devastação ambiental e expropriação territorial levado a cabo pela Aracruz Celulose sobre as Terras Guarani e Tupiniquim presentes do Estado.

Por outro lado, pode-se notar que o pouco tempo para a preparação da equipe, também acarretou na dificuldade de homogeneização da maneira de sistematizar as informações obtidas na pesquisa. Nesse sentido, pode-se dizer que a falta de um instrumento prévio adequado para esse tratamento, conforme discutiremos no próximo item, trouxe grandes dificuldades para a sistematização do material, uma vez que simultaneamente à realização da pesquisa, o CTI teve de investir no desenvolvimento da plataforma on-line que serviu de instrumento para essa homogeneização. Porém, o fato de que o instrumento de pesquisa era desenvolvido simultaneamente à própria pesquisa, que por sua vez tinha muito pouco tempo para ser realizada, comprometeu a própria capacitação dos pesquisadores para a realização do Levantamento Preliminar.

Nesse sentido, apontamos para o fato de que de um lado a formação de uma equipe descentralizada era absolutamente necessária, como forma de garantir a familiaridade prévia dos pesquisadores com os acervos pesquisados, o que foi feito ao selecionar pesquisadores sediados no Estado onde iriam pesquisar. Por outro lado, o fato de que as fichas do IPHAN não são apropriadas para uma sistematização das informações, faz com que a descentralização da equipe também figurasse como um dificultador no processo de orientação dos pesquisadores. Aprofundaremos esse ponto ao discutir a plataforma digital elaborada, que foi o instrumento utilizado pelo INRC Guarani para contornar esse problema. Na sequencia, retomaremos a descrição do período de formação da equipe a partir do relato do Seminário de Difusão Interna e Integração das Equipes Regionais, realizado no CEDEM-UNESP/São Paulo.

II.2.3 - Seminário de Difusão Interna e Integração das Equipes Regionais, CEDEM-UNESP. São Paulo.16 a 19 de Junho de 2009.

Conforme abordado anteriormente, o primeiro evento de capacitação da equipe do CTI para uso da metodologia do IPHAN realizado antes do início das atividades do projeto, em fevereiro de 2009 em Brasília, não atingiu seu objetivo principal, uma vez que a equipe de pesquisa do Levantamento Preliminar não estava

ainda completamente formada e o convênio, embora em vigor, estava obstruído por problemas burocráticos que impediam o início da pesquisa. Dessa forma, tão logo se iniciaram os trabalhos de pesquisa depois de formadas as equipes regionais, viu-se a necessidade de fazer um novo debate a respeito da metodologia, a partir das dificuldades vivenciadas pelos pesquisadores que iniciavam o trabalho. Dessa maneira, realizou-se o "Seminário de Difusão Interna do Andamento das Pesquisas e Integração das Equipes", entre os dias 16 e 19 de junho de 2009, no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM/UNESP), que cedeu o espaço ao evento devido à sua parceria com o CTI. Participaram do Seminário: 1) a coordenação do IPHAN/Brasília, responsável pelas políticas de Patrimônio Imaterial; 2) a coordenação do CTI e a equipe completa dos técnicos selecionados para a aplicação do INRC; 3) profissionais do CEDEM / UNESP que colaboraram com o debate.

O Seminário foi fundamental pelas seguintes razões:

- Integração e intercâmbio de informações, experiências e dúvidas entre os pesquisadores atuantes nas diferentes regiões abrangidas.
- Aprofundamento do debate metodológico, esclarecimento de dúvidas e estabelecimento de cronograma e diretrizes coletivas para a efetivação do trabalho.
- Diálogo aprofundado entre a Equipe CTI, realizadora do INRC, e a Coordenação do Setor de Patrimônio Imaterial do IPHAN/Brasília.
- A partir dos debates do "Seminário" foi decidida a estratégia coletiva de inventário do vasto material disponível sobre os Guarani. Ao final, as principais orientações foram as seguintes:
- Formalização da cooperação com as instituições de interesse, por meio do envio dos ofícios por parte do IPHAN/Brasília para a direção dessas instituições, com vistas a engajar as mesmas no trabalho do Inventário.
- Levantamento e sistematização do conjunto dos processos de Identificação de Terras Guarani da Funai e os Processos do Ministério Público Federal. Esses

processos são fontes ricas de informações sobre as disputas de terras e podem contribuir muito no trabalho.

- No caso do acervo de "Fontes Coloniais", extremamente vasto, ficou estabelecida a realização de uma varredura panorâmica dos materiais disponíveis, devido às limitações de tempo. Para os encaminhamentos, mantivemos como proposta a pesquisa dos materiais sistematizados pelo "Projeto Resgate", bem como o Inventário de trabalho de viajantes e cronistas, cujas obras se afiguram como de alto valor etnográfico.
- Em relação ao período entre 1822 e 1960, ficou estabelecida uma pauta comum de pesquisas. Todas as equipes regionais tiveram a tarefa de aprofundar: **1)** os dados e a sistematização dos Relatórios de Presidentes de Província, no qual se encontram valiosas informações acerca das áreas de ocupação Guarani no século XIX; **2)** a documentação do SPI, integralmente copiada pela Equipe do Inventário (disponível em microfilmes no CEDEM/SP), e disponível nos originais no Rio de Janeiro (Museu do Índio). Além destas fontes gerais, encaminhamos o aprofundamento de cada equipe nas fontes que se apresentarem relevantes no curso de cada pesquisa específica. De modo geral, dadas as limitações de tempo, estabelecemos a concentração dos trabalhos na descrição de Fundos e Coleções, em detrimento dos documentos individuais (disponíveis nas coleções). As descrições pormenorizadas de unidades de registro são realizadas conforme seleção dos próprios pesquisadores, tendo em vista o valor etnográfico excepcional dos materiais de destaque.
- Sistematização da pesquisa de dados secundários a partir da elaboração de um banco de dados digital, que garantisse maior padronização na sistematização dos dados e que pudesse ser convertido no formato das fichas do IPHAN ao final do processo. O desenvolvimento do Banco de Dados ficaria a cargo da equipe fixa do CTI. Levando em consideração que o prazo curto que as equipes regionais dispunham para realizar o levantamento não permitiria esperar o desenvolvimento da plataforma, a coordenação do projeto ficou encarregada de fornecer novas fichas em excel, com o mesmo desenho de metadados a ser posteriormente

adotado no Banco de Dados, de modo que os dados fornecidos pelos pesquisadores por meio dessas fichas pudessem ser importados para o Banco.

II.3 - As fichas do IPHAN (INRC) e sua integração com a Biblioteca Digital Guarani

Conforme abordado anteriormente, a realização da pesquisa pela equipe descentralizada esbarrou em dificuldades geradas pela falta de padronização no tratamento de dados possibilitada pelas fichas do IPHAN. Possivelmente, esses problemas da metodologia do INRC trariam menos dificuldades em outros Inventários mais localizados e com um volume menor de dados secundários. Conforme apontado por Bartomeu Melià, em seu trabalho vultuoso de levantamento bibliográfico utilizado como referência nesse inventário, os pesquisadores que se engajam numa sistematização crítica da bibliografia guarani são frequentemente desencorajados diante do "mare magnum" que representa o volume de títulos que tratam desse povo. O mesmo pode ser dito em relação à sistematização da documentação histórica sobre os Guarani e mesmo das coleções museográficas existentes, que fizeram parte desse inventário.

Tendo em vista esses desafios, o formato dos Anexos das fichas de Sítio e Localidade, sobretudo os Anexos 1 – Bibliografia e 2 – Registros Audiovisual apresentaram-se extremamente inadequados à pesquisa, pelas razões que elencaremos a seguir:

Em relação ao Anexo 1, destacamos em primeiro lugar um problema no campo para preenchimento da "Referência", no qual o pesquisador tem liberdade para indicar a referência no formato que quiser. No caso de um trabalho como esse, no qual o levantamento bibliográfico, apenas de livros e publicações seriadas, ultrapassa a cifra dos 2.000 volumes e ainda foi realizado por equipe multi-local, o baixo grau de padronização das informações acarretaria em um trabalho incomensurável de revisão burocrática do formato apontado. Sendo o objetivo do IPHAN disponibilizar essas informações a respeito de todos os Inventários realizados, em banco de dados próprio

da instituição, não haveria porque a ficha de preenchimento desse campo ser tão aberta, uma vez que haverá necessariamente grande divergência no padrão adotado entre os diferentes inventários. Buscando contornar esse problema, a ficha de bibliografia, construída no âmbito do INRC Guarani, tem campos específicos para cada item da referência (Autor, Ano, Editora, Título, etc) sendo realizado através da programação, o Layout de exibição da referência, que poderá ser alterado quando se achar conveniente, sem a necessidade de revisão braçal.

O sub item 4 do Anexo de Bibliografia apresenta o seguinte recorte: "Textos Inéditos, Relatórios Técnicos e Manuscritos". Esse recorte mostrou-se muito pouco adequado para a presente pesquisa porque congregou num mesmo item tipos de registro extremamente díspares entre si. Em um primeiro momento, tendo em vista que o Manual do INRC recomenda o levantamento de "documentação oficial" a respeito do sítio, visando entender o contexto histórico, social e político no qual se praticam os bens culturais a serem inventariados, recomendamos fortemente que se crie um campo específico para a documentação primária, separando-a de relatórios técnicos e textos inéditos, uma vez que pouco esses itens tem em comum entre si. Da mesma forma, uma vez que não se trata de uma pesquisa acadêmica é importante que exista um campo para a catalogação e descrição de conjuntos documentais, com o formato adequado para tanto, uma vez que a catalogação de documentos individuais parece fora do propósito do inventário a não ser em caráter excepcional. Visando contornar esse problema, o INRC Guarani adotou um formato no Banco de Dados desenvolvido, que separa "Conjuntos Documentais" de "Documentos" e também esses dois de "Relatórios Técnicos" e "Textos Inéditos". Infelizmente, ao gerar os relatórios no Banco que convertem as informações disponíveis para as fichas do IPHAN, esses itens são novamente reagrupados para satisfazer o formato da ficha hoje existente. Consideramos que a consulta do resultado da pesquisa documental através da ficha do IPHAN será de pouca valia para o pesquisador futuro. A consulta dos mesmos diretamente através do Banco permite um cruzamento de informações dinâmico e uma classificação mais adequada dos tipos de registro.

Da mesma maneira, em todos os registros catalogados no anexo constam as colunas “onde encontrar” sem delimitar exatamente que tipo de referência se espera. Inicialmente tinha sido indicado a nós de que era necessário colocar o nome completo e endereço da instituição. Não obstante, esse procedimento se mostrou completamente inviável uma vez que as instituições se repetiam diversas vezes aumentando imensamente a extensão das fichas. Alternativamente, colocamos apenas a sigla da instituição, que por sua vez encontra-se cadastrada na ficha de “Contatos”.

Em relação ao Anexo 2 – Registros Audiovisuais, cabe destacar que os recortes de subitens são extremamente inadequados, agrupando igualmente tipos de registro que nada tem a ver entre si. Em “Fotografia e Artes Visuais” somos obrigados a inserir toda uma sorte de registros distintos. Inicialmente cabe notar a ausência de uma diferenciação do campo para catalogar “conjuntos de fotos” ou uma fotografia individual. No caso de Inventário de amplo espectro é muito mais comum a referência a um conjunto ou acervo fotográfico que a uma foto específica. No mesmo campo, tivemos que inserir o catálogo de mapas inventariados, de pinturas e de cultura material (ver adiante). Em relação aos mapas, o próprio Manual do INRC indica a importância de inventaria-los na fase preliminar, sem destinar um campo específico para tanto.

No caso da aplicação do INRC às populações indígenas, sentimos falta de um campo específico para “cultura material”, uma vez que são extremamente relevantes ao Inventário o catálogo dos acervos que possuem exemplares museológicos relacionados ao povo em questão, tratando-se diretamente de objetos resultantes de um “modo de fazer” específico a uma cultura, que frequentemente encontra-se sob guarda de instituições determinadas sem o conhecimento da população produtora do objeto.

Da mesma forma, tipos de registro distintos mereceriam campos distintos para cada registro, garantindo através das fichas uma mínima padronização das informações, conforme apontado para “Bibliografia”. O campo de “Descrição Técnica” presente em todos os itens desse Anexo é também um campo aberto, de modo que há grande dificuldade em realizar a pesquisa de maneira descentralizada. O mesmo

ocorre para o campo Referência. Buscando contornar o problema, desenvolvemos para cada tipo de registro, campos específicos que são reagrupados no relatório gerado com o formato das fichas do IPHAN. Mais uma vez indicamos que a Ficha Anexo resultante da pesquisa afigura-se muito pouco amigável para a consulta dos futuros pesquisadores, exatamente por conta dessas limitações, de modo que sua consulta no Banco de Dados Guarani será muito mais profícua.

Esses problemas elencados que poderiam parecer desimportantes por seu caráter formal, foram sentidos logo ao início da pesquisa do INRC Guarani pelos próprios pesquisadores, acarretando em grande prejuízos para uma pesquisa em curto prazo. No momento em que as primeiras informações coletadas passaram a ser enviadas percebeu-se a carência de padronização dos dados e o quanto isso era prejudicial à consulta. Da mesma maneira, percebeu-se de início, que no formato em que as fichas se encontravam, a consulta posterior por parte de pesquisadores futuros provavelmente permaneceria restrita aos trâmites processuais internos do IPHAN. Dessa maneira, a equipe do CTI considerou imprescindível a criação dos mecanismos alternativos ora descritos.

Cabe notar, entretanto, que o desenvolvimento dos instrumentos e da metodologia durante a pesquisa em si traz o inconveniente de limitar o aproveitamento dos pesquisadores no curto espaço que havia disponível para contratá-los, o que foi sentido pelo presente Inventário. O principal aspecto negativo desse fato foi a diferença de qualidade no resultado final do levantamento entre os diferentes estados, resultante da maior ou menor capacidade de cada equipe de se adaptar ao instrumento em desenvolvimento. Por essa razão, acreditamos que os apontamentos sistematizados nesse item em relação às fichas de Anexo não é de maneira nenhuma fortuito e uma boa absorção das sugestões refletirá diretamente na qualidade de pesquisas futuras.

Dessa forma, a dinâmica do levantamento preliminar se deu de tal forma que as equipes regionais, responsáveis por cada Estado, passaram apenas 3 meses realizando a pesquisa documental nos diferentes acervos de cada localidade, utilizando esse período também para a confecção do texto específico da ficha de

localidade correspondente. Não obstante, foi preciso muito tempo adicional por parte da equipe do CTI para processamento das informações coletadas no Banco de Dados e sua posterior conversão no formato das fichas IPHAN, o que só foi possível ao final do processo de trabalho. Para facilitar a orientação das equipes, o CTI elaborou (paralelamente ao trabalho de desenvolvimento do banco de dados) fichas de excel com campos específicos para o levantamento de cada tipo de registro relevante para o Inventário (Conjunto Documental, Documentos, Fotografia, Mapas, Cultura Material, Livros, Teses, etc...). Da mesma forma, foi elaborado um manual detalhado com orientações gerais para o preenchimento das fichas.

Embora considerarmos que o resultado final obtido a partir da estratégia de pesquisa adotada foi extremamente favorável, sobretudo no que tange à importância desse material para futuros trabalhos, devemos reconhecer que a dupla tarefa de realizar a pesquisa, simultaneamente ao desenvolvimento da biblioteca digital significou um trabalho bastante árduo e cujo prazo se estendeu muito mais do que o previsto e desejado pela equipe do CTI.

II.4 - Resultados da Pesquisa Preliminar

II.4.1 - Comentários sobre as Fichas de Sítio e Localidade

Durante a fase preliminar do INRC Guarani foram elaboradas uma ficha de sítio e seis fichas de localidade. O sítio eleito como base para a pesquisa foi *Yvy Rupa*, que na língua guarani-mbya, designa todo o território ocupado por esse povo, abrangendo a região do Sul e Sudeste do Brasil, atingindo até a região de Missiones, na Argentina, e a porção oriental do Paraguai.

Conforme salientado na referida ficha, os Guarani vivenciam esse território de maneira contínua, não sendo relevantes, do ponto de vista da sua territorialidade, as fronteiras nacionais e federativas, impostas pelo processo de colonização. Suas redes de parentesco e intercâmbio ultrapassam indistintamente essas fronteiras, se organizando através de critérios decorrentes exclusivamente da socialidade guarani.

Nesse sentido, é uma das reivindicações centrais dos Guarani às autoridades envolvidas ou não com o INRC, uma política de livre trânsito do seu povo entre os países e entes federativos que cortam o seu território de ocupação. Se as divisões administrativas não são oriundas da territorialidade guarani, não é menos verdade que elas lhes impõem limites artificiais, prejudicando as redes sociais desse povo.

Essa introdução é necessária porque, conforme apontaremos aqui, a delimitação das seis localidades descritas nessa fase preliminar através das fichas do INRC é provisória e extremamente suscetível à revisão, numa próxima fase. Seguimos nesse momento delimitação provisória das localidades a partir dos Estados brasileiros através dos quais se realizou a pesquisa das fontes e dados secundários existentes a respeito dos Guarani. Além dessas localidades não abrangerem todo o sítio *Yvy Rupa,* uma vez que a pesquisa se restringiu nesse primeiro momento ao território brasileiro, deve-se ter em conta que elas refletem apenas o critério de divisão das tarefas relativas à pesquisa documental, centrais nessa fase preliminar do INRC. Dito isso, veja-se abaixo a listagem das localidades, tal como delimitadas provisoriamente para essa fase da pesquisa[1]:

1) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado do Espírito Santo
2) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado do Rio de Janeiro
3) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado de São Paulo
4) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado do Paraná
5) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado de Santa Catarina
6) Conjunto das Aldeias Guarani localizadas no Estado do Rio Grande do Sul

[1] Deve-se notar que os Anexos que na metodologia do INRC poder ser relacionados às fichas de sítio e/ou localidade, foram, no caso do presente inventário relacionados apenas à ficha de sítio. Isso deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que, como apontado, a delimitação das localidade é ainda bastante provisória e também sempre suscetível a mudanças, uma vez que as relações entre as diversas aldeias guarani são dinâmicas. Em segundo lugar, cabe notar que o patrimônio cultural ou imaterial em questão é comum aos Guarani enquanto povo. Embora suas referências culturais também sejam dinâmicas e guardem muitas especificidades entre diferentes grupos guarani, não seria adequado referenciá-las à uma localidade específica, uma vez que essas variações dependem da inclinação das diferentes parentelas, e não do local onde são praticadas. Da mesma forma, mesmo variando, as referências culturais guarani devem ser sempre consideradas como patrimônio de todo o povo e não de apenas um grupo local.

Não obstante, uma das atividades iniciais da fase de aplicação do INRC junto aos Guarani deve ser a definição dos conjuntos regionais de aldeias a partir das quais será realizado o Inventário. Uma vez que as relações entre as aldeias ao longo do território guarani é dinâmica e depende do movimento das relações de parentesco e das alianças políticas entre as diversas parentelas, a re-delimitação das localidades para fins da aplicação do INRC é incontornável e só pode ser feita junto com os Guarani. Entretanto, fizemos um levantamento e uma proposta de delimitação de localidades com base nos critérios históricos, sociológicos e políticos que permitem entrever maior proximidade entre conjuntos regionais de aldeias, independentemente de sua inserção nas unidades administrativas do Brasil e dos demais países nos quais existem aldeias guarani. Em se ampliando o INRC para Paraguai e Argentina, a delimitação das localidades também deverá ser revista, considerando-se a pertinência de algumas localidades abrangerem parcelas do território guarani incidentes simultaneamente em mais de um dos países, em que pese o fato de que as redes de relação entre as aldeias da região fronteiriça sejam muito densas a despeito das fronteiras nacionais. Apresentamos abaixo uma proposta inicial apenas para o território brasileiro, que poderá servir de referência para o a discussão que deve inaugurar a fase de aplicação do INRC Guarani:

1) Conjunto das Aldeias do Litoral Norte de São Paulo, Litoral do Rio de Janeiro e Espírito Santo
2) Conjunto das Aldeias do Planalto de São Paulo e Baixada Santista
3) Conjunto das Aldeias do Vale do Ribeira/SP, Litoral do Paraná e Litoral Norte de Santa Catarina
4) Conjunto das Aldeias da Região do Rio Iguaçu, e Centro Oeste do Paraná
5) Conjunto das Aldeias do Litoral Sul de Santa Catarina e do Litoral do Rio Grande do Sul
6) Conjunto das Aldeias do Oeste (Missões) e Interior do Rio Grande do Sul

No que diz respeito à ficha de sítio, cumpre notar que foi feito um esforço para apontar a inegável relação entre a proteção dos conhecimentos tradicionais guarani e a garantia de espaços de terra regularizados para o usufruto exclusivo desse povo. Conforme abordado, os Guarani são atualmente um dos povos indígenas mais populosos do Brasil e da América Latina, sendo ao mesmo tempo, no Brasil, o povo com menor extensão de terras regularizadas para usufruto exclusivo. Nesse sentido, o INRC Guarani deve se haver com o fato de que a salvaguarda do patrimônio imaterial guarani depende diretamente da garantia dos direitos territoriais desse povo. Por esse motivo, a ficha de sítio centrou sua discussão a respeito dos diversos aspectos relacionados à caracterização do território guarani. Acreditamos que o resultado final da ficha foi bastante satisfatório, tendo se beneficiado também do próprio resultado das pesquisas em dados secundários, sistematizadas nos Anexos e na Biblioteca Digital. Não obstante, é importante notar que sentimos falta de um quadro específico para a 'definição' ou 'caracterização' do sítio, que poderia ser incluído no item "4. Descrição do Sítio". Não há qualquer lugar na ficha onde caiba a discussão a respeito das razões para a escolha do sítio. No caso das populações indígenas, esse item seria importante para apontar a descrição antropológica dos fatores cosmológicos relacionados ao sítio. Sendo no caso, *Yvy Rupa* um conceito nativo dos Guarani, não há espaço na ficha para descrição dos modelos nativos que embasam esse conceito. Buscamos abordar essa questão de maneira dispersa em vários dos campos presentes na ficha, de modo a suprir essa carência, tendo especial destaque nesse sentido o item "5. Formação Histórica". Não obstante, um campo específico para tanto permitiria certamente um maior aprofundamento desse ponto, o que poderá ser feito de maneira mais adequada na fase de aplicação do INRC, através de dados primários.

Em relação às fichas de localidade, também consideramos que o resultado foi satisfatório, embora houvesse inicialmente uma certa disparidade entre os textos, uma vez que foram elaborados pela equipe descentralizada que realizou essa fase preliminar. A coordenação do projeto buscou realizar ampla revisão dos textos apresentados pelas equipes regionais, de maneira a garantir uma homogeneização das fichas. É forçoso admitir, entretanto, que ainda há algumas disparidades entre os

textos, embora elas não comprometam a qualidade do trabalho. Nessas fichas, as equipes também abordaram aspectos da territorialidade guarani, focando as especificidades regionais, resultantes da história de cada estado, que travou distintos modos de relação com a população guarani. Essas especificidades de fato também se refletem na diferença entre os textos de cada localidade, como não poderia deixar de ser. Como exemplo, pode-se apontar o fato de que o volume da documentação histórica sobre os Guarani é muito maior a respeito da ocupação no RS, SC, PR e SP do que no RJ e ES.

II.4.2 - Varredura em Instituições diversas nos 6 Estados inventariados: 15 de Julho a 20 de Outubro.

Tal como propõe a Metodologia INRC/IPHAN, os pesquisadores se dedicaram, nos levantamentos preliminares, à realização de uma varredura abrangente das informações relativas aos Guarani, disponíveis em instituições diversas. Este trabalho, embora deva ser permanentemente complementado, cria as bases para um inventário sistemático destas informações, uma vez que foram reunidas tanto nas fichas INRC, quanto no Banco de Dados on-line, permitindo a alimentação permanente do compêndio com novas fontes.

Tais atividades de varredura contemplaram diferentes fases. Em primeiro lugar, os pesquisadores listaram todas as instituições de interesse no Estado que continham acervos documentais a respeito da ocupação Guarani e fizeram um contato prévio com as referidas instituições através de ofícios enviados pelo próprio IPHAN. Em seguida fizeram, sempre em que foi possível, uma pesquisa on-line nas bases de dados das instituições disponíveis de modo a preparar a próxima etapa, que foi à de deslocamento à própria instituição para pesquisa. A partir dessas visitas os pesquisadores fizeram o inventário da documentação relevante disponível através do preenchimento das fichas em excel elaboradas pelo CTI, e realizaram uma análise dos dados buscando cotejar informações relevantes à elaboração das fichas de localidade.

Segue abaixo uma lista das Instituições pesquisadas em cada Estado, que também pode ser encontrada no Anexo 4 – Contatos:

1. Equipe São Paulo[2]:

Acervo do DAEE

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL 'WASHINGTON LUÍS'

ARQUIVO METROPOLITANO DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA

Assembléia Legislativa (ALESP)

Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)

Biblioteca e Mapoteca da FFLCH-USP

Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP)

Museu Paulista (MP-USP)

Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Energia e Saneamento

Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII-USP)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

RFFSA (Inventariança) e Acervo CPTM

2. Equipe Paraná:

Acervo Pessoal Paulo Porto

Administração Regional da Funai de Guarapuava - Paraná.

Arquivo Público do Estado do Paraná

Biblioteca Central dos Estudantes (UEM)

Biblioteca Central (UEL)

Biblioteca Municipal de Guaíra

FUNASA - PR

[2] A lista de Instituições aqui presente não se refere ao inventário de acervos pesquisados. Maiores informações sobre esse inventário e suas instituições estão disponíveis no Anexo 4 – Contatos. Aqui trata-se apenas da listagem de Instituições contatadas por cada equipe regional.

Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá

Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss

Museu Paranaense

Museu Sete Quedas

Secretaria Estadual de Educação

Universidade do Oeste do Paraná

3. Equipe Santa Catarina

Acervo Escola Indigena Biguaçu

Arquivo Público Estadual de Santa Catarina

Arquivo Público Municipal de Joinville

Arquivo Público Municipal de Florianópolis

Biblioteca Central-UFSC

Biblioteca Nacional de Lisboa

Biblioteca Pública de Santa Catarina

Biblioteca Setorial-Centro Educação

Centro de Memória e documentação do Oeste Catarinense

Centro Indigenista Missionário (CIMI)

Comissão e Apoio aos Povos Indígenas de SC (CAPI)

Comissão interdisciplinar de ensino superior indígena

Empresa de Pesquisa Agropecuária e extensão rural de Santa Catarina

FUNAI Administração executiva Regional de Chapeco

FUNAI/Museu do Índio

Fundação Nacional de Saúde

Fundação Nacional do Índio - Núcleo de apoio Palhoça-SC

Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina

Laboratório de História Indígena

Museu Sambaqui de Joinville

Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral

O Museu do Homem do Sambaqui "Padre João Alfredo Rohr", S.J.

Projeto Rondon

Secretaria de Educação do Estado

Universidade Comunitária Regional de Chapecó

Universidade do Extremo Sul Catarinense

Universidade do Oeste de Santa Catarina

Universidade do Sul de Santa Catarina

Universidade do Vale do Itajaí

Universidade Estadual de Santa Catarina

4. Equipe Espírito Santo:

Arquivo Público Estadual do Espírito Santo

Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim

Biblioteca Pública do Estado do Espírito Santo

Conselho Indigenista Missionário - Regional Leste

Fundação Nacional do Índio - Administração Executiva Regional de Governador Valadares

Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional - Espírito Santo

Fundação Nacional de Saúde - Coordenação Espírito Santo

Instituto Jones dos Santos Neves

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Jornal Eletrônico Século Diário

Museu de Biologia Mello Leitão

Secretaria Estadual de Saúde do Espirito Santo

Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Lazer de Aracruz

Secretaria Municipal de Educação de Aracruz

Universidade Federal do Espírito Santo

5. Equipe Rio Grande do Sul

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellhinho

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Arquivo Histórico Municipal de Rio Pardo

Biblioteca da PUC-RS

Biblioteca da UFRGS

Biblioteca da Unisinos

Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

Centro de Cultura Missioneiro

CEPA

Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI-RS)

Conselho de Missão entre Índios

Curia Metropolitana de Porto Alegre

Fototeca Sioma Breitman

Instituto Anchietano de Pesquisas

Museu Antropológico Diretor Pestana

Museu Antropológico do Rio Grande do Sul

Museu de Comunicação Hipólito da Costa

Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Arquivo Histórico Ultramarino)

6. Equipe Rio de Janeiro

Arquivo Nacional

Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música

Biblioteca Central do Gragoata Universidade Federal Fluminense

Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica

Biblioteca do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza

Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Biblioteca do Centro de Tecnologia

Biblioteca do Museu Nacional

Biblioteca Francisca Keller do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Biblioteca José Alencar da Faculdade de Letras

Biblioteca Kalman Silvert

Biblioteca Lucio Costa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

Biblioteca Pedro Calmon do Forum de Ciência e Cultura

Biblioteca Prof. Alfredo Galvão da Escola de Belas Artes

Centro de Documentação de Línguas Indígenas

Museu do Índio (FUNAI)

7. Pesquisa em acervos on-line:

Arquivo do Estado do Paraná

Bibi/Dedalus

Biblioteca AECID

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

Biblioteca Nacional

Center for Research Libraries

Classiquesdessciencessociales

CTI

História dos Índios (UNICAMP/John Monteiro)

ISA

Jstor

Minerva

Museu do Índio

Museu Paranaense

Persée

Revues.org

Scielo

Tellus

Como se pode notar pela extensão da lista de instituições pesquisadas, é extremamente vasta a documentação histórica sobre a população guarani. Apenas nessas instituições brasileiras, catalogamos mais de 50 fundos documentais distintos, com uma descrição geral das informações relevantes para o histórico de ocupação dos Guarani. Entre os fundos mais importantes, cabe destacar o conjunto documental a respeito do extinto Serviço de Proteção aos Índios, sob guarda do Museu Índio da

Funai, os Arquivos Públicos dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o acervo do próprio Centro de Trabalho Indigenista. Além desses acervos físicos, destacamos o fundo de relatórios de presidentes de província, disponíveis no site da Center for ResearchLibraries, de Chicago. No caso dos acervos a respeito da cultura material guarani, apontamos antigo fundo do Museu Paulista, atualmente sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, que conta com uma série de artefatos coletados nas aldeias guarani do litoral paulista desde o início do século XX. Fizemos inclusive contatos com o Museu para que pudéssemos fotografar individualmente as peças que não se encontram totalmente organizadas. Embora a resposta tenha sido positiva, o MAE entrou em obras e até o momento não soube dizer quando seria possível disponibilizar as peças para tanto.

Também realizamos pesquisa em algumas das principais bibliotecas espanholas, que contam também com um rico material a respeito dos guarani em sua relação com a colonização espanhola. O resultado dessa pesquisa está sendo sistematizado em relatório à parte.

II.4.3 - Levantamento Bibliográfico

Para realização do levantamento da bibliografia disponível sobre os Guarani, partimos de trabalhos anteriores realizados pelo antropólogo jesuíta Paraguai Bartomeu Melià. Em duas publicações conhecidas, Melià disponibilizou um vasto inventário comentado a respeito da literatura disponível. A primeira dessas obras, *Guarani: Uma Bibliografia Etnológica*, foi publicada em 1987 e conta com um catálogo de 1163 volumes desde publicações do período colonial até a bibliografia etnológica mais recente, incluindo livros, teses, publicações seriadas e até manuscritos. O segundo compêndio foi publicado em 2002 na *Revista das Indias* sob o título de *O Guarani Revisitado.* Esse volume traz um catálogo de 592 títulos publicados apenas entre 1987 e 2002, entre livros, teses, artigos e traduções.

Durante o Levantamento Preliminar do INRC recatalogamos cada um desses volumes apresentados por Melià tanto nas fichas do IPHAN (separando publicações seriadas de não-seriadas e de textos inéditos e manuscritos) como no Banco de Dados Guarani (separando também livros de teses). Além do trabalho manual de recadastramento do levantamento pré-existente, atualizamos o inventário bibliográfico até 2009. Ao final do trabalho, apenas para publicações seriadas e não-seriadas contamos com um total de 2171 títulos sobre os Guarani[3], com cerca de 400 títulos adicionados ao levantamento de Bartomeu Melià em apenas 7 anos de intervalo. A cada um desses títulos acrescentamos palavras-chave temáticas na coluna de assuntos.

Acreditamos que esse levantamento será de muita utilidade tanto aos pesquisadores como aos próprios Guarani uma vez que todo esse compêndio encontra-se ao final desse processo disponível on-line na biblioteca digital, contando com mecanismos de cruzamento de dados e busca avançados que se afiguram com instrumentos muito úteis de pesquisa. Em sua introdução ao *Guarani Revisitado*, Melià afirma que para navegar no “mare magnum" da bibliografia guarani é preciso uma boa bússola e uma estrela. Certamente não haverá bússola melhor que os comentários do próprio autor aos inúmeros volumes por ele catalogados, lidos e comentados. Entretanto, com a inserção desse levantamento na Biblioteca Digital pretendemos dotar o navegante também de um GPS que esperamos ser útil.

II.4.4 - Balanço dos Registros Inventariados durante o Levantamento Preliminar

Além dos títulos bibliográficos, que totalizaram mais de 2000, como mencionado, entre publicações seriadas e não seriadas, o levantamento preliminar disponibiliza ao seu final um catálogo de objetos da cultura material guarani, vídeos, coleções fotográficas, documentos e fundos documentais. Dentre os fundos

[3] Uma vez que parte pequena dos títulos listados por Melià que não estavam publicadas foram catalogadas em Textos Inéditos e Manuscritos não podemos precisar exatamente quantos títulos foram acrescentados ao levantamento pois se misturaram com a pesquisa documental. Por isso, apontamos o montante estimado de cerca de 400 títulos.

documentais descritos, contabilizamos 59. Dentre os documentos relevantes selecionados nesses fundos há mais de 800 documentos sendo parte importante deles do acervo do próprio CTI. Os objetos da cultura material guarani inventariados ultrapassam a cifra de 400, sendo a principal parte deles dos acervos do MAE/USP e do MI/FUNAI. Os mapas e pinturas que também compõem o anexo de "Registros Audiovisuais" totalizaram cerca de 80 itens catalogados, e os CDs de músicas guarani são mais de 20. As coleções fotográficas relevantes a respeito dos Guarani que foram inventariadas são 6. Para além das instituições mencionadas nos itens anteriores, nas quais a equipe fez pesquisa in loco, o Levantamento Preliminar envolveu registros presentes em 112 Instituições, todas elas listadas no Anexo 4 – Contatos, das fichas do INRC.

Ressaltamos, entretanto, que a pesquisa realizou, conforme a orientação do manual do INRC e a própria disponibilidade da equipe contratada para tanto, apenas uma "varredura inicial" de todo esse universo de registros a respeito dos Guarani. Certamente, os instrumentos adquiridos durante o processo permitiriam um aprofundamento muito maior da pesquisa além de um aproveitamento melhor do tempo dos pesquisadores envolvidos. Nesse sentido, consideramos extremamente positivo o resultado dessa fase preliminar enquanto possibilitador da criação da Biblioteca Digital Guarani como meio de constantemente aprofundar a pesquisa e ampliar a colaboração com os mais diversos pesquisadores. Estamos certos de que esses esforços iniciais poderão ser compartilhados inclusive com os pesquisadores e demais parceiros dos Guarani sediados nos outros países onde esse povo mantém sua ocupação de modo a servir como elemento propulsor para uma futura ampliação do INRC para todo o Território Guarani.

O resultado das pesquisas desse levantamento preliminar está todo disponível na referida Biblioteca Digital através dos endereços abaixo. Seguido do endereço inicial do site, apresentamos o caminho para as páginas de geração de relatórios no formato indicado nas fichas do IPHAN. Enfatizamos nesse sentido, que um aprofundamento da pesquisa de fontes secundárias do INRC Guarani poderá ser feito diretamente na plataforma on-line, garantindo uma padronização maior dos dados levantados. Além

disso, o CTI pretende continuar aprimorando o sistema desenvolvido visando incrementar as formas de cruzamento de dados e sua funcionalidade ao público mais amplo.

Site da Biblioteca Digital: http://bd.trabalhoindigenista.org.br

Relatórios no Formato das Fichas do IPHAN utilizados para Geração das Fichas em Word enviadas:

Anexo 1 – Bibliografia

1. LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS

Relatório de Livro:

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_livro

Relatório de Tese:

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_tese

2. PUBLICAÇÕES SERIADAS

Relatório de Artigo de Periódico

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_artigo

3. PEQUENOS IMPRESSOS (FOLDERS, CARTAZES, ETC

Relatório de Material de Divulgação

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_material_divulgacao

4. TEXTOS INÉDITOS, RELATÓRIOS TÉCNICOS E MANUSCRITOS

Relatório de Documentos e Conjunto de Documentos

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_documento

Anexo 2 – Registros Audiovisuais

1. FOTOGRAFIA E ARTES VISUAIS

Relatório de Fotos e Albuns de Fotos

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_foto

Relatório de Mapa e Pintura

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_mapa_pintura

Relatório de Cultura Material

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_cultura_material

2. VÍDEO

Relatório de Vídeo

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_video

3. GRAVAÇÃO SONORA

Relatório de Album de Músicas

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_sonoro

Anexo 4 - Contatos

Relatório de Instituições

http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=rel_ficha_iphan_instituicao

II.4.5 - Comentários sobre o Anexo 3 – Bens Culturais

No decorrer da primeira fase de realização do INRC "Valorização do Mundo Cultural Guarani", tivemos contato com um conjunto amplo de referências bibliográficas e com uma vasta documentação referente ao povo guarani. Foi com base nessas informações secundárias que fizemos a indicação de algumas referências culturais que podem ser desenvolvidas na fase de aplicação do INRC, segundo os critérios de escolha dos próprios Guarani, conforme orientação do Manual de Aplicação do INRC.

Certamente, a longa experiência de atuação do CTI diretamente nas aldeias, contribuiu muito para o tratamento dessas fontes secundárias na indicação das referências culturais aqui apontadas. Da mesma forma, deve-se ressaltar que durante o projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani" tivemos uma série experiências com ações de salvaguarda, realizadas diretamente nas aldeias. No relatório do projeto, podem ser vislumbradas ainda, uma série de outras práticas e conhecimentos que

poderiam também ser traduzidos na forma de “referências culturais”. Uma amostra interessante desses registros também pode ser visualizada no vídeo institucional do projeto denominado *Orereko Mbaraeterã.*

Entretanto, deve-se destacar que essas práticas e saberes culturais não são experimentados pelos Guarani no cotidiano (e nem se apresentam de antemão) como um conjunto de referências culturais, mas estão inseridos em processos dinâmicos de criação e circulação de saberes, experiências e relações. A eleição e a definição de alguns aspectos dessa vivência como referências culturais implicam processos de seleção, exclusão e objetivação, que envolvem escolhas conscientes e interessadas dos sujeitos produtores e mantedores desses processos, que são os próprios Guarani.

Dessa forma, nessa fase preliminar, não faria qualquer sentido apresentarmos uma listagem que se pretendesse exaustiva de um universo supostamente fechado de referências culturais guarani. Esse processo de objetivação de práticas e saberes na forma de bens culturais deve ser protagonizado pelos próprios Guarani, que selecionarão essas referências a partir do interesse que tenham na implementação de políticas voltadas para a proteção do seu patrimônio imaterial (que podem envolver ações ou planos de salvaguarda, registro de bens culturais, ou outras medidas que se mostrem relevantes, como a própria tradução de determinados conhecimentos tradicionais no âmbito das leis de propriedade intelectual). Optou-se, dessa forma, por limitar a indicação de possíveis referências culturais a serem inventariadas na próxima fase apenas com base na bibliografia já consagrada, na qual uma série de práticas e conhecimentos se encontram objetivadas a partir do olhar da antropologia. Certamente, esse conhecimento antropológico circula hoje nas próprias aldeias e sua forma de tradução é reapropriada pelos próprios Guarani, sendo um bom ponto de partida para a discussão na próxima fase do INRC.

II.5 – Os Guarani nos Registros Historiográficos em Acervos de Espanha

II.5. 1 - Apresentação

Este relatório é resultado de uma pesquisa concisa sobre os registros historiográficos disponíveis sobre os Guarani em acervos hispânicos, realizada na primeira quinzena de outubro de 2010 em Madrid, Sevilha e Barcelona. As consultas às biblotecas e arquivos na Espanha ocorreram no âmbito do Projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani" efetivado por meio de parceria entre o Centro de Trabalho Indigenista - CTI, a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID e o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O objetivo desta pesquisa foi levantar indicadores para o mapeamento de fontes documentais e bibliográficas existentes na Espanha que dizem respeito aos Guarani, principalmente as que versam sobre os primeiros séculos da colonização da América do Sul[4].

Em razão do breve período de tempo disponível para as consultas in loco nos acervos, os pesquisadores antropólogos Paulo José Santilli e Maria Inês Ladeira, de São Paulo, procederam a buscas preliminares na *web* se inteirando das coleções existentes, ao tempo em que a historiadora Paz Perez Catalá[5], de Madrid, em setembro, fez as primeiras visitas à Biblioteca Nacional de España para se inteirar da estrutura e do sistema de consulta da Instituição e reservar títulos indicados pelos pesquisadores brasileiros, de modo a tornar mais produtiva a estadia na Espanha.

Já na Espanha foram feitas incursões aos acervos da Biblioteca Nacional de España (BNE), do Archivo General de Indias (AGI), da Biblioteca da Escola de Estudios Hispano-Americanos (EEHA), da Universidad de Sevilla (US) e da Biblioteca da Universidad Autônoma de Barcelona (UB). Cada um desses acervos possui peculiaridades e estruturas específicas de classificação e disponibilização de

[4] Pesquisas bibliográficas e documentais nos acervos de Instituições brasileiras foram realizadas no âmbito do mesmo Projeto, no ano de 2009, incluindo os estudos acadêmicos recentes produzidos no país.

[5] A equipe foi constituída pelos antropólogos Maria Inês Ladeira (CTI) e Paulo Santilli (UNESP), residentes em São Paulo (Brasil) e da historiadora Paz Perez Catalá.

documentos e livros, conforme pode se pode verificar em detalhes no item ll.5.3 deste relatório: “Guia de uso de los principales archivos y bibliotecas españoles para la investigación sobre la historia y cultura Guarani”, elaborado para orientar o acesso de outros pesquisadores nesses e em outros arquivos de interesse, cuja íntegra se encontra em meio digital no CD em anexo a este relatório. Se a Bilbioteca Nacional de España impressiona pela extensão de seu acervo que inclui conjuntos de mapas raros, o Archivo General de Índias conserva preciosa coleção de manuscritos originais, em sua maior parte não publicados. Quanto à Biblioteca da Universidad Autônoma de Barcelona, a qual tivemos livre acesso, também nos surprendeu o acervo de obras relativas aos Guarani, icluindo produções acadêmicas mais recentes das áreas de etnologia e história.

Uma cópia de um volume encadernado com uma seleção de extratos de manuscritos relacionados às Missões Jesuíticas na Região Platina nos séculos XVII e XVIII Guarani constantes na Biblioteca Nacional, no Archivo Histórico Nacional e na Real Academia de la História, transcritos por Artur Henrique Franco Barcelos (investigador brasileiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) em setembro de 2000, nos foi cedida com a devida autorização pela Profa. e etnohistoriadora Teresa Cañedo-Arguelles. (Na mesma ocasião fomos presenteados, muito oportunamente, com um livro de sua autoria “Un modelo de Colonización en el Alto Paraná – La Província de Corrientes en los siglos XVI y XVll”. Madrid: C.S.I.C., Centro de Estudios Históricos, Departamento de Historia de América, 1988).

Sobre a consulta aos acervos

Apesar do pouco tempo disponível e da vastidão de documentos encontrados nos respectivos acervos, foi possível rastrear algumas das principais coleções bibliográficas e documentais e manusear raríssimos exemplares das edições originais de textos consagrados na literatura sobre os Guarani, tanto dos viajantes que primeiro adentraram o território do Rio da Prata como Pedro de Mendoza, Juan de Ayolas, Domingo Martinez de Irala e especialmente Alvaro Nuñez Cabeza de Vaca, quanto de missionários da Companhia de Jesus entre os quais se destaca o Padre Ruiz Montoya.

Interessante seria apreciar a literatura produzida na região do Rio da Prata no século XVI concomitante a dos viajantes e missionários da Companhia de Jesus que viveram no mesmo período junto aos povos de filiação linguística tupi na costa atlântica do Brasil, entre os quais os célebres padres Manoel da Nóbrega, em cujas cartas encontram-se os registros primordiais das relações entre os povos nativos e os colonizadores europeus no Atlântico Sul, e José de Anchieta, que além do trabalho de evangelização, deixou entre tantos escritos a "primeira" gramática contendo fundamentos da língua tupi.

Embora nosso foco tenha se direcionado num primeiro momento aos documentos e registros referentes aos Guarani na Região Platina do século XVl, os escritos dos missionários da Companhia de Jesus, que se avolumam a partir do século seguinte, despertaram nossa atenção pela riqueza e detalhamento dos estudos lingüísticos, como acerca dos conhecimentos botânicos e medicinais guarani[6] que, por sua vez, instigaram a elaboração de gramáticas e vocabulários específicos.

As coleções de mapas elaborados em diferentes períodos também retratam a história da formação e demarcação dos territórios nacionais que se sobrepuseram aos territórios indígenas na Região Platina. Uma análise cronológica dessa "história visual" reportada em mapas revela como o "País de la Plata" foi sendo retalhado ao compasso das guerras e tratados, em sincronia ao desaparecimento da nomenclatura das nações indígenas e de seus territórios de ocupação constantes nas primeiras cartas geográficas da América do Sul, até a total extinção dessa referência já no início do século XX.

Já no século XVII, os estudos e análises sobre os registros documentais produzidos no século anterior dão início à formação de uma vasta historiografia sobre a "conquista do continente" e os "trinta povos das Missões". Um dos primeiros historiadores foi Ruiz Diaz de Guzman que escreveu em 1612 a "Historia de las províncias del rio de la Plata". Em meados do século XVIII o Padre Pedro Lozano (nascido em 1697), cronista da Companhia de Jesus, deixou farta literatura entre os

[6] Por exemplo: "Libro de medicina en lengua guaraní; Libro de medicina por orden alphabetico, em español", de Gregorio lópez (1542-1596) - microfilme encontrado na BNE. "Arte, vocabulário y tesoro de la lengua guaraní" de Pe. Antonio Ruiz de Montoya, de 1639.

escritos relacionados ao Tratado de Madrid (1750) e a "Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman". Esses e outros precederam a formação de um incomensurável e fértil acervo historiográfico[7] que ainda se expande nos dias atuais, sobretudo no que diz respeito ao período das missões jesuíticas entre os Guarani. Entre as recentes produções sobre o tema, cabe mencionar o título "Religión y Poder en las Misiones de Guaraníes" de Guillermo Wilde (Buenos Aires: SB, 2009), que procede a uma análise histórica do período tanto a partir de documentos originais como na profusa literatura missioneira.

Sobre a história da produção escrita relacionada aos Guarani é incomparável à detalhada compilação de fontes bibliográficas comentadas de autoria do jesuíta lingüista e antropólogo Bartomeu Melià: são referenciais "Guaraníes y Jesuitas en tiempo de las Misiones" (Melià, Bartomeu; Nagel, Liane Maria. Asunción, Santo Ângelo: CEPAG, URI, 1995); "O Guarani uma bibliografia etnológica" (Melià Bartomeu; Saul Marcos Vinicios de Almeida; Muraro, Valmir Francisco. Santo Ângelo: Fundames Centro de Cultura Missioneira, 1987) e "La novedad guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas) revisita bibliográfica (1987-2002)" (In: Revista de Índias, vol.64 - número 230, 2004). Nessas bibliografias Melià dá relevo aos principais temas abordados pelos historiadores e etnólogos tanto na obras publicadas quanto na produção textual acadêmica, até o ano de 2002[8].

Face à extensão da produção literária sobre os Guarani, pouco podemos acrescentar aos estudos já realizados, especialmente aos relativos às Missões Jesuíticas. No curto período de tempo no qual pudemos nos dedicar às consultas nos acervos, coube-nos apenas selecionar e reunir, entre tantos, alguns títulos (escritos e mapas), que constam digitalizados no CD em anexo compondo um pequeno acervo digitalizado das mais remotas fontes coloniais e uma breve relação de obras catalogadas nos arquivos e bibliotecas mencionados. Cabe esclarecer que não se trata

[7] Com destaque ao conjunto da obra de Pablo Pastells "Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil) com extratos coligidos a partir de 1568.

[8] As duas últimas publicações citadas podem ser acessadas pela internet.

aqui de uma pesquisa conclusa, mas apenas de indicações introdutórias de procedimentos e possibilidades de pesquisa a serem desenvolvidos mais amplamente.

Por fim, com o intuito de aguçar o interesse na realização de novos estudos, elegemos também alguns temas, tópicos e passagens escritas que permeiam a imagem dos Guarani na documentação colonial que nos instigaram durante o período dessa breve pesquisa, e que serão abordados a seguir.

II.5.2 - Os Guarani e a historiografia – notas de pesquisa

1. Etnônimo e território

Trata o presente texto de um breve roteiro de pesquisa sobre os registros historiográficos disponíveis sobre os Guarani em acervos hispânicos.

O etnônimo Guarani, assim como outros tantos termos designativos utilizados para os povos americanos cujos territórios de ocupação tradicional foram partilhados entre domínios coloniais concorrentes, adquire múltiplos sentidos nos registros documentais, em razão da diversidade de relações estabelecidas entre os cronistas e as populações nativas ao longo dos distintos períodos em que se delinearam tais domínios.

São muitos os percursos possíveis para se reunir registros documentais referentes aos Guarani, a secular colonização na América produziu uma vastidão de registros documentais que se acumularam, em grande parte em acervos hispânicos: se por um lado, a pletora de sentidos conferidos a um mesmo termo designativo requer do pesquisador com o propósito de perfazer uma unidade ou continuidade - seja demográfica, lingüística, espacial, sociológica, étnica, cultural - a crítica historiográfica de sua acepção volúvel, por outro lado são também diversos os etnônimos que requerem o cotejo com as fontes etnográficas para a interpretação do contexto em que são empregados.

Imbricados já nos limites do primeiro marco da história oficial da disputa entre os reinos ibéricos, cindidos pela linha divisória do Tratado de Tordesilhas em 1494, os territórios de ocupação tradicional guarani foram se delineando em seus contornos na

documentação colonial a partir dos relatos de viagem dos primeiros navegantes que aportaram o litoral sulamericano no início do século XVI, encontrando-o densamente povoado com os assim designados povos Tupi, Tupinambá, Tupiniquim, Tabajaras, Tamoios…, com quem os portugueses logo incrementaram a exploração de pau Brasil e papagaios. As referências aos Guarani, envolvendo tantos outros termos designativos - Cario, Carijó, Arachànes, Guarany, aplicados a grupos locais -, remontam aos relatos das expedições que avançaram sucessivamente pela costa meridional do continente sob o comando de Gonçalo Coelho, Américo Vespúcio, Juan Diaz de Solis, Cristóvão Jaques, Alejo García, e reportam, a princípio, aos habitantes em aldeias dispostas pelo litoral contíguas às Tupi ao sul do Brasil, entre a ilha de Cananéia e a Lagoa dos Patos[9]. Tais referências, a princípio atinentes a este trecho da costa indicam milhares de habitantes Cario, Carijó na ilha de Santa Catarina e Aràchanes no estuário do rio Grande[10]. Seguindo adiante pela costa austral do continente, a expedição dirigida por Juan Diaz de Solis alcançou em 1516 a foz do rio que os espanhóis conheceram inicialmente com o nome guarani Paraná-Guazú[11] e designaram posteriormente rio de

[9] "(…) *Hasta aqui* – Laguna de los Patos - *se estiende la nacion de los indios que empieza a poblar los campos desde el rio de la Cananea: es gente dócil y muy dispuesta para recibir el Evangelio y, sobre todo, se señalo siempre en no comer carne humana, con ser manjar muy usual y apetecido de sus comarcanos, con quienes tienen continuas guerras, especialmente con los guayanás"* (Lozano, 1873,I:16).

[10] "(…)*Rio Grande, que dista 60 leguas del de la Plata; este tiene dificultad en la entrada, por la grande corriente con que sale al mar, frontero de la isla pequeña que le encubre la boca, y entrado dentro es seguro y anchuroso, y se estiende como lago. En sus riberas por una y otra parte están poblados mas de 20,000 indios guaranís, que los de aquella tierra llaman Arachànes; no porque en las costumbres y lenguaje se diferencien de los demás de esta nación, sino porque traen el cabello revuelto y encrespado para arriba, Es gente muy dispuesta y corpulenta, y tiene guerra ordinaria con los indios Charrúas del Rio de la Plata, y con otros de tierra adentro, que llaman Guayanás: aunque este nombre dan á todos los que no son guaranís, puesto que no tengan otros propios.*" (R.Diaz de Guzman [1612] 1854,I:5);
"(…) *puerto llamado Laguna de los Patos… hay en este asiento y comarca más de 10000 indios guaranís… Isla de Santa Catarina… muy poblada de indios guaranís, y en este tiempo esta desierta porque se han ido los naturales de tierra firme, y dejando las costas se han metido entre los campos y pinalles de aquella tierra*." (R.Diaz de Guzman [1612] 1854,I:12).

[11] Nos termos de Lozano, sobre o termo guarani Paraná-Guazú, "…*hubo de los indios de quienes tomó lengua de lo que por alli habia*". Após a odisséia de Ayolas à procura de metais preciosos, finalmente, a difusão da notícia de haver encontrado prata entre os índios no alto vale daquele rio, veio de encontro à obsessão colonizadora, o que bastou para o re-nominarem, rio da Prata.

Solis e, rio da Prata, em cujas margens depararam-se, por um lado, com os Guayanás - termo aplicado pelos Guarani para os falantes de outras línguas - e os Charruas - que então faziam guerra aos Guarani -, e por outro lado com os Acachapes e Querandis.

Nas décadas seguintes sucederam-se as expedições exploratórias enviadas de Castilla, como as empreendidas por Sebastián Caboto, Pedro de Mendoza, Juan de Ayolas, Domingo Martinez de Irala, Alvaro Nuñez Cabeza de Vaca, entre outras que passaram a adentrar o continente, e vieram acrescentar registros da população habitante no seu interior, em especial da presença guarani ao longo de uma vasta extensão contínua, abrangendo desde a confluência dos rios Paraná e Paraguai, os formadores do Prata ao sul, ambas as margens do Paraná até a margem oriental do Paraguai a oeste, e o alto vale do rio Uruguai a leste. Pelo norte - poder-se-ia delinear nos registros escritos -, os contornos desta extensão contínua, e mesmo entremeada com a presença de tantos outros povos, já eram atingidos naquelas primeiras décadas de colonização pelas incursões empreendidas por portugueses e paulistas a partir das vilas de São Vicente e São Paulo, ao vasculharem as matas costeiras das imediações, e logo de meados do século XVI em diante, também pelas 'Entradas' e 'Bandeiras' que passaram a avançar pelo o rio Ayembi/Tietê, percorrendo as aldeias situadas no chamado 'Sertão dos Carijó', e muito além por todo o vale do Paraná. Remontam ainda a meados do século XVI os primeiros registros dos Chiquitos, Chiriguanos, que teriam então se deslocado desde este vasto território contínuo para oeste, junto às encostas dos Andes.[12]

[12] "(…) *dejando á la parte del norte en las faldas de la Cordillera del Perú, los indios Chiriguanos, que son los mismos que en el Rio de la Plata llamamos Guaranis, que toman las fronteras de los corregimientos de Mizque, Tomina, Paspaya y Tarija. Esta gente es averiguado ser advenediza de la provincia del Rio de la Plata, como en su lugar haremos mención*" (R.Diaz de Guzman ([1612] 1854, I:). O mesmo autor discrimina os diversos grupos locais dos quais procederam os designados Chiriguanos:
… los indios de la provincia del Paraguay se juntaron con sus caciques, y se determinaron á hacer una entrada y tornar á la parte donde Alejos García había hecho su jornada; y convocados muchos indios de la provincia, salieron por tercios y parcialidades á este efecto. Los de mas abajo, que son los indios del Paraná, entraron por el rio del Araguay, que es el que tengo dicho llamarse Pilcomayo, y estos son los fronterizos del corregimiento de Tarija. Los que estaban poblados donde hoy es la Asumpcion, entraron por aquel rio sobre el rio del Paraguay, y Caaguazú; y los indios de rio arriba Jeruquizaba, y Carayazapera, entraron por San Fernando.

2. De populosos povoadores a aliados "avassalados"

À primeira vista ressaltam da leitura dos cronistas mais antigos da colonização espanhola no vale do rio da Prata certos fatores constitutivos das relações que estabeleceram entre os índios, e que de modo mais evidente caracterizam e permitem situar os Guarani nos acervos documentais em meio a outros povos americanos, sobretudo andinos, cuja forte presença está significativamente associada a obtenção de metais/minerais preciosos. Em meio ao percurso fluvial das expedições exploratórias rumo às jazidas andinas, ressaltam dentre esses fatores mais marcantes, a disposição espacial peculiar dos Guarani por áreas tornadas então estratégicas, disputadas secularmente pelos reinos ibéricos, e, de modo particular, o expressivo contingente demográfico que os distinguia, aos olhos dos cronistas, dentre os povos vizinhos nas terras baixas do continente. (Diaz de Guzman [1612] 1854, I: 12; Montoya, 1639; Lozano, 1873, I:378ss.)

Pode-se constatar a proeminência de tais fatores desde a viagem de Alejo Garcia na década de 1520, considerada na historiografia a primeira travessia do continente, desde o litoral atlântico até o Peru, e da qual procedem os relatos escritos mais antigos sobre as relações estabelecidas entre os colonizadores e os índios habitantes na região; fatores estes que se repetiriam de forma reincidente em documentos posteriores e viriam caracterizar a imagem dos Guarani diante dos povos vizinhos na documentação colonial:

Estos son los que están poblados en el del Guapay, veinte leguas de la ciudad de San Lorenzo, gobernación de Santa Cruz… Llegadas estas compañías á la falda de la sierra del Perú, cada una de ellas curó de fortificarse en lo mas áspero de ellas ; y de allí comenzaron á hacer cruda guerra á los naturales comarcanos, con tanta inhumanidad que no dejaban á vida persona ninguna, teniendo por su sustento á los miserables que cautivaban. Con que vinieron á ser tan temidos de todas aquellas naciones, que muchos pueblos se les sugetaron sin ninguna violencia, con que vinieron á tener esclavos que les sirviesen, y muchas mugeres de quienes tuvieron generación: poblándose cada uno en la parte que mejor le pareció de aquellas fronteras, ***(que son los indios que hoy llamamos Chiriguanos en el Perú, que, como digo, son procedidos de los Guaranís)*** *de donde nunca mas salieron, ora por la imposibilidad y gran riesgo del camino, ora por codicia de la tierra que hallaron acomodada á su condición y naturaleza"* (Diaz de Guzman ([1612] 1854, I:19-20).

"(…) *partem de S. Vicente quatro portugueses… llevando en su companhia algunos indios de aquella costa… uno de esos cuatro portugueses se llamaba Alejos Garcia, estimado en aquella costa por hombre prático así en la lengua de los Carios, que son los Guaranís, como de los Tupis y Tamoyos… por el serton vinieron á salir al Rio del Paraná, y de él, atravesando la tierra por pueblos de indios guaranis, llegaron al rio del Paraguay, donde siendo recibidos y agasajados de los moradores de aquella provincia, convocaron toda la comarca… traian muchas ropas de estima, cosas de metal… Como gente codiciosa e inclinada á la guerra, se movieron con facilidad á ir con ellos, y juntos mas de 2.000 indios, hicieron jornada… encontraron muchos pueblos de indios de diversas lenguas y naciones, con quienes tuvieron grandes encuentros, ganando con unos, y perdiendo con otros… Al cabo de muchas jornadas, llegaron á reconocer las cordilleras y serranias del Perú… y robando y matando cuanto encontraban… con grande temor, y toda la provincia de los Charcas en arma… los mismos acompanantes acaban por mata-lo.*" (Rui Diaz de Guzman [1612] 1854,I:27-28)

"(…) *Poco ántes que Gaboto arribase al Paraguay, se salieron de la capitanía de San Vicente, en el Brasil, cuatro protugueses, no sé si con esperanza de mejorar fortuna ó movidos solo del deseo de ver y descubrir nuevas tierras, que es inclinacion natural de los hombres. El uno de ellos, Alejo Garcia, era muy périto en la lengua de los tupíes, que en buen número se le ofrecieron por compañeros de aquella empresa, y como es la misma, con poca diferencia, que la de los guaraníes, apotando á su país estos aventureros, pudieron entre ellos adquirir noticia de los opulentos reinos del Perú, y el Garcia persuadió á muchos guaraníes pasasen en su compañia á descubrir aquel imperio, de donde podrian traer metales preciosos y las otras cosas estimables de que decian abundam.*

Poco les moveria el interés á los que vivian contentos en su miseria, pero como es gente guerrera é inclinida á novedades, creo no seria necesaria mucha retórica para persuadirles fuesen á descubrir nuevos países. Obráse este ó aquel motivo, ellos en número de dos mil se dieron por compañeros de los portugueses, y caminando por aquellos llanos, poblados de diversas naciones, unas feroces, pacíficas otras, en estas no sientieron oposicion, pero aquellas les hicieron fuerte resistencia, y les fué forzoso

allanarse el camino con las armas, entre las cuales el espanto de las bocas de fuego… Al cabo de varias jornadas y aventuras dieron vista á las altas cordilleras del Perú, y encontrando por entre Mizqui y Tomina algunas pobleciones de indios vasallos del Inga, las asolaron robando y matando á sus moradores." (Lozano, 1874, II:27).

Mobilizados assim com o advento das armas de fogo e dos artigos manufaturados para as guerras acirradas entre os próprios grupos locais pelos colonizadores, e mesmo, arregimentados para as guerras de conquista então movidas aos outros povos, os Guarani aparecem mencionados, de modo recorrente, aos milhares[13]; as relações de guerra e aliança com chefes locais – seladas com o suprimento de alimentos e a cessão de mulheres aos soldados espanhóis -, permeiam a presença guarani na documentação mais remota da colonização (Montoya, 1639: IV-LXXIV; Lozano, 1873, I: 27-30; 1874, II: 110-166/7;).

A afamada expedição empreendida nos anos seguintes por Sebastian Caboto rumo ao Peru[14] aportou a costa atlântica, tomou nas aldeias guarani litorâneas guias,

---

[13] Para citar apenas a extremidade setentrional das explorações espanholas no século XVI "(…) l*a villa del Espíritu Santo, en cuya jurisdicción y comarca hay mas de 200 mil indios Guaranís, poblados así por rios y montañas, como en los campos y piñales, que corren hasta San Pablo, población del Brasil… Y corriendo el rio arriba del Paraná, hay otro muy caudaloso, que viene de hacia el Brasil, llamado Paranà-Pané, en el cual entran otros muchos, que todos ellos son muy poblados; en especial el que dicen Atibajiba, que contiene mas de 100 mil indios poblados de esta nación* (Diaz de Guzman [1612] 1854,I:9).
A montante de sete quedas (...)*Tres leguas arriba està fundada una ciudad, que llaman Puerto Real, en la boca de un rio que se dice Piquirì: està en el mismo trópico de Capricornio, por cuya causa es lugar enfermizo, y lo es todo lo mas del rio y provincia, que comunmente se llama de Guayra, tomado del nombre de un cacique de aquella tierra.*
Doce leguas adelante entran dos rios; el uno à mano derecha, que se dice Ubay; y el otro à la izquierda, llamado Muñey, que baja de la provincia de Xerèz, <le la cual, y de su población, à su tiempo se hará mención. El otro viene de hacia el este, donde està fundada, 50 leguas por adentro, la villa del Espíritu Santo" (Diaz de Guzman [1612] 1854,I:9).

[14] Conforme Lozano, Gaboto aportou à terra dos Patos, chegou ao Paraná e subindo o Paraguay, "(…) *Pasando adelante Sebastian Gaboto, llegó á un término que llaman la Frontera, por ser los límites de los Guaranís, indios de aquella tierra, y términos de las otras naciones: donde tomando puerto, procuró con todas diligencias tener comunicación con ellos; y con dádivas y rescates, que dio á los caciques que le vinieron á ver, asentó paz y amistad con ellos, los cuales le proveyeron de toda la comida que hubo menester. Con esto Gaboto hubo con facilidad algunas piezas de plata, y manillas de oro, manzanas de cobrer y otras cosas de las que á Alejos García habian quitado, y él habia traído del Perú, de la jornada que hizo á los Charcas, cuando le matáronlos indios de aquella tierra*" (Diaz de Guzman [1612] 1854:32).
"(…) La flota de Caboto, con 130 hombres a bordo, encontró distinto ricibimiento al norte,

práticos, intérpretes e incursionou pelo estuário do rio Paraná-Guazú, chamado à época pelos espanhóis rio de Solis, percorreu os rios Paraná e Paraguai e alcançou junto aos Guarani às suas margens local favorável para alojamento, obtenção de alimentos e arregimentação da população nativa para seguir as indicações então obtidas da ocorrência de prata na rota dos Andes. A área de ocupação Guarani às margens do Paraguay revelou-se um ponto privilegiado para abastecimento das expedições entre o litoral e a cordilheira, e consolidou-se nos anos seguintes com o ataque dos soldados comandados por Juan de Ayolas às aldeias conhecidas pelos nomes dos chefes locais Lambaré e Yanduazubí Rubichá e a distribuição dos despojos de guerra - a população vencida - pelos colonos castellanos.[15] A partir de 1536, com a construção da fortificação batizada N.S. de Asunción[16], *'el sitio'* "(…)*habitado por*

---

cerca de la ciudad de Corrientes, en el punto que denominaram Puerto de Santa Ana, donde señoreaban indios de filiación guaraní. Su cacique, Yaguarón, les ofreció hospitalidad y, lo que és más, la confirmación de que en alguna parte no lejos de allí existían, efectivamente, metales preciosos a juzgar por los adornos que estos indios exibiam. Este, integrado en una comunidad indígena ante la que debió atribuirse poderes de tipo shamánico, había conducido en 1524 una multitudinaria expedición de indios guaraníes con afán migratorio desde Brasil hasta la cordillera andina, donde luego establecerían su nuevo asentamiento los chiriguanos (guaranies)" (Cañedo-Argüeles, 1988:70).

[15] (…) "*Y aunque por las leyes de Castilla, que entonces únicamente se observaban en las Indias, sin tener otro derecho municipal, cuando se logra hacer prisionero á algun principal ó señor de vasallos, el valor de su recaste y sus tesoros pertenecen al rey, con todo el generoso emperador se deshacia de ese derecho á favor del Adelantado y de su milicia, con tal que fuera del quinto Real se le adjudicase la sesta parte para su Real Cámara, y en caso que el tal príncipe muriese en batalla, se reservase solo la mitad de sus tesoros para las Cajas Reales, repartiéndose la otra mitad entre los vencedores.*

Esta condición es prueba patente, ó de que se tenia corte y confusa notocia del pais, aun despues del descubrimiento de Gaboto, ó de que habia en la gobernacion del Paraguay muy claras noticias del imperio peruano, donde solo se podian encontrar esos príncipes y señores, cuando por acá no habia sino unos caciques tan desnudos de riquezas como de vestidos" (Lozano, 1874, II:64).

[16] "(…) *ademas de señalar gente que trabajase la fortaleza, traer todo género de vituallas con abundancia, y ofrecer un cuerpo de 8.000 guaranies para castigar á los agases destinaron competente número de indias, para que á cada soldado le sirviesen dos, y seis al capitan Oyolas, en los oficios domésticos, propios de su sexo. Y por que este ajuste se celebró en el año de 1536, dia 15 de agosto, consagrado á la Asuncion triunfante de la emperatriz de los cielos, fué occasion para que debajo del feliz auspicio de este glorioso misterio, se fundase y nombrase con este título la ciudad á que presto se dió principio*" (Lozano, 1874, II:118).

Emboscada bem sucedida aos agases, "(…) *acometió de improviso á los agases, que se cortaron con el susto, y sin poder empuñar sus armas, fueron todos los varones muertos, sin escapar ninguno, porque aunque Oyolas, quiso templar la saña de los auxiliares guaranies, no pudo,*

indios carioes ó guaranís, nación la más temida en todas essas provincias, pero muy benévola con los españoles" (Lozano 1870, I:) se tornaria estratégico, não apenas por sua localização na confluência dos rios Paraguay e Pilcomayo, cujas nascentes situadas a noroeste na cordilheira levam às minas de prata de Potosi, mas também por ser a região à época densamente povoada pelos Guarani - que ao se aliarem aos militares

---

porque podia mas en ellos la costumbre de encruelecerse con sus enemigos, que la sujecion á órdenes á que no estaban acostumbrados… El botin fué todo de los guaranies, porque no tenian alhajas que pudiesen escitar la codicía de los españoles, y era bien con aquella generosidad poco costosa, tener gratos los ánimos de los aliados. Corrieron despues la tierra y dejaron tan llenos de terror á los agases distantes, que vinieron despues á la Asuncion, á pedir la paz, y ofrecerse por confederados de los españoles…" (Lozano, 1874, II:119)

Capitanes Salazar y Gonzalo de Mendoza "*… volvieron con ánimo de dejar poblada la casa fuerte que habian levantado para uso de los españoles, los guaranies en su frontera; porque sin deseo de diferenciarse de sus antecesores, como muchos y es cosa ordinaria le agradó el mismo sitio que ellos habian escogido, juzgándole por cómoda escala para continuar aquella navegacion: por tanto se determinó á dejar alli por capitan á Gonzalo de Mendoza con sesenta soldados.*

Apenas aportaron alli, cuando vino à visitarlos el cacique principal de los guaranies Yanduazubí, con grande aunque deslucido acompañamiento, y le recibieron con agasajo y cortesia. Asegurándole de nuevo que estaban prontos á continuar la amistad y alianza pactada con los castellanos y guaranies, y digeronle que ya era tiempo de poblar en aquel sitio, y de que él cumpliese sus promesas de darle todo fomento por medio de sus vasallos… Quedóse aqui en esta occasion el capitan Gonzalo de Mendoza con sus 60 soldados, y este fué el principio, y como un bosquejo de la ciudad de la Asuncion" (Lozano, 1874, II:126).

"(…) Fuéles de consuelo á los afligidos castellanos de Buenos Aires la llegada de Salazar, y no menos su relacion de que en la frontera de los guaranies, habia abundancia de bastimentos, de que se gozaba alli sin zozobra por la buena correspondencia y síncera amistad de los guaranies; y aunque les pesó que no pareciese Oyolas, creo… (Lozano, 1874, II:126).

Ulrich Schmidl, reportando-se à expedição de Ayolas, ressalta a aliança deste com os Guarani: (…)*Ayolas, al remontar los ríos Paraná y Paraguay, se encontró con unos doce mil carios, que es lo mismo que decir guaraníes, con abundante comida: maíz, fruta y raíces comestibles, también pescado, carne de ciervo, ovejas y puercos, avestruces, gallinas y gansos, y un sinfín de canoas, cantidad de pieles de nutria que los españoles cambiaron por cuentas de vidrio, rosarios, peines, cuchillos y anzuelos. Shmidl comenta que estas tribus tienen por costumbre "comer carne humana de los prisioneros", si son mujeres jóvenes las dejan con vida, si son ancianas las dejan morir de vejez. Además tienen el curioso hábito de "vender a sus mujeres, de cambiarlas o trocarlas, … y muchas veces regalarlas", "una mujer puede valer una camisa, un cuchillo, un hacha .. ". Cuando Ayolas atacó uno de sus poblados llamado Lambaré, los guaraníes que no cayeron en las fosas construidas por ellos mismos para protegerse del enemigo, disimuladas con pajas, ramas e hierbas, huyeron, pero por no poder resistir a la persecución volvieron y ofrecieron a Ayolas seis venados, otras piezas y además seis mujeres, y otras tantas al resto de los soldados* (Ver também Lozano, 1874,II:118) .

espanhóis contra os Agases[17], tornando-os inimigos comuns, assim como contra os Guaycurú e os Payaguá que resistiram à instalação dos forasteiros –, tanto viabilizavam o estabelecimento dos colonizadores europeus na área com o provimento de alimentos, mulheres, quanto o empreendimento das expedições às minas andinas e o controle ao seu acesso com o engajamento de 'práticos', guias, guerreiros, remeiros, etc. (Lozano 1874,II:118-119)[18]. Ainda no século XVI Asunción atingiu seu apogeu

[17] Os Agases abordam a expedição de Gaboto no rio Paraguay em centenas de canoas e são repelidos pelos espanhóis. Gaboto "(…) *Llegó á la frontera, que es poco mas arriba de donde hoy está fundada la ciudad de la Asunción y era linde de la nacion guaraní y de otras parcialidades de indios, en cuyo puerto desembarcó, y fueran recibidos con igual admiracion que agasajo. Aquella, nacida de ver gentes nuevas, muy diferentes de ellos en los trajes y en las facciones; este mas por miedo que de voluntad, porque divulgada entre ellos la victoria conseguida de los agases, temian irritar con desmanes á los que sabian tan bien menear las manos para su despique, y los huespedes aunque se miraban respectados como vencedores, procuraban con humanidad de su trato conquistar sus ánimos, que es la victoria mas dificil, pero hablando con la lengua de las dádivas, que es la mas elocuente y persuasiva, y el arma mas poderosa, los llegaraon á ganar de manera que perdiendo el miedo, empezaron á tratar entre ellos los nuestros como amigos muy antiguos.*" (Lozano, 1874, II:24)
Agases repetem a abordagem à expedição Ayolas / Irala nos anos 1530 na confluência do Paraná e Paraguay: "(…) *llegaron victoriosos á los caribes ó guaraníes, que era la nacion mas poderosa pues se estendia mas de cien leguas por la costa oriental del Paraguay, y tierra adentro partian términos con el Brasil*" (Lozano, 1874, II:113).
Desde o forte Corpus-Christi próximo de onde seria fundada posteriormente Asuncion, Oyolas partitu para "(…) *empreender una jornada la tierra adentro hácia el poniente, para descubrir aquellas ricas provincias de que ya todos estaban noticiosos por el informe de los guaranies, para lo cual tenia resuelto dejar en guarda de los navios al capitan Domingo Martinez de Irala* (…)" (Lozano, 1874, II:122).
Sobre o prazo para a volta de Ayolas, Lozano reporta-se à carta do soldado Ulrico Fabro e ao cronista Herrera que "… *insinua, que no le prescribió mas término que el de la necessidad propia; desobligándole de esperar, solo en caso de que se le acabasen los bastimentos, por razon de que los payaguas se cansasen de acudir-le con ellos; porque entonces podria bajarse á la frontera de los guaranies amigos…*" (Lozano, 1874, II:122-3).

[18] "(…)*Señalánron se les solares convenientes en que fabricando sus casas aumentasen considerablemente la poblacion, y dando órden en los demás, hizo el gobernador Irala nuevo padron de la gente de guerra, por tener pronta defensa en cualquier peligro que ocurrise por parte de los indios.*
Halláronse solamente seiscintos soldados… A estos (indios comarcanos) *convocó, y deseoso de atender al bien de sus almas procuró disponerlos para reducirlos al gremio de la Iglesia, haciendo que algunos religiosos les diesen á entender por medio de intérpretes los principales misterios de nuestra santa fé, esplicándoselos con razones fáciles de comprender… No se descuidaba al mismo tiempo Irala con recordarles las nuevas obligaciones (que habian contraido con el nuevo vasallaje) de servir al rey de Castilla, y la obediencia y lealtad que le debian profesar como á su monarca soberano. Fué mas feliz en este asunto, porque se ofrecieron gustosos á obedecer prontamente, como fieles vasallos, cuando se les mandase en*

enquanto base de conquista e recrutamento da população nativa para expedições de exploração e colonização de uma vasta região entre o Atlântico e o Pacífico que viria constituir a Província do Paraguay. O incremento das relações entre soldados espanhóis e mulheres guarani consistiu não apenas prática corrente desde os primórdios da colonização, como também política de Estado estabelecida formalmente desde a designação do primeiro governante espanhol, o 'adelantado' Don Pedro de Mendoza, e consolidada pelo sucessor Domingo Martinez de Irala, que inclusive pela postura pessoal - tendo dez filhos de mães guarani, sete casadas com espanhóis -, prestou-se a liderança e modelo para os adventícios (Godoy, 1995:123).

3. A erva Paraguay sob encomienda

As relações estabelecidas pelos conquistadores espanhóis com os grupos locais guarani, relatam os cronistas das primeiras décadas do século XVI, resultaram tanto na instalação dos colonizadores em meio às aldeias e no empreendimento de novas expedições de conquista entre outros povos, como também na difusão espetacular do consumo da erva que vicejava naquela região, chamada pelos índios 'Paraguay' - nome este que se estenderia posteriormente ao grande rio, à província e ao país. Devido a suas propriedades estimulantes, era comparada pelos espanhóis à coca do Peru e ao chá da China, e com pouco tempo de sua instalação em N.S. de Asunción passou a ser comecializada em toda província de Charcas, em Tucuman, Buenos Aires, nos Pampas e em Potosi (Lozano, 1873,I:207-208). Uma vez estabelecidos em Asunción, os colonos espanhóis dedicaram-se a exploração da força de trabalho da população guarani, engajando-a forçosamente sob o regime de 'encomienda', na produção intensiva

---

su real nombre. Así lo cumplieron en las ocasiones ocurrentes, especialmente en la guerra que el Gobernador movió contra los yapirus, antiguos enemigos de los guaranies y españoles, los cuales conspiraron con los payaguas en la muerte de Oyolas y los suyos, y por esa traicion fueron ejemplarmente castigados, siendo nuestros fieles ausiliares los guaranies. Con igual felicidad se portaron en la jornada que el gobernador deseó hacer para reducir los pueblos de Ibitiruzú, Tebicuari y Monday, y otros del rio Paraguay arriba, á los cuales pacificó y dejó amigos," (Lozano, 1874, II:174-5).

(extenuante), que chamavam então 'beneficiamento' - extração, torragem, moagem, enfardamento, transporte - da erva 'Paraguay', mais tarde conhecida como erva-mate (Montoya, 1639:7-11; Lozano, 1873, I:195-214).

1707

- Decreto Real sobre Trabajo de Indios

Ciudad la plata, Prov. Charcas

(…) cumplisse lo dispuesto… dey reyno sobre q' los Indios q' estan á cargo de los Padres de la Compa. de Jesus en el Paraguay en sus tres Doctrinas sean compelidos á assistir al beneficio de la Yerba…

cartas que obligaban á los Indios de tres pueblos de dhas Reducciones… á q' fuessen á Maracayú a beneficio de la Yerba que llaman del Paraguay, (y q' esta es la mas pesada carga del servicio personal á los españoles que se les puede imponer) en virtud de las Reales Cedulas expedidas por informar de essa Audiencia y Arzobispo aquienes tienen las cosas mas proximas, y que si llega á cumplir la dha Cedula seria para Ruyna espiritual y temporal no solo de los Indios presidiarios, sino de todos los de mas de dhas Reducciones, y aun de las Ciudades, y Pueblos de los Españoles de los Goviernos del Paraguay, y Buenos Ayres, con que los Portugueses Mamelucos del Brasil tendran el Camino franco para apoderarse de los reynos del Perú, y minas de Potosí, y se c… rara la puerta á la Conversión de los Infieles, y á la manutención de los ya convertidos en el Paraguay. Suplicando me mande recoger las Cedulas en q'se ordena se obligue á estos Indios al servivio, y beneficio de la Yerba del Paraguay, y aumentarles sus tributos en atensión á ser Indios presidiarios, y á estar en possession desde su Conquista de no empleare en semejante travaxo dando los fundamentos para esta suplica de q' distando dhas Doctrinas de Maracayú – mas de cien leguas era preciso que los tiempos contrarios á su salud… "

instassem los Indios en el beneficio… q'no se haga novedad en q'lo Indios que estan á cargo de los Religiosos de la Companhia de Jesus del Paraguay sean compelidos al beneficios de la Yerva suspendiendo p'aora qualesquier ordenes en contrario y q'se cumpla … y se escusaran las molestias á los miserables Indios y q'les mande despachar Cedula a essa Audiencia…. (pp.48-9)

4. Missões – reduções e expansões

Dos vários fatores que marcaram a imagem dos Guarani nos primeiros registros coloniais – guerra, canibalismo, aliança, insurgência, sujeição -, sobressaem as dimensões demográficas dos grupos locais dispostos por uma vasta extensão territorial – do litoral atlântico às encostas andinas -, como também a sua mobilização e/ou mobilidade, notada a partir das relações estabelecidas entre militares, colonos, religiosos hispânicos e chefes locais, lideranças rituais indígenas, que, já durante o século XVII viriam conferir proporções inauditas à atuação missionária dos jesuítas e à sua obra de conquista espiritual, resultantes em populosas reduções. Decorridos poucos anos desde as primeiras incursões dos missionários jesuítas - vindos por um lado de Potosi, do vice-reino do Peru nos Andes em 1586 e, por outro, dos domínios portugueses na costa do Atlântico, das vilas de São Vicente e São Paulo - às aldeias guarani nos rios Paraná e Paraguai, logo no ano de 1607, foi instituída uma extensa província jesuítica, desmembrada das jurisdições eclesiásticas do Peru, do Chile, de Tucuman e do Rio da Prata, a Província Jesuítica do Paraguay. A concentração de populosos grupos locais Guarani motivou a rápida instituição desta nova província jesuítica destinada especialmente à sua evangelização.

As missões jesuítas perduraram entre os Guarani por mais de um século e meio, até a expulsão da Companhia de Jesus dos reinos ibéricos em 1768 e constituíram, certamente, em experiência histórica peculiar no contexto da colonização da América. Tanto as proporções demográficas da população Guarani agregada nas reduções missioneiras, a sua extensão, o tom épico da atuação e da literatura jesuíta, como a tônica da religiosidade inscrita na imponência arquitetônica dos templos, na peculiaridade das relações econômicas, sociais, culturais e, mesmo, na inquirição da cosmologia indígena, marcaram profundamente as sociedades sulamericanas, sua história e a da igreja católica. O impacto da experiência missioneira entre os Guarani no sistema colonial consiste um tema dos mais prolixos na historiografia do continente, a compreensão de sua duração, extensão e possíveis significações é parte

indissociável da constituição das fronteiras políticas, territoriais, linguísticas, étnicas, como também éticas, militares e religiosas na América do Sul.

Para uma simples observação de como o tema das missões guaraníticas perpassa a compreensão do processo histórico de formação de fronteiras lingüísticas, territoriais, de domínios coloniais e estados nacionais, é oportuno atentar para o portentoso trabalho lingüístico do padre Antonio Ruiz de Montoya, que por sua acuidade e extensão tem difundido mundo afora, em sucessivas edições - desde a primeira feita em Madrid no ano de 1639 -, a imagem e a admiração pela língua e cosmologia guarani. Montoya, o grande mentor e maior expoente, artífice, estrategista das reduções jesuíticas guarani, dedicou-se ao aprendizado e registro sistemático da língua durante os anos em que atuou como missionário na redução de Loreto, fundada em 1610 às margens do rio Paranapanema (pelo padre José Cataldino) na então província do Guayrá. Desta redução em que os jesuítas mais avançaram sua atuação ao norte, e segundo Lozano, se produzia "*la mas selecta yerba del Paraguay, que es celebrada aun en el Perú, con el nombre de yerba de Loreto*" (Lozano, 1870,I:54), Montoya desencadeou em 1631, a retirada de milhares de índios para o baixo curso do rio Paraná, junto à margem oposta do rio, diante da eminência de um ataque dos bandeirantes paulistas à captura de escravos. Retrocedendo à margem direita do rio Paraná, os jesuítas buscavam a proteção da coroa espanhola, que nas décadas anteriores, havia desmembrado a jurisdição do vice-reino do Peru com a instituição da Provincia del Paraguay, atendendo aos apelos daquele que seria o primeiro governador criollo do continente, Hernando Arias de Saavedra Hernandarias, pela necessidade de um governo sediado em Asunción para melhor combater os bandeirantes paulistas. Em *A Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape* Montoya relata a grandiosidade deste episódio como de todo empreendimento missionário entre os Guarani, mas para além das missões jesuíticas propriamente - erigidas e posteriormente partilhadas entre os domínios coloniais ibéricos, sobre as quais dispomos de copiosa bibliografia (vide Melià & Nagel, 1995) -, cabe apenas nos atermos aqui ao detalhe do título da terceira edição de sua outra obra clássica, *Arte,*

Vocabulario e Tesoro feita em Viena e Paris em 1876 (a 1ª edição é de Madrid, 1639, a 2ª de Sta Maria, Paraguay, em 1724), *Arte De La Lengua Guarani , Ó Más Bien Tupi*, *Vocabulario Y Tesoro De La Lengua Guarani, Ó Mas Bien Tupi.* Na introdução aos dois últimos volumes os editores esclarecem "(...) *las razones porque preferiríamos denominar antes tupi que guaraní la lengua india en cuestión*":

"(…) INTRODUCCIÓN

Los dos diccionarios del P. Montoya, denominados por él, uno Vocabulario (el que empieza por castellano) y otro Tesoro, y dados ambos por primera vez á la estampa por el propio autor en Madrid, en 1639, constituyen por si solos el archivo que encierra en si toda la lengua tupi; de modo que el philólogo, con los mismos diccionarios y sin necesidad de consultar a los que la hablan en America, puede estudiar perfectamente la índole de dicha lengua ; ja que las gramáticas de los misionarios Anchieta, Figueira, JBandini y la del mismo Montoya, han sido redactadas, teniendo su autores presente, no tanto el examen atento de las propiedades de la lengua, como un cierto sistema arbitrariamente modelado sobre el de las gramáticas ó artes Latinas (le la época, al cual, como a la fuerza, pretendieron submeter las formas de otra lengua enteramente diversa.*

Asi es que la mayor importancia del archivo contenido en dichos diccionarios consiste en no ser ellos sino la reproducción de los informes dados por los lenguas o intérpretes indios; no habiendo el autor hecho mas que escribir lo que oia, algunas veces por ventura sin entender todo el alcance gramatical de algunas formas que confiava al papel. Es el propio Montoya que nos lo dice: "Hé tenido por intérpretes a los naturales, que para esto también se aprovechó el doctor de las gentes de Tito en Grecia", etc.

Guaraní llamó nuestro autor á la lengua en cuestión. Era el apellido que a si propios se daban los Indios guerreros del Paraguay, y ya antes de Montoya lo habia aplicado, a la lengua que hablaban, otro misionario, el Napolitano P. Alonso de Aragón. Pero basta un superficial estudio para reconocer que esa lengua, con insignificantes alteraciones, era la propia tupi, general en todo el Brasil, desde el Amasonas; que ya antes habia sido reducida a gramática y a vocabularios por los misionarios del Brasil,

como Anchicta, Veiga, Figueira, Aranjo y otros. El mismo Montoya empezó a conocerla en la reducción de Loreto, junto al rio Paranápanema, y por tanto entre salvajes, cuyos descendientes aun hoy habitan el Brasil, en las provincias de San Pablo y Paraná...

El nombre guaraní o mas bien guaryni, según el propio Montoya, no quiere decir sino guerra, o por ventura guerrero; y como la lengua era Labiada también por indivíduos de la nación que no eran guerreros, como niños y sacerdotes (pajes) y los nefandos tebiros y hasta por las propias mujeres, bien que con sus modificaciones, sigue-se que ese nombre es impropio para aplicarse a la "lengua; al paso que el de tupi, que era el que correspondía a esa raza, que de norte a sur (y no del sur al norte, según imaginó Martius) había invadido casi toda la America Meridional acá de los Andes, no ofrece tales contradicciones. Etymológicamente. según hemos demostrado, este nombre tupi viene de I'¡ipi, y significa ..los de la generación primera-. De los Tupis, unos se decian Tupinmnbást, ó varoniles: otros Tupt-nikis, ó contiguos, clasificando ambos a otros de Tnpi-n-aés ó Tupis malos: llamándose otros Tai)ioyos ó Abuelos, y sus descendientes Temimtuó* ó nietos; ademas de tantos vários sobrenombres de ordinario injuriosos.**

En confirmación de que la dicha lengua llamada guaraní por el autor, no difiere de la tupi ó general en el Brasil, apelamos, no solo para los mencionados libros sobre estes escritos y publicados, como no menos para el propio testimonio del obispo de liio de Janeiro I). Lorenzo Hurtado de Mendoza, el cual en una censura ó aprobación fechada el 7 de marzo de lüo'J, é impresa por el propio Montoya en la primera edición, tanto del Vocabulario como delTesoro, afirma positivamente que se había valido de un Indio traído del Paraguay para doctrinar á los de un ingenio de azúcar en que él, en su visita pastoral, residió en el Brasil. La mayor parte de las pequeñas variaciones que se notan proceden principalmente de los oidos de los intérpretes de nacionalidade diferente que las han reducido a escrito. Aunque del Arte y del Vocabulario ha publicado, en 1724, el P. Alonso Restivo una reimpresión, con algunas pequeñas adiciones, asentamos de ceñirnos antes, en los tres libros que hoy reimprimimos, á la primera edición hecha por el propio autor; y eso no solo por que apenas nos hemos propuesto reproducir los escritos del mismo Montoya,como porque hemos tenido

recelo do que, no habiendo el P. Restivo reimpreso también el Tesoro, resultase menos homogeneidad de la nueva reunión de los tres libros que de nuevo presentamos articulados en un solo cuerpo; prefiriendo antes dar a todo tiempo , si nos es posible, un pequeño suplemento, con las adiciones del mismo Restivo. Y aqui cabe mencionar el hecho de que el Tesoro? apezar de haber tenido una sola edición, estaba menos raro que el Vocabulario; no conociéndose de la l : l edición de este,, en las bibliotecas de Europa, mas de cuatro ó cinco ejemplares; y ninguno de la de 1724; al paso que bastantes se cuentan del Tesoro" (Montoya, 1876 IV, V).

À questão lingüística vale remissão a pesquisas de cunho comparativo realizadas desde então (Rodrigues, 1984/85)[19], apenas à guisa de complementação, resta oportuna uma ligeira indicação da multiplicidade de fronteiras deparadas, remodeladas, extirpadas, erigidas por militares e religiosos hispânicos ao estabelecerem relações com grupos locais guarani, conforme se pode constatar, por exemplo, em alguns trechos pinçados na obra do principal historiador da Companhia de Jesus para a região à época das reduções:

- (…) *Divide el Iñeay, las provincias de Tayaoba y Nuatinguí, que una confina con otra; y á ambas franquea el paso el rio Huibay, anunque tan cerrado para los españoles, por la valentia de sus naturales, entre quienes habia insignes magos, que nunca osaron hoallar con sus plantas aquel terreno, hasta que sugetaron su orgullo las armas del Evangelio.La provincia de Tayaoba, tomó su nombre de un cacíque famoso que dominaba el pais, y era capital enemigo de los españoles, por la alevosía que usó con él un comisario del gobernador, á quien viniendo á visitar él y otros tres caciques fueron todos puestos en duras prisiones, en que murieron los otros, y solo él, con harta fortuna escapó, y dió mucho que hacer á los vecinos de Villa Rica, hasta que se convertió á nuestra santa fé, por el celo intrépido del venerable padre Antonio Ruiz de Montoya. Por esta provincia corre el camino nombrado por los guaranís Peabirú y por los españoles de Santo Tomé, que es el que trajo el gloriosísimo apóstol… desde la capitanía de San Vicente… La provincia de Nautinguí se denomina de un cerro de este*

[19] Rodrigues, Arion D., "Relações internas na família linguística Tupi-Guarani" In, Revista de Antropologia – separata dos volumes XXVII e XXVIII. São Paulo, FFLCH/USP, 1984-1985.

nombre que por su altura exorbitante, se hace reparable. En dicho cerro, habian erijido los hachiceros un templo, á que acudia toda la comarca de gentiles en devotas romerías, para oir los oráculos que daba el padre de la mentira, por el cadáver del famoso hachicero Urubolí, que quiere decir cuervo blanco, cuyas inmundas reliquias conservaban en el Sancta Sanctorum" (Lozano, 1873, I:67).

- (…) *se llama provincia de los Camperos, ó del Guarayrú, o del Cayyú, ó de los Cabelludos, ó de los Coronados: el primer nombre pusieron los españoles á sus moradores, por razon del terreno que ocupan; el cuarto porque criaban con gran cuidado y traian tendido el cabello muy largo; el sagundo y tercero daban á su pais los naturales, por razon de los poderosos caciques que lo dominaban; el último por que se abrian corona como los sacerdotes, igualmente los hombres como las mujeres. Era gente muy soberbia y que se tenia por mas noble que los circunvecinos, poniendo por fundamento de esta vanidad, que aun en gente desnuda halla abrigo, en que tenian mejores aguas que los demás. Tan leve motivo le basta á la altivez de los mortales para engreirse* (Lozano, 1873, I:69).

- Iguazu - "(…) *contra este muro natural servia de defensa á los naturales del Iguazú para que no osase el valor español llegar jamás á perturbar su quietud, ni hollase pié estrangero el pais, hasta que lo conquistó por Cristo y con las armas del Evangelio, el celoso denuedo de los misioneros jesuitas… Poblaban sus márgenes naciones numerosas, siendo los primeros hácia sus cabezadas los guaranís, luego Chobas, Muños y Chiquis y ultimamente volvian los guaranís, que todos se estendian hasta el Uruguay, por la dilatada provincia del Iguazú, que por el norte llegaba 30 leguas de su boca á confinar con el Guayrá.*" (Lozano, 1873, I:55) - *entre a foz do Iguaçú e sete quedas no Paraná viviam os caiguás.*

- Ciudad real del Guayrá - (1557) "(…) *de 30 á 40 vecinos españoles en el nombre, pero mestizos y de viles costumbres… Eran acérrimos perseguidores de la libertad de los indios, ni hacian escrúpulo de malquistar con ello á los misioneros jesuitas, que pretendian introducir estas ovejas descarriadas en el redil de la iglesia, y contra los justos mandatos de nuestros católicos monarcas, asaltaban de continuo á los naturales, y los vendian á los mamelucos del Brasil, con quienes profesaban estrecha*

amistad como parecidos en las costumbres." (Lozano, 1870:I) - *… así se valió contra la ciudad real de los mismos mamelucos para destruirlos; porque viniendo algunas banderas de ellos del Brasil, el año de 1632, les pusieron sitio á su poblacion y obligaron á retirarse á la Asuncion, fuera de algunos que se confederaron con los mismos mamelucos, y se ejercitaron en sus infames correrias volviéndose con ellos á San Pablo. Lo que obligaba á los de Guayrá á perseguir á los indios, era el deseo de salír de la laceria*… (Lozano, 1873,I:64).

- Província Tapé - *que en lengua guarani quiere decir ciudad, pela multitud de indios que antiguamente poblaran esta comarca que llamaremos sierra del Tapé… la qual se estiende por cien leguas de oriente á poniente… sus habitadores eran la gente más bien dispuesta para el Evangelio que se ha descubierto en las Indias, pero muy amante de su natural libertad, cujo amor la redujo á retirarse á estas serranias, donde, en un siglo después que se le descubrió el Uruguay, no se atrevió á pisar planta española, hasta que la descubrió ánimo tan celoso como intrépido del V.P. Roque Gonzalez de Santa Cruz, protomártir de esta provincia del Paraguay, quien halló muy disminuido el número de esta gente, por causa del comercio de esclavos que tenian en ella los portugueses, entrando en lanchas y botes pacíficamente á esta grangería por el rio Igay, adonde llegaban los fronterizos tapés. No obstante, en menos de dos años fundaron en dicha tierra los jesuitas ocho numerosas reducciones, que por la mayor parte destruyó la impiedad de los mamelucos, obligando á retirar las reliquias al abrigo de las otras reducciones del Uruguay"* (Lozano, 1873, I: 32-82).

"(…) *Al puerto de esta isla, llamó el adelantado Ortiz de Zárate, de Córpus Christi; porque en tal dia tomó tierra y desembarcó su gente. Hoy por el descuido de los castellanos tienen aquí una poblacion los portugueses del Brasil, para atender á la labor de minas de oro, que han descubierto con buen logro, y son el reclamo que convida á que algunos españoles de estas provincias pasen allá furtivamente con cantidad de mulas, que venden á precios escesivos para conducir el oro por tierra al Brasil, hasta donde tienen camino abierto; y tambien acuden á la misma poblacion algunos indios guaranís, fugitivos de nuestras misiones, que mal hallados con la vida*

ajustada y muy cristiana que se profesa en nuestros pueblos, pasan allá, por vivir á la ley de su antojo" (Lozano 1873, I:15).

- Pedro Dorantes, despachado por Cabeça de Vaca de Sta. Catarina para o interior relata na volta após 3 meses, que passando por serras e montanhas altas chegou a campos dilatados e suaves *'donde tenian principio grandes poblaciones de guaranies'… - despues de* "(…) *diez e nueve dias por el camiño el adelantado y doscientos cinquenta arcabuceros e balesteros dieron con las hermosas y dilatadas campiñas de Tatuá, á que puso por nombre la provincia de Vera. Aquí descubrieron las poplaciones de Añariry, Cipoyas y Tocanguasú, caciques poderosos de la nacion guarani, que contra su costumbre se portaron muy humanos y benignos con los castellanos, proveyéndolos de bastimentos en abundancia, para facilitar el pasaje, y recibiendo en pago algunas bujerias de Castilla, que las repartia con liberalidad Alvar Nuñez como quien sabia por su larga esperiencia cuánto cautivaban los ánimos de los bárbaros semejantes dádivas, mas estimadas de su ignorancia que el oro y la plata"* (Lozano, 1874, II:195).

5. Os Guarani na formação de fronteiras coloniais e contemporâneas

Um olhar tão rápido quanto superficial para os primeiros registros documentais disponíveis sobre os Guarani já permite entrever que a colonização ibérica na América, a princípio fomentada pela disputa entre as coroas católicas, pautou-se não apenas em tratados, convenções militares e diplomáticas, mas forjou fronteiras e limites territoriais com as próprias relações estabelecidas entre colonizadores e as populações nativas. Por este sumário roteiro pode-se constatar desde as primeiras abordagens dos navegantes hispânicos à costa sul da América, ao obterem víveres nas aldeias indígenas, as tentativas de apossamento do territóro, como também, ao longo da incessante procura por metais preciosos pelo interior do continente, as tentativas de instalação e povoamento dependeram decisiva e essencialmente das relações estabelecidas com os índios. Com recurso a uma terminologia variada no tempo e conforme distintos propósitos - "gentes", "gentilidades", "naturales", "caribes", "naciones", "parcialidades", "cacicazgos", "comarcas", "provincias", "distritos",

"gobernaciones", "principales", "tubichás", "hechiceros", "magos", "encantadores", "profetas" -, militares, religiosos, encomienderos, encomiendados e respectivos cronistas buscaram moldar/fundir unidades/conjuntos nativos a marcos de conquista militar, civil e espiritual.

Tanto pelo expressivo contigente demográfico, como por sua disposição espacial, os Guarani desempenharam papel proeminente na formação das fronteiras coloniais: aliados, subjugados, sublevados, forneceram informantes, guias, práticos, intérpretes, víveres, mantimentos, força de trabalho, mulheres e povoadores para a viabilização das expedições de exploração e de colonização espanholas. São guarani os nomes, Paraná, Paraguay, Uruguay... com que os espanhóis conheceram as águas e terras de uma porção significaiva do continente; são provenientes dos Guarani as informações sobre a procedência andina dos metais preciosos que os conquistadores buscavam; são com as alianças de grupos locais guarani que se fundam fortificações, povoados, vilas e cidades; enfim, são as relações estabelecidas entre espanhóis e guaranis que, por tantas vezes até mesmo de modo explícito – como ilustram as notas 4, 5, 6 e 7 - , constituem as fronteiras dos domínios coloniais hispânicos. Mesmo um tanto diversificadas e nem sempre estáveis[20], as relações entre espanhóis e os Guarani não se restringem à categorização em binômio, mas considerando-se desde os primeiros estabelecimentos colonizadores, cabe apreender a partir da diversidade cultural, social, política, etc, que confluía para a principal concentração demográfica ao sul do continente nos séculos XVI e XVII, o engendramento de novas sociabilidades e sociedades que produziram a *rebelión comunera* de 1730 - o primeiro levante anti-colonial do continente -, as guerras de libertação e forjamento das fronteiras, movimentos nacionais nos séculos XVIII e XIX. Mesmo hoje, por ser o guarani a única língua indígena oficial do bloco integrado pelos países sulamericanos em formação,

[20] Após sufocado o levante indígena de 1540 "(...) *Vivió despues mas recelosa la confianza de los españoles, pero con tal recato que no se traslucia á los guaranies; para que la falta de satisfacion de su sinceridad no les hiciesen entrar en desconfianza, que entibiase, cuando no apagase del todo, el amor que se querian granjear para asegurarse mas en el dominio, y defenderse de otras naciones comarcanas de quienes esperimentaron siempre ó mas aversion ó menos fidelidad*" (Lozano, 1874, II:185).

pode-se dizer que é também um dos elementos utilizados para o forjamento das fronteiras contemporâneas. É pontuando a presença dos Guarani nos primeiros registros documentais hispânicos que selecionamos, ainda que esparsas, as seguintes indicações[21]:

Archivo Nacional del Paraguay:

Índice dos documentos administrativos no período de 1534 a 1600 – nomeações, regulamentações, provimento de despesas, formação de bandos armados, estipulação de trabalho compulsório, etc. - elaborado pelo Dr. Viriato Díaz Pérez.

1570

- *Título de Juan Ortiz de Çarate para conquistar las tierras que no están descubiertas aun en el Río de la Plata*.

- *Real Cédula concediendo al Gobr y Capn Gral Juan Ortiz de Çarate que gaste de la Real Hacienda lo necesario en caso de rebelión*.

1574

- *Bando pa sostener caballos y para estar prontos al Servicio y defensa de la Provincia amenazada de los indios.*

1582

- *Real Cédula prohibiendo los malos tratamientos a los índios.*

1591

- *Auto de Alonso de Vera y Aragón sobre los malos tratamientos a los indios de acuerdo con la Real Cédula.*

1592

[21] Referências a títulos encontrados nos outros arquivos da Espanha que consultamos encontram-se no CD - Fichas catalográficas, documentos digitalizados e Guía de uso de bibliotecas españolas para la investigación sobre la historia y cultura guaraní que segue anexo a este relatório.

- El Gobr ordena se prenda a los Guaicurus encontrados en la Provincia y se los entreguem para que los que están en la otra banda no se enteren de la Guerra a sangre y fuego que se proyecta contra ellos.

1593

- Presentación del procurador de la Villa Rica del Espíritu Santo, solicitando socorros de municiones y pólvora para resistir a los indios infieles que están en continua guerra.

- Bando ordenando la presentación en la plaza pública a los 8 días, de armas, caballos y municiones.

- Bando sobre casamientos de indios.

- Transcripción al libro de Acuerdos Capitulares de las Audiencias Reales para hacer guerra a los indios Chiriguanas y a cualquier indio que intentare ayudar en la rebeldía.

1594

- Se dice que los vecinos están dispuestos contra los asaltos de los indios.

- Bando para que los vecinos, al toque de tambor o de campana, acudan con sus armas a la puerta de la morada del que gobernare.

- Bando para que cada indio casado sirva a su amo.

- Acuerdo Capitular sobre petición del Procurador Gral contra la nación guaicurú.

- Acuerdo Capitular pa escribir al Gobr que esté en Guairá en visita, anunciando que la comunidad está inquieta por los asaltos de los Guaicurus.

1598

- Acuerdo sobre azufre y plomo a los soldados que van a la guerra de los indios. Monedas corrientes, lienzo, acero, hierro, garavala y cera.

- Cartas anuas de la provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús: *(Comunicación regular de los Provinciales con el Padre Prepósito general de la Compañia (Roma) - Provincia Jesuítica creada en 1607 (antiguos distritos del Tucumán, Buenos Aires y del Paraguay – Chile até 1635 – órbita de la Audiencia de Charcas bajo la autoridad del virrey del Perú)*

- FURLONG, Guilhermo. Alonso Barzana S.J. y su carta a Juan Sebastián (1594). Buenos Aires, Ediciones Theoria, 1968.

- Cartas anuas de la provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús. (vol.1) (1609-1614); (vol.2) (1615-1637). Con advertencia de Emilio Ravignani e introduccion del P. Carlos Leonhardt. Buenos Aires, Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, 1927-1929. I: cxxviii, 588 pp; II: xiv, 817 pp.

- Cartas anuas de la provincia jesuítica del Paraguay: 1632-1634. Introducción Ernesto J.A. Maeder. Buenos Aires, Academia nacional de la historia, 1990.

- Cartas anuas de la Provincia del Paraguay: 1637-1639. ed. MAEDER, Ernesto J.A. Buenos Aires, Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.

- (1641 – 1643)

Referências aos índios Guarani nas Cartas anuas de 1632-1634:

- Observaciones personales, convivencia en los colegios de Córdoba y Buenos Aires… larga visita a las misiones del Paraná e del Uruguay y Anuas parciales del P. Pedro Romero sobre las misiones del Paraná y Uruguay, y la del P. Diego Rannsonier sobre la de los Itatines.

- Descripción de los nueve Colegios existents en la Provincia, ded las tres regiones o Provincias de indios y síntesis de los últimos sucesos y necesidades más urgentes para la província.

- Disminución de los indios que antes poblaban las tierras ubicadas entre el Salado y el Dulce (Córdoba).

- Sobre los colegios de Salta, San Miguel del Tucumán y La Rioja predomina la sublevación de los calchaquíes.

- Sobre as missões do Itatin a parte mais extensa é dedicada à missão entre os indios *guaranies… "(…) refiere las costumbres de esos indios y el resultado de la evangelización, hasta haberse logrado allí la formación de cuatro pueblos. A partir de 1633, la irrupción de los bandeirantes paulistas y el ataque a los pueblos produjeron la destrucción de aquellas comunidades y la retirada de los indios hasta el sur. Esta situación de los itatines se agravó ante el temor de ser encomendados a los españoles…*

- Contactos mantenidos con los payaguás e ivitiriguarás en el Chaco.

- *Sobre las siete reducciones del Paraná relata a 'transmigración' de duas, San Ignacio del Yavevirí y Loreto desde o Guayrá al Uruguay, la evacuacción de NS del Acaray en 1633 "(…) luego de una serie de calamidades entre las que se contaron dos incendios, la peste, el hambre y la consiguiente dispersion de una buena parte de los pobladores…*

- *Sobre las reducciones del Uruguay*, informa das 9 mais antigas e das 10 mais recentes *'en las sierras del Tape'* - dá o tom o progresso na evangelização, a consolidação dos *'pueblos'*, contatos com os cainguas e seu traslado em 1633-34 à costa do rio Uruguay; as epidemias de varíola sofridas en Asunción … "(…) *la conversion de un importante cacique, Apicavia, y la mudanza del pueblo a un lugar mejor… De Yapeyú, se deja constancia de las dificuldades habidas con los indios que la poblaban y sus comarcanos… la importancia estratégica de Concepción, las dimensiones de su suntuoso templo… de la preasencia de una majada de ovejas, precursora de la ganadería lanar de aquella region de Corrientes… solemnidad y decoro litúrgico, y el desarraigo paulatino de las 'supersticiones gentiles's entre 1632 y 1634 porsobre las 10 nuevas reducciones del Tape fundadas "por la acción del benemérito e incansable padre Pedro Romero… las conversions más importantes y la resistencia de los hechiceros…"* temor constante dos ataques dos paulistas.

- *"(…) Cerca de las riveras y esteros destos rios avia antiguamente una casi innumerable muchedumbre de jentio quando ahora ochenta años lo conquistó el español y se pobló esta ciudad se empadronaron ochenta y seis mil indios de trabajo que le pertenecían los que hoy se hallan sobre estos dos rios (Dulce y Salado) apenas pasan de mil y quinientos que tan miserables estragos hace el tiempo y los años (p.39).*

Archivo General de Indias

PASTELLS, Pablo

Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil), según los documentos originales del Archivo General de Indias.

Extractados y anotados por Pablo Pastells

I [1568-1638] Madrid (V. Suárez) 1912.XXXIV-598pp.

II [1638-1668] 1915. 780 pp.

III [1669-1683] 1918.548 pp.

IV [1683-1704] 1923.572 pp.

V [1702-1715] 1933.382 pp.

Continuación por Francisco Mateos

VI [1715-1791] Madrid (I.S.T.M.) 1946. LXXII-690 pp.

VII [1731-1751] 1948. XL-870 pp.

VIII-1[1571-1760] 1949, XXXII-720 pp; -2[1760-1768] 1949, XLVI-705-1350 pp.

II.5.3 - Guía de uso de los principales archivos y bibliotecas españoles para la investigación sobre la historia y cultura guaraní

1. Presentacion

El presente informe nace como resultado del trabajo de investigación realizado en España durante la primera quincena de octubre para el proyecto Valorización del Mundo Cultural Guaraní-Mbya. Para la realización de este trabajo se visitaron la Biblioteca Nacional de España, el Archivo General de Indias y la Biblioteca de la Escuela de Estudios Hispano-Americanos en Sevilla, con el objetivo de elaborar un mapa de la documentación existente en España relativa a la cultura e historia guaraní.

Una de las dificultades a la hora de realizar este estudio consistió en entender el funcionamiento, normativa y peculiaridades de cada uno de los archivos y bibliotecas visitados. Ante la posibilidad de profundizar en esta investigación en un futuro se planteó la necesidad de establecer unas pautas de trabajo para cada uno de estos centros.

Este informe pretende afrontar esta necesidad abordando, desde una perspectiva netamente práctica las características y organización de las instituciones visitadas, ofreciendo una serie de “consejos de uso” de cada una de ellas, y presentando algunas sugerencias de archivos y bibliotecas cuya visita puede resultar de interés para la investigación en cuestión.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA (BNE)

www.bne.es

La BNE es el principal centro depositario del Patrimonio Bibliográfico y Documental de España, que reúne y conserva todas las publicaciones realizadas en España, en cualquier soporte. Se trata, sin duda, de uno de los principales puntos de referencia y el más recomendable punto de partida para la investigación de la cultura hispánica.

La BNE cuenta actualmente con todos los equipamientos necesarios para la investigación. Existe WiFi en todas las salas de consulta, así como ordenadores públicos con acceso a Internet y al catálogo on-line

(http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat).

Acceso

Para poder acceder a la BNE es necesario obtener previamente el carné, que puede ser solicitado en la Sala de Información General de la Sede Recoletos o bien a través de Internet (https://sede.bne.gob.es/SC/irSolicitudCarne.do).

- Carné de lector: para la consulta de fondos editados a partir de 1931. Para obtenerlo debe presentarse un documento de identificación (DNI, pasaporte, carné de conducir o permiso de residencia).

- Carné de investigador: para la consulta de todos los fondos, incluyendo los anteriores a 1931 y fondos reservados. Para obtenerlo debe presentarse un documento de identificación (DNI, pasaporte, carné de conducir o permiso de residencia), documentación acreditativa de investigador y documentación acreditativa del domicilio, debiendo ser todos estos documentos originales.

Consulta

- Obras de libre acceso: Se trata generalmente de obras de consulta general que se encuentran en la propia sala de estudio y pueden consultarse sin previa solicitud.

- Obras de acceso inmediato: Se trata de obras en las que no está especificado que sea necesaria la petición anticipada. Deben ser solicitadas a los técnicos, que las

facilitarán al lector en un tiempo de entre 15 y 25 minutos. Se puede trabajar con hasta tres obras de este tipo simultáneamente y puede mantenerse su reserva durante un máximo de 15 días.

- Obras de petición anticipada: Estas obras, debido a su localización o características, deben solicitarse con antelación realizando previamente una reserva en la propia sala (sistema de fichas) o por Internet (catálogo online. http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat). Puede realizarse una reserva de un máximo de diez obras, con las que se puede trabajar simultáneamente.

Dentro de este tipo de solicitudes debemos incluir también las de obras que se encuentran en la Sede Alcalá, que pueden solicitarse para ser consultadas en el Salón General de la Sede Recoletos.

Las peticiones anticipadas deben realizarse con una antelación mínima de un día (dos si la consulta se va a realizar en sábado) y estarán a disposición del investigador durante un máximo de 15 días.

Organización

La BNE cuenta con dos Sedes, una en Alcalá de Henares y otra en el Paseo Recoletos, en el centro de Madrid.

Sede Alcalá

Ctra. de Alcalá de Henares a Meco, Km 1'600. 28805 Madrid.

Tel. (34) 91. 883 24 02

Lunes a viernes: 9:00 a 14:00 h. Petición de fondos hasta las 13:30 h. Sábados: Cerrado

Esta Sede cuenta con una sola sala, y sus fondos son, en su mayor parte, de época moderna y provenientes del antiguo Ministerio de Ultramar.

Sede Recoletos

Paseo de Recoletos, 20-22. 28071 Madrid.

Tel. (34) 91. 580 78 00

Lunes a viernes: 9:00 a 21:00 h. Petición de fondos hasta las 20:00 h. Sábados: 9:00 a 14:00 h. Petición de fondos hasta las 13:00 h.

Se trata de la Sede principal de la BNE, en la que se encuentran la mayoría de sus fondos y desde la que se puede acceder así mismo a los fondos de la Sede Alcalá.

La Sede Recoletos cuenta con diversas salas que albergan los distintos tipos de documentos y publicaciones. Cada sala funciona de forma bastante independiente y con un sistema de acceso a las obras diferente. Debemos entender que cada sala es como una pequeña biblioteca, con un catálogo propio y un espacio de trabajo. Las obras no pueden salir de las salas salvo expresa autorización previa solicitud.

Para consultar las obras de una sala debe entregarse el carné a los técnicos, que entregarán a cambio un número de pupitre al que queda vinculado tanto el investigador, como las obras que éste consulte. El carné sólo se devolverá al devolver las obras y el número de pupitre, por lo que no pueden realizarse consultas simultáneas en las distintas salas.

Principales salas de interés para la investigación:

- Sala Goya. Planta 0.

En esta Sala se encuentran los fondos relacionados con bellas artes y cartografía.

- Salón General. 2ª planta.

En esta sala se encuentran la mayoría de monografías conservadas en la BNE, así como obras de consulta general, diccionarios, enciclopedias y directorios. En el Salón General también es posible consultar obras procedentes de la Sede Alcalá solicitadas con antelación.

- Sala Cervantes. 2ª planta.

En esta sala se encuentra el fondo manuscrito y moderno, incunables, impresos de los siglos XVI, XVII, XVIII y principios del s XIX hasta 1830, primeras ediciones, obras especiales de siglos posteriores, obras de teatro, de Cervantes y biblioteca especializada. El acceso a esta sala está, por tanto, más controlado y requiere el paso de un control especifico (carné y registro del material que se introduce).

La mayoría de las obras que se encuentran en esta sala se encuentran en formato papel y/o microfilm. Sin embargo en muchas ocasiones la versión microfilmada de una obra impresa no consta en el catálogo online, para lo que existe un catálogo específico

en la propia sala en el que se pueden consultar las signaturas de las obras microfilmadas a través de las signaturas de sus correspondientes textos en papel.

- Sala Barbieri. 4ª Planta.

En esta sala se encuentran fundamentalmente partituras, registros sonoros y audiovisuales, así como libros y folletos especializados y bibliografía de referencia.

- Sala de Prensa y Revistas. 4ª Planta.

En esta sala se encuentran los fondos de prensa, publicaciones periódicas y Boletines Oficiales.

Servicio de Reproducción

La BNE cuenta con un servicio de reproducción cuyo funcionamiento y precios varían en función de las características y época de la obra que se desea copiar y del formato en que se quiere obtener la reproducción.

Las reproducciones deben ser para uso particular, vinculado a la investigación. En caso de que vayan a tener un uso público se debe obtener previamente una autorización expresa de la BNE.

- Sala de Reprografía-Autoservicio. 2ª Planta. Acceso desde el Salón General.

En esta sala el propio investigador podrá realizar las copias en papel de distintos tamaños, en blanco y negro o color. Las máquinas fotocopiadoras funcionan en su mayor parte con tarjetas que pueden comprarse en el mostrador de esta sala, donde también hay técnicos que pueden ayudar en la realización de copias. La utilización de este sistema de reprografía sólo está autorizada para obras posteriores a 1958 y que se encuentren en buen estado de conservación. Además pueden realizarse un máximo (orientativo) de 20 fotocopias por obra, y nunca más de un 20% de la obra. Si estas condiciones no pueden cumplirse el investigador deberá recurrir a la Oficina de Reprografía y solicitar las copias por encargo.

- Impresoras. Diversas salas.

El investigador puede realizar directamente copias en papel a partir de microformas, microfilmes y soporte digital utilizando las impresoras y lectores-reproductores de microformas de uso público que encontrará en las distintas salas.

Estas impresoras funcionan bien con monedas, bien con tarjetas que pueden obtenerse en la Sala de Autoservicio.

- Oficina de Reprografía-Encargo. 2ª Planta.

En esta Oficina el investigador puede solicitar copias de fondos que por algún motivo no pueda realizar en la Sala de Autoservicio (obras anteriores a 1958 o que no se encuentren en buen estado de conservación, así como un número superior a 20 fotocopias o más del 20% de la obra). Además este servicio permite la reproducción en una amplia gama de formatos: papel, soporte digital (media y alta resolución), microfilme, diapositivas y grabaciones de audio y video.

Estas reproducciones se pueden solicitar en la propia BNE o a través de Internet (https://sede.bne.gob.es/RdF_publico/irReproduccionFondos.do), mediante un formulario en el que se especifica la obra y páginas que quieren copiarse, su localización y el formato en el que se quiere obtener la reproducción. Para la solicitud de reproducciones no es necesario, por tanto, estar en posesión de las obras. La solicitud de reproducción deberá ser autorizada por la Sala en la que se encuentra la obra. Las reproducciones demoran en torno a un mes y pueden recogerse en la Oficina o solicitar su envío. El pago puede realizarse en efectivo en la propia Oficina o a través de una transferencia bancaria. Al valor de las reproducciones hay que añadir en su caso los costes de envío.

Recomendaciones de uso de la BNE

Con el objetivo de sacar el mayor provecho posible al tiempo disponible en la BNE se recomienda realizar una previa investigación sobre el catálogo de la Biblioteca. A través del catálogo pueden realizarse búsquedas sencillas o avanzadas, y los resultados nos permitirán tener todos los datos básicos de la obra (incluido el año de publicación, que debemos tener en cuenta si nuestro carné no es de investigador, así como a la hora de realizar copias), su localización y tipo de consulta (petición anticipada, inmediata o libre acceso) y su signatura (número de identificación de la obra dentro de la BNE). Todos estos datos son importantes a la hora de realizar las reservas correspondientes. Esta búsqueda puede también ahorrarnos algunas

consultas ya que existen numerosas obras que se encuentran digitalizadas y a las que se puede acceder a través del catálogo.

Se sugiere elaborar un listado de obras incluyendo, por tanto estas informaciones: título y autor, signatura, localización y tipo de consulta; y organizar el listado en función de la localización de las obras.

Una vez que tengamos el carné podremos realizar las reservas correspondientes bien en la propia BNE o bien a través de Internet, teniendo en cuenta el número máximo de obras que pueden reservarse. Cuando comencemos el trabajo de investigación en Sala, podremos ir devolviendo obras y solicitando otras en su lugar, siendo recomendable organizar el trabajo por Salas para aprovechar mejor el tiempo en cada una de ellas.

Como parte de este proceso se sugiere ir realizando las copias en la Sala de Autoservicio e ir rellenando los formularios necesarios para la solicitud de copias en la Oficina de Reprografía, que podrán entregarse todos juntos al final de nuestra estancia de investigación, para agilizar la devolución y solicitud de obras.

ARCHIVO GENERAL DE INDIAS (AGI)

http://www.mcu.es/archivos/MC/AGI/index.html

Edificio de La Cilla

C/ Santo Tomás, 5. 41071 Sevilla

Tel. (34) 95. 450 05 28

Lunes a viernes: 9:00 a 15:00 h. Devolución de obras hasta las 14:45 h.

El AGI es el principal centro de documentación en lo referente a la América colonial, punto de parada obligatorio para toda investigación que aborde de algún modo el periodo colonial en dicho continente.

El AGI custodia los fondos producidos por las instituciones creadas por la Administración española para el gobierno y administración de los territorios ultramarinos españoles. Estas instituciones son: Consejo de Indias y Secretarías de Despacho, Casa de la Contratación y Consulados de Sevilla y Cádiz. Asimismo, se

conservan otros fondos de instituciones de menor entidad e incluso de particulares relacionados con las colonias españolas en América y Asia.

Acceso

Para acceder al AGI sólo es necesaria la presentación de un documento de identidad (DNI o pasaporte). Para tener un mayor control sobre las investigaciones que se están realizando en el Archivo, los investigadores que las están llevando a cabo, y para poder facilitar un mejor asesoramiento, antes de acceder al Archivo se realiza una entrevista con un técnico y se rellena una ficha con informaciones básicas. Se genera así una ficha del investigador y se le otorga a éste un número de identificación, que tendrá que utilizar al acceder a los ordenadores de la Sala y para realizar peticiones en la Biblioteca.

Consultas

El investigador puede solicitar un máximo de tres legajos a la vez, que serán consultados de uno en uno y de forma individual (aunque varios investigadores estén trabajando juntos, en ningún caso podrán compartir las obras de consulta). Una vez se entregue uno de los legajos de vuelta, puede solicitarse otro en su lugar.

A cada investigador le es asignado al entrar en la Sala de Consultas un ordenador, en el que debe introducir su número de identificación, y desde el que solicitará las consultas. Estos ordenadores tienen un programa interno de identificación y búsqueda de documentos, desde el que se puede acceder a documentos que estén digitalizados y se pueden solicitar los originales que no lo estén. Pasados unos 15 minutos de la solicitud puede preguntarse en el mostrador si el legajo está disponible y proceder a su consulta.

En esta sala se puede encontrar también bibliografía de referencia y de libre acceso.

Organización

El sistema de organización de legajos del AGI puede resultar bastante complejo, ya que implica un previo conocimiento de las diferentes instituciones oficiales españolas vinculadas de algún modo a los territorios de ultramar a lo largo de distintas épocas.

Se presenta aquí un esquema que puede permitir al investigador entender las líneas generales de este sistema organizativo, basado en el "Principio de procedencia" de los legajos, que se reparten en quince secciones en función de la institución de origen. Cuatro de estas secciones son facticias, es decir, no corresponden a una procedencia orgánica.

- Justicia: Contiene documentos producidos por el Consejo de Indias en su función de Tribunal Supremo de Justicia, que ejerció entre 1516 y 1617.

- Escribanía de Cámara: Se trata de papeles judiciales procedentes del Consejo de Indias a partir del establecimiento del Escribano de la Cámara de Justicia (1571).

- Contaduría: En esta sección pueden encontrarse documentos producidos por el Consejo de Indias en su ejercicio como Tribunal de Cuentas (aunque algunos de estos documentos se encuentran en la sección de Gobierno).

- Gobierno: Esta es la sección más voluminosa, ya que recoge los documentos de gobierno del Consejo de Indias desde su creación hasta su extinción. Está dividida en 15 subsecciones, correspondientes a las 14 Audiencias y una subsección de Indiferente General, en la que se encuentra documentación interna del Consejo y las Secretarías, y aquella que afecta a todas las provincias en general.

- Patronato: Esta es una de las cuatro secciones facticias que contiene el AGI. En ella se encuentran documentos que forman parte del Patronato Real, encargado de los derechos de la Corona en materia eclesiástica.

- Ultramar: Alberga los documentos de los últimos tiempos del Consejo de Indias, la Secretaría de Estado y posteriores Ministerios que asumieron la administración ultramarina hasta el nacimiento del Ministerio de Ultramar en 1863.

- Estado: Se encuentran en esta sección los documentos relativos a América procedentes de la Primera Secretaría de Estado, encargada de los Asuntos Exteriores durante los siglos XVIII y XIX.

- Arribadas: Contiene los documentos de la Secretaría de Juzgado de Arribadas de Cádiz y de la Comisaría Interventora de la Hacienda Pública.

- Correos: Se encuentra aquí la documentación proveniente de la Dirección General de Correos.

- Papeles de Cuba

- Consulados: Esta sección alberga documentos procedentes de la antigua Universidad de Cargadores a Indias.

- Tribunal de Cuentas: En ésta se localizan documentos producidos por el Tribunal de Cuentas del Reino desde su creación, en la segunda mitad del siglo XIX.

- Títulos de Castilla: Esta sección facticia contiene documentos que hacen referencia a distintos títulos nobiliarios.

- Mapas y Planos: Contrariamente a lo que se pueda imaginar, esta sección no alberga sólo mapas y planos, sino documentos en general, que por sus características requieren unos cuidados de conservación especiales. Se trata de otra de las secciones facticias del AGI.

- Diversos: Contiene documentos procedentes de archivos particulares.

Biblioteca del AGI

El AGI cuenta con una Biblioteca que puede ser consultada por los investigadores. Está localizada en la planta baja y tiene un catálogo de fichas organizado por temática, autores y materia.

Para solicitar publicaciones que se encuentren en la Biblioteca debe rellenarse una ficha con la signatura, autor y título de la obra, que se entregará en el mostrador de la Sala de Consulta del AGI. Pasados unos quince minutos puede preguntarse en el mostrador si la obra está disponible y proceder a la consulta.

Cada investigador puede solicitar un máximo de tres obras que se consultarán de una en una e individualmente. Una vez sea entregada una obra de vuelta, podrá solicitarse otra en su lugar.

Servicio de Reproducción

El AGI cuenta con un servicio de reprografía para realizar copias, que podrán ser utilizadas para uso particular de investigación. Este servicio debe solicitarse por encargo y demora en torno a un año, realizándose el pago mediante transferencia bancaria para su posterior envío al domicilio indicado.

Para solicitar las copias debe rellenarse un formulario en el que se indican los datos del solicitante, la referencia de la obra, las indicaciones concretas de las páginas

y el número total de copias, datos indicados en un listado correlativo, que se corresponderá con fichas individuales (una por obra o legajo) que se dejarán en la obra en cuestión.

Las copias pueden realizarse en papel o microfilme, pero debe tenerse en cuenta que las copias en papel se harán a partir del documento microfilmado, por lo que el tiempo de demora y el precio aumentarán. Los gastos de envío también pueden encarecer bastante el producto.

Recomendaciones de uso del AGI

Familiarizarse con el AGI resulta un poco complicado al principio, ya que presenta algunas dificultades como el sistema de localización y búsqueda de legajos a través del programa interno, o los impedimentos a la hora de trabajar en equipo. Por ello es recomendable adelantar bastante trabajo antes de acceder a la Sala de Consulta. Para ello puede ser de gran utilidad la consulta del Catálogo on-line de la Red de Archivos Estatales, el PARES (http://pares.mcu.es/), en el que además encontraremos numerosos documentos digitalizados. En cualquier caso, a través de esta consulta, podemos realizar un listado de documentos de interés y tomar nota de su localización en el AGI, para su posterior solicitud desde nuestro ordenador de la Sala de Consulta.

Es aconsejable también hacer una pequeña inversión de tiempo en la lectura de algún manual sobre el AGI, lo cual nos hará vernos recompensados en el ahorro de tiempo al realizar búsquedas en el sistema interno, ya que podremos entender mejor las distintas categorías en las que se organiza el Archivo. En este sentido también puede ser de gran ayuda revisar el sistema utilizado por la Corona Española para la administración de las Colonias, pues éste está íntimamente relacionado con la organización del AGI.

Otro punto a tener en cuenta es que el investigador se encontrará con documentos originales, en su gran mayoría manuscritos. Esto implica ciertas dificultades a la hora de entender el contenido de los documentos, especialmente cuando se trata de legajos más antiguos. Por ello puede ser conveniente adquirir

ciertas nociones de paleografía, o en cualquier caso, familiarizarse con abreviaciones y grafías de época moderna.

Dada la burocracia que implica el sistema de reprografía existente y la imposibilidad de consultar varios documentos al mismo tiempo, se sugiere ir rellenando las fichas de solicitud de copias al mismo tiempo que se realiza la consulta.

** Se llama la atención sobre el hecho de que el AGI no tiene WiFi ni acceso a Internet en los ordenadores del centro, aunque sí está permitida la entrada de ordenadores portátiles y la Sala cuenta con enchufes.*

ESCUELA DE ESTUDIOS HISPANO-AMERICANOS (EEHA)

http://www.eeha.csic.es/

C/ Alfonso XII, 16. 41002 Sevilla

Tel. (34) 95. 450 11 20

Lunes a Viernes: 9:00 a 14:30 h. 16:00 a 20:00 h. Devolución de obras hasta las 19:30 h. Del 15 de junio al 15 de septiembre, lunes a viernes: 9:00 a 14:00 h.

La EEHA, dependiente del Centro Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), es un centro dedicado a tareas de investigación, formación post-universitaria y publicación de revistas y monografías sobre Historia de América. Alberga una biblioteca especializada en temática americanista, que es de obligada consulta para especialistas en el área. Si bien se trata de publicaciones bastante contemporaneas, y generalmente de fuentes secundarias, no deja de ser un catálogo especializado que reúne numerosos títulos bajo una misma temática.

Acceso

El acceso a la Biblioteca de la EEHA apenas presenta limitaciones. Tan sólo es necesario presentar un documento de identidad y rellenar una pequeña ficha con informaciones de contacto del investigador.

- Carné de la Biblioteca: se puede obtener presentando un documento acreditativo de investigador o justificando la necesidad de acceso a la Biblioteca, junto con un documento de identidad y una fotografía. Este carné permite la realización de

reservas para consultas a través de Internet, así como el acceso al sistema de préstamo (del que quedan excluidas revistas, obras de referencia y obras de mayor antigüedad o rareza).

Consultas

Para solicitar la consulta de obras es necesario recurrir previamente al catálogo de la Biblioteca, que se encuentra disponible en Internet (http://aleph.csic.es/) y también en los ordenadores de la propia Biblioteca. Este catálogo, no obstante, incluye otras bibliotecas pertenecientes al CSIC, por lo que debemos delimitar la búsqueda al EEHA-Sevilla, a través del sistema de búsqueda avanzada.

Una vez localizada la signatura de las obras a consultar puede realizarse su solicitud a través de un sistema de fichas, que se completarán con los datos del libro y del investigador que lo solicita. En pocos minutos el técnico avisará al investigador para que recojas las obras solicitadas en el mostrador.

Pueden realizarse tres solicitudes simultáneas, que pueden consultarse al mismo tiempo. Una vez se entregue una obra de vuelta, puede realizarse otra solicitud en su lugar. Si fuese necesario, el investigador puede dejar reservadas las obras para su posterior consulta.

Organización

El funcionamiento de esta Biblioteca es muy sencillo y de fácil acceso para todo el mundo. Cuenta tan sólo con una Sala de Consulta, en la que se encuentran también los ordenadores con el catálogo on-line, el mostrador de los bibliotecarios (que generalmente ofrecen ayuda a los investigadores recién llegados) y las mesas de trabajo (para entre dos y cuatro personas cada mesa).

Servicio de Reproducción

La Biblioteca de la EEHA cuenta con un servicio de reprografía para la realización de copias en papel que deberán ser para uso personal.

Las fotocopias se solicitan por medio de una ficha en la que se especifican los datos del solicitante, título, autor y signatura de la obra, páginas que se quieren copiar, y número de folios total. Esta ficha se entregará acompañada del libro en cuestión en el mostrador de la Sala. Generalmente las fotocopias se pueden recoger el día

posterior a su solicitud, pero en función de la cantidad de trabajo que tengan los bibliotecarios, pueden entregarlas en el mismo día. No hay posibilidad de envío de las fotocopias, y su valor es de 0,06€ por página.

Recomendaciones de uso de la Biblioteca de la EEHA

A pesar de la sencillez de esta Biblioteca y la rapidez de su servicio, no deja de ser recomendable una previa consulta de su catálogo y elaboración de una lista de obras de interés, en la que figuren título, autor y signatura, informaciones que necesitaremos para realizar la petición.

** Se llama la atención sobre el hecho de que la Biblioteca de la EEHA no tiene WiFi ni acceso a Internet en los ordenadores del centro, aunque sí está permitida la entrada de ordenadores portátiles y la Sala cuenta con enchufes.*

** En este centro está permitido realizar fotos.*

OTROS ARCHIVOS Y BIBLIOTECAS DE INTERÉS

Se presenta a continuación un listado de archivos y bibliotecas que merece la pena visitar en el futuro para investigaciones de tema guaraní. Son numerosos en España los espacios de investigación especializados en temática americanista. No obstante, se presenta una selección de los más destacados pretendiendo no descuidar el punto de vista práctico de este documento.

Archivos de la Red Estatal

El funcionamiento de estos archivos es similar al del AGI. Para acceder a ellos sólo es necesario presentar un documento de identidad.

Puede consultarse su catálogo a través de Internet en el sistema PARES de la Red de Archivos Estatales (http://pares.mcu.es/).

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL (AHN)

http://www.mcu.es/archivos/MC/AHN/

C/ Serrano, 27. 28001 Madrid

Tel. (34) 91. 7 68 85 00

De lunes a jueves: de 8:30 a 18:00 h.

Viernes: de 8:30 a 14:30 h.

El AHN se crea como "Archivo Histórico del Reino de España" y recoge la documentación producida por los órganos de la Administración del Estado que ya no tiene valor administrativo pero si tiene valor histórico. Es la institución que conserva y custodia la documentación producida y recibida por los organismos que conforman el aparato administrativo del Estado español desde la Edad Moderna, así como otros fondos documentales de instituciones públicas y privadas desde la Edad Media.

ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS (AGS)

http://www.mcu.es/archivos/MC/AGS/

C/ Miravete, 8. 47130 ***Simancas*** (Valladolid)

Tel. (34) 98. 3 59 01 14

De lunes a viernes. De 8:15 a 14:30 h.

El AGS guardaba toda la documentación producida por los organismos de gobierno de la monarquía hispánica desde la época de los Reyes Católicos (1475) hasta la entrada del Régimen Liberal (1834), si bien hubo de repartirse posteriormente entre distintos archivos. Aún así continúa constituyendo uno de los fondos documentales más homogéneos y completos de la memoria histórica de España entre los siglos XVI y XVIII.

REAL ACADEMIA DE HISTORIA (RAH)

http://www.rah.es/

C/ León, 21. 28014 Madrid

Tel. (34) 91. 4 29 06 11

De lunes a viernes: 9:00 a 14:00 h. – 16:00 a 19:00 h.

De junio a septiembre, de lunes a viernes: 8:00 a 15:00 h.

La RAH contiene una colección fundamental para todo estudio relacionado con la historia de España y de la América Hispánica. Su biblioteca (http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/i18n/estaticos/contenido.cmd?pagina=estaticos/presentacion) cuenta con fondos que contienen no sólo con libros y folletos impresos, sino también códices y documentación manuscrita que abarca desde la Alta Edad Media hasta la Actualidad.

Para acceder a la Biblioteca de la RAH es necesario presentar un documento de identidad (DNI o pasaporte) y un documento acreditativo de investigador.

Pueden realizarse fotocopias de los documentos posteriores a 1900, así como escasear los anteriores a esta fecha, siempre que se encuentren en buen estado de conservación y su reproducción sea autorizada por el personal técnico. También pueden encargarse las copias a través de Internet (http://www.rah.es/pdf/FORM_REPRO_PUBLI_FONDOS_RAH3.pdf) para su posterior recogida en la RAH o envío postal.

Puede consultarse su catálogo a través de Internet: (http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/i18n/consulta/busqueda.cmd), en el que también se puede tener acceso a las copias digitales existentes.

BIBLIOTECA UNIVERSIDAD DE SEVILLA (BUS)

http://www.us.es/biblioteca

Calle San Fernando. 41004 Sevilla

Tel. (34) 95. 4 55 11 28

De lunes a viernes: de 8:00 a 21:00 h.

(Se recomienda confirmar los horarios previamente porque se dan particularidades en función de la facultad y el periodo lectivo.

http://bib.us.es/sobre_la_biblioteca/horario/index-ides-idweb.html*).*

Esta Biblioteca es una de las más antiguas y consolidadas de España. Dada la vinculación de la ciudad de Sevilla con la América Española, no es de extrañar que la

BUS albergue entre sus fondos numerosos libros especializados en temática americanista, que sin duda pueden ser de interés para el investigador.

La BUS se encuentra repartida entre las distintas facultades de la Universidad de Sevilla, pero la gran mayoría de sus fondos se localizan en el edificio principal de la Universidad. La documentación más interesante en lo que ha esta investigación se refiere se encuentra en la Biblioteca General, la de Filosofía y la de Humanidades.

Para realizar consultas en la BUS sólo es preciso entregar un documento de identidad (DNI o pasaporte). Su catálogo puede consultarse por Internet (http://fama.us.es/) e igualmente puede accederse al material digitalizado.

Fontes:

· Americanismo: http://www.americanismo.es/

· ESTEVE BARBA, Francisco. Notas para un estudio de los fondos relativos a América en la Biblioteca Nacional. Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, 73,1, 1966, p. 245-269.

· GONZÁLEZ GARCÍA, Pedro et al. Archivo General de Indias. Madrid: Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas, Lunwerg, DL 1995.

· Guía de Fuentes Documentales del Ministerio de Cultura de España: http://www.mcu.es/guiafuentesdoc/cargarFiltro.do?layout=guiafuentesdoc&cache=init&language=es

· Guía del Archivo General de Indias. Madrid: Subdirección General de los Archivos Estatales, DL 1996.

· PASTELLS, R. P. Pablo. Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia de Uruguay. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

· PEÑA Y CAMARA, Jose María de la. Archivo General de Indias de Sevilla, Guía del visitante. Valencia: Dirección General de Archivos y Bibliotecas, 1998.

· TORRE REVELLO, José. El Archivo General de Indias de Sevilla. Historia y clasificación de sus fondos. Buenos Aires: Casa Jacobo Peuser, 1929.

II.6 – Estudo sobre as narrativas míticas Guarani e a bibliografia existente

II.6.1 - Apresentação

Neste relatório, apresentamos um conjunto de referências bibliográficas que tratam de narrativas míticas guarani. São 122 títulos que se distribuem entre livros, capítulos de livros, produções acadêmicas e artigos publicados em periódicos de diversos tipos. Ao apresentarmos esta seleção, procuramos oferecer ao público interessado no estudo das narrativas míticas guarani uma diversidade de opções que, embora não representem a totalidade de publicações disponíveis, certamente constituem um bom ponto de partida para futuras pesquisas. Os títulos foram coletados por uma equipe de pesquisadores que percorreu os arquivos das principais instituições de pesquisa nos seis estados das regiões sul e sudeste do Brasil[22], assim como bases de dados digitais[23]. A consulta a dois volumes de bibliografias comentadas por Bartomeu Melià (1987 e 2004) foi fundamental para este levantamento.

Sabe-se que a definição de qualquer recorte exige que se estabeleçam critérios de inclusão e exclusão, e, no casto deste levantamento, optamos por incluir todos os títulos apontados pela equipe de pesquisadores como referentes às mitologias guarani[24], sem a imposição de juízos quanto à qualidade dos textos ou às abordagens adotadas por seus autores, mesmo que estas apresentem grandes diferenças e discrepâncias entre si. Nos limitamos a expor algumas considerações iniciais sobre narrativas míticas como formas específicas de criação e circulação de

[22] Os Guarani Mbya encontram-se em todos os estados das regiões sul e sudeste do Brasil e nos países vizinhos, Argentina, Paraguai e Uruguai. Algumas famílias mbya também estão presentes no MS e em algumas localidades da região Norte do Brasil. Mas, a pesquisa se concentrou nos arquivos localizados apenas nas regiões sul e sudeste do Brasil.

[23] Tatiana Amaral, Pablo Antunha Barbosa, Leandro Mahalem de Lima, Igor A. B. Scaramuzzi e Daniel Calazans Pierri trabalharam na sistematização dos títulos coletados pela equipe de pesquisadores. O texto que apresentamos e a organização final dos títulos foram elaborados por Adriana Queiroz Testa.

[24] Os textos selecionados não se referem exclusivamente a narrativas míticas dos Guarani Mbya, mas também dos outros subgrupos guarani (por exemplo, Nhandeva e Kaiova). Observa-se, inclusive, que alguns autores se puseram a coletar e comparar versões dos diferentes subgrupos, assim como outros autores não especificam entre qual subgrupo guarani as narrativas descritas e comentadas foram registradas.

saberes e, em seguida, comentar alguns estudos dedicados às narrativas míticas guarani.

O leitor perceberá que os textos levantados refletem com nitidez os interesses, as orientações teóricas e as preocupações metodológicas do período da sua produção, permitindo seguir as pistas de como os estudos guarani se transformaram nesse período de tempo, e observar o deslocamento dos focos de análise e a recorrência de alguns temas.

Sem a pretensão de realizar uma análise dessa literatura ou sequer explorá-la com profundidade, procuramos traçar alguns comentários sobre as formas como essas narrativas foram abordadas no âmbito dos estudos guarani e, em seguida, apresentar a lista de referências, organizada por ordem alfabética.

II.6.2 - Narrativas Míticas Guarani como Formas Específicas de Criação e Circulação de Saberes

Este texto aborda as narrativas míticas do povo Guarani, no âmbito mais abrangente das suas tradições orais. Nesta perspectiva, temos como norte a indissociabilidade entre os conteúdos dessas tradições e suas formas de circulação. Neste caso, entendemos a circulação como os processos de transmissão, recepção, comunicação, repetição[25], reelaboração e transformação, focados em estudos concernentes aos processos de criação e circulação de saberes e às artes verbais.

Para Monod Becquelin (1992), a tradição oral deve ser abordada como processos de interpretação e comunicação, lembrando que comunicação, neste caso, não está associada a teorias da comunicação que se pretendem universais, mas

[25] Repetição neste caso não é entendida como uma reprodução automática ou idêntica de conteúdos, mas como experiência que permite a continuidade através de diferentes possibilidades de transformação. Por exemplo, Evelyn Schuler (2008), na descrição dos "rituais de tradução", realizados pelos Waiwai, entende a repetição como processos que apontam mais para as diferenças e a criatividade do que para a identidade, como uma forma indireta de se relacionar. Dominique Gallois (2010), fala em processos de "imitar", desenvolvidos pelos Wajãpi, que seriam a replicação de experiências em outro tempo e outro lugar, fazendo aparecer o invisível, potencializando-o e se deixando ver. Tim Ingold (2010), preocupado em se distanciar de abordagens cognitivistas, que abordam os saberes como representações mentais, enfatiza os processos de "copiar", que longe de reproduções exatas, constituiriam processos de "redescobrimento" dirigido.

refere-se, sobretudo, à atenção que se deve ter quanto aos contextos dialógicos. Neste sentido, autores como Monod Becquelin (idem) e Tedlock (1992) nos lembram que tratar as tradições orais como texto pode resultar no apagamento dos contextos específicos de construção e circulação de saberes, contextos estes em que as relações intersubjetivas têm papel importante na seleção do *que* é comunicado e *como* isto se dá.

Menget e Molinié (1992) destacam três propriedades das tradições: ***repetição***; ***focalização*** em certos gestos e modos discursivos que os diferenciam do cotidiano; ***autoridade*** - entre o transmissor e o receptor há um entendimento de que aquilo que é narrado está de acordo com certos critérios de verdade. Os mesmos autores identificam a fluidez, o esquecimento e a instabilidade como condições necessárias para a produção e a transformação das tradições, nisso, fogem do entendimento de que as tradições seriam "produtos culturais" critstalizados.

Neste sentido, Gerard Lenclud (1994) nos lembra que as tradições não se prendem ao passado, até porque metodologicamente é impossível reconstituir o passado ao qual se referem as tradições orais e tampouco possuímos instrumenos para medir a conservação ou transformação das tradições. Assim, autores como Lenclud (idem) e Éric Jolly (2002) enfatizam a importância de entender por que certos aspectos são considerados pelo grupo como tradicionais e não outros. Deste ponto de vista, não nos restringimos aos "objetos" ou "conteúdos tradicionais", compondo um imenso "inventário" das tradições orais de um grupo, mas conseguimos abranger também os *processos* de seleção, organização e comunicação envolvidos.

Pensar as tradições orais nestes termos, como processos de criação e circulação de saberes, contrasta com algumas abordagens clássicas das narrtivas míticas guarani, como veremos adiante, e suscita questões centrais para o entendimento de como se desenvolvem os processos de criação de saberes, contribuindo, inclusive, para a percepção de que eles não se esgotam num suposto "momento de criação", mas se produzem no decorrer dos processos de circulação. Deste ponto de vista, acessar uma teoria do conhecimento através do estudo das narrativas míticas de um grupo exigiria estudar como essas narrativas são construídas

e que categorias de entendimento de tempo, história, espaço, etc. estão em operação.

Nesta forma de tratamento das tradições orais, nos aproximamos de abordagens que problematizam os processos de tradução, como nas concepções de antropologia como "tradução cultural", em que a tradução é uma experiência, não de reprodução e perpetuação de uma versão supostamente "original", mas de transformação e criação.

Como veremos adiante, na discussão das análises que cronistas e missionários fizeram das narrativas míticas guarani, observamos que, embora nas origens da antropologia acadêmica, diante da proliferação de situações de *equivocação* (Viveiros de Castro, 2004), as condições de tradução não fossem problematizadas, a partir da segunda metade do século XX, os problemas da tradução ganharam espaço crescente, articulados a outros temas caros à antropologia, como experiência, relação e transformação. Neste sentido, se traduzir é trair os limites de uma língua para permitir que os conceitos da língua original ajam sobre e subvertam as ferramentas conceituais da outra língua com a qual ela está posta em relação[26], enriquecendo-a com o estranhamento provocado por esse tipo de relação indireta, haveria, então, como Schuler (2008) sugere, uma relação entre tradução e o trabalho conceitual da antropologia, pois entender a antropologia como tradução cultural é vislumbrar a possibilidade de ampliação do seu campo conceitual, afetado por outros modos de conhecer.

Neste sentido, o estudo das narrativas míticas de um povo deveria, necessariamente, passar pelo questionamento das próprias categorias que forjamos para abordar suas tradições. Em vez de persistirmos no esforço possivelmente infértil de enquadrá-las em nossas "gavetas conceituais", poderíamos empreender o esforço de entender os sentidos e nexos que os indígenas dão às suas tradições e trabalhar a partir das suas categorias de entendimento. Deste ponto de vista, o que aqui identificamos como "narrativas míticas" assim certamente não são identificadas pelos Guarani e nem tampouco constituem a totalidade do que poderíamos aqui chamar de

[26] Ver o texto de Walter Benjamin (1969) sobre as tarefas do tradutor.

tradições orais. Do mesmo modo, o recorte adotado que distingue "narrativas míticas" de outras formas de expressão e comunicação de saberes, entre elas, outros tipos de narrativas, cantos (de vários tipos), danças, etc., sem sequer explicitar os critérios para tal distinção também é uma operação que não encontra ressonância nas categorias guarani.

Aracy Lopes da Silva (1995) ressalta que o tipo de relação que a sociedade não indígena desenvolveu com os povos indígenas e com suas cosmologias tem sido marcado, desde o início da colonização, pelo esforço contínuo de enquadrá-los num esquema eurocêntrico e evolucionista, no qual o pensamento e as religiões indígenas corresponderiam a manifestações de superstição, magia e insuficiência mental. Hélène Clastres enfatiza que, de uma rica mitologia indígena à qual os cronistas tiveram acesso, estes só retiveram os temas que lhes eram familiares e que podiam interpretar nos termos da sua própria religião (1978:22). Nesse quadro, os mitos e rituais indígenas foram tomados como prova da existência de diferentes estágios de evolução cultural e cognitiva da humanidade, na qual os indígenas, desprovidos de escrita, Estado e de uma "verdadeira religião", representariam um estágio primitivo, enquanto o Ocidente corresponderia ao ápice da evolução.

Lopes da Silva afirma que a associação do conhecimento à produção escrita contribuiu para aprofundar a ruptura entre *mythos* e *logos*. Antes termos complementares, eles passariam a representar uma oposição: ao mito seria atribuída a fabulação e a imaginação, enquanto *logos* representaria rigor e busca da verdade. A cada um também seria associada sua forma privilegiada de expressão: aos mitos, a oralidade flexível e sensível ao contexto de enunciação, ao *logos* a racionalidade crítica da escrita (1995:322). Tal divisão se acrescentaria à grande lista de divisores clássicos que, ao criarem a ilusão de um abismo entre diferentes sociedades humanas, pouco contribuíram para o entendimento das mesmas. No entanto, estes esquemas moldaram a maneira como concebemos mito e história.

Em contraponto a isto, Lévi Strauss (1967) demonstrou que o pensamento mítico e o pensamento científico são qualitativamente semelhantes, envolvendo os mesmos tipos de operações do intelecto. Assim, não derivam de processos ou tipos

de mentalidade opostos, mas diferem, sobretudo, quanto à natureza das coisas às quais se dedicam.

Ainda no âmbito dos estudos dedicados às tradições orais, temos o problema clássico das relações entre história e mito e das contribuições que tanto a antropologia como a história oral se propuseram a dar neste campo de (des)entendimentos. Primeiro, convém lembrar que, devido à associação da história com a escrita, a ausência de documentação escrita fez com que durante muito tempo a dimensão histórica nos estudos sobre povos indígenas se restringisse à descrição do seu contato com a sociedade não-indígena. Frequentemente, estas análises reproduziam uma visão degenerativa e unilateral das situações de contato, pautando-se num esquema que fixasse os "atores" indígenas no pólo dos "dominados", "oprimidos" ou "passivos". Até recentemente, pouca atenção fora dada às interpretações indígenas das situações de contato ou às formas como diferentes povos indígenas concebem sua história. Os trabalhos que se dedicaram a estas tarefas contribuíram para abalar nosso entendimento acerca da história oficial, apresentando outras possibilidades para se pensar categorias como tempo e espaço.

No que toca ao campo de estudos referidos como etnohistória, Eduardo Viveiros de Castro a define como os saberes desta ou daquela sociedade a respeito da sua inscrição na temporalidade, os métodos que usa para ordenar e preencher a série temporal, os eventos que retém e elabora, ignora ou oculta e as suas respostas às experiências de contato com a "nossa história" (1993:25).

No âmbito dos estudos de tradição oral, o trabalho de Jan Vansina (1985) é uma referência importante. Sua preocupação era atribuir valor às fontes orais, percebendo a especificidade entre fonte oral e escrita, que não deveriam ser misturadas sem cautela, pois falam do modos diferentes sobre coisas diversas. Diferente da proposta de etnohistória definida por Viveiros de Castro (idem), para Vansina a etnohistória é um método de comparação para reconstituir a história através de complementação de fontes escritas e orais. A visão de que a história oral deve ser usada quando não há documentos escritos está presente também no trabalho de Paul Thompson (2002). Convém lembrar que para Vansina a história oral

é produzida como rememoração para ser transmitida, enquanto a tradição oral é a memória coletiva de uma sociedade, que não conta, necessariamente, com a intenção de ser transmitida. Poranto, para esse autor, história oral e tradição oral não se confundem. Vansina chama a atenção para a importância do estudo das "cadeias de transmissão", dos diferentes componentes situacionais que constituem os contextos de transmissão das tradições orais e das variações na formalização do discurso, no número de narradores, de perspectivas, de observação e de percepção.

Como se viu até aqui, mesmo atentos para as especificidades que as narrativas míticas guarani apresentam e a reflexão criteriosa que demandam, pensá-las no âmbito de estudos das tradições orais, dentre as muitas abordagens possíveis, em se tratando de mitologias, nos permite dialogar com um conjunto de referências que extrapola o universo de estudos guarani. Neste sentido, finalizamos a apresentação deste texto com alguns comentários breves sobre as formas como os estudos helenistas trataram as tradições orais.

Marcel Detienne (1992) explica que Marcel Mauss instruía seus alunos que *o etnógrafo que sai em campo deve saber o que já sabe, a fim de trazer à tona o que ainda não sabe* e, incumbidos destas instruções, os jovens etnógrafos voltavam de campo com material a acrescentar às mitologias registradas nas bibliotecas das grandes nações colonizadoras. Mas, como Detienne destaca, essa coleção imensa não trazia à tona o que ainda não se sabia e foi à filosofia que os etnólogos recorreram para tentar entender o pensamento por trás dos mitos.

Segundo Cassirer e sua filosofia neokantiana, a mitologia é uma forma de pensamento religioso que, como a linguagem, é uma forma de configuração simbólica. Assim, a mitologia poderia ser pensada como berço de todas as formas simbólicas, e aspectos como arte, direito, moralidade, religião, etc. todos teriam um germe na mitologia. Com isso, Cassirer retoma uma das propostas da sociologia durkheimiana de que a religião ou a mitologia seria globalizante e, descobrindo-se nela as 'realidades' incobertas, se encontrariam objetos de reflexão, pois o pensamento científico nada mais seria do que uma forma aperfeiçoada do pensamento religioso.

Detienne (idem) apontará que tanto para Durkheim como para Cassirer o objetivo da filosofia seria ultrapassar ou se abstrair do pensamento mítico. É como se a filosofia nascesse da reflexão sobre o mito. E, na sua superação e na instauração do pensamento científico, o mito encontraria sua morte (idem: 194-5). Seria, segundo o mesmo autor, a partir desse paradigma grego que o pensamento antropológico de Lévy-Bruhl e Lévi-Strauss elaborariam o estatuto da mitologia no campo intelectual, evidentemente, em direções diversas[27]. Antes deles, em 1903, Marcel Mauss identificaria o mito como símbolo através do qual a sociedade se pensa e de onde derivariam a moral, os ritos e, mesmo, a economia, insistindo numa mesma origem racional, compartilhada pelo pensamento mítico, pela ciência e pela filosofia.

Detienne (ibidem) vê com pessimismo os efeitos da introdução e da disseminação da escrita em relação ao sistema de pensamento mitológico grego, mesmo reconhecendo que a escrita constituiu apenas um aspecto de um movimento mais vasto, ele alega que da vivência mítica restaram apenas fragmentos atrofiados. Essa forma de pensar a escrita como ameaça às tradições orais, aos seus processos de criação e circulação, parece repor o grande divisor entre sociedades letradas e orais. Um dos perigos deste divisor é naturalizá-lo ao ponto de sequer nos interessarmos por problemas importantes como, por exemplo, entender os sentidos que cada povo atribui à escrita e as (im)possíveis relações entre a produção e a circulação de saberes escritos e orais. Com isto em mente, ao virarmos nossa atenção para as narrativas míticas guarani, tendo em vista a participação crescente dos Guarani em programas de educação escolar indígena e de "valorização cultural", em que podem aparecer diferentes experiências de produção escrita, podemos indagar: junto com tudo que se escreveu sobre as tradições orais guarani, o que os Guarani escreverão das e sobre suas tradições e que sentidos essas experiências de escrita terão para eles? Que noções de autoria e criação serão colocadas e quais regras de

[27] Não é o caso de explorarmos neste texto as sutilezas nem as divergências nas obras desses dois autores, cabe apenas notar, como fizemos anteriormente que, para Lévi-Strauss (1989) o pensamento mítico opera por categorias de entendimento semelhantes às do pensamento científico, diferindo os processos de e objetos de conhecimento, mas não as capacidades do intelecto. Quanto à obra de Lévy-Bruhl (ver, por exemplo, *A mentalidade primitiva*, originalmente publicada em 1922), estudos como o de Marcio Goldman (1994) questionam a leitura superficial e enviesada que se convencionou a fazer das obras deste autor.

circulação entrarão em jogo?

II.6.3 - Apontamentos sobre a Discussão de Narrativas Míticas nos Estudos Guarani

Iniciamos estes comentários com a discussão de alguns estudos realizados por Léon Cadogan (1948, 1949, 1950, 1955, 1960, 1967/68). Lembramos, ainda, que essas notas introdutórias não pretendem abranger a totalidade das referências indicadas, mas somente apresentar algumas considerações iniciais. Trataremos, sobretudo, de textos já considerados clássicos, expondo apenas algumas notas breves sobre as abordagens mais recentes, que estão atualmente em circulação e instigam debates muito interessantes e revisões das formas de análise das tradições orais guarani. Tampouco abordaremos a publicação *Ayvu Rapyta*, de Cadogan, que mereceria uma análise mais aprofundada do que estes breves apontamentos nos permitem. Notamos, ainda, que a grafia dos termos e nomes em guarani varia conforme o autor, data e língua de tradução (espanhol ou português). Assim, uma mesma palavra: nhande (pronome da primeira pessoa singular inclusiva – nós, e flexões como nosso e nossa, quando usado em posição de prefixo), aparece como nhande, ñande, niande, etc.

Cadogan baseia grande parte da sua análise nas *ñe'é porã tenondé* (traduzidas por ele como "primeiras belas palavras"), que são as rezas e os cantos que se referem ao surgimento do primeiro Criador, à criação da linguagem humana, à comunicação de Ñande ru com os pais das almas. Estes cantos e rezas, segundo Cadogan, são de grande valor poético e filosófico, e, consideradas sagradas, são divulgadas apenas aos membros do grupo (1948:135).

No texto "Aves y almas de difuntos en la mitología guaraní y guajakí" Léon Cadogan (1955) procura tratar de algumas figuras pouco conhecidas dos mitos guarani e guayaki, mesmo reconhecendo o risco de empreender uma aproximação precipitada entre sistemas distintos. É interessante observar que suas informações sobre a mitologia guayaki oriundam de correspondência com Federico Mayntzhusen em 1927. Nesta cartas, havia explicações a respeito de almas, palavra e alguns animais, tais como as aves. Para os Guayaki, as almas estariam nas nuvens e se

manifestariam através do ruído que vem antes de uma grande tempestade. Seriam acompanhadas de uma ave. Cadogan compara o termo *ayvu* com *aïbu,* explicitando que este significa "ruído secreto", aquele que se liberta de dentro da árvore quando esta está próxima a cair (1955:149-150). Cadagon também teve oportunidade de conversar com um índio Guayaki que tinha contato com os Guarani. Nesta ocasião, ele perguntou sobre uma nuvem grande e ouviu como resposta que lá viviam os mortos junto com uma ave. O mesmo interlocutor revela para Cadogan diferentes divindades que viveriam nessa nuvem e que apenas certas pessoas, como o cacique, teriam condições de se comunicar com os seres que lá habitam, mas que também se movimentam entre esse lugar e a terra. Ele também destaca que outras pessoas além do cacique seriam capazes de visualizar, por exemplo, a ave que acompanha esses seres, embora não pudessem com eles se comunicar. Cadogan pergunta a esse mesmo interlocutor se criaturas semelhantes habitam a selva, e recebe como resposta que lá existiria um ser denominado *Jakarendy,* um homem muito pequeno com pele branca, que possui arco e flechas e que faria as pessoas perderem o caminho pela selva. Cadogan associa este ser ao Saci dos Mbya e explica que as palavras mbya *aka* e *jaka* significam castigar ou repreender com violência e seriam constitutivas do nome do deus da primavera, *Jakaira Endy* (*hendy, rendy*), que significaria "arder como uma chama". Cadogan, então, associa isso às informações de que dispunha para especular que em guayaki significasse "queimar-se".

Neste mesmo texto, Cadogan transcreve um mito sobre o *urutaú* ou *cacuy*, no qual um homem, prestes a atingir *aguyjé* (traduzido como a perfeição) pediu à sua família (todas mulheres) que fôsse ao campo recolher milho e porotos, mas que voltasse antes do sol alcançar a zênite. A filha mais nova voltou a tempo, porém a mais velha ficou passeando pelas fileiras de milho e porotos e se transformou em pássaro: *Piri-taú* (traduzida como enfeitiçada). Ela se arrependeu da sua transformação e gritou: '*morte desgraçada, morte desgraçada*', conseguindo, com isto, acompanhar sua família, mas na forma do pássaro *piri taú jú*, - eterno e indestrutível. Por isso, o *piri taú* que existe na terra seria apemnas uma representação ou imagem daquele que reside no paraíso. A esposa, que ficara de

observar o sol e chamar as outras na hora de regressar, dormiu sob uma árvore e se transformou em *uru taú* (traduzida como ave enfeitiçada). Em guarani, essa ave se chama *guaimingué* (referindo-se a uma anciã ou pessoa mais velha). Até hoje, essa ave observa o sol até se pôr e emite um canto, do sol poente até o amanhecer. A irmã do homem, com um bebê de colo, foi colher porotos roubados numa terra vizinha e foi transformada em veado. Como seu filho não tivera culpa, ele foi transformado em *Guachu Ja Eté*, o verdadeiro dono dos veados. O pouco de impureza que este continha tomou a forma de *Andyra* (nome dado ao Saci Mbyá) ou *Guachu Ja Eté Pyrongá*, o ajudante do verdadeiro dono dos veados (1955:152).

Ainda no que se refere ao papel de aves, na mitologia guarani mbya, Cadogan destaca que a única ave associada aos difuntos seria a *urukure'á* (coruja), que, seria a mais importante na sua mitologia, existindo desde os primeiros tempos. Cadogan lembra que numa versão mbyá do mito dos gêmeos, um deus vem à Terra em forma de coruja e é preso numa armadilha por uma moça, com quem concebe o pai dos Mbyá: *Pa'i Reté Kuaray* (traduzido pelo autor como sacerdote de corpo brilhante) (idem:153).

Para enfatizar a relação entre essa ave e os mortos, nos textos míticos, Cadogan reconta o relato de um rapaz que fez uma viagem longa e faleceu. Nisso, uma coruja foi até a mãe dele e esta lhe perguntou a respeito do seu filho ausente. À noite, o filho morto apareceu à mãe advertindo-a a não interrogar mais a coruja a seu respeito. Na próxima vez que a ave apareceu, a mãe voltou a lhe perguntar, sendo advertida em sonho, mais uma vez, a não interrogar a coruja, mas ela interrogou pela terceira vez e caiu morta.

O mesmo autor nota que nas narrativas míticas apapokuva, compiladas por Curt Nimuendaju em *Religión de los Apapokuva-guaraní*, as almas das crianças a caminho da "Terra sem Mal" teriam que passar com muito cuidado pela morada de *Añay* para não despertá-lo, caso contrário ele as devoraria. Em seguida, precisariam passar pela coruja que, sendo crianças, permitiria sua passagem. No caso das almas dos adultos, entretanto, caso conseguissem passar pela morada de *Añay*, a coruja gritaria para chamar todas as almas dos outros defuntos que rodeariam a alma

recém-chegada como parente ou amiga e não a deixaria passar.

Em “Chonó Kybwyrá: Aves y almas en la mitologia guaraní”, texto apresentado por Cadogan (1967/68) como aprofundamento do texto acima mencionado (1955), Cadogan identifica os Guayaki como primitivos Guarani e faz referência a estudos publicados por Susnik, na década de 1960, sobre os Guayaki. Susnik trata de *Chonó* – traduzido como deus dos raios e trovões –, assim como dos seus pássaros acompanhantes, como é o caso do beija-flor, apontado como agente de atos de vingança. Para Cadogan, haveria uma relação entre *Chonó*, o beija-flor e a alma humana.

É neste ponto que Cadogan apresenta uma “teoria das almas”, sugerindo que os Guarani conceberiam cada ser humano como portador de duas almas: uma espiritual e outra telúrica. Cadogan assinala uma dualidade da alma, tanto para os Guayaki, como para os Guarani. Para os Guayaki a alma telúrica é *iãvé*, para os Guarani, *angué*, que tem em sua raiz o atributo de estar ou erguer-se. Essa alma, após a morte, pode se transformar num espírito perigoso que forçaria a população a se retirar de um local após a morte de um parente adulto, ao passo que a alma espiritual ascende para o paraíso celeste, se tornando *barendy,* traduzido pelo autor como um “ser iluminado” (1967/58:141).

Para o mesmo autor, enquanto a alma espiritual dos Guarani (Mbyá, Chiripá e Kaiova) faz referência à linguagem, para os Guayaki, a alma se refere a *ové* ou *ovwé*. Cadogan explixa que *vé* é um sufixo que indica passado ou conseqüência de, assim como o sufixo Guarani *kué*. Nesse sentido, Cadogan, assinala o significado do termo *ové* como o resultado ou a conseqüência de se ter existido (1967/68:141-2). Apesar de reconhecer a noção bíblica de que “*no princípio era o Verbo*”, Cadogan enfatiza que a relação entre palavra e “alma espiritual” é uma noção propriamente ameríndia e não deriva do contato com os conquistadores europeus.

No seguinte trecho, Cadagon resume as analogias e diferenças entre as “teorias de almas” guarani e guayaki:

Em síntesis, podemos decir que hablar y alma espiritual son sinónimos em

> Guaraní, y la palabra empleada para expresar ambas ideas es um derivado de la misma raíz de la que se derivan los vocablos empleados tanto em Guayakí como em Guaraní para designar al *nombre personal* de um ser humano. Pero, aunque el común origen de *nombre personal* em Guayakí y em Guaraní es evidente, existiendo además em ambas lenguas estrecha relación entre *nombre personal* y *salud*, y siendo evidente también la relación entre el cambio de nombre del Guaraní enfermo y la 'carencia de cuerpo-nombre' del Guayakí, evidente también el común origen de *iãvé y angué*, el alma telúrica de Guayakí y de Guaraní respectivamente, aquí terminam las analogías: los vocablos empleados por el Guaraní para designar el 'alma espiritual' y 'lenguaje humano' son idénticas; pero em Guayakí la palabra *o-vé* empleada com el mismo significado de alma espiritual, encierra el concepto de *resultado de haber existido*. (1967/68:142-3).

Para Cadogan essas aproximações e diferenças entre as duas línguas se devem à possibilidade de que quando desmembraram os dois grupos, já havia a consciência entre eles de uma condição semelhante aos animais na emissão de ruídos, o que contribuiria para a elaboração de categorias próximas e, também, havia uma relação entre o nome pessoal e a saúde. No entanto, ele acredita que os Guayaki, ao contrário dos outros grupos guarani, não continuaram sua "evolução" e processo de semisedentarização, que permitiu a esses outros grupos a formação de classes especializadas, como a dos sacerdotes, que dada a abundância de alimento, teriam tempo para se dedicarem à reflexão e à elaboração de um sofisticado sistema mítico-religioso com um vocabulário específico correspondente. Cadogan associa o desenvolvimento do pensamento mítico-religioso guarani às reflexões metafísicas dos sacerdotes e lhes reserva um lugar entre os filósofos de outras culturas.

Na tentativa de ampliar as possibilidades de comparação entre os diferentes grupos identificados como Guarani, Cadogan procura entender o lugar do "trovão-raio" nessas mitologias, a começar pelas narrativas kaiova, segundo informações apresentadas nos cantos recolhidos pelo General Marcial Samaniego em 1956.

Nestes cantos, o "Grande Avô" teria criado o universo utilizando-se dos trovões e rodeado pela luz estrondosa dos raios. O Grande Avô pensava na sua futura morada e procurava um lugar radiante para se sentar e fazer seu trono "*para sentarse con su propia ley, con su propia luz, con sus propios truenos*" (Samaniego apud Cadogan, 1967/68:134). Cadogan menciona que um homem Kaiova teria dito que o beija-flor seria um mensageiro desse Grande Avô, acompanhando-o desde a criação do mundo e, atualmente, trazendo mensagens que os xamãs seriam capazes de interpretar.

Haveria, aqui, segundo Cadogan, uma analogia com as narrativas míticas dos Chiripá. Neste caso, o *mainó* (beija-flor) seria companheiro e conselheiro dos xamãs. A mesma ave cuidaria das "palavras-almas das crianças", atenta para que elas não se extraviassem quando os pais se ausentassem do lar, pois, corre-se o risco de que as "palavras-almas" das crianças acompanhassem os pais e se perdessem pelo caminho. Cadogan faz referência ao costume de colocar uma rama ou flores numa bifurcação, para que o beija-flor possa seguir o casal que deixa uma criança pequena.

O mesmo autor lembra que, entre os paraguaios não indígenas, o beija-flor é identificado como ave que traria notícias sobre as almas das crianças que morreram antes de completarem doze anos de vida. Neste caso, além de estar associado às almas de crianças, o beija-flor também permitiria a comunicação entre os vivos e os mortos, apontada, no texto anterior (1955), como atributo específico da coruja nas narrativas míticas mbya.

Cadogan (1967/68) chama a atenção para o fato de que em Guayaki *minó* significa também neto, podendo indicar alguma relação com o beija-flor (*mainó).* Em Mbya, *minó* também é usado para designar o neto. Cadogan lembra que nos mitos kaiova referentes à criação do universo o "Grande Avô" estava acompanhado do beija-flor e especula se isso não remeteria a uma relação de parentesco entre avô e neto.

Na tentativa de explorar as possibilidades de comparação, Cadogan remete à figura do beija-flor na mitologia bororo, tratada nas *Mitológicas* de Lévi-Strauss e entre os Aztecas, para quem essa criatura repousaria anos no paraíso dourado para depois assumir a forma de beija-flor. Na mitologia de povos indígenas norte-

americanos, o trono celeste também seria habitado por aves.

No texto "En torno de la aculturación de los Mbyá-Guarani del Guairá" (1960), centrado no problema da aculturação, como parte considerável dos estudos guarani desse período, Cadogan faz várias alusões à mitologia guarani, na tentativa de traçar relações entre mito, história e relações interétnicas. Aqui nos interessam apenas as reflexões que este autor elabora em torno da mitologia e não suas considerações sobre as relações interétnicas.

Cadogan conta que seus interlocutores explicavam que no princípio da humanidade havia três grupos: os Guayaki, os Guarani e *yvypó amboa'é* (os estrangeiros europeus). Estes três grupos são também conhecidos como *ñarukã ypy* (costelas originárias); *ñarukã mbyté* (costelas do meio) e *ñarukã kyryu* (costelas moles), o que, segundo Cadogan, remeteria ao mito bíblico de gênesis.

Neste texto, é identificado como lugar de surgimento dos Mbyá *Yvy Mbyté* (o centro da Terra), reconhecido como parte do Departamento de Guairá. Foi neste lugar que Kuaray, o irmão mais velho do ciclo dos gêmeos míticos e pai dos Guarani, foi engendrado por Nhanderu e uma mulher (*ñande jaryi*). Cadogan afirma que os rezadores guarani conseguiriam ver as pegadas desta mulher nas areias de onde a água brota no centro da Terra. Para Cadogan, este é o "Jardim de Éden Guarani", onde encontra-se a palmeira eterna onde moram os progenitores dos Guarani (1960: 133-4).

Uma das narrativas mbya, coletada por Cadogan, conta que quando os estrangeiros chegaram, havia dois grandes caciques: Guairá e Paraguá. Guairá se negou a se misturar com os estrangeiros, mas Paraguá fez um acordo com eles e desta união surgiram os *juruá* (paraguaios). Cadogan afirma que os Chiripá e os Paí também contam versões deste mito.

A certa altura do texto, Cadogan transcreve a narrativa de um informante que ele descreve como "*un mbyá mui aparaguayado*" (1960:143), segundo o qual havia uma moça muito bonita que tinha vários pretendentes, mas que não lhes prestava atenção, dedicando-se com fervor à dança e à reza. Na véspera de adquirir *aguyjé* (traduzida em vários textos por Cadogan como "plenitude"), ela aceitou dormir com

um dos pretendentes e amanheceu transformada em *Cedrela fissilis*, árvore que é muito cobiçada pelas madereiras, assim como a moça era pelos rapazes. Esta narrativa sobre a origem da árvore, que pelos mais antigos é chamada de *yvyrá ñamandú*, árvore criada por Ñamandu (uma das divindades guarani), é interpretada por Cadogan como uma espécie de sacrilégio, que seria uma transformação resultante do contato dos Mbya com os paraguayos.

Cadogan afirma não haver grandes diferenças entre a religião guarani e a religião dos campesinos paraguaios. A grande diferença estaria na crença cristã de um *ñande jara* (nosso dono), pois para os Guarani, todas as coisas teriam seu dono, menos os homens e os deuses. Outra diferença estaria no lugar reservado aos sacerdotes, pois o cristão precisaria de um sacerdote como intermediário para chegar ao céu, enquanto o Guarani não precisaria de ninguém para chegar à Terra sem Mal. Cadogan também destaca que a filosofia ocidentalizada do paraguaio se diferencia da filosofia guarani, cujo centro de referência estaria no além (1960:149-150).

Num texto anterior, "La encarnación y la concepción; la muerte y la resurrección en la poesía sagrada "esotérica" de los Jeguaka-va Tenondé Porã-gue (Mbyá-Guarani) del Guaíra Paraguay", Cadogan (1950) expõe algumas considerações a respeito do etnônimo: Mbyá, explicando que é usado pelos Guarani para designar aqueles que são índios, porém não pertencem ao mesmo grupo. No mesmo sentido, ele aponta que o termo *Ka'y gua*, também empregado para designar os Guarani, é entendido por eles como depreciativo e faz referência aos habitantes da selva, no que diz respeito ao adentramento deste grupo no mato, quando fugiam do contato com os espanhóis. Portanto, Cadogan se refere a esse grupo guarani como Jeguaká-va Tenondé Porã Güé í, entendendo esta como uma forma de autodenominação.

Cadogan defende que a religião dos Jeguaká-va Tenondé Porã Güé í contemporâneos é, em termos gerais, idêntica aos dos antigos Guarani antes da Conquista, e centra o texto no papel dos heróis divinizados na concepção (envio à Terra) de "palavras-almas" (*nhe'eng*), conforme sua análise das narritivas míticas guarani. Cadogan explica que tais heróis são aqueles que conseguiram alcançar o paraíso sem passar pela prova da morte. Um destes heróis, Karaí Ru Ete Mirĩ, envia

almas para encarnarem na terra, mas os demais heróis, segundo os relatos colhidos por Cadogan, embora também pudessem fazê-lo, não o fazem.

No texto “Las creencias religiosas de los Mbyá-Guaraniés”, Cadogan (1949) também falou desses heróis divinizados na mitologia mbya, num exercício comparativo com outras mitologias de povos ameríndios. Para este autor, o culto a eses heróis evidencia uma das principais diferenças entre os Mbya e os Apapokuva, e, ainda:

> Existen, sin embargo, diferencias de fundamental importancia entre las versiones de los dos mitos si se los analiza a la luz de lo expuesto por el Dr. Canals Frau en ‘Prehistoria de América’: el Creador apapokuva se retira a una aparente inactividad después de haber creado la tierra, hecho su chacra y engendrado a los gemelos quienes ha de proseguir su obra. El Creador mbyá-guaraní, en cambio, crea primeramente el fundamento del lenguaje humano - Ayvú Rapytá -; los cuatro grandes dioses: el del sol simultáneamente con el astro; el dueño del fuego; el dueño de la neblina vivificante; y el dueño de las aguas. Luego crea la Primera Tierra - Yvy Tenondé -; un insecto, un ave, una serpiente y un animal; imparte instrucciones minuciosas a sus lugartenientes y desaparece. Reaparece posteriormente para encargar la creación de una nueva tierra - Yvy Pyaú - en reemplazo del mundo que ha desaparecido, destruído por el Diluvio. (...) De lo expuesto, a mi entender, puede inferir-se que en los mitos mbyá debe buscarse la confirmación de la hipótesis de Nimuendaju según la cual el Culto Solar sería la piedra angular de la religión apapokuva (...) Creo que demuestran también que la definición del Dr. Canals Frau de la religión de las altas culturas americanas - aplicable también a las religiones de las clásicas culturas del Antiguo Oriente - podría emplearse para definir la religión profesada en la actualidad por los Mbyá-guaraníes del Guairá; v.g., que la figura central de su teogonia es una divindad solar íntimamente ligada al politeísmo (1949:681-2).

Sobre Ñanderu Papa Tenondé e Ñamandu Ru Ete, Cadogan (1960) sugere que sejam a mesma divindade, relacionada ao sol, e figura central na teogonia guarani. Para o mesmo autor. No verso: "Se da asiento al ser que alegrará a los bien amados, *O ñe-mbo-apyka porã güé í rembi-rerovy'á rã í*", Cadogan sugere que as almas sejam enviadas à Terra para alegrarem os humanos.

Em texto anterior (1948), Cadogan conta que Ñande Ru Papa criou quatro grandes seres: Karaí - deus do fogo e sua esposa Kerechú; Jakairá - deus da primavera com sua esposa Ysapy; Ñamandú - deus do sol com sua esposa Jachuká; Tupã deus da chuva, do trovão e do raio e sua esposa Para. Estes quatro seres e suas esposas têm o nome de "*i puru'ã ey va'e*" (traduzido pelo autor como: os que carecem de umbigo, o que significa que foram criados e não engendrados). Seus numerosos filhos, porém foram engendrados e possuem umbigo. Estes quatro seres são encarregados de enviar almas masculinas e femininas à Terra para que se encarnem nos corpos das criaturas que nascerão, por isso são conhecidos como *Ñe'é Ru Eté* e *Ñe'é Chy Eté*, "os verdadeiros pais e mães das palavras-almas" (1948: 133-34).

Assim sendo, nos *Avyu Rapyta*, cantos recolhidos e traduzidos por Cadogan, Ñanderu Papa diz aos verdadeiros pais das almas (*ne'eng ru ete*) que enviem à Terra uma alma para encarnar-se e tornar alegres os portadores das insígnias masculinas e femininas, *Jeguaká-va porã güe í* e *Jachuká-va porã güé í*. Os "verdadeiros pais das almas" falam à alma (que será enviada) que vá à Terra, mas não se esqueça de sua origem, da morada dos deuses. Ela é advertida dos males da terra, diante dos quais deverá demonstrar coragem, força e perseverança.

Cadogan descreve que, desde constatada a gravidez, são cantados versos específicos que falam da relação da "palavra-alma" com os deuses e dos deveres dos pais. Após o nascimento e um período de reclusão inicial, a criança é levada para ter seu nome revelado. Cadogan diz que não há um prazo específico para que isto ocorra, podendo ser nos primeiros meses de vida ou quando a criança já anda. Nesse caso, a mãe leva a criança para aquele que lhe revelará o nome e diz: "*Mi hijito ya está entre la gente; porque quiero escuchar su nombre lo traigo* (*I katú py ma oikó memby í; e-ry a endú ché ma vy a ru*)". O *Karaí* (xamã), então, responde: "*Hemos de*

escuchar su nombre (*E-ry ña endú va'erã)*", e fuma o cachimbo na *opy* (casa de rezas), reza e canta para se comunicar com os deuses e averiguar a procedência da palavra-alma que se encarnou na criança. Após relatar como os deuses procederam e falaram durante a concepção dessa palavra-alma, pois os deuses se envolveriam numa discussão para decidir qual deles enviaria uma palavra-alma à Terra, o *Karaí* (xamã) sopra fumaça sobre a cabeça da criança e diz à mãe o nome, que lhe fora revelado. Cadogan conta que isso tudo pode levar vários dias (1950:238-39).

Em texto anterior (1948), Cadogan relata uma narrativa que descreve a destruição do primeiro mundo e a criação do segundo mundo. Ele escreve que a primeira terra, *yvy tenondé*, foi destruída por um dilúvio e todos os humanos virtuosos, livres de *tekó achy*, ascenderam ao céu, enquanto os que haviam errado foram transformados em insetos, aves, répteis e outros animais e também ascenderam ao paraíso celeste (1948:134).

Um filho do deus Jakairá (identificado por Cadogan como o deus da primavera), Ysaup-í, refez a terra e a povoou com imagens (*ta'angá*) dos habitantes das regiões celestes. Os Mbyá seriam descendentes diretos de uma mulher que vivia no centro da terra, *yvy mbyté* (Guairá) e de Ysaup-í, filho de Jakairá.

Neste mesmo texto, Cadogan fala de uma versão mbya do mito dos gêmeos, mas enfatiza que, embora *Pa'í Reté Kuaray* e *Jachy-rã* sejam irmãos, eles não são gêmeos, e o segundo foi criado pelo primeiro para acompanhá-lo em suas tarefas: a criação de abelhas melíferas, livrar a nova terra de espíritos maus e deixar aos Mbya um código para reger sua vida. Cadogan acredita que estes irmãos não se encaixam perfeitamente no mito dos gêmeos, pois os gêmeos representariam para os Mbya a encarnação de duas almas más (*ñe'e ngaí o-mo-pyrõ va'e kue Mba'é Pochy*) enviadas por Mba'é Pochy (traduzido por Cadogan como "demonio") com permissão dos deuses para castigar uma relação que não lhes agrada (1948:138).

O texto "Apontamentos sobre os Guarani" escrito por Nimuendaju na primeira década do século XX, originalmente em alemão, só foi traduzido e publicado após a morte do autor. Ele traz informações não-sistematizadas, mas parece ter servido de esboço ao texto "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt

als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani" publiado em 1914 na revista *Zeitschrift für Etnologie*.

A tradução, a organização e notas do texto foram feitas por Egon Schaden em 1950. A edição consultada é de 1954. Conforme sua introdução esclarece, Schaden dividiu o texto em quatro partes: iniciando-se com as migrações empreendidas pelos Apapokuva entre 1830 e 1904, descritas por Nimuendaju em 1908; a segunda parte, "Acontecimentos vários", relata episódios de relações entre pessoas indígenas e não-indígenas e descreve o *nimongarai* no qual Nimuendaju foi "adotado" pela comunidade; a terceira parte conta sobre práticas xamanísticas; a última seção é "Mitologia e crenças religiosas", seguida por apêndices que contém uma genealogia e um mapa de migrações dos Guarani pelo território paulista, além das notas do próprio autor e notas de Schaden. É esta quarta seção que mais nos interessa para a discussão das narrativas míticas guarani.

Nimuendaju inicia o capítulo dedicado às narrativas míticas, relatando algumas versões do mito dos gêmeos, contados pelos Guarani. Ele diz que nesse tempo mítico, o mundo era como o céu, e tudo que se plantava crescia sem o menor esforço. U'a (Yva) morava com três homens, mas, um dia, dois foram embora e ela ficou apenas com um, que era Nianderu. Ela ficou grávida de gêmeos[28]. Nianderu foi plantar milho e mandou a mulher colhê-lo no dia seguinte, mas ela não acreditou que já haveria milho, então ele, aborrecido, foi embora para não voltar mais. Na encruzilhada ele fechou o caminho, deixando algumas penas de arara. Quando a mulher foi atrás dele, vendo que o milho de fato crescera, ela chegou à encruzilhada e perguntou para o filho, na sua barriga, qual caminho deveria seguir. O filho indicou o caminho certo e, mais adiante, pediu para a mãe apanhar umas flores. Assim aconteceu outras vezes, até que a mulher foi picada por uma vespa e brigou com o filho, dizendo que ele nem havia nascido ainda, então não tinha motivo para recolher flores. Quando perguntou o caminho de novo para o filho, ele lhe indicou o caminho errado, onde havia *Jaguá* (uma onça), que a devorou, mas levou os gêmeos para casa

[28] Outros autores, como Cadogan (veja explicação anterior), afirmam que na mitologia mbya os irmãos não eram gêmeos.

para prepará-los de modo especial. No entanto, ela não conseguia prepará-los para o consumo, então, ela resolveu criá-los e chamou o gambá Mbycu para amamentá-los. No início o gambá achava que não daria certo, porque era muito fedida, mas se lavou e amamentou os gêmeos, que lhe deram a capacidade de parir sem sentir dores, ao contrário dos outros animais.

Nianderequey (nosso irmão mais velho) cresceu rápido e esperto, mas Chyvyi (o irmão mais novo) era pequeno e não parava de reclamar pela mãe. Eles aprenderam a caçar e caçavam aves para a onça, mas sempre obedeciam ao seu conselho de não se aproximarem de determinado lugar. Ao se aproximarem desse lugar, encontraram um jacu que Nianderequey acertou com uma flecha. A ave sugeriu que ele fosse falar com o papagaio que lhe contaria uma história, mas ela não falou mais nada, porque jacu não pode falar muito e tem voz como gente papuda. Nianderequey curou o jacu, mas até hoje ele tem uma mancha vermelha no pescoço. Ao encontrar o papagaio, este começou a falar logo, pois é um grande falador e perguntou por que os gêmeos matavam as aves para levar à onça que matou sua mãe, deixando seus ossos expostos no caminho (caminho este que a onça os proibira de percorrer). Os gêmeos encontraram os ossos e começaram a chorar. Nianderequey conseguiu reunir os ossos e formar o corpo com terra, mas Chyvyi atrapalhou quando impacientemente lançou-se sobre a mãe para mamar.

Nimuendaju conta que em outra versão, Nianderequey conseguiu terminar e ressuscitar a mãe, mas Chyvyi atrapalhou, impedindo-o de terminar um dos seios, por isso até hoje os seios das mulheres seriam desiguais.

Em seguida, os irmãos recolheram bastante pitanga e Nianderequey fez uma ponte que pudesse ser virada com facilidade. No rio, sob a ponte, Chyvyi jogou muitas folhas e galhos; as folhas se transformaram em peixes e os galhos em jacarés e sucuris. Eles convenceram Jaguá a ir até o lugar buscar mais pitangas e ela chamou todos seus parentes. Os gêmeos conseguiram derrubar quase todas as onças no rio, menos a jaguatirica que ficou desconfiada e escapou, junto com os dois filhotes que carregava na barriga.

Nimuendaju também registrou uma narrativa que conta de um velho gigante,

às custas de quem os gêmeos se divertem muito com a ajuda dos cuatis que Nianderequey criou para este fim. Ele morreu quando os gêmeos, pintados de urucum, convenceram-no a se submeter a uma operação para conseguir se adornar. Eles tiraram toda sua pele e esfregaram um pó ardido nas feridas, de modo que ele morreu de tanta dor. Em outra versão, o gigante costumava lavar os órgãos sexuais numa lagoa e, quando Nianderequey espalhou um pó ardido na água, o gigante morreu de tanta dor. O gigante tinha duas filhas que os gêmeos tomaram como mulheres. Para manter relações com elas, Nianderequey usou um pênis talhado em madeira, mas Chyvyi não teve o mesmo cuidado e ficou doente, por isso até hoje existem as doenças venéreas.

Depois, os gêmeos resolveram procurar o pai e andaram muito até chegarem ao primeiro céu onde estava Nianderu. Chyvyi quis ficar, mas Nianderequey disse que talvez aquele não fosse o pai deles. No segundo céu, encontraram Cheruvuçu. Chyvyi ficou lá, mas Nianderequey continuou e, como ele não retornou, acredita-se que ele tenha ficado no terceiro céu.

Nimuendaju afirma que o senhor do terceiro céu é pouco mencionado pelos Guarani e ele só ouviu seu nome uma vez, não lembrando se seria Cherumbaecuái. Schaden afirma em nota que numa versão mais completa do texto, Nimuendajú só faz referência a dois céus com seus respectivos senhores: Nanderuvuçú (nosso pai grande) e Nanderú mbaecuá (nosso pai conhecedor das coisas). Schaden acrescenta que a concepção de vários céus sobrepostos é comum entre muitos grupos guarani.

No relato de outra narrativa mítica, identificada como “As manchas da lua”, Numuendaju escreve que havia um grupo de moças e moços que não se conheciam e, quando resolveram que dormiriam juntos pela primeira vez, tiveram medo. As meninas se deitaram no rancho enquanto os rapazes ficaram do lado de fora cantando e batendo o pé, tentando criar coragem. Depois, cada um se juntou à sua companheira, sem reconhecê-la, mas um homem quis saber quem era a moça com quem se deitara e várias vezes perguntou seu nome, sem receber reposta, então ele deixou uma mancha de barro no rosto dela. Antes de amanhecer, os homens voltaram para a fogueira, do lado de fora e conversaram, comentando que não

teriam como reconhecer suas companheiras. Apenas um afirmou ter certeza de que a reconheceria, mas, quando as moças saíram, todos perceberam que ele tinha dormido com a própria irmã. Assim, Nianderu e Jacy (irmão e irmã) andam juntos pelo céu, mas Nianderu desaparece quando aparece o rosto manchado da irmã.

Em nota, Schaden conta que versões deste mito são conhecidas entre várias populações indígenas e caboclas e que ele mesmo conheceu uma versão muito diferente do mito com Poydjú (Capitão Maneco) do P.I. Curt Nimuendaju. Nesta versão, o Djasy era um homem a quem cabe a tarefa de mandar a chuva e que ele não é irmão do sol (Nhanderu). Na versão que o capitão Maneco conta, Djasy tinha uma irmã com quem ele dormiu. Mas a irmã não sabendo quem era, passou a tinta de uma fruta no rosto do irmão para reconhecê-lo no dia seguinte. A fruta seria genipapo (nhandypá). Schaden cita uma versão relatada por Nimuendaju em trabalho posterior em que este afirma que a lua e o sol são irmãos, filhos de Nianderú Mbaecuá. Ele conta que a lua "levada por impulso homosexual" visita o irmão onde ele dorme, mas este não o reconhece. Na noite seguinte, mancha o rosto do visitante misterioso para reconhecê-lo e descobre que é seu irmão mais novo. Então, Nianderuvuçú mandou ambos para o firmamento, colocando a lua para iluminar o dia e o sol a noite, mas a lua era muito quente e queimou tudo, então trocaram de lugar.

No livro *Aspectos fundamentais da cultura Guarani,* publicado por Egon Schaden em 1962, existe a preocupação constante com as relações interétnicas, no que ele identifica como pertinente aos processos de aculturação. São poucas as referências à mitologia e esta, por sua vez, também é interpretada de acordo com o que o autor percebe como influências do "contato": "*A posição atual do mito no conjunto da concepção do mundo guarani está, pois, estreitamente ligada às transformações culturais e sociais decorrentes do contato com a civilização*."(1962:175).

Neste sentido, Schaden afirma que os Guarani imaginam a "Terra sem Males" como uma terra ideal em que se realizam os desejos que neste mundo não são satisfeitos. Segundo o autor, os Guarani contemporâneos identificariam esta terra ao restabelecimento dos seus costumes e modo de vida anteriores à chegada dos

europeus, atitude análoga, para Schaden, à dos profetas da Ghost Dance Religion norte americana. "*Este traço revela que a situação de penúria cultural decorrente dos contatos culturais já se firmou como problema na consciência coletiva*"(1962:161).

Mais adiante, seguindo a mesma orientação teórica, Schaden conta que a situação de contato teria alterado a função social dos mitos: "*Assim, nos últimos anos, a penetração de colonos civilizados, brasileiros e europeus, nas matas pertencentes aos Kayová, provocando ou exacerbando um estado de penúria cultural, transformou o mito numa força de expressão social. Cabe-lhe a função de auxiliar os índios a superarem psiquicamente a insegurança e a situação de crise*."(idem: 174). Nisso, o autor entende que a tentativa de imediata realização do 'sonho mítico' (ativação do mito) se associa a situações de crise, resultando em possíveis transformações e inversões de determinados aspectos dos mitos.

No texto "Educação indígena", publicado pelo mesmo autor em 1974, Schaden afirma que os "valores morais, doutrina religiosa, crenças mágicas e idéias míticas" se transmitem em grande parte pela convivência entre gerações. Em alguns grupos há o que ele define como um ensino formal nos ritos de iniciação ou na preparação de xamãs ou chefes de aldeias, mas em geral, Schaden afirma que a aprendizagem se dá através da participação na vida dos adultos. No caso dos Guarani, Schaden conta que as crianças aprendem os cantos e danças pela participação nos rituais. "*Sem esforço nenhum, aprendem assim os textos e as melodias. E muitas vezes ouvem a narração dos mitos tribais, cujos episódios conhecem em todos os pormenores*"(1974:12).

Na mesma década de 1970, Hélène Clastres (1978[1975]) contesta a preocupação dos estudiosos da aculturação em tentar estabelecer a "pureza" ou a influência do contato sobre diferentes aspectos da "cultura guarani", afirmando a necessidade de se conhecer os significados e a importância dos diferentes aspectos da vida dos Guarani e sua história. Para tanto, ela propõe um estudo da história guarani, retomando a leitura dos cronistas, para explicitar o que podem nos dizer dos antigos Tupi e Guarani, e o estudo dos discursos dos atuais Guarani para entender o significado que atribuem à Terra sem Males, tema que acredita representar um elo entre os Guarani atuais e antigos. Em vez de partir dos atuais Guarani para

reconstruir sua história, tentando identificar mudanças e perdas, ela procura entender o significado dos discursos sobre a Terra sem Mal no contexto histórico descrito pelos cronistas para rever os discursos atuais sobre este tema, e, a partir disso, analisar em que medida os significados e a importância deste tema mudaram. Sua abordagem não a impede de perceber uma diferença nítida entre a condição dos Guarani antigos e os atuais, imaginando os primeiros como livres e fortes, enquanto os atuais estariam morrendo, e refletiriam isso nos seus discursos. Mesmo assim, Clastres percebe uma continuidade entre os Guarani antigos e os atuais. A autora não fala em transformação, mas sim em deslocamento, pois o discurso sobre a Terra sem Mal continuaria sendo um discurso crítico sobre a sociedade, dando continuidade a uma preocupação tradicional, mas revelando uma atualidade afetada pelas profundas mudanças que as sociedades guarani viveram. Haveria, portanto, um deslocamento de foco.

Cronistas do século XVI, como Léry e Thevet afirmaram a inexistência de religião entre os Tupi, percebendo a associação de Tupã a algo divino, como uma invenção européia, pois o trovão, quando associado ao divino, era entendido como deus dos brancos, que beneficiava a estes exclusivamente. Montoya, no entanto, suspeitou que tivessem mais a conhecer da religiosidade guarani, ao descobrir que os índios faziam culto velado aos ossos de grandes xamãs numa casa escondida e distante onde os xamãs se comunicavam com os espíritos. Tema que seria retomado por Cadogan na comparação entre os Guayaki e Guarani.

Quanto a interpretação dos cronistas de que os antigos tupi não tivessem religião, Clastres considera que:

> (...) negligenciou-se, simplesmente, de prestar alguma atenção às crenças e à mitologia indígenas. Quando muito, são referidas como curiosidades ou anedotas divertidas (Thevet); ou então, contenta-se (Montoya) em advinhar nelas a obra do demônio, ou ainda em perceber, mais ou menos deformada, a idéia de Deus: é necessário que a pregação encontre um ponto para ancorar. A primeira razão prende-se, pois, - como era de se esperar - a uma atitude

C T I
Centro de Trabalho Indigenista

> etnocentrista: a recusa de levar a sério as crenças indígenas. Mas isso não é tudo, uma outra explicação acrescenta-se a esta: o próprio caráter da religião tupi-guarani, apropriado a dissimulá-la para um olhar ocidental. (1978: 20-21).

Convém lembrar que para Clastres, uma religião é "um conjunto de crenças" que pode se expressar de múltiplas maneiras: expressão verbal (mitos, rezas, cantos); expressão gestual (ritos, atitudes, comportamentos); expressão material (templos, objetos de culto, representações figuradas das divindades). O que teria levado os cronistas a ignorarem a existência de religião entre os grupos tupi-guarani seria a dificuldade de encontrar esses sinais tangíveis nos quadros, ou lugares, em que esperavam encontrá-los.

Clastres afirma que os cronistas pareciam ignorar que a originalidade da religião guarani estaria em não colocar uma ruptura irredutível entre deuses de um lado e homens do outro, ou seja, não se tratava de uma teologia – um conjunto de saberes sobre os deuses. Considerando a Terra sem Mal como lugar acessível aos vivos, situada, inclusive, em lugar geográfico preciso, Clastres afirma que as práticas religiosas guarani visariam aproximar os homens dos deuses, tornando-os semelhantes na sua condição de imortalidade. Assim, reduzir a religião guarani a um discurso ou saber sobre os deuses seria, segundo a mesma autora, distorcê-la pela imposição de uma lógica alheia que ressaltaria um aspecto aparentemente secundário. Clastres chega a sugerir que os Guarani tivessem criado uma religião atéia.

A mesma autora mostra que os cronistas Fernão Cardim, Léry, Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux não procuraram assimilar suas informações sobre a Terra sem Mal a crenças cristãs, ao contrário do que se fazia com Tupã, Aña, etc. Para estes cronistas, tratava-se de um paraíso pagão. Talvez porque mais parecesse uma vida dionisíaca e por ser situada pelos Guarani num local geográfico preciso, evitava-se esse tipo de comparação com a noção cristã de paraíso.

A autora observa que o herói mítico não foi o único a haver chegado à Terra sem Mal sem passar pela prova da morte e que vários personagens históricos também desfrutaram desse poder. Ela concorda com Cadogan na suspeita de que

seria assim que as tradições guarani contariam a história de líderes religiosos que conduziram grandes migrações em busca da Terra sem Mal.

Segundo a análise desta autora, o tema da Terra sem Mal continuaria central para os Guarani contemporâneos, embora o sentido do discurso tenha se deslocado. Impedidos de empreender migrações em busca desse lugar, os profetas deixaram de ser homens de ação para se tornarem homens de pensamento. Isto é, enquanto a mesma leitura filosófica ainda fosse possível, a leitura sociológica teria alterado-se bastante. Pois, depois da violência com que as grandes migrações foram recebidas, no começo do século vinte, apenas pequenos grupos se puseram à procura da Terra sem Mal. E estes, reprimidos pelas autoridades públicas paraguaias, que, a contragosto, se resignavam com índios sedentários, consideravam-nos insuportáveis e incontroláveis quando em movimento pelo território. Neste sentido, Clastres observa que:

> Se o discurso religioso dos guaranis se modificou, é que nele reflete-se a consciência do fim do seu mundo. Assim, vai consagrar-se a pensar na desgraça do seu destino histórico. E é por recusarem um destino, que, contudo, sabem inelutável, que os mbiás atribuem tanto valor à sua religião: ela permanece, assim como sua língua, o veículo pelo qual podem ainda afirmar sua diferença, e isso explica que seja mantida secreta e ocupe um lugar privilegiado na vida cotidiana. (1978:86).

Todas as fontes analisadas por Clastres atribuem aos Guarani e Tupi conhecimento do "dilúvio universal". A autora relata algumas versões desse mito, assim como ele foi registrado por cronistas, e observa que à primeira destruição da terra se seguiu a construção de uma diversidade natural ou geográfica: num ambiente uniforme, se instaurou a diferenciação, com relevos e elementos físicos que se sobrepõem e se articulam. Quanto à segunda destruição, se seguiu a constituição da diversidade entre as sociedades humanas. "*A ordem dos mitos sugere que a diversidade das culturas só podia surgir como conseqüência da diversidade dos*

meios naturais. A primeira humanidade, tão achatada e uniforme quanto a própria terra, só comparece como penhor do advento da única humanidade real, que se define pela multiplicidade das sociedades."(1978:25-6).

Cabe notar a ênfase e a interpretação que Clastres atribui aos discursos religiosos e míticos dos Guarani, destacando, sobretudo, suas características e o papel da *ayvu porä*, por ela traduzida como "bela linguagem" e *ñe'ë porá*, traduzida como "belas palavras" ou "palavras enfeitadas", com inúmeras implicações e desdobramentos. Transcrevemos o longo trecho dos seus comentários a este respeito, lembrando que ela se baseia também em estudos empreendidos por Léon Cadogan.

> As belas palavras são as palavras sagradas e verdadeiras que só os profetas sabem proferir; são a linguagem comum a homens e deuses; palavras que o profeta diz aos deuses ou, o que dá no mesmo, que os deuses dirigem a quem sabe ouvi-los. *Ayvu porã*, a bela linguagem (é assim que os mbiás designam o conjunto das suas tradições sagradas), é com efeito a que falam os deuses, a única também que apreciam ouvir. Sua especificidade é marcada por um vocabulário que lhe é próprio: certo número de termos que encontramos nos *ayvu porä* e que traduzem noções abstratas (saber-poder criador; completude; força espiritual; e outros) nunca são empregados na linguagem corrente e não possuem equivalente nesta; seu sentido e uso são exclusivamente religiosos. Além disso, para nomear certo número de objetos, a bela linguagem utiliza sempre metáforas e não os termos que designam correntemente estes objetos. Assim, a fumaça do tabaco é a 'bruma mortal'; 'esqueleto da bruma' é o cachimbo; 'florzinha do arco', a flecha; 'o que os vossos dedos afloram' é a expressão adotada pelos deuses para o trabalho de plantação. Diferente do registro cotidiano, que se limita a designar as coisas, só a bela linguagem as nomeia.
>
> *Ñe'ë porä.* Em guarani, o adjetivo *porä* qualifica o enfeite, a beleza do que é enfeitado; não se diz belo um arranjo natural. As belas palavras:

palavras enfeitadas. O que são, efetivamente, de várias maneiras: a forma poética da composição; o arranjo sonoro das palavras, já que a voz que as pronuncia redobra as vogais, como para acentuar sua musicalidade; as metáforas de que se enfeita a linguagem. Ora, assim como o adorno é, para os homens que o portam, o que revela sua condição verdadeira, da mesma forma o ornamento da linguagem é necessário se quisermos falar com justeza. Aqui a metáfora não é uma maneira de dizer que mascare o sentido das coisas; ela é a única maneira de dizer o que, em verdade, são as coisas.

Dádiva dos deuses, as belas palavras nem designam nem comunicam só podem servir para celebrar sua própria divindade. Pelo menos é o que o 'mito' mbiá dá a entender. Nhamandu, o Pai Verdadeiro, o Primeiro, concebeu o fundamento da linguagem a partir de uma parcela da sua divindade. (...) A linguagem destina-se ao canto, não ao conhecimento, e é bela a palavra cuja destinação primordial é comemorar o sagrado.

Ñe'ë (= palavra, voz, eloqüência) significa também alma: ao mesmo tempo o que anima e o que, no homem, é divino e imorredouro. Duas significações que o mito acautela-se em não separar, pois esclarece que Nhamandu *ergueu-se* e concebeu a linguagem. A palavra, a alma, é justamente o que mantém de pé, ereto, como está manifesto na idéia de que a palavra circula no esqueleto. A ligação entre palavra, ser animado e verticalidade também é visível em várias expressões em cuja composição entre o radical *e* (= dizer). Assim é que os espíritos invocados pelo xamã, quando tenta restituir a vida a um moribundo, são chamados de *eepya*: os que restituem o dizer. A expressão *e-ry mo'ä*, que no vocabulário religioso designa o nome, significa 'o que mantém ereto o fluxo do dizer'; e é somente quando a criança consegue ficar de pé e começa a andar que lhe é atribuído um nome, mais exatamente, o nome que é seu e marca a proveniência (leste, oeste ou zênite) da alma-palavra que se encarnou nela. Quando Nhamandu Ru Ete concebeu as demais divindades - Caraí Ru Ete (leste), Jacaíra Ru Ete (zênite) e Tupã Ru Ete (oeste) - conferiu-lhes o encargo das almas-palavras dos

> futuros homens; são essas divindades, por essa razão, chamadas de Ñe'eng Ru Ete (pais verdadeiros das almas-palavras) que o xamã invoca para saber de onde vem a alma da criança e qual é seu nome. Se acontece que o xamã não descobre o nome da criança, é sinal de que nenhuma palavra se encarnou nela e de que não sobreviverá. A morte é a perda da palavra; a alma, o princípio vital, é *e,* o dizer. Essa idéia não deixa de evocar um costume dos antigos tupis relatado por Gabriel Soares de Sousa: consideravam um doente como já falecido, e o enterravam, quando não conseguia mais falar. Alma no sentido de princípio vital, sopro que anima e mantém ereto, a palavra também é aquilo pelo que o homem participa da divindade, ele que foi enviado à terra para ser seu depositário. (1978: 86-8).

A partir do fim da década de 1980, os estudos guarani se voltam com maior ênfase para a questão da territorialidade (Melià, 1989; Ladeira, 1992 e 2001). Neste momento, há a tentativa de associar a cosmologia guarani à territorialidade e derrubar a ideia difundida de que se trata de um povo nômade sem vínculo com os espaços por eles habitados e percorridos, algo que serviu de justificativa para a falta de uma política fundiária séria. É neste sentido que Bartomeu Melià articula cosmologia, territorialidade e economia:

> *A busca da 'terra sem mal'* e de uma 'terra nova' estrutura marcantemente seu pensamento e suas vivências; a 'terra sem mal' é a síntese histórica e prática de uma economia vivida profeticamente e de uma profecia realista, com os pés no chão. Animicamente, o Guarani é um povo em êxodo, embora não desenraizado, pois a terra que procura é a que lhe servirá de base ecológica, amanhã como em tempos passados. Durante os últimos 1500 anos - período em que as tribos Guarani podem se considerar formadas com suas características próprias - os Guarani se mostraram fiéis à sua ecologia tradicional, não por inércia, mas pelo trabalho ativo que supõe a recriação e a busca das condições ambientais mais adequadas para o desenvolvimento de

> seu modo de ser. A tradição, neste caso, é profecia viva. A busca da 'terra sem mal', como estrutura do modo de pensar do Guarani, dá forma ao dinamismo econômico e à vivência religiosa, que lhe são tão próprios. (1989: 293).

Maria Inês Ladeira (1992 e 2001) aborda a cosmologia e a territorialidade guarani e as associa aos saberes e práticas que articulam essas duas dimensões. Ela percebe a força e o sentidos que têm as narrativas míticas nas experiências e relações cotidianas dos Guarani Mbya, e, neste sentido, a autora observa que:

> A história mbya é resgatada cotidianamente. Sociedade oral por excelência onde a retórica tem lugar de destaque, o conhecimento das 'belas palavras', base dos ensinamentos, é o atributo mais desejado. A conservação do saber e das tradições é valorizada justamente pelo seu componente de oralidade. O desenvolvimento ou aprimoramento do ser humano, do ser Mbya, passa pelo aperfeiçoamento de seu discurso oral, pela penetração que este pode alcançar no seio da comunidade. Leva-se ainda em consideração (e neste caso se descartaria a necessidade da escrita) que a sabedoria advém das revelações contidas nos sonhos, da iluminação obtida por aqueles que, através da obediência às regras ditadas pelos mitos, estão mais próximos de Nhanderu e do conhecimento. (1992:66).

Ladeira destaca que um dos preceitos míticos contido na narrativa de Yvy Tenondé (a primeira terra) é a manutenção do intercâmbio de informações entre os vários grupos familiares, a despeito da grande extensão territorial onde estão localizadas as aldeias mbya. E essa circulação de saberes se realiza de diversos modos, nas artes verbais, nos sonhos (na atenção para suas mensagens, no seu relato e interpretação) e nas andanças. A mesma autora lembra que estas formas de circulação de saberes estão prescritas nos mitos (idem: 66).

Quanto aos esforços empreendidos na busca por alcançar yvy mara ẽy, Ladeira observa que, embora se trate de uma realização individual e sejam

conhecidos casos de pessoas que, tendo acessado as condições necessárias para alcançá-la, tiveram seu êxito frustrado por tentarem levar consigo parentes que não estivessem nas mesmas condições, a realização só é possível através do investimento coletivo na construção de tais vias de acesso.

Celeste Ciccarone (2001) associa as narrativas míticas guarani à corporalidade, entendendo a linguagem mítica como metáforas da corporalidade (ou vice-versa). Estas imagens são importantes para a proposta dela de entender o papel dos sentidos na percepção e na circulação de saberes, assim como para pensar as relações entre as práticas contemporâneas de mobilidade guarani e a importância do movimento (com diferentes significações) nas narrativas míticas. A autora olha para o cotidiano dos Guarani e procura articular as narrativas pessoais dos seus interlocutores à temática mais ampla do xamanismo e das migrações guarani, prestando atenção aos contextos e relações de produção dessas artes verbais.

Deise Montardo (2004 e 2009) aborda as narrativas míticas guarani para entender diferentes sentidos e práticas relacionadas à música, ao xamanismo e à produção de corpos e pessoas guarani, lembrando que esses aspectos são complementares. Ela trata dos caminhos guarani como espacialidade que permite a comunicação com as divindades, através de uma mobilidade produzida na música que percorreria os eixos verticais e horizontais, que ligam as aldeias divinas e as aldeias terrestres. A autora chama a atenção para as formas como a música está presente nas narrativas míticas guarani, especialmente, nas narrativas referentes à criação, aos gêmeos e ao dilúvio.

No texto “Uma antropologia da música Guarani”, Montardo (2004) observa que através da condução de um(a) xamã, os participantes dos rituais cotidianos percorrem, com a música executada em instrumentos recebidos do herói criador, caminhos que os levam ao encontro dos ancestrais míticos. Ela lembra que:

> O papel central da música já está colocado num mito guarani, no qual a diferença entre índios e *civilizados* se dá diante do oferecimento, por parte do herói criador, para ambos, do *mbaraká* (instrumento musical) e do *kuatia*

> *jehairä* (papel para escrever), e pela opção do índio pelo mundo sonoro e musical, quando escolheu para tomar como seu o *mbaraká*, e do branco pelo mundo da palavra escrita, quando escolheu o papel. Estas escolhas são recorrentes nas mitologias das Terras Baixas, e na maioria dos grupos recaem sobre a distribuição das armas, ficando os índios com o arco e flecha, e o branco com a espingarda. (2004:79).

Montardo nota, todavia, que, embora nesta versão do mito a diferenciação esteja atrelada à música, é importante observar que a escrita é entendida como recurso importante na reivindicação por direitos. Ela destaca, no entanto, que a participação de um(a) xamã nestes processos de reivindicação é considerada fundamental para dar eficácia e garantir o êxito do trabalho.

No texto "Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbyá-Guarani do litoral brasileiro", Aldo Litaiff afirma que os jesuítas foram incorporados à cosmologia guarani como xamãs:

> Em outras palavras, estes missionários eram considrados pelos Guarani como sendo poderosos xamãs, que haviam trazido uma nova tecnologia, dentre outras vantagens. É interessante assinalarmos aqui que, curiosamente, estes índios acreditavam nos poderes sobrenaturais desses novos xamãs, assim como os próprios Jesuítas acreditavam ter esses poderes. (2004:19).

Litaiff entende que os Mbya chamam de Kesuita ou Nhanderu Mirim esses antigos Jesuítas por associação a Kuaray-Ru-Ete, divindade solar e o irmão mais velho que está presente na versão mbya do mito dos gêmeos. De acordo com seus interlocutores, o Kesuita era guarani, mas os não indígenas, por ciúme, contariam que eram padres não indígenas. Segundo Litaiff, o Kesuita é um personagem "mítico-histórico" que conseguiu atingir yvy mara ẽy.

O mesmo autor observa, em consonância com outros autores que se ocupam das relações entre cosmologia e territorialidade, que os lugares habitados pelos

Guarani no Paraguai, Argentina e Brasil são considerados referênicas históricas e mitológicas importantes, vistos como espaços criados e nomeados pelos heróis míticos para serem ocupados por seus filhos. Ele lembra que esses lugares estão dentro dos limites geográficos registrados pelos primeiros cronistas. O autor chama atenção, não apenas para as aldeias, como também para os pontos de parada e caminhos, destacados por Maria Inês Ladeira (2001) como fundamentais para a noção de territorialidade guarani.

Como essa mesma autora, Litaiff comenta os processos de restrição e circulação de saberes, principalmente, no que concerne a informações divulgadas a interlocutores não indígenas. E, para estes dois autores (Ladeira, 1992 e 2001; Litaiff, 2004), os mitos são tidos e vividos como referências para orientar as experiências e relações cotidianas, na convivência entre parentes e também com os não indígenas.

Considerações Finais:

O objetivo deste texto foi apresentar alguns textos que trataram das narrativas míticas guarani. Embora não constitua um conjunto exaustivo ou, tampouco, uma análise aprofundada, trata-se de um retrato dessa produção bibliográfica, que permite, entre outras, entrever as diferenças e aproximações de abordagens, em termos de período de produção, condições de análise, ferramentas teóricas e metodológicas, assim como, uma transição de foco e interesses. Este material, assim como as referências reunidas na lista que acompanha este texto, convida análises mais detidas e pode instigar novas discussões e pesquisas etnográficas, voltadas para as tradições orais guarani.

Referências Citadas:

BENJAMIN, Walter. The Task of the Translator. An introduction to the translation of Baudelaire's TABLEAUX PARISIENS. In: *Illuminations*. New York: Schocken Books, 1969, pp. 69-82.

CADOGAN, Leon. Los índios Jeguaká Tenondé (Mbyá) del Guairá, Paraguay. *América Indígena,* VIII, n. 2, México, 1948, pp. 131-139.

_____ Las creencias religiosas de los Mbyá-Guaraniés. *Boletín de Filologia*, V, n. 40/41/42, Montevideo, 1949, pp. 671-683.

_____ La encarnación y la concepción; la muerte y la resurrección en la poesía sagrada "esotérica" de los Jeguaka-va Tenondé Porã-gue (Mbyá-Guarani) del Guaíra Paraguay. *Revista do Museu Paulista,* Nova Série, IV, São Paulo, 1950, pp. 233-246.

_____ En torno de la aculturación de los Mbyá-Guarani del Guairá. *América Indígena*, XX, n. 2, México 1960, pp. 133-150.

_____ Aves y almas de difuntos en la mitología guaraní y guajakí. *Anthropos*, v. 50, Freiburg in der Schweiz, 1955, pp. 149-154.

_____ Chonó Kybwyrá: Aves y almas en la mitologia guarani. *Revista de Antropologia*, XV/XVI, São Paulo, 1967/1968, pp. 133-144.

CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade*: migração, xamanismo e mulheres mbya guarani. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2001.

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal*. O profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense, 1978.

DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia.* Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Editora da UnB, 1992.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Kusiwarã, entre donos, detentores e usuários da arte gráfica kusiwa. Comunicação apresentada na Reunião da ABA, 2010.

GOLDMAN, Marcio. *Razão e diferença*. Afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora Grypho, 1994.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre. Vol.33/1. 6-25, 2010.

JOLLY, Éric. "Recits dogon au passé recomposé. *Ethnologies Comparées*, n. 5, Automne, 2002, (versão digital disponível em: http://alor.univ-montp3.fr/cerce/r5/e.j.htm).

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1992.

_____ *Espaço geográfico Guarani-Mbyá*: significado, constituição e uso. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH.-USP, 2001.

LENCLUD, Gerard. Qu'est ce que la tradition?. IN: DETIENNE, M. (Ed.). *Transcrire les mythologies. Tradition, écriture, historicité,* Paris: Albin Michel, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, pp. 237-265.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem.* Campinas: Papirus, 1989.

LÉVY-BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva.* São Paulo: Paulus, 2008 [1922]. (Coleção Estudos Antropológicos).

LITAIFF, Aldo. Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbyá-Guarani do litoral brasileiro. *Tellus,* ano 4, n. 6, abr. 2004, pp. 15-30.

LOPES DA SILVA, Aracy. Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi & LOPES DA SILVA, Aracy. *A temática indígena na escola.* São Paulo: MEC/MARI-USP/UNESCO, 1995, pp. 317-335.

MELIÀ, Bartomeu. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo, RS: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.

_____ A experiência religiosa Guarani. In: MARZAL, Manuel M. O rosto índio de Deus. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 293-357.

_____ "La Novedad Guaraní (Viejas Cuestiones Y Nuevas Preguntas) Revisita Bibliográfica (1987-2002)". *Revista de Indias*, Madrid, vol. LXIV, núm. 230, 2004.

MENGET, P. & MOLINIÉ, A. Introduction. In: MONOD BECQUELIN, A. & MOLINIÉ, A. (org.) *La mémoire de la tradition*. Paris: Société d´Ethnologie, 1992, pp. 9-20.

MONOD BECQUELIN, A. 1992. Temps du récit, temps de l´oubli. In: MONOD BECQUELIN, A. & MOLINIÉ, A. (org.) *La mémoire de la tradition*. Paris: Société d´Ethnologie, 1992, pp. 21-50.

MONTARDO, Deise Lucy. Uma antropologia da música Guarani. *Tellus*, ano 4, n. 7, out. 2004, pp. 73-91.

_____. *Através do mbaraka:* música, dança e xamanismo guarani. São Paulo: EDUSP, 2009.

NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criacao e destruicao do mundo como fundamentos da religiao dos Apapocuva-Guarani.* São Paulo: HUCITEC, 1987 [1914].

_____ Apontamentos sobre os Guarani. SCHADEN, Egon (Trad.). *Revista do Museu Paulista,* N.S., v. VIII, 1954.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962. (Corpo e alma do Brasil).

_____. “Educação indígena”. *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, v. CLXXXVI, n. 37, 1974, pp. 7-31.

SCHULER, Evelyn. (2008). Genitivo da tradução. *Bol.Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Vol.3/1. 65-77.

TEDLOCK, D. Perguntas concernientes a la antropologia dialógica. In: GEERTZ, Clifford. et al. *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona: Gedisa Editorial, pp. 271-296.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado* : história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VANSINA, Jan. Oral tradition as history. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Histórias ameríndias. *Novos Estudos,* n. 36, julho 1993, pp. 22-33. [Resenha do livro: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras/Sec. Municipal de Cultura/FAPESP, 1992].

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. (Texto apresentado a um Colóquio de Americanistas em Miami, jan. de 2004 – versão digital disponível no site: http://amazone.wikia.com).

II.6.4 - Fontes bibliográficas referentes à mitologia guarani

- Livros, capítulos e teses:

AMBROSETTI, Juan Bautista. 1976. Supersticiones y leyendas. Buenos Aires, Ediciones Siglo Veinte. 143 p.

BAPTISTA, Josely Vianna; MIRANDA, Luli. (org. e trad.) 1996. *Neblina Vivificante. Poesia e mito mbyá-guarani.* Ouro Preto-MG, Tipografia do Fundo de Ouro Preto, 40pp.

BLANCO VILLALTA, Jorge Gastón. 1975. Mitos tupi-guaraníes. Ediciones Culturales Argentinas, Ministério de Cultura y Educación. Secretaria de Estado de Cultura, Subsecretária de Cultura. Buenos Aires. 99 p

BORGES, Luiz C. 1998. *Fala instituinte do discurso mítico Guarani Mbyá*. Campinas, SP: UNICAMP. Tese de Doutorado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

BOTTASSO, Juan (coord.). 1992. *El mito en los pueblos indios de América. Actualidad y pervivencia*. Quito, Abya Yala. 240 p.

CABANELLAS, Guillermo. 1974. *Figuras, paisajes y leyendas guaraníes*. Prólogo de José Santiago Villarejo. Buenos Aires, Editorial Heliasta. 174 p.

CADOGAN, León. 1959. Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. São Paulo:Universidade de São Paulo.217p.

CADOGAN, León. 1997. *Ayvu Rapyta; textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá.*Asunción, Fundación «León Cadogan», CEADUC, CEPAG. 322 p., ilus. [Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 16]. (Tercera edición).

CADOGAN, León. 1965."La literatura de los Guaraníes". México. Editorial Joaquín Mortiz. 168 pp.

CADOGAN, León. 1973. "Some Plants and Animais in Guarani and Guayakí Mythology." In: J. Richard GORHAM (ed.), *Paraguay: Ecological Essays.* Miami, Florida, Academy of the Arts and Sciences of the Américas. pp. 97-104.

CARVALHO S., Silvia María de. 1995. *A'anga ete: o pensamento mítico e a práticas guaranis e seus modelos*. São Paulo, FAPESP. 24 p.

CHASE-SARDI, Miguel y José ZANARDINI. 1999. *Textos míticos de los indígenas del Paraguay.* Asunción, CEADUC. [Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 30].

CICCARONE, Celeste (org.). 1996. *Revelações sobre a terra: a memória viva*

dos guarani. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo. 90 p.

CICCARONE, Celeste. 2001. *Drama e sensibilidade. Migração, Xamanismo e Mulheres Mbyá Guarani.* São Paulo, PUC, SP.

CLASTRES, Hélène. 1975. *La terre sans mal; le prophetisme tupi-guarani*. Paris, Éditions du Seuil. 159 pp.

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal.* 1978. São Paulo, Editora Brasiliense. 124 pp.

CLASTRES, Pierre. 1974. *Le grand parler. Mythes et chants sacrés des indiens Guarani.* Paris, Éditions du Seuil. 144 pp.

CLASTRES, Pierre. 1990. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios guaraní.* Campinas, Papirus. 144 p.

CLASTRES, Pierre. 2002. «Los tupí-guaraní. Pensamiento religioso y profetismo entre los indios de Sudamérica. La tierra sin mal», en: Yves BONNEFOY (dir.) *Diccionario de la mitologías y de las religiones tradicionales y del mundo antiguo.* Vol. VI: *Las mitologías de Africa, América y Oceanía.* De. a cargo de Jaume Pòrtulas y Maite Solana. Barcelona, Referencias /Destino 46: 297-337.

DARELLA, Maria Dorothea Post. 1999. *Árvores cósmicas/sagradas; o Pindo e o Ygary na cosmovisão dos índios Guarani.* Trabalho de pós-gradução, São Paulo, PUC.

ERCK, C. 1918. *Weltschõpfung und Sintflut in den Mythen amerikanischer Urvõlker.* - *Lasso*, 5, Buenos Aires 1938, p. 555-558.

FARINA NÚNEZ, Eloy. 1926. *Conceptos estéticos. Mitos guaraníes*, Buenos Aires, Talleres Gráficos Mariano Pastor, 319 p.

GARCIA, Wilson Galhego (ed.). 1998. *Nhande rembypy: nossas origens.* São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 1002 p.

GIMÉNEZ, Milcíades (comp.). 1982. *Tenondeté: mitos, leyendas y tradiciones del área tupi-guarani.* Asunción, Editorial El Foro.

LADEIRA, Maria Inês. 1992. *«O caminar sob a luz»: o território Mbya à beira do oceano.* Dissertação de Mestrado, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica. 240 p.

LADEIRA, Maria Inés. 2001. *Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso.* Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 272 p.

LADEIRA, Maria Inês. 2008. *Espaço geografico Guarani-mbya: significado, constituição e uso.* Maringá, São Paulo. 228 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2007 [1964]. *Mitológicas I: O Cru e o Cozido.* São Paulo, Editora Cosac & Naify. 446 p.

LITAIFF, Aldo. 1999. *Les fils du soleil: mythes et pratiques des indiens Mbya-Guarani du litoral du Brésil.* Tese de doutorado, Montréal, Dpto. d'Anthropologie de l'Université de Montréal (Canadá).

LÓPEZ BREARD, Miguel Raúl. 1994. *Mitos guaraníes.* Asunción, Intercontinental. 92 p.

MELIÀ, Bartomeu. 1989. A experiência religiosa Guarani. In: MARZAL, Manuel M. O rosto índio de Deus. Petrópolis: Vozes, pp. 293-357.

MÉTRAUX, Alfred. 1928. *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani.* Paris, Bibliothèque de 1'École des Hautes Études, Sciences religieuses, XLV, pp. 260.

MÉTRAUX, Alfred. 1950. *A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis*. São Paulo, Brasiliana, vol.267, pp. 421.

MÉTRAUX, Alfred. 1973. *Religión y magias indígenas de América dei Sur.* Madrid, Aguilar. Edicion póstuma establecida por Simone Dreyfus. Xix, pp. 266.

MICÓ, Tomás L. 1991. *Mitos y leyendas del Paraguay.* Asunción, Industrial Gráfica Comuneros. 96 p.

MICÓ, Tomás L. 2001. *Aves en la mitología guaraní.* Asunción, Servilibro. 50 p.

Mommensohn, Maria de Fatima. 2004. *Ayvu Rapyta - O Fundamento da palavra*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – ARTES, 115p.

MONTARDO, Deise Lucy. 2009. *Através do mbaraka:* música, dança e xamanismo guarani. São Paulo: EDUSP.

MONTESINO, Jorge. 2004. *La creación del mundo guaraní : mitología guaraní* (transcreación libre basada en "Génesis de la raza" del libro Nuestros antepasados de Rosicrán). Assunción, 2 ed. 82 p.

MORALES, Ernesto. [1890-1949] 1928. *Leyendas de indias: quichuas, guaraníes, araucanas, calchaquíes.* Buenos Aires: Ateneo. 190 p.

MORALES, Ernesto. 1979. *Leyendas guaraníes.* La Habana, Gente Nueva, 96 pp.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. *As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-guarani.* Tradução de 1987. Charlotte Emmerich y Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo, Hucitec; EDUSP. 158 p.

PERASSO, José Antônio. 1981. *"Entes míticos y shamanismo Chiripá-Guaraní. Caracteres generales. La religiosidad popular paraguaya. Aproximación a los valores del pueblo".* In: Ediciones Loyola. Asunción. Pp. 151-155.

RAMOS, Ramos; Juana ESCOBAR; Cirilo RAMOS e Isidoro RAMOS. 2003. *Tatachina Tataendy; la neblina el fulgor. Nuevos textos míticos de los Mbyá*. Compilación: Carlos MARTÍNEZ GAMBA. Asunción, Centro de Estudios Paraguayos «Antonio Guasch». 144 p.

RAMOS, Lorenzo, RAMOS, Benito e MARTÍNEZ, Antônio. 1984. *El canto resplandeciente. Ayvu rendy vera. Plegarias de los mbyá-guaraní de Misiones.* Compilación, prólogo y notas de Carlos Martínez Gambá. Edición trilingüe. Buenos Aires, Ediciones del Sol, 143 pp.

RIESTER, Jurgen. 1984 *Textos Sagrados de los Guaranies em Bolivia.* La Paz – Cochabamba, Editorial Los Amigos del Libro, 260pp.

ROA BASTOS, Augusto. 1980. "El génesis de los guaraníes. (Leyenda de la creación y destrucción del mundo, tomada del original de Nimuendayú Unkel). Interpretación y versión de Augusto Roa Bastos". In: R. BAREIRO SAGUIER, 1980. *Literatura guarani del Paraguay.* Caracas, pp. 227-233.

RODRIGUES, João Barbosa, BARTOLOMÉ, M. A., CADOGAN, L., CHASE SARDI, M., PANE CHELLI e TOMASINI, J. A. 1983. *Los fuegos de la noche.* Asunción, Díaz de Bedoya y Gomes Rodas Editores. 196 pp.

SCHADEN, Egon. 1962. *Aspectos fundamentais da cultura guarani.* São Paulo, Disufão Européia do Livro, (Coleção "Corpo e alma do Brasil", VI), 190 pp.

SCHADEN, Egon. 1959. *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 185 pp.

SIBRAN, Anne y Emmanuel LEPAGE. 1999. *La terre sans mal.* [s.l. (Belgique)], 1999.

SOLE RODRÍGUEZ, Oriol. 1902. *Leyendas guaranies. Impresiones, tradiciones, anécdotas.* Primeira série. Montevideo, Dornaleche y Reyes, Editores. 179 pp.

SOUZA, Sandra Duarte de. 1995. *Hermenêutica do mito: religião e relações de gênero entre os Nhandéva e Mbya da aldeia Rio Silveira.* Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior. 158 p.

ZIBEL COSTA, Carlos. 1989. *Habitação guarani; tradição construtiva e mitologia.* Tese de doutorado, São Paulo, FAU/USP.

- Publicações seriadas

AMBROSETTI, Juan Bautista. 1896. “La leyenda del Yaguareté-Abá (El indio tigre) y sus proyecciones entre los Guaraníes, Quíchuas etc. (Contribución al estúdio del Folk-Lore comparado)”. *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, tomo XLI, Buenos Aires. p. 321-334.

BAREIRO SAGUIER, Rubén. 1990. «Mitos guaraníes del origen» (introducción y versiones de R.B.S.), *La página*, jul-sep. La Laguna (Canarias): 125-156.

CADOGAN, Leon. 1947. “Las leyendas guaraníes”. *Boletín Indigenista*, VII, n. 4, México. p. 378-382.

CADOGAN, Leon. 1948. Los índios Jeguaká Tenondé (Mbyá) del Guairá, Paraguay. *América Indígena,* VIII, n. 2, México, pp. 131-139.

CADOGAN, Leon. 1949. Las creencias religiosas de los Mbyá-Guaraniés. *Boletín de Filologia*, V, n. 40/41/42, Montevideo, pp. 671-683.

CADOGAN, León. 1950. “Cuentos de los Yeguaká-va Tenondé Porã Güe í (Mbiá-Guaraní) del Guairá, Paraguay”. *Serie de Publicaciones*, Doc. 8. Centro de Estúdios Antropológicos de la Facultad Nacional de Filosofia del Paraguay, VIIa, Asunción. 4 pp.

CADOGAN, León. 1950. “La Encarnación y la Concepción; la Muerte y la Resurrección en la Poesia Sagrada "Esotérica" de los Jeguaká-va Tenondé Pora-güé (Mbyá-guaraní) del Guairá, Paraguay”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, IV, São Paulo. p. 233-246.

CADOGAN, León. 1951. “Mitologia en la zona guarani” (reprodução do artigo “Las creencias...”). *América Indígena*, XI, n. 3, México. P. 195-207.

CADOGAN, León. 1952. “El valor científico de nuestros mitos autóctonos”. Boletín de Filologia, VII, n. 49-51 Montevideo. p. 463-468.

CADOGAN, León. 1954. “Los pueblos del Tarumá en la leyenda y en la historia”. *La Tribuna*, suplemento dominical, 12 set, Asunción.

CADOGAN, León. 1955. “Aves y almas de difuntos en la mitologia guarani y guajakí”. *Anthropos*, 50, Freiburg in der Schweiz. p. 149-154.

CADOGAN, León. 1958. "The Eternal Pindó Palm and other Plants in Mbyá-Guaraní Myth and Legend". *Miscellanea Paul Rivet octogenário dicata*, II, México. pp. 87-96.

CADOGAN, León. 1960. “En torno de la aculturación de los Mbyá-Guarani del Guairá”. *América Indígena*, XX, n. 2, México, pp. 133-150.

CADOGAN, León. 1963. "Mythen und Märchen der Mbyá-Guaraní-Indianer; Vom Mann der ei-ne Wildsau hieratete". *Humboldt*, ano 5, n. 18, Hamburg. pp. 100-101.

CADOGAN, León. 1965. "Un texto mítico de los Mbyá-Guaraní del Guairá". *Revista de la Universidad de México*, vol. XIX, n. 5, México. pp. 21-22.

CADOGAN, León. 1967/1968. "Chonó Kybwyrá: Aves y almas en la mitologia guarani". Revista de Antropologia, XV/XVI, São Paulo. pp. 133-147.

CADOGAN, León. 1968. "Chonó Kybwyrá: aporte al conocimiento de la mitologia guaraní". *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, vol. 3, n. 1-2, Asunción . pp. 55-158.

CADOGAN, León. 1969. "Historia del pájaro azul". La Tribuna, *Suplemento dominical*, Asunción, 16 marzo.

CADOGAN, Léon. 1953 "Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá". *Revista de Antropologia*, v. 10. pp. 36-45

CEZAR, F. de O. 1938. "Legends of the Guarani Indians". *Bulletin of the Pan-American Union*, LXII, Washington. pp. 642-643.

FARINA NÚNEZ, Eloy. 1925. "Los mitos guaraníes", *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo especial do Congresso Internacional de História da América (1922), II, Rio de Janeiro, p. 311-331.

FLURY, Lorenzo. 1948. "Três leyendas guaraníes", *Boletín Indigenista*, VIII, n. 3-4, México, p. 206-216.

GONZALEZ, Gustavo. 1984. "Mitos, leyendas y supersticiones guaraníes del Paraguay". *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, vol. 2. n. 2, Asunción. 321-380

GONZÀLEZ, Gustavo. 1984. "Otros mitos y supersticiones". *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay,* vol. 18, n. 1-2, 83-96, Assunción. 77-104 p.

HAMMERLY DUPUY, D. 1948. "Yerbales de las leyendas guaraníes". *Revista Geográfica Americana,* XXX, Buenos Aires. 203-206 pp.

HARTMANN, Tekla; NOVAES, Sylvia Caiuby. 1982. "Estórias de bicho contadas por um Guarani". *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, n° 20, maio de 1982. Paulínea-SP, Prefeitura Municipal de Paulínea, 19pp.

LEHMANN-NITSCHE, Robert. 1936. "El avestruz galaxial de los Guarani. Mitologia sudamericana". In: *Instituto dei Museo de la Universidad Nacional de La Plata, Obra dei Cin-cuentenario,* XVIII, Tomo II, Buenos Aires. Pp. 201-205.

LITAIFF, Aldo. 2001. «Kesuita, uma metáfora mítico-histórica», *Ilha; revista de Antropologia*, 3, 1: 87-100.

LITAIFF, Aldo. 2004. Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbyá-Guarani do litoral brasileiro. *Tellus,* ano 4, n. 6, pp. 15-30.

MAYNTZHUSEN, Frederick C. 1940. "Los pigmeos en las leyendas de los Guaraníes". *Boletín de la Junta de Estúdios Históricos de Misiones, n. 1,* Posadas, pp. 10-11.

MELIÀ, Bartomeu. 1988. «La tierra sin mal de los Guaraní. Economía y profecía»., *Suplemento Antropológico*, 22, 2: 81-97.

MELIÀ, Bartomeu. 1989. «La tierra sin mal de los guaraní: economía y profecía», *América Indígena*, 49, 3, México: 491-508.

MELIÀ, Bartomeu. 1990. "A Terra sem mal dos Guarani". *Revista de Antrolpologia*, v.33. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, pp. 33-41.

MENEZES, Ana Luisa. 2008. "A dança e o xamanismo: os processos educativos mito-ritualístico do cotidiano guarani". *Espaço Ameríndio*, Vol. 2, N. 1. Porto Alegre, NIT/UFRGS. 111 – 128 p.

MÉTRAUX, Alfred . 1930-1931. "El origen de la luna y del sol según la mitologia chiriguana." *Revista de La Sociedad Argentina de Ciencias Naturales,* tomo X. Buenos Aires, Physis, pp. 187-192.

MÉTRAUX, Alfred. 1946, "Twin Heroes in South American Mythology." *Journal of American Folklore*, LIX, n. 232, Philadelphia, pp 114-123.

MÉTRAUX, Alfred. 1946. "El Dios Supremo, los Creadores y Hèroes Culturales em la mitologia sudamericana." *América Indígena,* VI, n. 1, México, pp. 9-25.

MONTARDO, Deise Lucy. 2004. Uma antropologia da música Guarani. *Tellus*, ano 4, n. 7, pp. 73-91.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. 2002. «Mitos e historia Guarani-Mbya», Enfoques; *Revista dos Alunos de Pós-Graduaçñao em Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro, PPGSA/UFRJ.

PESSOA, Maria Alice Moura. 1950. "O mito do Dilúvio nas Américas. The Deluge Myth in the Américas. Estudo analítico e bibliográfico". *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, IV. São Paulo. Pp. 7-48.

PIERINI, P. Francesco. 1910. "Mitología de los Guarayos de Bolivia". *Anthropos – Revue Internationale d'Ethnologie et de Linguistique*, tomo V. pp. 703-710.

RAMÍREZ HITA, Susana. 1994. «Entre el cielo y la tierra; Salud y enfermedad en la mitología mbyá», *Suplemento Antropológico*, 29, 1-2: 65-100.

RECALDE, Juan Francisco. 1950. "A criação do mundo e o dilúvio universal na religião dos primitivos Guarani". *Revista do Arquivo Municipal,* CXXXVI, São Paulo, pp. 100-111.

ROA BASTOS, Augusto. 1948. “El génesis de los guaraníes. (Leyenda de la creación y destrucción del mundo, tomada del original de Nimuendayú Unkel). Interpretación y versión de Augusto Roa Bastos”. *Revista del Ateneo Paraguayo*, año 6, n. 20, Asunción, pp. 13-22.

ROA BASTOS, Augusto. 1971. “El génesis de los guaraníes. (Leyenda de la creación y destrucción del mundo, tomada del original de Nimuendayú Unkel). Interpretación y versión de Augusto Roa Bastos”. *Alcor*, 2ª. época, n. 1, Asunción.

ROA BASTOS, Augusto. 1973. “Las culturas condenadas: cantos y mitos”. *Crisis*, 1, 4, Buenos Aires, pp. 3-31.

RUBIO FUENTES, Alberto. 1963. “Mitos y leyendas guaraníes”. *Boletín de Ia Real Sociedad Geográfica*, tomo XCIX, n. 1-12, enero-diciembre. Madrid. pp. 163-179.

SAMANIEGO, Marcial. 1944. “Algunos conceptos y mitologia de los Abá del Ybypyté”. *Revista de Turismo*, n. 26, Asunción, pp. 46-47 e 49,

SAMANIEGO, Marcial. 1945. “Mitologia guarani”. *Revista de Turismo*, n. 41, Asunción, pp. 46-47; (cont.) n. 44, Asunción, pp. 45-48, 51-52.

SAMANIEGO, Marcial. 1956. “Nande Ramoi Papa Yepapâ. Mitologia guarani. Según las tradiciones recogidas de los Mby'a' del Paraguay”. Anexo: Historia ae los Mby'a' dei Paraguay, por León Cadogan. Separata: *Revista de Ia Sociedad Científica del Paraguay*, vol. VII, n. 1, Julio, Asunción, pp. 1-44; pp. 1-14 (ed. mimeogr.).

SCHADEN, Egon. 1945. “Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil”. *Sociologia*, VII, n. 4, São Paulo, 172 pp. — Também em 1946. *Boletim LXI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo,* n. 1, São Paulo.

SCHADEN, Egon. 1947. “Fragmentos da mitologia kayuá”. *Revista do Museu Paulista*, N. S., I, São Paulo, pp. 107-123.

SCHADEN, Egon. 1949. “Mitologia guarani”. *Paulistânia*, n. 30, São Paulo, pp. 38-40.

SCHADEN, Egon. 1952-1954. “Der Paradiesmythos im Leben der Guarani-Indianer”. *Proceedings of the Thiertieth International Congress of Americanists*, Cambridge, 18-24 August, London, The Royal Anthropological Institute, s.a., pp. 179-186. — Também em 1955. *Staden-Jahrbuch*, III, São Paulo, pp. 151-162.

SCHADEN, Egon. 1954. “Aspectos fundamentais da cultura guarani”. *Boletim n. 188 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Antropologia,* n. 4, São Paulo, 216 pp.

SCHADEN, Egon. 1955. "A origem e a posse do fogo na mitologia guarani". *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, realizado em 1954*, São Paulo, pp. 217-227.

SCHADEN, Egon. 1974. "Educação indígena". *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, v. CLXXXVI, n. 37, pp. 7-31.

SCHADEN, Francisco S. G.. 1944. "O mito do Sumé". *Sociologia*, VI, n. 3. São Paulo, pp. 230-236.

SOLE RODRÍGUEZ, Oriol. 1919. "Leyendas guaraníes". *Mercúrio Peruano,* ano 2, vol. 3, n. 15, Lima. pp. 222-239.

SOLE RODRÍGUEZ, Oriol. 1919. Ytaberá-Agota (La Calcederia). "Leyenda guarani". *Mercúrio Peruano,* ano 2, vol. 3, n. 19, Lima. pp. 515-521.

SOLE RODRÍGUEZ, Oriol. 1920. "Leyendas guaraníes". *Mercúrio Peruano,* ano 3, vol. 4, n. 21, Lima. pp. 211-222.

SUESS, Paulo. 2001. «Por uma Terra sem mal; mito guarani de sororidade», *Encontros Teológicos*, 31: 133-148.

TAYLOR, John e Audrey. 1966. "Nove contos contados pelos Kaiwás e Guaranis". *Revista de Antropologia,* XIV, São Paulo, pp. 81-104.

TERÁN, Buenaventura R. D. 1982. "Vigência de la narrativa guaraní-jesuitizada en el folklore del litoral fluvial: aporte al conocimiento de la literatura oral de la región bailada por el rio Paraná". *Suplemento Antropológico*. Universidad Católica, vol. 17. n. 1, Asunción. pp. 213-230.

VANAYA, Marta. 1986. «Prólogo a Mitos y leyendas guaraníes», G. C. ZERO, *Las culturas:Mitos y leyendas*, 4, Madrid, pp.5-22

VÁZQUEZ, Juan Adolfo. 1978. "The Present State of Research in South American Mythology". *Numen. International Review for the History of Reügions,* 25, n. 3, Leiden. pp. 240-276.

YAMPEY, Nasim. 1969. "Análisis de dos mitos sudamericanos: Kurupí y Yasy-yateré". Asunción, *Suplemento Antropológico de Ia Revista del Ateneo Paraguayo*, vol. 4, n. 1, pp. 77-98.

YAMPEY, Nasim. 1966. "El mito de los gemelos en la cultura indoamericana". Ensayo de psico-sociología dinâmica. *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, vol. 2, n. 1, Asunción, pp. 143-160.

III. AÇÕES DE SALVAGUARDA

As ações de salvaguarda foram realizadas durante todo o período do Projeto, concomitante às ações de conhecimento, o que exigiu da equipe do CTI um grande empenho. O acompanhamento de todo o processo das ações de salvaguarda foi viabilizado com a colaboração dos técnicos ambientais Luiz Lira, Pedro Cuba e Daniel Tibério Luz, que atuam em projetos do CTI de apoio à agricultura e à conservação ambiental nas TI Guarani.

III.1 - Elaborar e realizar encontro de representantes Guarani de aldeias alvo de visitações turísticas

III.1.1 – Introdução

O apoio para a realização de encontros com lideranças Guarani teve como intuito promover o debate e a avaliação de atividades relacionadas ao turismo e à visitação de não-indígenas nas aldeias Guarani. Esta solicitação foi uma iniciativa do *Tekoa Porã*, aldeia situada na Terra Indígena Salto do Jacuí. Os objetivos deste encontro abrangiam a definição de estratégias comuns para vivenciar a experiência do turismo e visitação nas aldeias com maior autonomia e sustentabilidade, bem como a avaliação conjunta da atividade e suas consequências.

No âmbito das atividades previstas no Projeto, foi proposto um encontro entre as lideranças e moradores de aldeias que recebem frequentemente visitantes e turistas, lideranças das aldeias que querem desenvolver o turismo e agentes governamentais envolvidos com a temática, para compartilharem, avaliarem e traçarem estratégias para vivenciar e otimizar os resultados da atividade turística gerando maior autonomia para as aldeias, dentro do preceito da sustentabilidade e do respeito à diversidade cultural.

O Encontro sobre visitação e turismo nas terras Guarani ocorreu nos dias 17 e 18 de novembro de 2009 na Terra Indígena Guarani Salto Grande do Jacuí - Aldeia Tekoa Porã, no município Salto do Jacuí. Foram convidadas para participar do encontro

as lideranças Guarani dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além do CTI que, em conjunto com a comunidade guarani de Tekoa Porã e a CGY, planejou e organizou o encontro, participaram representantes de diversas Instituições: órgãos federais, estaduais e municipais de turismo e meio ambiente, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Fundação Nacional do Índio (Funai), da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí, dentre outros.

III.1.2 - Organização do Evento

Como primeira atividade de organização do evento foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de levantar debates e discussões sobre turismo em terras indígenas, bem como diretrizes e legislação sobre desenvolvimento turístico, ecoturismo e visitações em terras indígenas. Os resultados desta pesquisa configuraram as considerações teórico-metodológicas que embasaram a organização da oficina de turismo e do evento. Após a pesquisa bibliográfica e planejamento da oficina, iniciou o processo prático de estruturação do evento.

Foram realizadas algumas reuniões visando à estruturação do Encontro. As primeiras definições foram quanto ao conteúdo da oficina, ao programa oficial do evento e sua data de realização, como segue:

III.1.3 - Programação do Evento

Dia 15 de novembro de 2009

Chegada e recepção dos participantes indígenas e equipe do CTI.

Dia 16 de novembro de 2009

Apresentação do grupo de canto e dança das crianças

Fala do Cacique

Apresentações dos participantes

Introdução ao tema – CTI

Apresentação de elementos teóricos sobre Turismo em terras indígenas – CTI

Perguntas e Discussões

Almoço

Oficinas Práticas e de Discussão

Grupo de discussão 1 – Apresentando a Cultura Guarani para turistas

Grupo de discussão 2 – Planejamento turístico da aldeia Salto do Jacuí

Grupo de ilustradores – Oficina de desenhos das crianças Guarani

Apresentação e discussão dos resultados

Considerações de kunhã karaí kuery e xeramoi kuery (lideranças espirituais femininas e masculinas)

Elaboração do documento oficial a ser entregue à representante da Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí

Dia 17 de novembro de 2009

Apresentação do grupo de canto e dança das crianças

Fala do cacique

Apresentações dos participantes

Apresentação do tema aos integrantes de instituições convidadas

Mesa de discussão com as autoridades presentes

Entrega oficial do documento de solicitação de parceria à Vice-prefeita de Salto do Jacuí

Almoço

Percurso de visitação da aldeia

Apresentação do vídeo “Ore Reko: Modo de Viver Guarani”

Considerações de kunhã karaí kuery e xeramoi kuery (lideranças espirituais femininas e masculinas)

Discussão e Avaliação final

Encerramento

Apresentação do grupo de canto e dança das crianças

Jantar

Confraternização

Dia 18 de novembro de 2009

Café da manhã

Despedidas e encerramento

Retorno

III.1.4 – Descrição das Atividades Preparatórias

Durante a execução das ações mais práticas para o evento as maiores dificuldades encontradas foram o acesso à comunicação com as lideranças e problemas de infra-estrutura da Aldeia Tekoa Porã.

Por semanas foram realizados contatos telefônicos com as aldeias visando realizar o convite às lideranças Guarani, apresentar a proposta da oficina e solicitar a definição dos representantes que participariam do encontro, bem como a disponibilização de informações sobre o transporte e meios que possibilitariam a participação dos Guarani. Vale ressaltar a dificuldade de contato com as aldeias, já que várias não possuem telefone fixo e o sinal para os celulares muitas vezes é fraco, dificultando o contato.

Um intenso trabalho de logística se deu para a reserva e aquisição das passagens aéreas e terrestres das lideranças até os grandes centros mais próximos de suas aldeias, assim como para o transporte (fretamento) dos centros até Porto Alegre, e das diferentes aldeias no Rio Grande do Sul até a aldeia Tekoa Porã (Salto do Jacuí). Para tanto contrataram-se diferentes empresas de transporte e elaborou-se um mapa de acesso para o encontro.

Também se contatou uma liderança da Aldeia de Cantagalo que ficou responsável pela filmagem de todo o evento, sendo este trabalho aproveitado para a produção do DVD, produto sobre as ações de salvaguarda realizadas no âmbito do Projeto.

Quanto à infra-estrutura, foi enviada à aldeia hospedeira uma equipe do CTI, com dias de antecedência ao evento, para avaliar os problemas de infra-estrutura e buscar soluções viáveis para tentar minimizá-los. Dentre as ações realizadas durante a visita estão:

- Seleção do local apropriado para o encontro;
- Planejamento do encontro com as lideranças locais e comunidade;

- Compra de materiais, utensílios de cozinha, alimentação, etc.

Decidiu-se que o local apropriado seria ao ar livre, debaixo das árvores, local normalmente usado para reuniões na aldeia. E, em caso de chuva, o encontro poderia ser realizado na escola, conforme autorização da diretoria de ensino. A estrutura do Posto de Saúde ficaria à disposição para o Encontro, com banheiro e salas para armazenar os alimentos. O Cacique se comprometeu em escolher algumas mulheres Guarani para serem as cozinheiras durante a reunião e ajudarem na organização do evento. Ele também organizou a apresentação do coral durante o encontro.

Outra dificuldade foi quanto à eletricidade. A comunidade da Aldeia já havia solicitado a instalação de energia elétrica ao programa governamental "Luz para Todos". Porém ainda não havia ocorrido a instalação devido a um problema de cessão da rede da FUNASA que leva energia à bomba d´água do poço. A aldeia possui apenas a disponibilização de energia elétrica através de um gerador que funciona de forma precária para levar luz até a escola. A projeção do vídeo durante o Evento só foi possível após várias ações conjuntas com as lideranças da aldeia.

Foram realizadas ainda várias pesquisas de preço visando à compra de material de escritório e alimentos. No município de Salto do Jacuí existe apenas uma papelaria que enviou o orçamento do material de escritório e foram solicitados orçamentos a três supermercados. As compras se deram após análise estatística que envolveu o número de participantes, dias de permanência na aldeia, quantidade de alimentos, entre outros fatores.

A dificuldade de acesso à aldeia também trouxe alguns percalços antes e durante o evento. O único acesso se dá por estrada de chão que se encontrava em estado de conservação precário, principalmente devido às fortes chuvas ocorridas nos meses de outubro e novembro. Os carros, mas principalmente os ônibus, têm dificuldade para chegar até a aldeia. Com o intuito de minimizar o problema, a equipe do CTI, em conjunto com as lideranças locais, entrou em contato com a Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí, representada pela Secretária de Turismo do município, Sra. Albertina Dias, para solicitar a melhoria da estrada. A Secretária se comprometeu

a contatar a Secretaria de Obras e solicitar ações de melhorias do acesso, algo imprescindível, inclusive, para o turismo.

Também foi providenciado o hotel para a equipe do CTI, pois a comunidade da aldeia se comprometeu em receber os visitantes Guarani em casas de parentes, mas não possuía estrutura para receber toda a equipe. Nessa ocasião também foram distribuídos os convites às instituições locais escolhidas pela comunidade.

Para a Oficina de Turismo decidiu-se elaborar um Kit como material de apoio, para ser distribuído aos participantes. O Kit foi formado pelos seguintes materiais: Livro "Jaguatareí Nhemboé - Caminhando e aprendendo; Manual Indígena de Ecoturismo; materiais de desenho (caderno, caneta, lápis de cor, dentre outros). Também foi providenciada uma cópia do DVD "Ore Reko: Nosso Modo de Viver", produzido pela Comunidade Guarani do Aguapeú e o Centro de Trabalho Indigenista, que foi apresentado durante o evento.

O Livro "Jaguatareí Nhemboé - Caminhando e aprendendo foi elaborado pela equipe do CTI em conjunto com a comunidade Guarani da TI Aguapeú, situada no município de Mongaguá, litoral sul de SP, e foi publicado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA - PDA) com o objetivo de divulgar a experiência da visitação de escolas e de turistas, e servir de modelo de como trabalhar de forma planejada a crescente demanda de visitação nas aldeias Guarani-Mbya.

Após pesquisa bibliográfica sobre o tema da visitação em Terras Indígenas verificou-se que o principal trabalho realizado em âmbito governamental no Brasil foi o que resultou no Manual Indígena de Ecoturismo. Trabalhos subsequentes nesta temática estão embasados naquela metodologia elaborada pela EcoBrasil e Ministério do Meio Ambiente. Assim optou-se por distribuir para as lideranças e representantes Guarani o Manual que é considerado referência nacional para o desenvolvimento de Ecoturismo indígena. A idéia era que este material servisse de exemplo para que os Guarani elaborassem sua própria proposta de estruturação da atividade turística.

Para conseguir cópia do material contatou-se o Sr. George Victor Costa Santos, do Ministério do Meio Ambiente, que informou que não restavam mais exemplares impressos do Manual de Ecoturismo. O Sr. George disponibilizou uma versão digital do

material para que este pudesse ser reproduzido. Ainda com o intuito de conseguir exemplares impressos entrou-se em contato com o Sr. Roberto Mourão, da ECOBRASIL, um dos responsáveis pela elaboração do Manual, em 1997. Trata-se de pesquisador com interesse na área de implantação de ecoturismo em terras indígenas. Ele também confirmou não existirem mais impressões. Depois de ambos autorizarem a reprodução do material, foram realizados três orçamentos visando à realização de fotocópias, após comparação de preços foram produzidos quarenta Kits para serem distribuídos durante o evento, tanto para servirem de apoio às oficinas, como para serem levados para as aldeias.

Diante da dificuldade de acesso aos materiais sobre visitação em terras indígenas já elaborados e publicados no país, e da ausência de um número significativo de exemplos documentados e avaliados sobre turismo em Terras Indígenas evidencia-se a importância da elaboração e disponibilização de materiais que tratem o tema da visitação e turismo sustentável em aldeias do Brasil. Ressalta-se ainda a importância de que este material seja impresso, já que existe uma grande dificuldade dos povos indígenas de acesso ao material publicado por meio digital.

III.1.5 - Relato do encontro para visitação e turismo em Terras Guarani

Participaram das atividades do evento mais de cinquenta lideranças Guarani de vinte e uma aldeias, sendo estas: RJ: Araponga, Bracuí; SP: Tekoa Pyau, Tenondé Porã, Krukutu, Aguapeú, Pindoty; SC: Morro Alto, Mbiguaçu, Massiambú; PR: Sambaqui; RS: Koenju, Itapuã, Lomba do Pinheiro, Coxilha da Cruz, Betim, Sol Nascente, Passo Grande, Cantagalo, Tekoa Porã.

Também participaram do evento mais de uma dezena de não indígenas, dentre estes, funcionários da FUNASA, da Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí, equipe do CTI e de outras instituições.

As principais atividades do encontro aconteceram durante a oficina de turismo que aconteceu no dia 16 de novembro. O encontro foi aberto após fala das lideranças, apresentação dos participantes e fala da coordenadora do Projeto, Maria Inês Ladeira

que objetivou a introdução do tema de discussão e o histórico e justificativa do encontro.

Coral da Aldeia Tekoa Porã se apresenta para os visitantes do Encontro. TI Salto do Jacui, RS, novembro de 2009.

Os conteúdos da oficina foram preparados por Adriana Testa (CTI) e Louise Prado Alfonso, colaboradora do CTI. Esta, em sua exposição apresentou as informações e os atuais debates sobre desenvolvimento do Turismo e sobre as perspectivas de envolvimento das aldeias Guarani na atividade turística. As discussões teórico-metodológicas que embasaram a oficina estão descritas abaixo.

III.1.6 - Discussões Teórico-Metodológicas sobre Turismo em Terras Indígenas

De acordo com a Organização Mundial do Turismo – OMT (2003) entende-se por Turismo as atividades realizadas pelas pessoas durante viagens e estadas em lugares distintos do seu entorno habitual, por um período consecutivo, inferior a um ano, por lazer, negócios, entre outros.

A atividade turística é estruturada segundo as diretrizes de segmentação do turismo. A segmentação trata-se de uma forma de organizar o turismo visando seu

planejamento e gestão. Os segmentos turísticos são estabelecidos a partir de alguns elementos como: identidade da oferta e características e variáveis da demanda.

A partir da oferta, os tipos de turismo são definidos pelo que existe no local que se quer turístico, como:

- atividades, práticas e tradições - pesca, esportes, festas, eventos, etc.
- aspectos e características - geográficas, históricas, sociais, etc.
- serviços e infra-estrutura - de saúde, educação, eventos, hospedagem, lazer, alimentação, entre outras

Com enfoque na demanda, a segmentação se define pela identificação de grupos de consumidores e suas especificidades. Seguem abaixo algumas variáveis da demanda turística:

- Fatores Demográficos (idade, sexo)
- Fatores Sociológicos (crenças religiosas, profissão, estado civil, formação educacional, nível cultural)
- Fatores Econômicos (renda)
- Fatores Turísticos (transporte e alojamento, destinos preferidos, objetivo e duração da viagem, atividades de entretenimento)

Segundo os conceitos da Organização Mundial de Turismo (OMT) e adotadas pelo Ministério do Turismo do Brasil, órgão máximo do turismo brasileiro, seguem alguns segmentos do turismo:

- Turismo de Aventura
- Cultural
- Esporte
- Estudos e Intercâmbio
- Místico Esotérico
- Náutico
- Negócios e Eventos
- Pesca
- Religioso

- Rural
- Saúde
- Social
- Sol e Praia
- Ecoturismo

O segmento de interesse que motivou esta oficina é o Ecoturismo. Este conceito teve origem na década de 60 do século XX, quando foi utilizado para "*explicar o intricado relacionamento entre turistas e o meio ambiente e culturas nos quais eles interagem*" (HETZER, 1965 apud FENNELL, 2002, p. 42). Segundo o conceito estipulado pela Embratur, o ecoturismo define-se por: turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica.

Assim, o ecoturismo trata-se de um segmento definido a partir das características da oferta, em função da motivação do turista e em relação à atitude do prestador de serviços, da comunidade receptora e do turista. Neste sentido existem algumas questões básicas que caracterizam o ecoturismo:

- O Atrativo ecoturístico deve envolver o patrimônio natural e cultural;
- Prevê a utilização sustentável e conservacionista dos atrativos;
- Envolve a comunidade em todo o processo de planejamento e gestão participativa e comunitária das atividades ecoturísticas;
- Incentiva o funcionamento das atividades em pequenos grupos respeitando a capacidade de suporte local;
- Valoriza os recursos humanos locais visando à formação e à capacitação de mão de obra;
- Visa à conservação e à valorização das atividades tradicionais locais;
- Respeita a identidade cultural e territorial local.

O ecoturismo é a modalidade turística mais adequada para ser desenvolvida em Terras Indígenas, tendo em vista o planejamento e gestão participativa. É estruturado de maneira a buscar a interação entre natureza e comunidade com vistas a uma utilização sustentável e conservacionista do patrimônio natural e cultural indígena proporcionado melhoria na qualidade de vida dessas comunidades sem causar impactos negativos à sua territorialidade (FARIA, 2000).

Dentro do ecoturismo foi criado um segmento denominado Ecoturismo Indígena. Este é praticado dentro das terras indígenas com o planejamento e gestão participativa e comunitária de forma que respeite os valores sociais, culturais e ambientais dos diferentes povos envolvidos, onde a comunidade é a principal beneficiada.

O ecoturismo indígena surge como alternativa econômica com possibilidade de gerar benefícios diretos e indiretos para as comunidades indígenas, mas também como um instrumento de valorização e preservação cultural, pois são os saberes e costumes, bem como a diversidade cultural dos povos indígenas que são os principais atrativos para o ecoturista. O ecoturismo se faz sustentável e preservacionista desde que sejam definidas diretrizes e estratégias juntamente com suas entidades representativas, bem como o tipo de turismo que se pretende nas aldeias (Martins, 2007).

Para fins de normatização, entende-se por atividade turística no interior das terras indígenas somente o ecoturismo de observação, no qual o visitante se limita a contemplar as belezas cênicas, com o mínimo de intervenção no ambiente, condicionando os registros de imagens às normas estabelecidas na Portaria Funai nº 177, de 16 de fevereiro de 2006.

Projetos de ecoturismo em reservas indígenas vêm sendo discutidos desde 1993 pela Funai, mas até hoje não foi definida uma regulamentação para a atividade. A legislação que prevê o planejamento de projetos voltados ao turismo em áreas indígenas permanece parada há 14 anos no Congresso Nacional.

A primeira discussão formal, na Funai, sobre turismo nas terras indígenas no Brasil aconteceu em 1993, resultante da Ata de Criação da Comissão Especial de Turismo da Amazônia. Seguido pelo Parecer nº 002 –DFU-FUNAI/ADR/MAO, de 28 de

abril do mesmo ano, que “sinaliza que o assunto é complexo, muito polêmico e não possui amparo legal”. A partir do ano de 1996, que as demandas referentes a atividades turísticas nas terras indígenas brasileiras originaram a formação de Processos, sendo que o de nº 08620.000668/2006 contém o relatório preliminar e os documentos citados” (Silva, 2008).

Em 1997, a Associação Brasileira de Ecoturismo e o Ministério do Meio Ambiente executaram o programa Piloto de Ecoturismo em terras indígenas. Durante o projeto foi definida uma metodologia de trabalho que estabeleceu as Diretrizes que devem ser consideradas ao desenvolver projetos e planejamento de Ecoturismo em terras indígenas, sendo estas (Ministério do Meio Ambiente, 1997, p. 8):

1. Conservação do patrimônio natural

Os projetos de atividades turísticas deverão incluir propostas de garantia de proteção às riquezas naturais de usufruto exclusivo dos povos indígenas; deve-se promover a educação ambiental visando à valorização do patrimônio natural, podendo ser realizada por meio de conversas e elaboração de trilhas interpretativas (que buscam proporcionar uma experiência de aprendizagem), por exemplo.

2. Respeito e valorização da cultura indígena

O respeito e cuidados em relação aos valores socioculturais, e o grau de envolvimento com a sociedade envolvente devem ser observados e ressaltados no planejamento dessa modalidade turística de modo a não permitir a descaracterização, mercantilização da cultura e a desterritorialização dos povos indígenas. Deve-se privilegiar:

- controle e a prevenção de doenças transmissíveis;
- respeito à privacidade das famílias indígenas (sugere-se muitas vezes que as atividades turísticas sejam desenvolvidas distantes da área residencial, incluindo as áreas utilizadas para atividades culturais, pesca, caça e produção agropecuária, em região delimitada e exclusiva para esse fim);
- sensibilização do visitante quanto à sua postura ética e a diversidade cultural (a realização de palestras de sensibilização ou material impresso podem contribuir para este fim);

- preparo da comunidade para receber visitantes;
- valorização da cultura (canto, dança, artesanato, etc.)

3. Gestão participativa beneficiando toda a comunidade indígena

- O desenvolvimento de turismo em terras indígenas deve ser realizado de forma participativa, mediante consultas públicas para toda a população residente, tantas vezes quantas forem necessárias, até o pleno conhecimento e consentimento da comunidade. A comunidade deve decidir como será feita a gestão da atividade. Sugere-se gestão autônoma, as parcerias, se necessárias e desejáveis, devem ser feitas após consentimento da comunidade.
- Os resultados econômicos devem ser divididos de forma a beneficiar toda a comunidade e garantir a continuidade das atividades turísticas. Os lucros devem ser utilizados para elaboração de material impresso e de divulgação, melhorias de infra-estrutura e manutenção para o atendimento do turista, material para confecção de artesanato, etc. Deve ser levada em conta a sazonalidade da atividade e manutenção das atividades tradicionais.

4. Impactos positivos e negativos resultantes das visitações

A atividade nas aldeias pode trazer uma série de vantagens para a comunidade, como:

- Mostrar a riqueza da cultura indígena
- Ajudar a proteger e conservar a natureza
- Demonstrar a importância da terra indígena
- Trazer benefícios econômicos

Porém também pode trazer uma série de Impactos negativos que devem ser considerados, como:

- Risco em trazer doenças para as aldeias
- Atrapalhar as outras atividades econômicas e de subsistência
- Risco de trazer vícios e hábitos negativos como drogas, prostituição, abusos sexuais, etc.
- Desrespeito aos rituais e locais sagrados
- Disputas entre os membros da comunidade.

5. Proteção à integridade física dos visitantes em Terras Indígenas e seu entorno

Assim como deve-se garantir a integridade da comunidade, também deve-se garantir a integridade e o bem estar dos visitantes. Para tanto, alguns fatores devem ser considerados:

- Prestação de serviços adequados aos visitantes
- Adequação da infra-estrura existente
- Implantação de infra-estrutura necessária

6. Visitação planejada, disciplinada e controlada com base na legislação vigente

- Efetivo cumprimento da legislação. Deve ser lembrado que todos os visitantes deverão ser obrigatoriamente cadastrados antes do ingresso nas terras indígenas, e essa relação deverá ser disponibilizada à FUNAI e aos órgãos governamentais policiais e de proteção ambiental.
- Fiscalização e controle da atividade. Cabe à comunidade fiscalizar os turistas e suas atividades na aldeia. A fiscalização também deve ser feita pelos órgãos responsáveis.
- Planejamento sustentável que deve ser realizado levando em conta diversos aspectos como:

- capacitação da mão de obra indígena
- formação de parcerias
- sinalização e infra-estrutura
- construção da imagem turística

Imagem turística

Trata-se de imagem turística a imagem que se quer mostrar do local ou da comunidade que quer desenvolver o turismo. A imagem turística deve ser pensada e planejada cuidadosamente, pois ela pode mostrar aspectos positivos e negativos de um povo ou de um local. Vale lembrar que ela deve ser formada por aspectos verdadeiros, pois se o turista não encontra o que foi buscar, ele não volta, nem divulga o local (Alfonso, 2006).

Questões a serem pensadas

O que o turista quer ver?

- Natureza (rio, cachoeira, plantas, etc.)
- Coisas tradicionais (comidas, canto, danças, artesanato, aprender palavras, etc.)
- Tirar fotos

O que não quer ver?

- Lixo
- Não cumprir o combinado
- Horário atrasado
- Gente pedindo coisas o tempo todo

O que os Guarani querem mostrar? Como vão mostrar?O que querem ensinar?

Como o turismo vem se desenvolvendo nas aldeias Guarani?

Vale ressaltar que o aporte teórico foi adequado metodologicamente para torná-lo mais acessível às lideranças. Trata-se de trabalho delicado, que teve como objetivo o melhor aproveitamento na oficina por parte dos Guarani. A adequação da linguagem, dos conceitos e do próprio conteúdo favoreceram uma boa interlocução com as lideranças presentes na oficina. Evidenciado na participação expressiva das pessoas presentes ao longo de todas as atividades, contando, inclusive com o envolvimento contínuo e interessado dos mais-velhos.

Discussão sobre o conteúdo

Após a apresentação do conteúdo foi aberto um espaço para discussão sobre o que foi exposto. Muitas lideranças participaram da discussão, principalmente os mais-velhos. Alguns depoimentos estão descritos em anexo. Os principais itens debatidos foram:

- A importância do planejamento do turismo e da sustentabilidade;
- A adequação do turismo em diferentes contextos, diferentes aldeias;
- A cobrança e o valor de entrada nas aldeias;

- A importância de se estipular dia, horário e local para visitação, sem que esta influencie no cotidiano da aldeia;
- Qualificação de pessoas indígenas para a atividade turística;
- Venda de artesanato, local apropriado e obrigatoriedade de compra;
- Preparo do turista para a visitação e segurança;
- Parcerias e conflitos com não indígenas, relacionados à atividade turística;
- Apresentação de exemplos de aldeias que já recebem visitantes;
- Participação da comunidade e formas de divisão do lucro gerado pelo turismo;
- Tipos de atividades que podem ser desenvolvidas nas aldeias.

III.1.7 - Oficinas Práticas e de Discussão

No início da tarde foram re-iniciadas as atividades. Os participantes foram divididos em três grupos, sendo estes:

Grupo de discussão 1 – Apresentando a Cultura Guarani para turistas

Grupo de discussão 2 – Planejamento turístico da Aldeia Salto do Jacuí

Grupo de ilustradores – Oficina de desenhos para as crianças Guarani

Abaixo seguem as deliberações dos grupos quanto ao turismo em terras Guarani:

Grupo de discussão 1 – Apresentando a Cultura Guarani para Turistas

Após debates e discussões sobre os temas apresentados no período da manhã, o grupo de discussão 1 propôs:

- Orientações Gerais

1. Prestar atenção às orientações da comunidade;
2. Chegar com respeito e vontade de aprender para poder conhecer a cultura Guarani;
3. Deixar os preconceitos do lado de fora;
4. Respeitar a natureza e o espaço da aldeia;
5. Sempre agendar a visita e respeitar os horários da comunidade;

6. Preparar seu grupo para a visita. O coordenador do grupo deve primeiro conhecer a aldeia, escolher as atividades e programação da sua visita, assim como acertar o número de visitantes e o preço;

7. Não fazer fotos, filmagem ou gravação sem pedir autorização;

8. Lembrar que os Guarani são conhecedores da sua própria história e cultura e podem ensinar muitas coisas que não se aprende na escola ou nos livros;

9. Só andar com o guia e se informar sobre os lugares que podem ser visitados ou não;

10. Antes de visitar, se informar sobre objetos, alimentos e bebidas que podem ou não ser levadas para a aldeia;

11. O turista vai encontrar lindos artesanatos, então deve aproveitar sua visita para valorizar esta arte.

Grupo de discussão 2 – Planejamento turístico da aldeia Salto do Jacuí

A partir do desenho da aldeia foi re-apropriado um mapa que já havia sido confeccionado anteriormente, na realização do projeto "Assistência Técnica e Extensão Rural em Áreas Indígenas" do Ministério do Desenvolvimento Agrário, com o intuito de recepção do turista. Foi desenhado um novo mapa, mais simples, apenas para a realização da oficina.

Após a compreensão do espaço da aldeia, o grupo definiu a seleção dos atrativos e estruturação do roteiro. Foi elaborado o seguinte roteiro de visitação:

1. Informação sobre o comportamento na aldeia
2. Explicação do Mapa de visitação da aldeia
3. Visualizar casa de reza
4. Caminhada na trilha e conhecer as roças
5. Roda de conversa para orientar o turista quanto à visitação à cachoeira
6. Conhecer moradia tradicional
7. Palestra cultural
8. Exposição e venda de artesanato
9. Apresentação do grupo de canto e dança

Após a elaboração e seleção das atividades a serem desenvolvidas na aldeia discutiu-se a qualificação e a divisão de tarefas.

Equipe de Turismo:

Coordenador Geral – responsável pela estrutura da visitação e andamento do turismo na aldeia;

Monitores – responsáveis por acompanhar os visitantes;

Secretários – responsáveis pelo agendamento

Pensou-se ainda nas melhorias de infra-estrutura necessárias para o desenvolvimento turístico da aldeia.

Infraestrutura:

Acesso – Estrada

Sanitários

Telefone público

Estrutura de alimentação

Estrutura de saúde

Estrutura de segurança (termo de responsabilidade)

Placas de identificação

Sinalização turística

Casa de artesanato

Dos atrativos culturais

Dos atrativos naturais - cachoeira

Para viabilizar ações de melhoria de infraestrutura foram debatidas as possibilidades de parcerias, com:

Secretarias Municipal e Estadual de:

- Educação
- Turismo
- Obras
- Meio Ambiente
- Políticas públicas

- Saúde

Museus e outras instituições Históricas e Culturais

FUNAI

IPHAN

CTI

Universidades

ONGs

Empresas privadas

Patrocinadores

Ações de divulgação

Agendamento prévio

Elaboração de folder

Contatos com escolas.

Algumas normas e propostas:

O turista deve sair sabendo:

Respeitar a natureza e a biodiversidade

Respeitar e valorizar a cultura indígena Guarani

Respeitar e valorizar as tradições Guarani (seu modo de vida)

Respeitar os mais-velhos

O turista não deve:

Jogar lixo nas trilhas, rios, aldeia, etc.

Arrancar plantas, desrespeitar plantas medicinais.

Levar plantas ou qualquer coisa da aldeia sem autorização do cacique e das lideranças locais.

Tirar fotos ou imagens sem autorização do cacique e das lideranças locais.

Sair do roteiro ou ir a lugares não permitidos.

Atrapalhar, filmar ou fotografar as apresentações e palestras.

Na oficina de Ilustração e desenhos participaram dezenas de crianças Guarani, em sua maioria da aldeia Tekoa Porã. O intuito da Oficina foi envolver as crianças nas discussões sobre turismo e visitação nas aldeias. Foram confeccionadas mais de 150 ilustrações. Alguns destes desenhos ilustrarão as publicações resultantes do encontro.

Após apresentação dos resultados das oficinas práticas foi elaborado um documento oficial do evento pelas lideranças da aldeia Tekoa Porã em conjunto com lideranças de outras aldeias participantes. O documento foi redigido para ser entregue a um representante da Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí, solicitando parceria para o melhoramento de infra-estrutura da aldeia e o bom atendimento ao turista.

As atividades do dia 17 de Novembro foram iniciadas com a apresentação do grupo de canto e dança das crianças Guarani da aldeia Tekoa Porã, seguida pela fala do cacique e apresentação dos participantes. Foi realizada uma introdução ao tema do encontro e aberta a mesa de discussão com as autoridades presentes. Primeiro aconteceram as falas das lideranças Guarani e depois das autoridades presentes. Dentre os participantes não indígenas estavam representantes do poder público local, como a vice-prefeita de Salto do Jacuí, e representantes da Emater, do IPHAN, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e do CTI.

Com a finalização das discussões aconteceu a entrega oficial do documento de solicitação de parceria à Vice-prefeita de Salto do Jacuí, Sra. Joice Zimmer, que se prontificou a levar as solicitações dos Guarani até o Prefeito municipal.

Após o almoço, o cacique da aldeia hospedeira e algumas lideranças monitoraram uma visita no interior da aldeia. O passeio foi feito pelos visitantes Guarani e pelos não-indígenas. Buscou-se seguir o roteiro elaborado durante as oficinas práticas realizadas no dia anterior.

Foi apresentado o vídeo Ore Reko: Modo de Viver Guarani

Após o vídeo, foram ouvidas as considerações de kunhã karaí kuery e xeramõi kuery (lideranças espirituais femininas e masculinas) participantes do evento, quando foram discutidos os resultados do encontro, a importância da oficina realizada, a possibilidade de encontros semelhantes e publicações resultantes das atividades.

Durante a avaliação final do evento realizada pelas lideranças Guarani e pela equipe do CTI foi ressaltada a necessidade de compreender por que os Guarani querem a visitação nas aldeias. Observou-se que a visitação não deve ser vista apenas como uma possibilidade de renda e melhorias econômicas, e sim como uma oportunidade de difundir aspectos da cultura Guarani à sociedade envolvente. Foram relembradas as falas dos mais velhos e o que o turista deve aprender nas aldeias, sempre conscientes dos efeitos negativos do turismo, das mudanças que podem ser levadas para a comunidade pelos turistas, principalmente para os mais jovens e formas de monitorá-las.

O evento foi encerrado com a entrega de certificados de participação, com a apresentação do grupo de canto e dança das crianças da aldeia e com uma atividade de confraternização.

III.1.7 - Resultados

Durante o Encontro foram elaborados três documentos:

Um primeiro documento, entregue durante o evento, solicitando a parceria da Prefeitura Municipal de Salto do Jacuí, com o intuito de melhorias de infra-estrutura, sobretudo da estrada de acesso à aldeia, objetivando o desenvolvimento turístico da aldeia Tekoa Porã. Até o mês de dezembro de 2010 nenhuma melhoria havia sido executada, encontrando-se a estrada em condições precárias.

Outros dois documentos foram elaborados pelas lideranças Guarani durante as oficinas práticas. Um visando apresentar algumas regras gerais sobre visitação em aldeias Guarani e o outro a apresentação de uma primeira tentativa de planejamento turístico participativo da aldeia Tekoa Porã para servir de estudo de caso para outras aldeias que buscam o desenvolvimento turístico. O CTI editou esses materiais que foram apresentados ao IPHAN/DPI visando a concretização de publicação impressa de tais “manuais” para ampla distribuição nas aldeias Guarani e entre outros povos indígenas. Até o momento não foram publicados.

Como resultado positivo do Encontro considera-se a ampla participação das lideranças e dos mais velhos nas discussões e durante todas as atividades das oficinas, incentivando a participação dos jovens que fizeram suas colocações pautadas nas observações dos mais-velhos. Também foi positiva a participação das crianças Guarani na elaboração de desenhos pertinentes à temática. O evento possibilitou que toda a comunidade Guarani da aldeia hospedeira e também os visitantes se envolvessem no processo de planejamento e discussão do turismo, seguindo os preceitos da sustentabilidade e do planejamento participativo, ambos básicos para o desenvolvimento do Ecoturismo Indígena.

Bibliografia utilizadas como referência teórico-metodológica para realização da Oficina

ALFONSO, L. *EMBRATUR*: Formadora de Imagens da nação brasileira. 2006, 138f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOTURISMO (ECOBRASIL). *Manual indígena de ecoturismo*. Brasília: MMA, 1997.

AGUAPEÚ Comunidade Guarani-Mbya. *Jaguatareí Nhemboé* – Caminhando e aprendendo. Série Sistematização. MMA/PDA, Revista VIII, outubro de 2006.

AGUAPEÚ Comunidade Guarani-Mbya e Centro de Trabalho Indigenista. *Ore reko: Modo de Viver Guarani*, Mongaguá, SP: Centro de Trabalho Indigenista, 2002.

BENI, M.C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: SENAC, 2000.

EMAMTUR. "Projeto Pólo de Ecoturismo do Estado do Amazonas". Manaus, 1997.

EMBRATUR. "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo". Brasil, 1991.

FARIA, I.F. "Ecoturismo: ilusões e contradições". *Revista da Universidade do Amazonas*, Manaus, nº 2, v. 2, jan./dez. 2000.

FENNELL, D. A. *Ecoturismo*: Uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS, I, Coutinho, H. "Turismo em Áreas Indígenas". Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Edição 03/2007

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. "Programa Piloto de Ecoturismo em Terras Indígenas". Metodologia. Cidade Jardim\RJ, 1997 (Mimeo).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. *Turismo Internacional*: uma perspectiva global. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. "Contribuciones de la organización mundial del turismo a la cumbre mundial sobre el desarrollo sostenible". Johannesburgo, 2002

PORTAL AMAZÔNIA. "Comunidades indígenas investem no turismo graças a um vácuo na constituição". Roraima: 03 de novembro de 2009.

SILVA, G. *Estudos sobre a realização de atividades Turísticas nas Terras Indígenas Brasileiras*. Funai. Brasília, 2008.

III.2 - Elaborar e executar oficina de transmissão de saberes e práticas artesanais Guarani

III.2.1 - Introdução

Durante a execução do *Inventário de Referências Culturais da Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo* foi identificada a demanda pela execução de ações de salvaguarda para a preservação do patrimônio cultural associados ao repasse dos saberes das práticas artesanais relacionadas ao trançado, à escultura em madeira e à confecção de instrumentos musicais. O acordo do IPHAN, durante realização do INRC em São Miguel, com os Guarani, era de realizar oficinas de artesanato nas quatro aldeias inventariadas (Koenju, Yryapu, Tekoa Porã e Anhetengua), para a otimização da comercialização dos produtos, identificando as medidas necessárias ao seu incremento.

Em setembro de 2009 a regional do IPHAN bem como técnicos do CTI e representantes da Comissão Guarani *Yvyrupa*, participaram da reunião do Conselho de Articulação do Povo Guarani do Rio Grande do Sul (CAPIG) onde foi exposto o histórico e o objetivo do projeto *Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya.* Nesta reunião as lideranças presentes enfaticamente reiteraram que as ações de salvaguarda deveriam contemplar outras aldeias, especialmente no RS, além das 4 aldeias já inventariadas, expandindo e potencializando estas ações.

Desta forma foram realizados dois encontros/oficinas sobre as práticas artesanais privilegiando a valorização e o intercâmbio de técnicas de confecção de artefatos de uso doméstico e ritual (incluindo os instrumentos musicais) e o manejo de vegetais, além do debate teórico entre artesãos de diferentes comunidades sobre as origens e os usos das espécies naturais, das técnicas e dos próprios objetos.

Uma primeira oficina foi realizada no Tekoa Koenju, em São Miguel das Missões, envolvendo as 4 aldeias inventariadas, aldeias situadas no interior RS e participantes Guarani de outros estados.

Oficina de artesanato – *Tekoa Koenju,* RS, junho de 2010.

Oficina de artesanato – *Tekoa Jateity,* RS, julho de 2010.

A outra oficina foi realizada no Tekoa Jateity (Cantagalo), em Viamão, envolvendo as aldeias da região litorânea, da Grande Porto Alegre e representantes Guarani de outros estados.

Assim foi possível uma maior presença dos Guarani, principalmente das aldeias gauchas, conciliando a capacidade das comunidades anfitriãs das oficinas em receber os visitantes à viabilidade operacional de contemplação de um maior número de artesãos e participantes.

Os Guarani possuem diferentes objetos que fazem parte do seu acervo cultural. São peças de uso cotidiano, doméstico ou ritual, relacionadas à culinária, ao plantio, à caça, à pesca, aos rituais, aos adornos corporais etc.. Os saberes associados às praticas artesanais se entrelaçam a aspectos cosmológicos, ritualísticos, à formação de cada pessoa, ao comportamento destes nos tekoa, bem como ao acesso e à conservação dos recursos naturais presentes no bioma mata atlântica que acionam uma ampla rede de aldeias Guarani.

A transmissão destes saberes entre diferentes gerações está associada a contextos que permeiam tanto a disponibilidade de terra e de matéria prima, como a possibilidade do aprendiz de domínio de tais técnicas e ao próprio interesse de cada pessoa em obter conhecimento. Assim em uma família, na qual o pai foi grande caçador, talvez um de seus filhos tenha a capacidade de seu pai, outro seja um xamã, outro tenha um interesse maior no plantio, ou mesmo na “política”. Talvez algum deles nunca possa fazer certos objetos em razão de características de sua “alma” (Nhee) que não “permitem” ao seu portador tal confecção.

Fazendo tinta natural - *Tekoa Jateity*

Tintas prontas - *Tekoa Jateity*

III.2.2 - Pesquisa preliminar, reuniões iniciais e pré produção

Além de uma pesquisa inicial, foi bastante importante realizar reuniões e conversas preliminares com as lideranças a fim de estabelecer o objetivo e o melhor formato destes encontros para que fosse proveitoso e não invasivo, de modo a considerar e respeitar o modo como os mesmos organizam o tempo, sua divisão de trabalho, seus conhecimentos, a peculiaridade de sua relação com o ambiente natural e suas decisões quanto ao que deve ou não ser divulgado junto aos não-indígenas.

Na realização da primeira etapa do INRC, durante o levantamento preliminar das referências presentes nos arquivos e museus sobre os Guarani Mbya, foram identificadas as peças da cultura material existentes. Utilizamos a compilação deste material, bem como a bibliografia que envolvia alguns destes materiais para fazer uma listagem das peças que compreendiam este universo e iniciamos conversas pontuais com algumas lideranças para melhor entender os interesses e as relações estabelecidas dentro da temática que cada objeto envolvia.

Durante a realização da oficina de turismo no Tekoa Porã, Salto do Jacui / RS, em novembro de 2009, aprofundamos a conversa com Ariel, cacique da Aldeia Koenju que sediaria a primeira oficina, bem como com Vera Poty, cacique da Aldeia Cantagalo, que sediaria a segunda oficina. Também aprofundamos o levantamento dos artesãos que são referência nas comunidades guarani.

No fim de abril de 2010, paralelamente as atividades de apoio ao Nhemongarai na Aldeia Koenju, durante um intercâmbio entre *karais* (líderes espirituais), realizamos uma primeira reunião com a comunidade sobre a oficina a ser realizada. Esta reunião contou com a participação de cerca de 30 moradores da Koenju, visitantes da Aldeia Peguaoty (Sete Barras, SP) e de técnicos do CTI. Nessa oportunidade, realizamos uma exposição mais ampla sobre o Projeto “Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya” e sobre as ações de salvaguarda a serem realizadas, principalmente sobre as oficinas de artesanato.

A possibilidade de realizar um encontro que teria como foco os objetos tradicionais e a ampla rede dos conhecimentos associados, trouxe muito expectativa

aos Guarani e principalmente aos mais velhos e logo despertou uma grande discussão a respeito das áreas de uso e ocupação guarani e das matérias primas necessárias para produzir certos objetos. Embora muitos velhos e até outros Guarani soubessem realizar várias práticas tradicionais que gostariam de mostrar aos mais jovens, nem sempre havia material disponível na sua aldeia para fazê-lo, e mais ainda, diversos objetos e fazeres necessitam de matéria-prima que dificilmente pode ser encontrada em uma região só, por conta da situação ambiental precária do Sul e Sudeste. Tal situação faz com que a realização de determinadas práticas dependa diretamente das redes de troca operadas pelos Guarani, uma vez que um artesão sozinho nunca seria capaz de coletar na sua região os materiais necessários para a confecção de todos os artefatos.

Para a realização da oficina, Inicialmente acionaram estas redes entre aldeias para a obtenção das matérias primas necessárias, considerando essencial que diversas destas espécies de uso dos guarani fossem reintroduzidas na aldeia. A comunidade de Koenju se mostrou bastante motivada apontando objetos de interesse e pessoas de referência no conhecimento associado a estes objetos. Foram definidas as demandas operacionais e logísticas para a recepção dos visitantes, realizado um mapeamento das matérias primas existentes na aldeia, as matérias primas a serem trazidas de outras localidades e o compartilhamento de responsabilidades quanto à operacionalização da produção. Os Guarani, também definiram que seria essencial que durante a oficina fossem elaborados diversos alimentos tradicionais.

Ainda acompanhados pelos Guarani da Aldeia Peguaoty e da Aldeia Koenju, realizamos uma visita ao sítio arqueológico de São Miguel das Missões, bem como ao escritório técnico do IPHAN, onde pudemos nos reunir com a Sra. Cândice Bellester, que nos ofereceu o apoio do escritório técnico para a execução das atividades de pré-produção, dentro das possibilidades do escritório técnico.

Ainda em São Miguel das Missões identificamos possíveis fornecedores para os bens de consumo que seriam necessários para a realização do encontro. Acompanhados do cacique da Aldeia Koenju, Sandro Ariel Ortega e lideranças da Aldeia Peguaoty / SP, realizamos um visita ao Tekoa Porã (Salto do Jacui), para

conversas sobre a participação e produção na oficina de artesanato a ser realizada na Aldeia Koenju. Após visitas a aldeia e conversas pontuais com algumas lideranças, realizamos uma grande reunião, onde o cacique Sandro Ariel Ortega (Koenju), juntamente com Sr. Luis Euzébio (Peguaoty) e o Sr. Luis Natalício, cacique do Tekoa Porã, expuseram os objetivos do projeto e da oficina. Também bastante motivada, a comunidade de Tekoa Porã se dispôs a recolher as matérias primas que não existiam no Tekoa Koenju para serem utilizados na oficina, apontando pessoas responsáveis por fazer certos objetos, bem como o número de participantes desta aldeia na oficina.

Nas visitas ao Tekoa Anhetengua e no Tekoa Yryapu, o cacique da Aldeia Koenju, Ariel e a equipe do CTI se reuniu com o cacique José Cirilo Morinico (Tekoa Anhetengua) e com a comunidade de Yryapu. Foi definida a participação destas comunidades na oficina de artesanato e foram feitas considerações gerais a respeito do artesanato Guarani.

Em maio de 2010, realizamos uma reunião preliminar com Vera Poty, então cacique do Tekoa Jateity (Aldeia Cantagalo, Viamão, RS) com o intuito de iniciar os planejamentos para a segunda oficina de artesanato que seria realizada na aldeia Cantagalo.

Além da participação do cacique do Tekoa Koenju, esta reunião contou com a participação de cerca de 20 moradores do tekoa Jateity e de técnicos do CTI. A comunidade se mostrou bastante organizada, agendaram reuniões internas para a definição dos objetos de interesse, dos participantes, bem como das necessidades da aldeia para a recepção da oficina. A participação de representantes do Tekoa Jateity na oficina realizada no Tekoa Koenjufoi determinante para que se definissem as estratégias e dinâmicas da segunda oficina.

Entre abril e julho foram realizados diversos contatos telefônicos e reuniões menores para definições e arranjos de participantes, logísticas de transporte, de alimentação e dinâmica de reunião nas aldeias. Ainda aconteceram algumas viagens dos Guarani para aldeias de diversas localidades para o acerto dos participantes, coleta de matérias prima e convite pessoal a alguns anciãos.

Com duas semanas de antecedência das oficinas, técnicos do CTI se deslocaram às aldeias que sediaram os eventos para acompanhar e estabelecer últimos trâmites.

III.2.3 - A oficina no Tekoa Koenju

A oficina ocorreu entre os dias 30 de maio e 05 de junho de 2010 e contou com a participação de cerca de 70 pessoas das TIs Tekoa Porã (Salto do Jacui, RS), Estela Velha (Estela Velha, RS), Mato Preto (Erebango, RS), Guarita (Tenente Portela, RS), Votouro (Benjamin Constant, RS), Nonoai (Nonoai, RS), Anhetengua (Lomba do Pinheiro, RS), Yryapu (Palmares do Sul, RS), Peguaoty (Sete Barras, SP), Pindoty (Pariquera-açu, SP), Tenonde Porã (São Paulo, SP), Araponga (Paraty, RJ), Sapukai (Angra dos Reis, RJ) e Tamandua (Misiones, Argentina).

Programação

Dia 30/05/2010 - Domingo

Chegada dos participantes

Acomodação e descanso

Xarura (cumprimento tradicional)

Dia 31/05/2010 – Segunda-feira

Manhã: saudação tradicional

Fala dos mais velhos

Tarde: Fala do cacique apresentando os objetivos da oficina

Apresentação de Beatriz Muniz Freire (12ª SR IPHAN) e Cândice Bellester (Escritório Técnico do IPHAN em São Miguel das Missões)

Apresentação da equipe técnica do Centro de Trabalho Indigenista

Apresentação dos participantes

Fala dos mais velhos

Dia 01/06/2010 – Terça-feira

Manhã: Bom dia tradicional

Fala dos mais velhos

Introdução às matérias primas

Tarde: Fala sobre as matérias primas e objetos

Noite: Reunião interna guarani

Xondaro

Dia 02/06/2010 – Quarta-feira

Manhã: Bom dia tradicional

Oficinas de artesanato

- Mimby retã
- Angua
- Rave
- Ajaka ete
- Guyrapa ete
- Apyka
- Yxy
- Manga

Tarde: (Continuação das oficinas)

- Plantio de mudas de pindo ete

Dia 03/06/2010 – Quinta-feira

Manhã: Visita ao sítio arqueológico de São Miguel das Missões

Fala dos mais velhos nas ruínas de São Miguel Arcanjo

Tarde: Visita a Casa de Passagem – reunião guarani

Visita a Fonte Missioneira

Noite: Reunião guarani e encaminhamento de demandas

Dia 04/06/2010 – Sexta-feira

Manhã: Fala sobre os objetos produzidos

Tarde: Avaliação e encerramento

Dia05/06/2010 – sábado: retorno às aldeias de origem.

Já no início do encontro, com a chegada dos participantes, a importância dos conhecimentos tradicionais pelos mais velhos foi o principal foco. As boas-vindas aos participantes ocorreu na forma tradicional guarani: *xarurá.*

Recepção tradicional *Xarurá - Tekoa Koenju,* RS, maio de 2010

O encontro ocorreu durante todos os dias no *Oka,* o pátio central da aldeia e teve expressiva participação de todos - crianças, jovens e velhos - de Koenju, além dos visitantes de outras aldeias. A dinâmica do encontro fora determinado pelas lideranças guarani e seus anciãos, que perpassaram temas sobre a vivência Guarani, as regras de comportamento conjugais, contaram experiências de vida e aconselharam os mais jovens.

No segundo dia as matérias primas e objetos foram expostos no pátio. As diversas falas associavam as espécies, sua importância no dia-dia Guarani, sua referência à cosmologia, à Yvyrupa, às matas nativas (*kaguy ete)*.

Exposição de matérias primas. *Tekoa Koenju,* RS, maio de 2010

No terceiro dia teve início a confecção dos objetos. Os responsáveis pela confecção de cada um dos objetos posicionou-se no pátio da aldeia e os jovens de acordo com seus interesses iam passando pelas rodas para aprender as técnicas tradicionais. Os mais velhos, circulavam pelas oficinas contando histórias e tirando dúvidas dos mais novos. A dinâmica adotada para a confecção dos objetos respeitou o interesse que cada um dos jovens tinha por certos objetos.

Tocando *Mimby* (flauta)

Demonstrando o uso de artefatos feitos de *yakua* - *Tekoa Koenju*

Na quinta-feira, como já solicitado pelos participantes, foi realizada uma visita ao sítio arqueológico de São Miguel das Missões e a Fonte Missioneira. As falas dos mais velhos remeteram a importância da Tava Miri à cultura Guarani. Também foram enfáticos quanto à utilização deste espaço tradicional e a precária situação dos Guarani que se deslocam do Tekoa Koenjupara o sítio arqueológico de São Miguel das Missões para a venda de artesanato, que se alojam na Casa de Passagem, num espaço bastante reduzido, sem qualquer segurança, acesso a água e a sanitários. No retorno à aldeia os Guarani se reuniram para fazer um documento com as demandas ao IPHAN.

Visita às ruínas De São Miguel das Missões, maio de 2010

Como colocado inúmeras vezes durante a oficina, os Guarani reconhecem um conjunto de áreas nas proximidades do Tekoa Koenju como áreas de uso e ocupação tradicional e que, por circunstâncias diversas, hoje se encontram impossibilitados de utilizarem, ou com restrições, como é o caso da Mata São Lourenço. Durante a execução das atividades de salvaguarda do Projeto, em três ocasiões foi necessária a entrada nesta área e algumas espécies foram retiradas para a utilização durante a oficina de artesanato no Tekoa Koenju (também foram coletadas colméias de abelha

Jatei durante as atividades de apoio ao Nhemongarai nas Aldeias Anhetengua e Yryapu). As conhecidas Mata São Lourenço, Esquina Ezequiel, Ygua Porã (Fonte Missioneira) e o Kaaró são áreas consideradas como de uso e ocupação tradicional e, por este motivo, os Guarani decidiram encaminhar a FUNAI um documento solicitando a demarcação destas áreas.

No último dia, com a chuva e o forte frio as atividades foram deslocadas para a Ogatatu, casa de palha utilizada para reuniões, onde foram avaliadas as atividades e feito o fechamento do Encontro.

III.2.4 - A oficina no Tekoa Jateity

A oficina ocorreu entre os dias 18 a 24 de julho de 2010 e contou com a participação de cerca de 80 pessoas das seguintes TIs: RS: Anhetengua (Lomba do Pinheiro), Riozinho, Varzinha, Interlagos, Estiva, Passo Grande, Lami, Itapuã, Tekoa Porã (Salto do Jacui), Koenju (São Miguel das Missões), Mato Preto (Erebango); SC: Mbiguaçu, Morro dos Cavalos; PR: Araça´i (Piraquara), Pinhal (Laranjeiras do Sul); SP: Peguaoty (Sete Barras), Pindoty (Pariquera-açu), Tenonde Porã (São Paulo), Krukutu (São Paulo); RJ: Sapukai (Bracui, Angra dos Reis); Argentina: Tamandua (Misiones).

Programação
Dia 18/07/2010 - Domingo
Chegada dos participantes
Acomodação e descanso
Dia 19/07/2010 – Segunda-feira
Tarde: Apresentação dos participantes
Fala do cacique apresentando os objetivos da oficina
Identificação dos artesãos e objetos a serem feitos e programação
Fala dos mais velhos
Noite: Opy
Dia 20/07/2010 – Terça-feira

Manhã: Apresentação do Coral Guarani da aldeia Cantagalo

Falas dos artesãos para planejamento dos trabalhos para o encontro

Tarde: Oficina Namixai Mboy (Colares tradicionais guarani) – Rosa Bolatim Tatxim Rete (Pinhal – PR)

Oficina de Petyngua´i (Cachimbo guarani) – Roberto da Silva e Sebastião Papa Veríssimo – Pinhal – PR

Noite: Projeção do filme Nhande Guarani – apresentado por Leonardo Wera Tupã, Tekoa Araça´i, Piraquara, PR

Projeção do filme Teko Rexãi - apresentado por Luis Karai, Tekoa Uruity, Miracatu, SP

Dia 21/07/2010 – Quarta-feira

Manhã: Palestra sobre Pindo ete´i (Palmeira Gerivá) – Luis Euzébio, Tekoa Peguaoty, Sete Barras, SP

Oficina sobre o Pari (armadilha para pegar peixes) - Cornélio Gimenes, Tekoa Jateity, Viamão, RS)

Tarde: Mba'e xoa Angua (Pilão tradicional) - Alexandre Acosta, Tekoa Jateity

Y'a te'i régua (Utensílios tradicionais domésticos feitos de cabaças)

Exposição e falas sobre o cachimbo guarani

Dia 22/07/2010 – Quinta-feira

Manhã: Falas sobre o intercâmbio de conhecimentos tradicionais; Falas sobre a utilização do Pari

Tarde: Oficina de Avaxi Kui

Noite: Oficina "Povos Indígenas: Conhecimentos Tradicionais , Patrimônio e Direitos" – João Mitia Antunha Barbosa (Advogado)

Dia 23/07/2010 – Sexta-feira

Manhã: Avaliação do encontro

Tarde: Xeramõi e xejarỹi nhemongueta nhandereko ete'i opy regua - aconselhamento dos mais velhos sobre comportamento na casa de reza

Dia 05/06/2010 – Sábado

Apresentação do coral guarani da aldeia Cantagalo; Retorno às aldeias

Durante o mês de junho de 2010, a comunidade do Cantagalo construiu uma casa de palha para acomodar a reunião em caso de forte frio e chuva. A comunidade também realizou diversas reuniões internas para definir a divisão de tarefas para a recepção dos participantes e as logísticas de transporte. O então cacique Vera Poty, foi pessoalmente a diversas aldeias fazer o convite no intuito de esclarecer os objetivos da reunião e potencializar o aproveitamento desta.

Casa construída para a oficina - Tekoa *Jateity,* junho de 2010

Com fortes chuvas e muito frio, no primeiro dia houve uma reunião de caciques e lideranças com a comunidade para definir estratégias para o bom andamento das atividades, encaminhamento da programação e definição dos coordenadores da oficina. Tão logo se iniciou a reunião, foram definidos os artesãos e os objetos a serem confeccionados.

Reunião de planejamento - Tekoa *Jateity,* junho de 2010

.

No segundo, terceiro e quarto dia, ocorreram pelas manhãs e tardes as oficinas no pátio central, na casa construída para abrigar o evento. Durante todas as oficinas realizadas, os artesãos de cada localidade ensinavam e mostravam como se confeccionava cada objeto enquanto os mais velhos complementavam as falas, dando conselhos comportamentais e referenciando os mitos Guarani. Houve expressiva participação das crianças, jovens e mais velhos do Cantagalo, alem dos visitantes das outras aldeias.

Confecção de *ajaka (cesta)*

Pari (armadilha para pesca)

Petyngua (cachimbo)

Tekoa Jateity, julho de 2010

A dinâmica adotada para a realização das oficinas permitiu que todos os participantes presenciassem a confecção dos objetos, ganhando profundidade nos temas abordados.

Nas noites de segunda, quinta e sexta-feira os Guarani participaram de rezas na *Opy´i* com o intuito dar as boas vindas, fortalecer os participantes e aconselhar os mais jovens.

Na noite de terça-feira, foram projetados dois filmes sobre os Guarani. O primeiro Tekoa rexaĩ, sobre a medicina tradicional Guarani Mbya, levado por Luis de Souza Karai (SP), que participou da realização deste vídeo. O segundo filme, Nhande Guarani, fora apresentado por Leonardo Wera Tupã, da Aldeia Araça´i, (Piraquara, PR), que também participou do processo de realização do filme.

Na noite de quarta-feira, foi realizada a Oficina "Povos Indígenas: Conhecimentos Tradicionais, Patrimônio e Direitos", apresentada pelo advogado João Mitia Antunha Barbosa que possibilitou introduzir a temática de proteção ao patrimônio indígena aos participantes do evento. No último dia, foi realizada um avaliação das atividades em frente a Opy, com a fala dos mais velhos e desejos de boa viagem aos que retornavam para suas aldeias.

III.2.5 - Resultados e considerações sobre as Oficinas de apoio aos saberes e práticas artesanais Guarani

Como já apontado anteriormente, as atividades de salvaguarda realizadas no RS, nas TIs Yryapu, Anhetengua, Koenju e Tekoa Porã, no âmbito do convênio com IPHAN, decorreram de demandas oriundas do INRC comunidade Mbya-Guarani em São Miguel das Missões. Com a possibilidade de efetivação dessas atividades a partir de 2009 através do Convênio firmado entre IPHAN e CTI, foi necessário adequar o apoio de acordo com a situação atual das comunidades, conforme consta do Plano de Trabalho relativo ao convênio. Alterações políticas e na composição social ocorreram nos últimos anos nessas aldeias, as quais interferiram nas suas relações. Portanto

consideramos que a inclusão de outras aldeias no processo de trabalho dinamizou e fomentou novas redes de solidariedade, distensionando os atritos existentes entre as quatro aldeias que eram foco das ações de Salvaguarda.

No caso da oficina de artesanato, foi observado que, mais do que o fazer artesanal, o intuito das lideranças e anciãos era potencializar os encontros para dar voz aos mais velhos e fomentar a transmissão de saberes relacionadas aos objetos de usos tradicionais e não aos objetos destinados à venda, pois na palavra de alguns "Estes todos já sabem fazer".

A palavra "oficina" para os Guarani estaria mais relacionada a uma dinâmica própria dos não-indígenas, que não incorporaria as dinâmicas Guarani, a fala dos mais velhos, o *xarurá* (comprimento tradicional), estaria assim mais vinculada a atividades práticas e não a transmissão dos saberes tradicionais, que era a grande expectativa dos Guarani, como fica claro pela fala do cacique da Koenju Sandro Ariel Ortega:

> - "Bem eu da minha parte eu irei falar sobre o que vai acontecer a partir de hoje aqui, o que estará acontecendo durante esses dias: um evento de oficinas de artesanato, mas sinceramente não sei qual nome podemos dar a e esse tipo de acontecimento em guarani, acho que podemos dar um outro nome, é meio complicado, mas o jurua dá esse nome. Então podemos aproveitar esse momento aqui para que os mais velhos falem um pouco sobre o artesanato entre outras coisas, pois de uma forma ou outra podemos ver que isso é uma prática meio esquecida, as vezes não, mas pouco praticada pelos jovens (…) porque isso é importante demais, esse encontro, na verdade não me importo muito com o nome pelo qual o *jurua* chama se é oficina de artesanato ou outro... E vocês mais velhos tem a oportunidade de ver e rever seus parentes depois de muito tempo as vezes e trocar experiências com as lideranças de outras aldeias, repito que devemos usar esse momento para nos fortalecer."

Marcos dos Santos Tupã, liderança guarani da Aldeia Krukutu de São Paulo, SP, fazendo anotações sobre a o encontro ocorrido em Cantagalo, optou por chamar em Guarani de *"Nhemboaty Nhendereko ete'i nhemongueta regua"* que poderia ser traduzido como "Encontro/reunião para aconselhar sobre as coisas referentes à cultura Guarani".

Mais do que uma oficina para a transmissão de técnicas, a oportunidade de realização do encontro estimulava-os pela possibilidade de unir detentores destes saberes tradicionais de diferentes localidades, de possibilitar a produção de objetos com matérias primas que nem sempre são encontradas nas distintas aldeias e que só acionando uma rede mais ampla de aldeias poderiam ser feitos.

Como exemplo podemos citar a Yxy feita na oficina da Koenju. Dona Ângela, uma xejaryi (anciã) residente na própria aldeia mencionada, se propôs a confeccionar as tintas de pintura facial (*yxy*) e que guardam grandes consonâncias cosmológicas com o mito dos irmãos *Kuaray* e *Jaxy*, que compõe um dos principais núcleos de narrativas guarani. Para preparar a tinta, entretanto, eram necessários materiais como a folha de um determinado tipo de taquara (*taqua ete'i rogue*), a casca de uma árvore (*ka'atigua*) e a cera de uma abelha nativa sem ferrão (*jatei*). Durante a mobilização da comunidade para preparação da oficina, constatou-se que apenas a cera da abelha podia ser encontrada na região e, mesmo assim, teve de ser extraída fora da área atualmente demarcada. Apesar disso, a ocasião da oficina possibilitou a confecção das tintas uma vez que outros participantes de outras aldeias foram mobilizadas para buscar os demais materiais. As folhas da *taqua ete'i* foram trazidas do Salto do Jacuí e a casca da árvore *ka'atigua* foi extraída da região da "Mata são Lourenço".

Outro exemplo foi o Petyngua Nheũ, cachimbo tradicional feito a base de argila, que também tem diversas relações e restrições quanto a sua confecção relacionadas às lendas e aos mitos Guarani. Em algumas regiões do sul do país, bem como na Argentina e no Paraguay, é possível encontrar esta argila, apreciada pelos Guarani para a produção de diversos objetos de uso cotidiano como potes, panelas e principalmente para a confecção de cachimbos. Já no Vale do Ribeira em São Paulo, apesar de não haver a argila para a fabricação do cachimbo, é possível encontrar a

semente denominada pelos Guarani de *kurunhaĩ,* que é utilizada para dar o polimento no cachimbo de argila. Apesar de não ter sido possível a coleta da argila para confecção do artesanato, as sementes foram trazidas pelos Guarani do Vale do Ribeira e distribuídas às aldeias que tem acesso a esta argila, para que pudessem ser plantadas e utilizadas posteriormente à confecção das peças.

A articulação entre estas redes que os Guarani estabelecem entre as diferentes localidades da *Yvyrupa,* a apropriação dos recursos naturais, as matérias prima que utilizam, os saberes associados à confecção dos objetos estão fortemente vinculados a cosmologia Guarani e as estratégias traçadas pelos Guarani como forma de resistência cultural, intimamente ligada a *"dimensão do segredo"*, (já explicitada no INRC de São Miguel Arcanjo).

Na oficina da Koenju, assim que as matérias primas foram expostas para início das atividades, os anciãos ficaram bastante reticentes em iniciar as mesmas. De alguma forma, com a exposição dos materiais, parte dos seus conhecimentos estavam expostos. No mesmo instante, houve um retrocesso em relação às atividades, voltaram a ser discutidos os objetivos do encontro e a importância dele para os Guarani e os objetivos dos não-indígenas envolvidos (IPHAN e CTI).

Eram troncos ou cascas de algumas árvores, taquaras, folhas, sementes, cabaças, algumas peças já prontas ou semi-prontas. Tal desconforto culminou na mobilização de uma reunião dos Guarani que levantaram diversas questões quanto à divulgação e às formas de proteção destes conhecimentos. No encontro de Cantagalo, no mês seguinte, optamos por realizar uma pequena oficina com a presença do advogado João Mitia Antunha Barbosa, para aprofundarmos as discussões a respeito dos conhecimentos tradicionais, patrimônio material e imaterial dos povos indígenas e as leis vigentes no âmbito nacional e internacional. A reunião contou com cerca de 30 pessoas entre caciques, lideranças e mais velhos, que demonstraram grande interesse na temática.

Cabe ainda ressaltar que nos preparativos para a realização destas oficinas, durante o levantamento das matérias primas disponíveis, foi possível identificar diversas espécies de apreço dos Guarani que tiveram que ser buscadas em outras

aldeias para a confecção dos objetos. Muitas destas espécies tem importância não somente como matéria prima, mas inclusive por seus aspectos cosmológicos. Grande parte das espécies ausentes identificadas no Tekoa Koenjue no Tekoa Porã foram solicitadas para enriquecimento de áreas na atividade de apoio ao Nhemongarai, conforme veremos.

Apresentamos no anexo 17 um depoimento de Jera, professora guarani que participou das duas oficinas de apoio às Práticas Artesanais Guarani Mbya nas Aldeias Cantagalo e na Aldeia Koenju e fez uma pequena ponderação sobre o resultado e alcance destas oficinas.

III.3 - Elaborar e executar plano de apoio à realização da cerimônia do *Nheemongarai*

III.3.1 - Introdução

Dentre as atividades de salvaguarda indicadas pelo INRC de São Miguel Arcanjo - RS para serem realizadas por este convênio está o apoio à realização da cerimônia do *Nhemongarai* nas quatro aldeias Guarani Mbya participantes (Tekoa Porã / Salto do Jacuí, Koenju/ São Miguel das Missões, Anhetengua / Lomba do Pinheiro e Yryapu /Granja Vargas). Durante esta cerimônia as crianças recebem um nome, sonhado e revelado pelo líder espiritual, nome este que lhes assegurará proteção divina e inserção social, possibilitando-lhe viver de acordo com o modo tradicional Guarani Mbya.

O conjunto de saberes e práticas relacionadas ao ritual do *Nhemongarai* implica uma intrínseca relação entre os ciclos temporais agrícolas guarani, marcados pelo *Ara Pyau* (“tempos novos”, que coincide com as estações primavera-verão) e *Ara Yma* (“tempos velhos”, outono-inverno), uma série de aspectos ambientais associados à existência de recursos florestais e ao plantio, especialmente do *avaxi ete* (milho tradicional guarani), e a um conjunto de condições que perpassam aspectos da sociabilidade, da espiritualidade e da territorialidade guarani que, como já se evidenciou inúmeras vezes durante a execução das atividades deste projeto, acionam

as redes de reciprocidade entre aldeias de diversas regiões. A presença de anciãos com força espiritual, a possibilidade de um *karaí* (líder espiritual) realizar o ritual na aldeia, a existência da Casa de Reza (*Opy*), o plantio e a boa colheita do *avaxi ete* nos tempos "certos", são fundamentais para a efetivação do *Nhemongarai*.

A importância do *Nhemongarai* para os Guarani Mbya é tamanha a ponto dos Mbya o terem considerado como referência a ser "salvaguardada" pelo IPHAN. Este acordo prévio realizado entre IPHAN e as comunidades Mbya em questão (Koenju, Tekoa Porã, Anhetengua e Yryapu) reflete uma discussão realizada entre os anos de 2004 a 2006 na ocasião da realização do INRC nessas 4 aldeias Guarani. Apenas ao final de 2009 e durante 2010, com o Projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani, realizado a partir da parceria entre IPHAN, CTI E AECID, o apoio à preparação e realização dos rituais foi concedido. A tardança na efetivação destas ações teve como conseqüência certa dificuldade por parte dos Mbya em entenderem que tratava-se de uma continuidade ao trabalho iniciado pelo IPHAN. Os caciques e lideranças se alteraram, alianças entre aldeias foram criadas e/ou rompidas, novos parceiros surgiram, fatos que dificultaram as ações do CTI relativas aos acordos previamente firmados.

Bem como na Assembléia da Comissão *Yvyrupa* em São Paulo, em julho de 2009, muitos dos mais velhos expressaram grande desconfiança em relação à veiculação ou não de certos saberes. Em um primeiro momento, os Guarani expressaram certa desconfiança em relação ao "interesse do governo" nos seus conhecimentos tradicionais. Do ponto de vista dos mais velhos, era incompreensível que o governo dos brancos, que (num passado não tão distante do qual todas as pessoas de mais de 50 anos tem a memória viva), proibia o uso da língua, escravizava seus parentes nas lavouras integracionistas instaladas nos postos do extinto Serviço de Proteção aos Índios, e reprimia todas as suas manifestações culturais, passava agora a se interessar pelos meandros de sua cultura, de seus conhecimentos tradicionais e suas manifestações religiosas.

A partir de novembro de 2009, com o início da execução das atividades de salvaguarda, iniciamos gradativamente as discussões sobre as necessidades de cada

uma das quatro aldeias para a realização do *Nhemongarai*. Aos poucos cada aldeia foi identificando como seria possível ter algum apoio que fortalecesse a prática destes rituais de maneira que não invadisse a dinâmica interna das comunidades.

De modo geral os apoios incidiram sobre a estruturação das casas de reza, o plantio e a aquisição de sementes do milho tradicional, enriquecimento de áreas com espécies nativas do acervo cultural Guarani *Mbya* e transporte para a participação nos rituais respeitando as especificidades de cada aldeia.

III.3.2 - Apoio no Tekoa Anhetengua

O *Tekoa Anhetengua* possui apenas 10 hectares. Pelo que nos foi dito pela liderança da aldeia, desde a aquisição da área, há 10 anos, nunca houve um ritual de batismo das crianças na aldeia. As crianças que completavam a idade certa para receberem seus nomes eram levadas a outras aldeias, principalmente no *Tekoa Yryapu* (Granja Vargas), bastante próxima também pelas relações de parentesco, para o ritual do *Nhemongarai*.

Com a possibilidade do apoio para a realização do *Nhemongarai*, a comunidade se mostrou bastante animada em realizar o ritual na própria aldeia. Mesmo possuindo uma área bastante reduzida eles decidiram fazer o plantio do *avaxi ete*, para ter milho suficiente para que em janeiro de 2011 fosse possível realizar o *Nhemongarai*. Algumas famílias já guardavam variedades de sementes de milho e fumo, plantados ao longo de alguns anos em caráter reduzido, apenas para poder manter as sementes, o que nem sempre foi conseguido. Apesar da grande variedade de sementes de milho guarani, a quantidade era pequena para um plantio que produzisse frutos suficientes para a realização do *Nhemongarai,* sendo necessário conseguir mais sementes, o que foi possível com a viagem de intercâmbio de *avaxi ete* entre a aldeia *Anhetengua* e *Yryapu*. A casa de reza (*Opy*) da aldeia também se encontrava bastante danificada sendo necessário trocar as madeiras que compõem a cobertura e refazer o revestimento de capim para possibilitar a utilização da *Opy* no ritual deste ano.

Além disso, as lideranças espirituais da aldeia não se consideravam portadoras do dom necessário para nomear as crianças, ou seja, seria necessário trazer um *karai* ou *kunhã karai* de alguma outra aldeia para realizar o ritual. De acordo com as falas da comunidade, seria ainda preciso adquirir o *ei jatei* (mel de abelha nativa) para possibilitar a realização do ritual, bem como de alimentação durante este período.

Respeitando as relações que os próprios guarani estabelecem com a sociedade envolvente, com as demais aldeias Guarani e com o território que utilizam, foi traçado um planejamento participativo para conseguir atingir as condições necessárias para a realização do ritual. Primeiramente foi realizada uma conversa com a comunidade da aldeia, para estabelecer o planejamento das atividades de apoio.

TI *Anhetengu*a, Lomba do Pinheiro, RS, Agosto de 2010 – planejamento das atividades

Após a reunião com a comunidade da Tekoa Anhetengua, fizemos uma visita da liderança da Tekoa Anhetengua para a Tekoa Yryapu, na qual o cacique e karai da Tekoa Yryapu, Sr. Augusto, é irmão do cacique do Tekoa Anhetengua, Cirilo. Todos estavam muito contentes e a vontade durante a visita a Tekoa Yryapu, e durante esta

passagem pela aldeia foi disponibilizada uma boa quantidade de sementes de milho a*vaxi para,* bem como também acertado a coleta de Capim Santa Fé da *Tekoa Yryapu* para a cobertura da casa de reza da Tekoa Anhetengua.

Intercâmbio de sementes entre os irmãos Sr. Augusto e Cirilo - *Tekoa Anhetengua*, Agosto de 2010

O plantio de milho tradicional na aldeia foi realizado com muito êxito, deixando a comunidade mais confiante para esta atividade, pois associado ao fato de ser uma Terra Indígena de proporções pequenas, o solo para o plantio agrícola não ajuda muito, visto que já se encontra muito desgastado pelos anos de plantio consecutivos na mesma área. Associado ao plantio do milho tradicional ocorreu também o plantio de fumo, para restabelecer o costume de se produzir na própria aldeia o fumo utilizado nas atividades religiosas.

Roça plantada. Setembro de 2010 Roça desenvolvida., Dezembro de 2010

Tekoa Anhetengua, RS

Durante o mês de Outubro foi organizado um mutirão onde os Guarani da Tekoa Anhetengua foram até a Tekoa Yryapu para realizar a extração do capim Santa Fé para a reforma da cobertura da *Opy*, coletando ao todo 400 fechos de capim para a atividade.

Transporte do capim Santa Fé até a aldeia, *Tekoa Anhetengua,* RS, outubro de 2010

O trabalho de coleta do capim e reforma da cobertura da *Opy* no Tekoa Anhetengua ocorreu durante o mês de Outubro, mobilizando toda a comunidade para o apoio a esta atividade.

Opy a ser reformada

Opy reformada

No início de dezembro, foi organizada uma viagem para uma área chamada Mata São Lourenço, bastante conhecida entre os Guarani, localizada no Município de São Miguel das Missões, e que atualmente se encontra em posse de um não-indigena. A pequena área de mata tem abundância de espécies utilizadas pelos Guarani para diversos fins, e a viagem teve como intuito adquirir colméias de abelha *jatei* para as aldeias Anhetengua e Yryapu. O mel de abelha nativa (*ei jatei*) é um alimento muito prezado pelos Guarani, devido ao seu alto valor nutritivo e a relação muito forte que estas abelhas têm com as matas, demonstrando-se muito sensíveis a grandes variações nos sistemas naturais. Segundo os próprios Guarani, eles próprios se assemelham muito com esta espécie, no sentido de serem pacíficos e de terem esta relação bem sutil com o ambiente que os envolve.

Sequência de imagens da extração da colméia de mel nativo (*ei jatei*)

Pela manhã acompanhamos a colheita do milho tradicional, plantado no ano de 2010. Após a colheita do milho, as mulheres se encarregaram de fazer os preparativos dos elementos constituintes do ritual e dos alimentos tradicionais a serem consumidos durante o dia e a noite.

Mulheres pilando o milho para preparar o mbyta

Mbyta sendo assado

Ao longo do dia foi preparado também o fumo para o uso durante o ritual, com o *petyngua* (cachimbo tradicional Guarani), pelos jovens e adultos participantes do *Nhemongarai*.

Preparação do fumo para o *Nhemongarai*

Finalizando as atividades dos preparativos, o cacique Cirilo preparou os *guembes* para uso no ritual. O *guembe* é usado para nomear os homens e o *mbyta* é usado para nomear as mulheres. Ao todo foram 07 crianças batizadas (04 meninas e 03 meninos), mas segundo o cacique Cirilo é costume que os adultos também sejam

batizados novamente todos os anos, com a finalidade de se aproximarem do seu espírito e se fortalecerem física e espiritualmente.

Cacique Cirilo preparando a amarração do *Guembe* para o ritual

O ritual do *Nhemongaraí* realizado na *Tekoa Anhetengua* ocorreu no dia 17 de janeiro de 2011, quando pudemos acompanhar todos os preparativos do ritual, porém não presenciamos esse evento por ser uma tradição dos Guarani *Mbya*, nesta e em muitas outras comunidades, que a participação seja reservada somente aos Guarani. A liderança espiritual que conduziu o ritual do *Nhemongarai* foi o *xeramõi* Caetano Duarte, que veio de uma aldeia situada em Misiones, na Argentina, especificamente para a celebração.

Após a noite do *Nhemongarai*, conversamos com o cacique Cirilo e, segundo ele, "a comunidade está se sentindo mais fortalecida e ele próprio relatou que estava se sentindo muito melhor após o primeiro *Nhemongarai* realizado na aldeia, agradecendo todo o apoio que proporcionou este acontecimento".

Além do apoio à aquisição de colméias de abelha *Jatei*, ao plantio de milho tradicional e a reforma da *Opy*, foi apoiada também a aquisição de 250 mudas de erva

mate e 50 mudas de Guajuvira, que são elementos importantes para o cotidiano Guarani e para a realização dos futuros rituais do *Nhemongarai*.

III.3.3 - Apoio no Tekoa Yryapu

Apesar de ter sido uma demanda apresentada pela comunidade Guarani de *Yryapu*, o *Nhemongarai* na aldeia já ocorre todos os anos de modo bastante organizado e autônomo. A comunidade apenas solicitou apoio para ao plantio da roça, a implantação de caixas de abelhas de *jatei* e para o plantio de algumas espécies de mudas como a Erva Mate e a Guajuvira. Segundo o cacique Augusto não seria necessário o apoio à reforma da *Opy*, tendo em vista que esta se encontrava em condições muito boas para a realização do ritual.

Opy da *Tekoa Yryapu,* RS.

O Tekoa Yryapu se localiza em uma área rodeada de plantações de eucalipto, o que prejudica a obtenção de caça de animais silvestres, e prejudica também as

condições do solo, uma vez que a decomposição das folhas de eucalipto intensificam a acidez do solo fazendo com que as plantações não se desenvolvam adequadamente.

Extração de eucalipto e preparo de área de roça

Roça de milho e mandioca.

Durante o mês de dezembro o cacique da Tekoa Yryapu, Sr. Augusto, participou da viagem realizada a Mata São Lourenço, em São Miguel das Missões, para a coleta da colméia de abelha jataí, trazendo apenas uma colméia para a comunidade, em razão das fortes chuvas ocorridas no período agendado para a viagem. Porém esta única colméia implantada na aldeia trouxe o elemento que estava faltando para a realização do *Nhemongarai.*

Para a coleta da colméia de abelha, utilizamos uma caixinha intermediária para o transporte da mata até a aldeia, porém quando chegamos na aldeia, os Guarani confeccionaram uma caixinha específica para acomodar a colméia, fixando a mesma dentro da mata para o seu desenvolvimento no local.

Construção da caixa de abelha jataí

Caixa instalada dentro da mata

Completando o apoio ao fortalecimento do *Nhemongarai* na *Tekoa Yryapu*, foram adquiridas 250 mudas de Erva Mate e 50 mudas de Guajuvira, espécies

importantes da cultura Guarani *Mbya*, tanto para o cotidiano das atividades da comunidade quanto para a cerimônia do *Nhemongarai.*

O *Nhemongarai* da *Tekoa Yryapu* foi realizado no dia 14 de janeiro, tendo sido batizado apenas uma criança. Nesta aldeia o cacique e Karai Sr. Augusto foi quem conduziu a cerimônia, como de costume.

Em conversa de finalização das atividades, com o intuito de saber da comunidade o que sentiram a respeito do apoio do projeto ao ritual, foi dito pela comunidade que eles estão muito agradecidos, mas que o registro das atividades ligadas ao *Nhemongarai* incomodou um pouco a comunidade e que estes gostariam que, em ações futuras, fossem registradas apenas as imagens relacionadas aos plantios, tendo em vista que o cerimonial de batismo é única e exclusivamente para os Guarani Mbya.

III.3.4 - Apoio no Tekoa Porã

A Terra Indígena Salto do Jacuí possui uma área de 780 alqueires. Grande parte da área é composta de eucaliptos, roças e uma pequena área de mata onde a comunidade consegue extrair material para construção de casas, confecção de artesanato para comercialização e outros artefatos de uso doméstico e ritual.

No mês de agosto de 2010 realizamos uma reunião com a comunidade da aldeia para programar como seria o apoio do projeto para realização do ritual do *Nheemongarai.* Todos se mostraram incentivados, pois fazia três anos que não acontecia esta cerimônia na aldeia, e a comunidade não tinha apoio para poder realizá-la.

Tekoa Porã, Salto do Jacuí, RS - reunião para o planejamento das atividades, Agosto de 2010

No Tekoa Porã bem como na Koenju comunidade já é bastante autônoma para a realização do plantio do *avaxi ete.* A colheita do início de 2010 foi tão farta que além de possibilitar o consumo próprio e a reserva de sementes para o plantio de setembro possibilitou ainda a doação de uma boa quantidade de espigas para o Tekoa Koenjufazer alimentos tradicionais durante a oficina de artesanato em junho deste ano. Desta maneira, apenas solicitaram ao CTI a compra de algumas ferramentas para a sua implementação.

Quanto à celebração de rituais*,* existem dois núcleos familiares que tem lideranças espirituais de bastante prestígio na aldeia, portanto são duas as principais *Opy.* Ambas estavam bastante danificadas e em condições bem precárias e foi solicitado apoio para a reforma das mesmas. Ficou decidido que seriam estruturadas as duas *Opy,* sendo o Sr. José responsável por uma, e a Dona Marcelina por outra.

As casas de rezas são construídas respeitando uma arquitetura tradicional que depende de uma série de variantes relacionados à matéria prima disponível na região e na aldeia em questão. No caso do Tekoa Porã, tanto as madeiras para a estrutura e paredes da casa, quanto o cipó para amarração dos troncos, puderam ser encontrados na aldeia, porém, a cobertura teve que ser buscada fora. O material escolhido pela

comunidade foi a *taquaruçu,* espécie de taquara mais grossa que é utilizada depois de seca. Esta espécie foi retirada num sítio vizinho pela falta de espécies vegetais apropriadas para cobertura de casas (*kapi'i, guaricanga, takuaruçu*, sapé, entre outras) no interior da aldeia. Em outubro de 2010 a comunidade se mobilizou para a retirada de material e começaram o trabalho.

Tekoa Porã, Salto do Jacuí, RS - retirada de *taquaruçu* na área vizinha, outubro de 2010

Edificação de casa de rezas, *Tekoa Porá*, Salto do Jacuí, RS, outubro de 2010.

No final de dezembro de 2010 recebemos a notícia do falecimento da líder espiritual Marcelina. Conversamos com a filha mais velha desta importante liderança religiosa que nos disse que gostaria que a comunidade continuasse o trabalho na *Opy*.

A cerimônia do *Nhemongarai* no Tekoa Porã foi adiada para o dia 24 e 25 de abril devido ao falecimento de Dona Marcelina que causou forte comoção em várias aldeias no RS. Na comunidade de Tekoa Porã, a repercussão foi intensa, e os trabalhos na *Opy* foram adiados. Decidiram chamar um líder espiritual da aldeia de Mbiguaçu/Santa Catarina para realizar o ritual de batismo e trazer mais força à aldeia.

Em Janeiro de 2011 a Opy do Sr. José já se encontrava quase finalizada.

Casa de reza do Sr. José. *Tekoa Porá,* Salto do Jacuí, RS, Janeiro de 2011

Casa de reza da Dona Irma (filha da Dona Marcelina), *Tekoa Porã*, Janeiro de 2011

Além do apoio na construção das duas casas se reza, o projeto proporcionou a aquisição de dois violões e dois violinos para serem usados nos rituais Guarani. Também foram adquiridas algumas sementes e espécies de árvores que não existiam na área que habitam e que são importantes na cultura *Mbya,* tanto para celebração das cerimônias, como para o artesanato de uso cotidiano, para fins medicinais e outros. São essas: fumo, erva mate, cipó Imbé, capim guiné, ipê amarelo, ipê roxo, ipê branco, porongos gigantes com sementes, mamãozinho do mato (*jaracatei*) e jabuticaba.

III.3.5 - Apoio no Tekoa Koenju

Muitas mudanças ocorreram após os acordos prévios realizados entre 2004 e 2006 durante a aplicação do INRC de São Miguel Arcanjo e a efetivação do apoio ao ritual do *Nhemongarai* viabilizado pelo convênio entre IPHAN e CTI. Entre 2007 e 2010 a Aldeia teve 04 caciques e essas mudanças, além de alterar aspectos relacionados à

organização social e política interna no Tekoa Koenju, causaram variações também nas relações entre as demais aldeias (Tekoa Porã, Anhetengua e Yryapu) alvo de INRC de São Miguel Arcanjo.

O cacique, entre 2009 e 2010 (época da realização das ações de salvaguarda descritas neste relatório) é uma jovem liderança que tem um significativo trabalho de valorização dos mais velhos e fortes laços de parentesco com Tekoa Porã, mas apenas com esta aldeia, e não havia participado de maneira tão próxima da aplicação do Inventário de São Miguel Arcanjo.

Reunião com a comunidade para definir planejamento

Iniciamos o apoio à Koenju a partir de uma solicitação conjunta com a aldeia Peguaoty (SP) para a ida do *Karai* Solano e sua esposa, *kunhã karai* Ângela, à aldeia Peguaoty situada na região do Vale do Ribeira no extremo sul do estado São Paulo.

Os intercâmbios fazem parte da dinamização das redes de troca de bens (materiais e imateriais) e de pessoas pela extensão de *Yvyrupa,* que implicam na circulação por aldeias de diversas regiões em todo este amplo território, para realizar casamentos, rituais e trocas de diversas naturezas. No caso, o *karai* Solano fora convidado para passar cerca de dois meses na aldeia Peguaoty para cuidar de uma

criança enferma, pois seu prestígio enquanto curador e xamã já havia circulado por mais de 1.800 Km.

A viagem de Solano, além de proporcionar o atendimento esperado com a realização de rituais específicos, favoreceu o estreitamento dos laços entre estas aldeias, que por parentesco já eram bastante próximas, e ainda a troca de espécies agrícolas Guarani. No retorno à aldeia Koenju, o *karai* Solano levou diversas espécies de frutíferas, orquídeas, juçaras, palmeiras e plantas medicinais abundantes na região do Vale do Ribeira. Por sua vez, o cacique do Tekoa Peguaoty, que os acompanhou no retorno à Koenjuem São Miguel das Missões, trouxe para sua aldeia variedades guarani de *jety* e *mandio* (ramas batata-doce e mandioca) e plantas medicinais.

Chegada do *xeramõi* Solano em Koenju com frutos, mudas e remédios

Retorno do cacique da TI Peguaoty, Vale do Ribeira, SP

Entre março e junho de 2010 (ocasião em que ocorreram os preparativos da oficina de artesanato), realizamos junto com os Guarani o levantamento das espécies existentes e ausentes na aldeia e que são relevantes para os Guarani. Identificamos espécies importantes por serem atrativas aos pássaros, por sua florada, por fins medicinais e pela utilização como matéria prima para a confecção de objetos, tanto de uso cotidiano quanto de uso ritualístico. Com a identificação destas espécies foi unânime o desejo da comunidade em enriquecer a área da TI, bastante degradada pela anterior ocupação não indígena. Espécies como o cedro, guajuvira, palmeiras, bambus e mesmo a erva-mate e o fumo, foram escolhidas com um intuito triplo: reflorestar a área, aproximar dos Guarani as espécies que são fundamentais para o próprio *nhandereko* e desta forma garantir a longo prazo maior autonomia para a realização destes rituais e das práticas artesanais.

Durante as conversas para aprofundar a discussão sobre o apoio a ser dado para o *Nhemongarai*, a comunidade apontou o interesse em finalizar a construção da *Opy,* que já havia sido iniciada, além de realizar a inauguração da casa de rezas com a presença de alguns *xeramõis* de aldeias argentinas e brasileiras. De acordo com o andamento da construção da *Opy* este evento deveria coincidir com o início do *Ara Pyau* ("tempos novos"), momento no qual os Guarani realizam cerimônias de nominação e para um bom início aos novos períodos de plantio.

Durante o mês de julho de 2010, além das fortes chuvas e mau tempo que inviabilizou o contato com a aldeia, a comunidade estava mobilizada para a realização de uma oficina de edição de vídeo que durou cerca de um mês, e esta mobilização também impulsionou os mutirões para que a casa de rezas pudesse ser terminada. A matéria-prima necessária já havia sido preparada e é abundante na aldeia, desta maneira a comunidade conseguiu terminar a *Opy*, sem que houvesse a necessidade de um apoio do Projeto específico para esta atividade.

Terminada a casa de rezas, foi solicitado recursos para a realização de uma viagem de alguns representantes às aldeias argentinas para que alguns anciãos fossem convidados para a participação na inauguração da casa, bem como a aquisição de sementes e espécies agrícolas tradicionais para o plantio. A viagem para aldeias na Argentina foi realizada pelo cacique Ariel que trouxe sementes de milho, feijão, melancia e ramas de mandioca. Além de trazer os cultivos Ariel fez gravações com seu avô, registrando histórias que os antigos contavam sobre as sementes tradicionais Guarani.

O convite a algumas lideranças religiosas para "inauguração" da *Opy* foi feito. Porém o *Karai* de Koenju, mesmo depois dos convites realizados, considerou melhor que só fosse realizada uma inauguração da casa de reza após a colheita do milho *avaxi ete,* ou seja em janeiro de 2011 junto ao *Nhemongarai*, pois considerou que não haveria sentido realizar um evento ritual agregando demais lideranças espirituais sem o milho tradicional.

Casa de rezas – *Opy* - sendo reformada

Opy reformada

Com o fim das geadas em meados de agosto de 2010, os núcleos familiares iniciaram o plantio de diversas espécies das quais eram detentores das sementes bem como das espécies que adquiriram na viagem à Argentina. As famílias no Tekoa Koenjutem bastante autonomia em relação ao plantio de seus cultivos tradicionais,

apesar de terem solicitado a compra de ferramentas e alimentação para auxiliar nestes mutirões.

Com a chegada da equipe do CTI em campo, grande parte das famílias já havia limpado seus roçados e estava realizando o plantio. Consideramos melhor não interferir na dinâmica da aldeia, bastante eficiente e organizada.

Cacique plantando rama de mandioca intercalado com milho guarani

Em janeiro de 2011 voltamos à aldeia para registrar a colheita do milho, mas como o plantio aconteceu somente em meados de setembro de 2010, um pouco fora da época devido à falta de chuva e que a colheita seria realizada entre fevereiro e Março de 2011, quando deverá ser celebrado o *Nhemongarai.* Nessa ocasião a comunidade se pronunciou reafirmando que queriam investir no enriquecimento da mata e no reflorestamento da aldeia Koenju e seu entorno. Foi então realizada uma reunião com a comunidade para ver se todos estavam de acordo, e a decisão foi unânime para que começassem a planejar a recuperação florestal da Terra Indígena.

Comunidade vendo imagem aérea da aldeia para definir os lugares a ser reflorestado

Considerando o período de estiagem que atinge a região da Tekoa Koenjuaté o fim do ano, foi acordado com os Guarani que estes plantios seriam feitos em varias etapas sendo o primeiro plantio de erva - mate e araucárias em março e abril de 2011, inicio das chuvas. Depois seria feita uma pausa no inverno, devido às geadas, e outros plantios de árvores do acervo Guarani seriam realizados entre agosto e outubro. Desta forma, em 2011 deverão ser plantadas mais de 20 mil mudas de essências nativas e frutíferas importante para cultura guarani, com o apoio do Projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani.

III. 4 - Ações de Salvaguarda Emergenciais

As ações de salvaguarda emergenciais foram realizadas a partir de demandas apresentadas pelas comunidades ao CTI e à Comissão Yvyrupa e tiveram como focos principais**: o plantio de frutíferas e nativas do acervo cultural Guarani e o fortalecimento das redes de trocas por meio dos intercâmbios de cultivos tradicionais, a agricultura tradicional; a reestruturação de casas de rituais e a realização de rituais; as manifestações artísticas e o artesanato.**

Foram realizadas 24 atividades de apoio que atingiram diversas aldeias, a partir de solicitações das comunidades conforme suas prioridades e as peculiaridades de cada aldeia. O objetivo principal dos apoios era justamente propiciar meios para que as comunidades pudessem desenvolver suas atividades tradicionais apesar das dificuldades impostas pelas graves condicionantes ambientais, territoriais, econômicas e políticas. Tais ações tiveram um caráter impulsionador da valorização dos saberes e práticas tradicionais nas diferentes aldeias que participaram das atividades direta e/ou indiretamente através de suas amplas redes de troca, fortalecendo os laços de solidariedade e reciprocidade entre famílias guarani que vivem em diferentes pontos de seu território de ocupação tradicional.

Relação de ações:

- Mbojape Nhemongarai - TI Rio das Cobras, 2009

- Intercâmbio *de xejaryi* (mulheres sábias), Aldeia Sambaqui X Piraquara, PR, 2009

- Plantio de cultivos tradicionais – TI Ribeirão Silveira 2009 e 2010

- Plantio de cultivos tradicionais e frutíferas – TIs Parati Mirim, Arandu Mirim, Rio Pequeno e Araponga, RJ, 2009

- Plantio de cultivos tradicionais, frutíferas e espécies nativas da Mata Atlântica em 13 aldeias no Vale do Ribeira e litoral sul de SP, 2010

- Mbojape Nhemongarai – Aldeia Boa Vista, 2010

- Guembe Nhemongarai - TI Rio das Cobras, PR, 2010

- Participação da comunidade da aldeia do Jaraguá no *kaa xaim* realizado na TI Araçai, Piraquara, PR, 2010

- Intercâmbio de matéria prima para confecção de artesanato, aldeias Amba Porã (Miracatu) e Paranapuã (São Vicente), SP, 2010

- Encontro com xeramõi João da Silva da aldeia Sapukai, RJ, na aldeia Tenonde Porã, 2010

- Intercambio de espécies, plantio e criação de viveiro de mudas de plantas medicinais na aldeia do Krukutu, SP, 2010

- Cerimônia do *Yy Karai* na aldeia do Jaraguá, SP, janeiro de 2010

- Cerimônia do *Yy Karai* na aldeia do Jaraguá, SP, janeiro de 2011

- Oficina de *mimby* (flauta) na aldeia Tenonde Porã, fevereiro de 2011

- Ensinamentos sobre os rituais aos jovens das aldeias Três Palmeiras, Boa Esperança e Piraqueaçu na Opy da aldeia Boa Esperança, ES, fevereiro de 2011

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Parati Mirim, RJ

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Araponga, RJ

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Piaçaguera, SP

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Krukutu, SP

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Ri Silveira, SP

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Araçai, Piraquara, PR

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Uruity, Miracatu, SP

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Tapyi (Rio Branquinho), SP

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Lomba do Pinheiro (Anhetengua) , RS

- Reestruturação da *Opy* da aldeia Boa Esperança, ES

Descrições e informes de parte dessas experiências foram reunidas segundo os focos ações de salvaguarda emergenciais e estão apresentadas a seguir. A partir do anexo 19, constam também algumas solicitações e relatos escritos, elaborados por lideranças guarani.

III.4.1 - Apoio ao plantio de frutíferas e nativas do acervo cultural Guarani e às viagens de intercâmbio de cultivares agrícolas e espécies de uso tradicionais

O incremento de pomares e recuperação de áreas com espécies nativas nas aldeias é fundamental para que estas comunidades possam permanecer em suas aldeias vivendo de maneira mais autônoma. A ação ocorreu em consonância com o calendário agrícola guarani e as estações e a época de plantio de cada espécie, desde a aquisição das sementes, a preparação das áreas de plantio, o plantio e a colheita. Foram solicitadas pelas comunidades e adquiridas mudas de árvores nativas e frutíferas, contemplando espécies que são utilizadas para remédios, matérias prima para artesanato, materiais de uso para a cobertura de casas, para atrair pássaros e animais, além de espécies nativas que fazem parte da cosmologia guarani.

Esta ação atingiu diretamente 20 comunidades, sendo 13 no Vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo: Jaikoaty – Miracatu, Uruity – Miracatu, Amba Porã – Miracatu, Pindoty – Pariquera-açú, Guaviraty – Subaúma, Itaóca – Iguape, Jejyty – Iguape, Itapuã – Iguape, Peguaoty – Sete Barras, Pacurity – Cananeia, Tapy´i – Cananeia, Nhamandu Mirim e Piaçaguera – Peruíbe; 4 comunidades no litoral do Rio de Janeiro: Arandu Mirim, Araponga e Parati Mirim, Rio Pequeno; 2 aldeias no Rio Grande do Sul: Koenju – São Miguel das Missões e Cantagalo – Viamão; 1 aldeia em Santa Catarina: Amâncio – Mbiguaçu.

As viagens de intercâmbio de cultivares e espécies de uso tradicionais apoiadas pelo Projeto visaram fortalecer as redes de troca entre as parentelas que se encontram espargidas nas diversas regiões do território guarani (Yvyrupa), de forma que os conhecimentos e experiências relacionadas ao sistema agrícola guarani, nas diversas etapas dessa atividade, pudessem ser disseminadas com maior amplitude. Nesse sentido, foram promovidas viagens de intercâmbio com a participação de pessoas guarani com especial dedicação e conhecimento dos cultivares tradicionais, às aldeias guarani da TI Rio das Cobras situada no município Nova laranjeiras do Sul no Paraná. Nessas ocasiões foram cedidas, pelas comunidades Guarani das aldeias Pinhal,

Água Santa e Tapiti, sementes de diversas variedades de *avaxi etei* (milho), *manduvi* (amendoim), *kumanda* (feijões), *jety* (batata doce) etc.

Em março de 2010, na reunião da Comissão Guarani Yvy Rupa que ocorreu na aldeia Peguaoty, situada no Vale do Ribeira/SP, as lideranças da aldeia Arandu Mirim (Parati – RJ) que participaram da reunião puderam levar e distribuir grande quantidade de sementes de milho (*avaxi etei)*, colhido no começo do ano, fruto do intercâmbio ocorrido em 2009.

O encontro da Comissão Guarani Yvyrupa, cuja tônica eram os processos de demarcação e regularização das Terras Guarani, que hoje as lideranças consideram como a condição principal para continuarem exercendo as atividades que sustentam seu modo de vida, também contou com a participação dos mais velhos *(xeramõi* e *xejary)*, cuja vinda foi possível devido o apoio do Projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani". Estes puderam então transmitir seus conhecimentos e experiências antigas relacionadas à sua própria luta pela terra e orientar os mais jovens face às pressões atuais para manterem seu modo de vida segundo seus próprios princípios (*nhandereko* = nosso modo de ser).

lll.4.2 - Intercâmbio de matéria prima para confecção de artesanato: aldeias Paranapuã e Amba Porã

A ação de salvaguarda ocorrida na aldeia Amba Porã, município de Miracatu (SP), ocorreu devido uma demanda dos Guarani da aldeia Paranapuã, São Vicente (SP), e ocorreu em maio de 2010. A mata existente em torno da aldeia Paranapuã faz parte de uma Unidade de Conservação de Uso Restritivo e a administração do Parque tem impedido a prática da coleta pela comunidade. Por esse motivo lideranças da aldeia Paranapuã solicitaram uma visita à Aldeia Amba Porã, onde se encontram recursos naturais acessíveis, no intuito de poder mostrar às crianças e aos jovens da sua aldeia espécies naturais e ensinar as formas apropriadas de coleta de matérias primas para confecção de artefatos e de ervas medicinais, durante as caminhadas pelas matas.

Foram retirados materiais como *guembepi* (cipó imbé), caixeta, *taqua ete´i* (taquara), g*uajayvy* (guajuvira), fibras de embira e plantas medicinais. As caminhadas foram feitas com as crianças, jovens e adultos da aldeia Paranapuã, acompanhadas pelo cacique Julito e o professor Saulo da aldeia Amba Porã.

lll.4.3 - Apoio a realização de rituais e cerimônias

No período de colheita das diferentes espécies de milho guarani (*avaxi ete*), que ocorre entre os meses de janeiro a março, se comemoram os rituais de *mbojape nhemongarai*. É no final deste período que se fecha o ciclo do *Ara pyau* (tempos novos – de renovação dos ciclos) e se inicia o *Ara yma* (tempos antigos – de permanência, de maturidade), que correspondem, no calendário oficial, respectivamente aos períodos primavera-verão e outono-inverno. O *Ara pyau,* tempo das chuvas e tempestades, é marcado pela realização dos rituais de *Ka'a xaï* (erva mate) e inicia um novo ano no ciclo agrícola guarani. Neste período, que se estende até aproximadamente março, podem ser realizados vários tipos de rituais ou cerimônias, entre os mais celebrados estão as cerimônias de nominação, em que são revelados os nomes-almas guarani. Porém a concretização destes rituais dependem da disponibilidade de sementes e mudas, das características dos recursos naturais existentes, da existência e disposição de áreas apropriadas aos cultivares, das relações sociais entre as parentelas locais, enfim, de particularidades de cada *tekoa*. Essas celebrações, assim como os rituais que encerram o ciclo, propiciam ocasião para intensa visitação e troca de experiências e informações entre os *tekoa.* É na finalização do *Ara pyau* que se comemoram as colheitas e são guardadas as sementes para o próximo plantio.

As atividades de apoio à realização de rituais compreendem: as trocas de sementes, os mutirões para preparação das roças e o plantio, a coleta de matéria prima para a confecção dos artefatos rituais, a reestruturação da *Opy* e a garantia da

participação dos *xeramõi* e *xejaryi.* A participação dos técnicos ambientais do CTI foi essencial para o bom andamento das atividades.

Foram realizados com apoio do Projeto rituais nas seguintes aldeias:

- Aldeia Boa Vista, Ubatuba - SP

O cacique e os representantes da aldeia Boa Vista (localizada em Ubatuba, litoral norte de São Paulo), logo após a reunião da Comissão Yvy Rupa em julho de 2009 na aldeia do Ribeirão Silveira (SP) quando foi apresentado o projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya, elaboraram um pequeno projeto solicitando apoio para realizar o ritual do ***Mbojape Nhemongarai*** ("benzimento" do pãozinho de milho). Este ritual, apesar de ser realizado com freqüência nas aldeias do Paraná onde a disponibilidade do *avaxi etei* (milho "verdadeiro") é maior, estava um tanto quanto em desuso nas aldeias situadas no Sudeste.

A comunidade quis iniciar as atividades para realização do *Mbojape Nhemongarai* em agosto de 2009, com a busca pelas sementes do *avaxi etei*, milho tradicional que apresenta diversas variedades. As roças foram plantadas nos núcleos familiares, realizaram mutirões, abertura das roças para o plantio, mas infelizmente com o excesso das chuvas a comunidade perdeu todo o milho plantado, e a cerimônia só pode ocorrer com o milho "verdadeiro" (o milho guarani), por que a aldeia de Parati Mirim, localizada no município de Paraty (RJ), teve uma produção suficiente para poder compartilhá-la com a aldeia Boa Vista.

O Nhemongarai aconteceu no fim de janeiro de 2010, mobilizou lideranças Guarani da capital do estado e principalmente das aldeias do Espírito Santo, reflexo da ampla rede de relações que são acionadas nestes momentos, de acordo com as próprias dinâmicas sociais guarani.

- Tenonde Porã, São Paulo - SP

A aldeia Tenonde Porã, na capital de São Paulo, em janeiro de 2010 também realizou o ***Mbojape Nhemongarai***. Esta aldeia tem aproximadamente 900 pessoas e grande parte das pessoas nunca haviam presenciado este ritual. Esta Terra Indígena

tem atualmente 26 hectares, uma área bastante pequena onde não há espaço para os plantios em cada núcleo familiar como usualmente praticado pelos Guarani, mas mesmo assim algumas famílias mantém alguns pezinhos destas sementes tradicionais para realmente continuar com a posse destas sementes e espécies.

Mesmo assim apesar de não ter uma produção de *avaxi etei* suficiente, a comunidade quis realizar o ritual com as possibilidades que existiam, ou seja o *mbojape*, o pãozinho de milho foi feito a partir do milho convencional, não-indígena e farinha de fubá, e o mel conseguiram encontrar uma colméia da abelha nativa dentro de um tijolo de uma construção abandonada no interior da Terra Indígena. O grande interesse e empenho das lideranças da aldeia era para poder mostrar para as crianças e para os jovens como deve ser realizado este ritual.

Esta comunidade está passando pelo processo de Identificação e Delimitação de novos limites de sua Terra, contemplando a áreas de uso na mata que se estende pela Serra do Mar.

- TI Rio das Cobras, Nova Laranjeiras do Sul - Paraná

Nas aldeias situadas na TI Rio das Cobras, buscamos não apenas contribuir para a realização de um ritual de importância fundamental para os Guarani, como o ***Mbojape Nhemongarai***, mas acompanhar todo o processo de produção deste em aldeias que vem celebrando continuadamente este ritual. Da mesma forma foi projetado que a distribuição de parte das sementes de *avaxi etei* reservadas para o plantio seguinte, que ocorreu a partir dos intercâmbios com as aldeias localizadas no Sudeste, poderia possibilitar às aldeias que se ressentiam da falta das variedades apropriadas pudessem plantar e colher, estimulando a realização das atividades cotidianas e rituais a associadas ao *avaxi etei* e a outros cultivares, para suas comunidades. O ciclo de plantio, colheita, consumo e reserva das sementes de milho pode possibilitar a preservação do sistema agrícola guarani.

As aldeias situadas na Terra Indígena Rio das Cobras, nos municípios de Nova Laranjeiras do Sul e Espigão Alto – PR, possuem áreas que favorecem a agricultura tradicional guarani, embora as ameaças e pressões sejam crescentes devido à

expansão da monocultura de soja por produtores regionais e o uso massivo e indiscriminado de agrotóxicos, contaminando inclusive as terras cultivadas pelos Guarani. Mesmo assim há o cultivo de diversas espécies de milho guarani (*avaxi etei*), entre outros cultivos agrícolas tradicionais.

Com esta ação de salvaguarda emergencial se buscou desenvolver algo que fosse extensivo, tanto em termos de participação, como em termos temporais. Por isso, trata-se de uma ação realizada numa Terra Indígena que reúne três aldeias e é relativamente próxima das outras aldeias localizadas no estado do Paraná, de modo que muitos puderam se organizar com certa facilidade para participarem das atividades. Buscamos também ampliar a abrangência para um número muito maior de pessoas de aldeias em outras regiões, principalmente, nas terras indígenas que enfrentam maiores dificuldades em dar continuidade à realização do plantio e dos rituais referentes ao *avaxi ete*. A questão temporal se faz presente de duas formas. Primeiramente, por se tratar de uma ação que integra um conjunto de práticas e conhecimentos relativos a diversas dimensões da cultura material e imaterial guarani, a participação de lideranças religiosas mais velhas foi uma prioridade estabelecida pelos próprios Guarani. Desta forma a comunidade encontrou meios de valorizar os conhecimentos dos *xeramõi* e das *xejaryi*, e possibilitar o reencontro de parentes mais velhos que vivem em aldeias afastadas. Também se buscou investir em meios para a transmissão desses conhecimentos e práticas para as gerações mais novas. Assim priorizamos acompanhar o processo como um todo desta ação de modo que seus efeitos não se encerrassem com a realização do evento em si, mas que propiciasse elementos para estender sua prática a outros espaços e momentos, como ocorreu com o trabalho de distribuição das sementes entre aldeias.

- Outros rituais apoiados

De maneira mais pontual algumas iniciativas para viabilização dos rituais do Nhemongarai que ocorreram em 2010 e 2011, especialmente as que concernem à estruturação de casas de rituais (*opy*), foram apoiadas pelo Projeto, nas seguintes aldeias: Rio Silveira (São Sebastião – SP), Parati Mirim (Paraty, RJ), Araponga (Paraty,

RJ), Piaçaguera (Peruíbe, SP), Krukutu (São Paulo, SP), Araçai (Piraquara, PR), Uruity (Miracatu, SP) Tapyi (Cananéia, SP), Lomba do Pinheiro (Anhetengua - RS), Boa Esperança (Aracruz, ES).

Também ocorreram nesse período encontros de xeramõi de diferentes localidades para rituais de cura viabilizados com o apoio do Projeto.

IV. AÇÕES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO

IV.1 - Manuais de orientação para visitação em terras indígenas

Durante o "Encontro de representantes Guarani de aldeias alvo de visitações turísticas", sediado no Tekoa Porã (TI Salto do Jacui, RS) em novembro de 2009, foram produzidos dois manuais de orientação (um para as comunidades Guarani e outro para os turistas e visitantes em geral). Estes materiais devem ser publicados para distribuição nas Aldeias Guarani de diversas regiões e para divulgação do Projeto em Instituições afins. O esboço destes materiais consta do anexo 7 e 8.

IV.2 - Registros audiovisuais e fotográficos das ações do projeto

Todas as atividades de salvaguarda realizadas no âmbito do convênio entre IPHAN e CTI e a Subvenção AECID e CTI referentes ao Projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani foram registradas a fim de possibilitar a criação dos produtos previstos no Projeto.

Foi realizado um DVD institucional, incluindo 4 vídeos, com cerca de 44 minutos no total, intitulado "*Orereko Mbaraeterã",* e um acervo fotográfico de 150 fotos para divulgação do Projeto. Os dois produtos audiovisuais contém registros das oficinas de artesanato, do encontro sobre visitação turística e dos apoios concedidos para realização do Nhemongarai em 4 aldeias do RS: Tekoa Koenju (São Miguel das

Missões), Tekoa Porã (Salto do Jacui), Tekoa Anhetengua (Lomba do Pinheiro) e Tekoa Yryapu (Palmares do Sul).

Além deste DVD institucional, foi elaborada, em parceria com colaboradores indígenas, uma série de DVDs exclusivamente para circulação interna nas aldeias, cujo um dos títulos, *"Mbojape Nhemongarai"*, assim como o DVD institucional "*Orereko Mbaraeterã"* e o DVD com o acervo fotográfico*,* também será encaminhado junto a este relatório.

Os outros títulos para circulação interna nas aldeias guarani estão organizados segundo os seguintes focos:

- Saberes sobre espécies nativas da mata Atlântica em aldeias situadas no Vale do Ribeira (SP);

- Ensinamentos sobre os cultivos tradicionais e as cerimônias do Nhemongarai na aldeia de Parati Mirim (RJ);

- Saberes sobre as espécies florestais e técnicas para confecção de artefatos de uso doméstico e ritual, registrados em encontro na aldeia Koenju (RS);

- Saberes sobre as espécies florestais e técnicas para confecção de artefatos de uso doméstico e ritual, registrados em encontro na aldeia Cantagalo – RS;

- Palavras das lideranças e dos *xeramõi* proferidas no encontro sobre visitação turística na aldeia Salto do Jacuí (RS);

- Registros dos ensinamentos dos *xeramõi* e *xejaryi* sobre *mimby* (flauta tradicional) na aldeia Tenondé Porã (SP);

- Preparação e realização do Nhemongarai do Guembé na aldeia Pinhal (PR).

Cabe informar que as câmeras e gravadores utilizados não eram profissionais, uma vez que o Projeto não disponibilizou a compra de equipamentos audiovisuais. Assim foram utilizados os existentes e disponíveis no CTI, inclusive para edição.

No início das atividades de salvaguarda procuramos identificar, nas diversas comunidades Guarani, aqueles que tivessem interesse em realizar estes registros bem como algum conhecimento prévio sobre filmagem e fotografia para que pudessem participar dos encontros e oficinas. Desta maneira garantimos que os registros fossem realizados pelos próprios Guarani possibilitando um olhar mais próximo da experiência

vivida. A maior parte dos registros em vídeo das ações de salvaguarda, bem como a edição dos materiais contaram com o acompanhamento do vídeo educador Lucas Keese, do CTI.

Tivemos como principais colaboradores:

- Sandro Ariel Ortega (Koenju)
- Ralph Ortega (Tekoa Porã)
- Leonardo Ortega (Tekoa Porã)
- Gustavo Ortega (Tekoa Porã)
- Alexandre Ferreira (Peguaoty)
- Monica Mindua Vitorino (Krukutu)
- Maurilio Martins dos Santos (Krukutu)
- Claudio Fernandes (Tenonde Porã)
- Jorge Morinico (Anhetengua)
- Maurício Morinico (Anhetengua)
- Roberto Fernandes (Tenonde Porã)

Ariel Ortega fazendo o registro da Oficina de Turismo, na aldeia Salto do Jacuí

O registro em vídeo nos pareceu uma atividade complementar de extrema importância devido às possibilidades não só de divulgação e promoção institucional do projeto, mas também pela utilização que os Guarani fazem do audiovisual.

Diferente da expressão escrita, o registro em imagem e som do vídeo torna possível uma relação mais próxima com os modos de expressão de uma cultura de tradição oral. Desse modo, os Guarani podem compartilhar com seus parentes distantes, ou guardar para as gerações futuras, as experiências de cada encontro: as falas sagradas do *Xeramõi* (ancião), as danças, os corais, as narrativas míticas relacionadas aos saberes artesanais, etc.

O caráter indicial das imagens de matriz fotográfica está marcado pelo signo da presença, e é justamente essa propriedade do vídeo que possui grande potencial de

apropriação pelos Guarani. Pois, assim como os encontros e os rituais na Opy (casa de rituais), cuja fala é transmitida através da participação coletiva, a exibição audiovisual desses mesmos eventos possibilita a extensão da presença e, portanto, do conhecimento que é transmitido e que preserva parte de seu modo de expressão típico: "a fala que pode ser vista", ou seja, toda comunicação baseada nessa presencialidade do corpo-alma que caracteriza a oralidade.

Esses aspectos se relacionam também com uma demanda específica que identificamos através dos processos de edição e exibição, realizados conjuntamente com colaboradores indígenas, que é a preferência por materiais mais extensos, que tentam manter a íntegra do que foi registrado. Ao contrário do gosto comum na comunicação ocidental contemporânea que prefere a síntese à longa duração dos "materiais brutos", os Guarani almejam registros amplos, pois o que ao olhar externo seriam arestas, sobras, prolixidade, para eles é constituinte do momento registrado e, portanto, do conhecimento transmitido na ocasião da filmagem.

Tal demanda proporciona, além disso, uma forma de ocupar os aparatos tecnológicos de exibição da sociedade não-indígena (sobretudo a TV), cada vez mais presentes nas aldeias, com um conteúdo e forma própria: imagens, idioma e, principalmente, o tempo guarani.

Também vale ressaltar que o processo colaborativo com jovens interessados no trabalho de registro, além de proporcionar uma proximidade entre as gerações (ao gravar as falas do mais velhos, por exemplo), se constituiu como um espaço para prática e discussão das relações entre os aprendizados técnicos e uma dimensão de preservação e fortalecimento cultural. Apontando, assim, para uma perspectiva cada vez mais autônoma no uso da linguagem e produção audiovisual pelos Guarani, que, através dessas realizações, acumulam saberes e modos próprios de usar essa tecnologia em seu benefício.

A série de DVDs para circulação interna (títulos de longa duração e sem legendas), em elaboração com a participação de colaboradores indígenas - da filmagem à finalização -, procura ser uma resposta a essas demandas, constituindo a partir desses eventos mais um espaço para reflexão e auto-conhecimento dos guarani.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do INRC Guarani pode trazer novos significados na forma como os Guarani se apresentam e se relacionam com a sociedade brasileira no contexto pós 1988, data da publicação da atual Constituição Federal considerada um marco decisivo no que tange ao reconhecimento dos Direitos dos povos indígenas no país.

A história do povo Guarani foi marcada por incontáveis episódios de repressão, violência e desrespeito não só contra a sua integridade física (como é sabido) como contra seu patrimônio cultural. Como ocorreu com grande parte dos povos indígenas, todas as modalidades de contato estabelecidas com os Guarani até a época contemporânea foram marcadas por projetos de assimilação, seja com o intuito proselitista das missões religiosas, seja com o intuito progressista dos órgãos republicanos como o Serviço de Proteção aos Índios, os quais cercearam aos Guarani o direito de praticar seus próprios costumes, de exercer suas técnicas e de falar sua própria língua; um desrespeito patente aos conhecimentos desse povo.

Conforme apontado, esses fatores fazem com que os Guarani encarem o INRC com grande expectativa mas também com desconfiança. Seus efeitos serão positivos e reconhecidos como tais pelos Guarani se a política implementada souber centrar seus esforços na promoção dos processos internos de transmissão e difusão dos seus conhecimentos. Enquanto o INRC puder servir de mola propulsora para o fortalecimento das redes circulação dos conhecimentos operantes entre os Guarani, segundo suas próprias dinâmicas socioespaciais, será um instrumento importantíssimo no contexto atual. A divulgação de seus conhecimentos para a sociedade nacional também tem papel imprescindível atualmente no que concerne à formação das novas gerações, para uma maior compreensão por partes das crianças e jovens acerca da diversidade étnica e cultural, e respeito aos direitos dos diferentes povos que compartilham o mesmo território. Entretanto, os meios e a própria divulgação dos conhecimentos levantados nos Inventários (INRC) devem ser avaliados pelos próprios

Guarani, respeitando suas decisões quanto a não circulação das informações que eles consideram que devem ser restritas à sua própria sociedade.

Durante todo o processo de trabalho, especialmente nos momentos de realização das atividades de salvaguarda nas aldeias, foram considerados alguns pressupostos que nortearam a atuação da equipe de campo e balizaram o grau de expectativas em relação aos resultados. O principal, dentre estes, foi ter em mente que o Projeto "Valorização do Mundo Cultural Guarani", quer seja nas ênfases documental e bibliográfica relativas à presença guarani na América do Sul - suportes aos estudiosos que se dedicam à construção e à análise da historiografia das relações interetnicas após a chegada dos europeus -, como no fomento de "ações de salvaguarda", trata-se de mais uma intervenção nos sistemas de aquisição, ressignificação e transmissão de conhecimentos entre os Guarani.

Essa intervenção se opera nas esferas conceituais e terminológicas quando, para além da tradução de sentidos e significâncias de termos específicas a cada uma das línguas que dialogam no Projeto (no caso a portuguesa e a guarani), damos ênfases aos conceitos ressignificados do vocabulário atualmente empregado no universo das idéias e práticas ocidentais (cristãs e próprias do capitalismo) em constante recriação. É o caso das concepções e do repertório terminológico específico ao tema das políticas de proteção ao patrimônio cultural imaterial, disseminados sem grandes restrições tais como: "cultura" (criado pela antropologia há pouco mais de um século, cuja acepção e uso vem sendo tema de inúmeros debates e estudos), "referências/bens culturais", "patrimônio", "imaterial", "salvaguarda", "sustentabilidade", "inventário", entre tantos que não possuem correspondência na língua indígena. Do mesmo modo, formas e "métodos" de trabalho, assim como o vocabulário usualmente empregado para designá-los, tais como: "oficina", "capacitação", "seminário", "formação de agentes", "intercâmbio", "documentação" etc, enfim, meios e termos utilizados para realizar ações de apoio de "fortalecimento e valorização cultural" também não são compatíveis com as formas e dinâmicas de transmissão de conhecimentos indígenas.

Entretanto, mesmo que tendo que organizar o trabalho de acordo com as distintas regras/normas estabelecidas nos convênios com os parceiros, e utilizar as

ferramentas disponíveis que sabemos manejar, procuramos com esta "intervenção" trazer novas dimensões às reflexões dos Guarani sobre suas relações atuais, quanto às formas e expectativas, com as diferentes sociedades nacionais da América do Sul que vivem em seu territorio tradicional. Essa reflexão conjunta permitiu que pudéssemos partilhar de muitos conceitos, princípios e ensinamentos de uma visão de mundo peculiar em termos de tempo, espaço e socialidade, sem paralelos com a da sociedade ocidental.

Associadas às questões conceituais e terminológicas já previstas, pudemos constatar que as intervenções advindas do Projeto, embora tendo trazido bons e imensuráveis efeitos, ocorreram em várias esferas relacionadas aos focos das ações que se sustentavam no próprio sistema de produção e transmissão de conhecimentos Guarani. Entre essas esferas: os modos de fazer, as formas de exteriorizar as "práticas culturais", as formas de solidariedade e reciprocidade, as dinâmicas sociais e políticas.

Em decorrência, pudemos observar e considerar os seguintes fatores:

- As expectativas e a participação das diversas gerações em relação aos processos e resultados do projeto são muto distintas. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, os adultos e anciões tornaram-se o centro das atenções, e seu entusiamo contagiou e angariou a atenção dos jovens;

- Na eleição de referências culturais de povos indígenas (para fins de salvaguarda, registro ou patrimonialização) devemos levar em conta que as práticas (rituais, corporais, alimentares, sociais) e as atividades cotidianas e/ou usuais (agrícolas, de coleta/caça, artesanais, musicais, construtivas entre outras) não são dissociadas, se organizam segundo os ciclos temporais (fases da vida e lunares), e estão relacionadas a um "modo de vida" (o Guarani) que necessita, para seu exercício, da relativa autonomia;

- O modo de vida dos Guaraní é regido pelo Nhandereko – *modo de ser,* conceito específico, que define os princípios de comportamento e relacionamento. Nhandereko não deve ser traduzido por cultura e está intimamente associado a um modo de realização das práticas sociais e do cumprimento dos ciclos da vida, determinante na formação e destino da pessoa;

- As ações de salvaguarda devem ter como prioridade não o seu fim ou seus resultados, mas o próprio processo de realização, a viabilidade de multiplicação e continuidade da experiência;

- Para um bom "êxito" em relação aos propósitos de transmissão de conhecimentos, a atividade de documentação, registros audiovisuais e textuais para difusão (externa ou restrita) dos fazeres e saberes indígenas, deve estar focada e comprometida com o processo das ações nas aldeias em sua integridade, e não apenas em um produto final.

VI. RELAÇÃO DOS EXECUTORES DO PROJETO, DOS PESQUISADORES E DOS COLABORADORES TEMPORÁRIOS e locais de atuação

Comunidades Guarani das regiões Sul e Sudeste do Brasil

Comissão Guarani Yvyrupa – coordenação: Antonio Carvalho, Leonardo Wera Tupã, Marcos dos Santos Tupã, Maurício Gonçalves, Timóteo da Silva Wera Popygua, Renato da Silva Mariano.

Adilson Pereira de Oliveira Jr. (ES)

Adriana Q. Testa (SP, ES)

Bruno Marques (RS)

Carolina Comandulli (RS)

Clarissa Rocha de Melo (SC)

Daniel Calazans Pierri (SP)

Daniel Tiberio Luz (SP, RS)

Drieli Viera (PR)

Eliza Bolsoni Castilla (SP, PR, RS)

Fabio Nogueira (SP)

Flavio S. Gobbi (RS)

Igor A. B. Scaramuzzi (SP, PR)

João Mitia A. Barbosa (RS, SP)

Leandro Mahalem de Lima (SP)

Louise Prado (RS)

Luiz Ferreira Lira (SP, RJ, RS, SC)

Maria Inês Ladeira (SP, RJ, ES, PR, RS, SC, Espanha)

Maria Paula Prates (RS)

Marilda Teles Mariacci (ES)

Nuno Nunes (SC)

Pablo A. Barbosa (PR,SP)

Paulo José Santilli (SP, Espanha)

Paz Perez (Espanha)

Pedro Cuba (SP,RS)

Rafael Fernandes Mendes Jr. (RJ)

Tainá Mie Soares (RJ)

Tatiana Amaral (SP)

Yanci Ladeira Maria (SP)

Centro de Trabalho Indigenista

Instituto do Patrimonio Historico e Artistico Nacional – Departamento do Ptrimonio Imaterial - DPI

Superintendecia Estadual do IPHAN no Rio Grande do Sul,

Superintendecia Estadual do IPHAN no Rio de Janeiro,

Superintendecia Estadual do IPHAN no Espírito Santo

Escritório Técnico do IPHAN em São Miguel das Missões

Agencia Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento

VII. RELAÇÃO DOS ANEXOS

Ações de Conhecimento

Levantamento Preliminar – Aplicação da Fase 1 do INRC

Ficha de Sítio *Yvyrupa*

Fichas de Localidade

- Espírito Santo
- Rio de Janeiro
- São Paulo
- Paraná
- Santa Catarina
- Rio Grande do Sul

Ficha de Bens Culturais inventariados (Anexo 3 INRC)

CD - Anexos do INRC - 1 - Bibliografia; 2 - Registro Audiovisual; 4 - Contatos

Os Guarani nos Registros Historiográficos em Acervos de Espanha

CD - Fichas catalográficas, documentos digitalizados e Guía de uso de bibliotecas españolas para la investigación sobre la historia y cultura guaraní

Ações de Salvaguarda

Encontro sobre Visitação e Turismo em Terras Indígenas

Anexo 1 – Convite para o encontro

Anexo 2 - Mapa do Transporte para o encontro

Anexo 3 – Lista de presença no Evento

Anexo 4 – Documento resultado da oficina – Entregue à Prefeitura de Salto do Jacui

Anexo 5 – Alguns depoimentos Oficina Turismo

Anexo 6 – Certificado de participação No Encontro De Turismo

Anexo 7 – Cartilhas Turismo 1

Anexo 8 – Cartilhas Turismo 2

Anexo 9 – Caderno de Imagens - Encontro Visitação e Turismo em Terras Indígenas

Anexo 10 – Documentos elaborados pelos Guarani durante a oficina ao IPHAN

Oficinas de apoio aos saberes e práticas artesanais Guarani

Anexo 11 – Alguns depoimentos Oficina Artesanato Koenju

Anexo 12 – Certificado de Participação Oficina Artesanato Koenju

Anexo 13 – Cadernos de imagens – Oficina de apoio à práticas artesanais Guarani Mbya – Tekoa Koenju

Anexo 14 – Alguns depoimentos Oficina Cantagalo

Anexo 15 – Certificado de Participação Oficina Cantagalo

Anexo 16 – Caderno de imagens – Oficina de apoio à práticas artesanais Guarani Mbya – Tekoa Jateity

Anexo 17 –Avaliação de uma professora Guarani sobre as Oficinas de apoio às práticas artesanais guarani

Apoio à realização do *Nhemongaraí*

Anexo 18 – Caderno de imagens – Apoio ao Nhemongarai nas Tekoa Anhetengua, Tekoa Porã, Tekoa Koenju, Tekoa Yryapu, RS

Ações de Salvaguarda Emergenciais

Anexo 19 – Mbojape Nhemongarai Pinhal

Anexo 20 – Mbojape Nhemongarai Pinhal – Carta das lideranças da Aldeia Pinhal

Anexo 21 – Mbojape Nhemongarai Pinhal – Solicitação de apoio a realização de ritual

Anexo 22 – Mbojape Nhemongarai Pinhal – Lista de passageiros do Tekoa Pyhau

Anexo 23 – Mbojape Nhemongarai Pinhal – Fotos

Anexo 24 – Plantio *Avaxi etei* Tekoa Rio Silveira

Anexo 25 – Plantio de cultivos tradicionais e frutíferas – Vale do Ribeira e Rio de Janeiro – Fotos

Anexo 26 – *Mbojape Nhemongarai* – Aldeia Boa Vista – Ubatuba – SP – Projeto

Anexo 27 – *Mbojape Nhemongarai* – Aldeia Boa Vista – Ubatuba – SP – Relatório Parcial

Anexo 28 – *Mbojape Nhemongarai* – Aldeia Boa Vista – Ubatuba – SP – Relatório da Cerimonia

Anexo 29 – *Mbojape Nhemongarai* – Aldeia Boa Vista – Ubatuba – SP – Fotos

Anexo 30 – Planejamento *Guembe Nhemongarai* na Aldeia Pinhal

Anexo 31 – Relato do *Guembe Nhemongarai* na Aldeia Pinhal

Anexo 32 – Fotos *Guembe Nhemongarai* na Aldeia Pinhal

Anexo 33 - Intercâmbio de matéria prima para confecção de artesanato, aldeias Amba Porã (Miracatu) e Paranapuã (São Vicente) – Solicitação da comunidade

Anexo 34 - Intercâmbio de matéria prima para confecção de artesanato, aldeias Amba Porã (Miracatu) e Paranapuã (São Vicente) – Fotos

Anexo 35 - Encontro com xeramõi João da Silva da aldeia Sapukai, RJ, na aldeia Tenonde Porã - Solicitação

Anexo 36 - Encontro com xeramõi João da Silva da aldeia Sapukai, RJ, na aldeia Tenonde Porã – Fotos

Anexo 37 - Intercâmbio de espécies, plantio e criação de viveiro de mudas de plantas medicinais na aldeia do Krukutu – Solicitação

Anexo 38 - Intercâmbio de espécies, plantio e criação de viveiro de mudas de plantas medicinais na aldeia do Krukutu – Relato da viagem ao Paraná

Anexo 39 – Cerimonia do Yy Karai na Aldeia do Jaraguá 2011 – Fotos

Anexo 40 – Oficina de *mimby* (flauta) na aldeia Tenonde Porã – Solicitação

Anexo 41 – Oficina de *mimby* (flauta) na aldeia Tenonde Porã – Relatório

Anexo 42 – Oficina de *mimby* (flauta) na aldeia Tenonde Porã – Fotos

Anexo 43 – Ensinamentos sobre os rituais aos jovens das aldeias Três Palmeiras, Boa Esperança e Piraqueaçu na Opy da aldeia Boa Esperança, ES

Anexo 44 – Ensinamentos sobre os rituais aos jovens das aldeias Três Palmeiras, Boa Esperança e Piraqueaçu na Opy da aldeia Boa Esperança, ES - Fotos

Ações de Promoção e Divulgação

DVD – Orereko Mbaraeterã – Valorização do Mundo Cultural Guarani

DVD – Mbojape Nhemongarai – Aldeia Pinhal